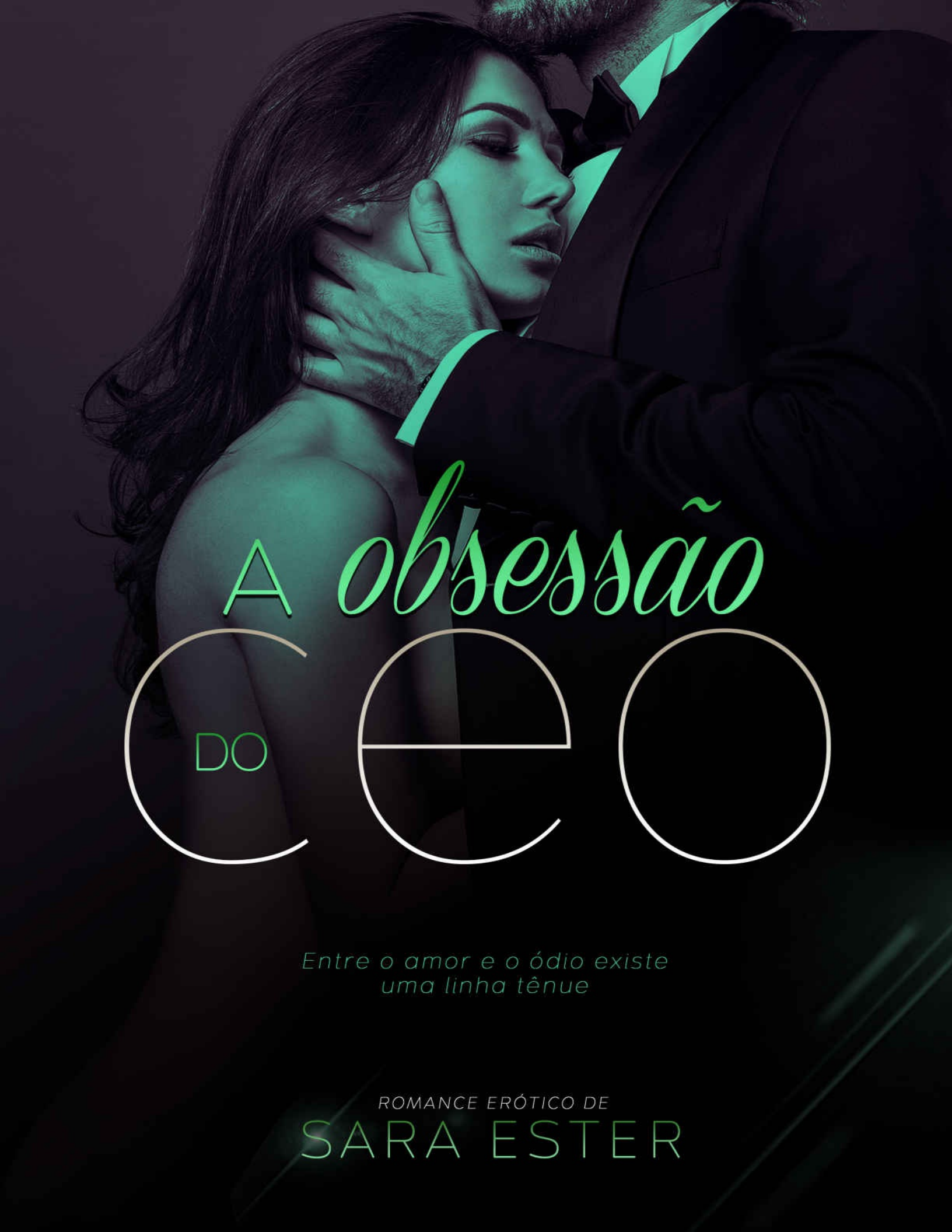


A man in a tuxedo is holding a woman's face. The woman has long dark hair and is looking down. The man's hand is on her neck. The background is dark and moody.

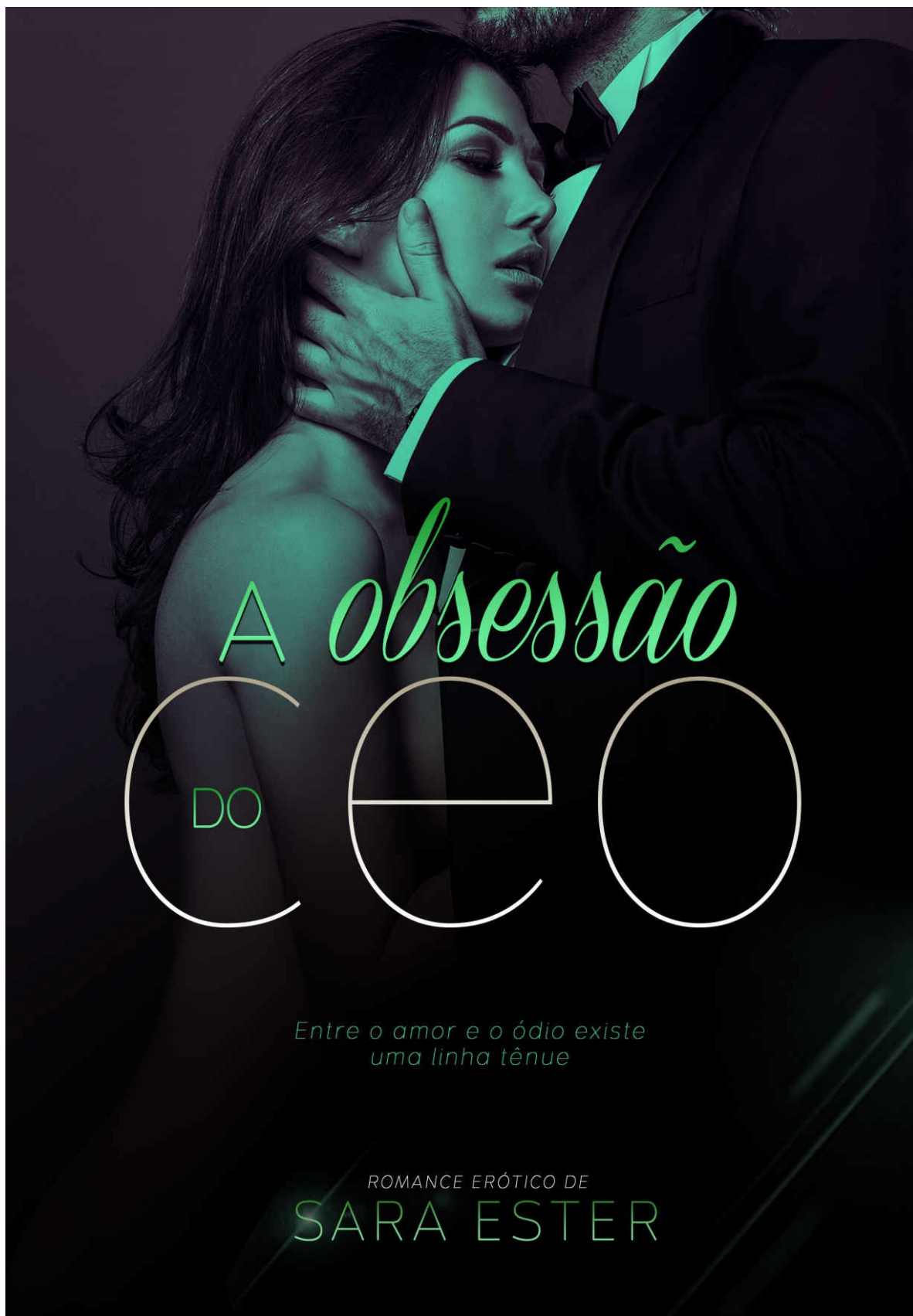
A obsessão DO

*Entre o amor e o ódio existe
uma linha tênue*

ROMANCE ERÓTICO DE
SARA ESTER



PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A obsessão DO

*Entre o amor e o ódio existe
uma linha tênue*

SARA ESTER

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Copyright © 2019 Sara Ester

Capa: Barbara Dameto

Revisão: Sara Ester

Diagramação Digital: Sara Ester

Esta é uma obra ficcional.

Qualquer semelhança entre nomes, locais ou fatos da vida real é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem a autorização por escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal.

PERIGOSAS ACHERON

Sinopse

Três irmãos. Três mentes tempestivas. Mas a união entre eles era sagrada independente de tudo.

A cumplicidade dessa família ia muito além do laço fraternal; juntos, eles administravam um império: O grupo González.

Hugo, Alejandro e David.

Ambos eram conhecidos não somente pela fortuna e todo o poder que ela traz, mas pela fama da sedução ao sexo feminino.

Homens conquistadores e libertinos.

David González era o irmão mais novo e, conseqüentemente, o mais teimoso. A morte do pai causou marcas em seu coração e mente, transformando-o em um homem amargurado.

Luna Ramires era uma bela mulher em busca da própria identidade; a perda da sua mãe ocasionou em um pequeno labirinto de sensações que a deixaram perdida, porque ela não conseguia administrar o que sentia, e isso piorou quando conheceu David González.

Encontrar algo ou alguém para ser o culpado pelas mágoas do coração é mais fácil de aceitar, e é exatamente isso que David faz com Luna, entretanto existe uma linha tênue entre o amor e ódio.

Qual deles vencerá?

Sumário

Sinopse

Sumário

Prólogo

Luna Ramires

Luna Ramires

David González

Luna Ramires

David González

Luna Ramires

Luna Ramires

David González

David González

Luna Ramires

Luna Ramires

David González

Luna Ramires

David González

Luna Ramires

David González

Luna Ramires

Luna Ramires

David González

Luna Ramires

David González

David González

Luna Ramires

David González

Luna Ramires

PERIGOSAS NACIONAIS

David González

David González

Luna Ramires

Luna Ramires

Luna Ramires

Luna Ramires

Epílogo

David González

Prólogo do livro Três

A Rendição do CEO

Blue Evy

Agradecimentos

CONHEÇA OUTROS TRABALHOS

PERIGOSAS ACHERON

Prólogo

Luna Ramires

Eu nunca ia me acostumar a estar entre aquelas pessoas; tudo ali era sempre tão malditamente impecável e organizado, e poderoso. Ninguém se dava ao trabalho de olhar para o lado e cumprimentar o colega, ou talvez sorrir desejando um simples bom dia.

Frieza e falta de sensibilidade. Era o que eu vinha sentindo na pele desde que comecei a trabalhar na empresa do meu falecido pai de coração, há pouco mais de dois meses. Na verdade, estar no grupo González não fazia parte dos meus planos; nunca almejei me esconder atrás de uma mesa de escritório, rodeada por uma infinidade de papéis e documentos chatos e complicados. Mas a vida acabou me dando uma rasteira, ou melhor, uma oportunidade de poder ajudar os filhos do homem que um dia me deu mais amor do que meu verdadeiro pai, entretanto as coisas não estavam saindo como o esperado. Não quando David

PERIGOSAS ACHERON

González parecia fazer novos planos, todos os dias, para me infernizar.

No início, eu até entendia o seu ressentimento; mas, poxa, na época, eu era somente uma menina abandonada pelo pai.

Como poderia ser culpada por um erro cometido pela minha mãe?

Cansei de tentar fazer com que David entendesse, uma vez que, nada do que eu, ou seus irmãos dissessem, parecia surtir efeito. O que esse homem tinha de lindo, também tinha de teimoso.

Nervosa, balancei a cabeça numa tentativa de espantar aqueles pensamentos, já que não estava disposta a começar meu dia com mau humor. Parei em frente a um dos elevadores, mas quase grunhi quando as portas se abriram revelando o meu tormento.

Assim que me viu, David sequer desceu, apenas guardou o celular e se estabeleceu num canto quando entrei. Respirando fundo, me preparei para mais uma batalha.

— Não vai me cumprimentar, bastarda? A sua

adorável mãe não lhe deu educação?

Fechei os olhos, pedindo paciência aos céus, porque estava cansada de brigar.

— O gato comeu a sua língua, doce Luna? — ignorei-o, contando os segundos mentalmente para o elevador chegar ao meu andar. — É uma tática nova, me ignorar? — Ele riu alto, e o som me causou arrepios estranhos. De repente, ele me puxou, forçando-me a encará-lo. Seu rosto estava marcado com toda sua fúria, mágoa e dor. — Isso não vai funcionar, porque não vou permitir. Não aceito a sua presença aqui. Odeio olhar para você.

Engoli o choro. Não o daria essa satisfação.

— A minha sorte, é que isso não é um problema meu — sibilei.

Ele abriu a boca para falar, mas algo o impediu. De repente, o elevador tremeu e as luzes piscaram, até apagar de vez. Meu coração começou a acelerar, enquanto o pânico se instalou dentro de mim. Respirar se tornou uma tarefa difícil, quase impossível na verdade.

— Era só o que faltava. Ficar preso com você no

PERIGOSAS NACIONAIS

elevador — resmungou. — Alguma praga sua? Argh! Por que Deus? Por quê? Tanta mulher e, isso acontece logo com essa bastarda...

Desesperada, eu dei alguns passos para trás, até me encostar na parede fria do elevador. Eu tentava enxergar, mas não conseguia, e estava cada vez mais difícil respirar.

— O que há com você, hein?

Eu não respondi. Não poderia, pois estava prestes a quebrar. Tremi quando as mãos dele encontraram meu braço. Tudo o que eu menos queria, aconteceu. Lágrimas vieram, seguidas por soluços.

— Porra!

Afastei suas mãos de mim, e me deixei cair no chão. Abracei minhas pernas quando ergui os joelhos.

— Luna? — ele me surpreendeu ao me chamar pelo nome.

— Me deixa, ok? Não precisa fingir que está preocupado — resmunguei entre os soluços que escapavam da minha garganta.

PERIGOSAS ACHERON

Ele não disse nada.

Escondi a cabeça entre minhas pernas, e comecei a imaginar que estava longe dali. Tentei ignorar todas as malditas lembranças do meu passado; todos os meus malditos traumas... mas não estava funcionando. O ar não estava entrando em meus pulmões.

Minha garganta começou a queimar.

— Eu não estou conseguindo respirar... oh, meu Deus, eu não estou conseguindo respirar... — as lágrimas não cessavam, enquanto eu lutava desesperadamente para respirar, inspirando com força e aspereza.

De repente, David me ergueu do chão.

— Sei que vou me arrepender disso, mas seu mal-estar está me irritando, bastarda.

Dizendo isso, ele me beijou. O choque foi tanto que tudo em mim se acendeu. De olhos arregalados, senti cada reação do meu corpo; cada sensação nova. O contato da língua dele na minha não me causou asco, pelo contrário, me excitou estranhamente. Durante aquele beijo, eu me esqueci

de todo o medo, de todo o trauma; fiquei consciente apenas do toque daquele homem irritante, mas que agora estava mexendo com minhas emoções.

Abandonando meus lábios, ele desceu com beijos quentes e molhados do meu maxilar ao meu pescoço. Gemi baixinho. Suas enormes mãos trilharam minha pele por baixo da blusa, rapidamente encontrando meus seios, onde apertou um, depois o outro, por cima do sutiã. Eu estava fora de orbita. O meu medo havia desaparecido, mas em compensação o meu controle — de mim mesma — também. Nada daquilo poderia estar acontecendo. Não conosco. Éramos inimigos. Pelo menos desde que David decidiu que seria assim.

Excitada, levei os lábios em seu pescoço e o mordi, depois de deixar uma marca de chupão. Arrepios percorreram minha pele quando ele gemeu. Não podíamos enxergar os olhos um do outro, mas eram nítidas as sensações em ambos.

Quando a mão dele me tocou embaixo da saia, eu soltei um arquejo. Tremores tomaram meu corpo e agradeci que ele estivesse me segurando com firmeza, ou cairia. Logo, seus dedos atrevidos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

encontraram o caminho até meu núcleo, o lugar que estava carente e necessitado. Gemi audivelmente no momento em que ele me tocou, lambuzando os dedos com minha excitação. Enquanto seus dedos me bombeavam, sua boca continuava a me castigar com beijos; hora na boca, hora no pescoço e colo. Eu só sabia gemer e choramingar. Me odiando por estar gostando tanto. Me xingando por estar permitindo aquilo.

Mas, Deus! Estava tão bom.

Tão malditamente bom.

Nenhuma palavra era pronunciada, como se nenhum dos dois quisesse quebrar aquele momento, aquela estranha conexão. Meus gemidos se intensificaram e como se soubesse, ele também intensificou os movimentos dos dedos. O orgasmo chegou em ondas gigantescas, me derrubando fundo e me fazendo aterrissar na terra firme, completamente sem fôlego e fraca.

Meu coração ainda estava aos pulos quando senti David retirar os dedos de dentro de mim, contudo não me soltou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso foi... incrível — soprei, ainda desnorteada.

— Eu sei, mas não se acostume, porque isso não vai se repetir — ele disse, me fazendo piscar, incrédula.

— O quê? — questionei, me soltando dele.

Ouvi sua risada.

— Nunca pensei que seria tão fácil seduzi-la, bastarda — falou, no inconfundível tom de escárnio. — Aliás, apenas mostrou que não nega a genética da vagabunda da sua mãe.

Mesmo sem enxergar, eu consegui estapeá-lo. Uma, Duas vezes. Na terceira, ele segurou meu braço e aproximou o rosto do meu, porque senti sua respiração.

— Eu odeio você. Odeio.

Em seguida, me soltou.

Me encolhi no canto do elevador, esforçando-me ao máximo para não chorar. A euforia de instantes atrás, desvaneceu. Agora me senti suja. Usada. Insignificante.

PERIGOSAS ACHERON

Naquele momento, eu vi que David González tinha o poder de me quebrar. Então, eu daria a ele a satisfação de não me ver mais nos corredores da empresa de sua família. Venderia as ações e me veria livre dele de uma vez por todas.

Para o bem da minha sanidade.

PERIGOSAS NACIONAIS

U_m

PERIGOSAS ACHERON

Luna Ramires

Era mais do que óbvio que a sala de reuniões em que eu me encontrava tinha recebido diversas doses de luxo e requinte a cada metro quadrado. O modernismo estava mais do que visível na disposição e composição dos móveis. Os tons neutros marcavam os estofados e também o piso claro, dando um toque de elegância. A iluminação também desempenhava um papel importante para deixar aquele ambiente ainda mais sofisticado contrastando com a parede inteiramente de vidro, que nos presenteava com a linda vista da Plaza Mayor.

Eu sabia que precisava prestar atenção na pauta da reunião, e tinha ainda mais certeza que o motivo para meu escrutínio a arquitetura da sala, se devia ao fato de que eu tentava ignorar quem estava a apenas algumas poltronas de distância da minha, à mesa. David González trazia consigo um semblante imponente, o que, aliás, me dizia muito sobre sua personalidade; ele era grosseiro e assustadoramente sedutor com todas aquelas tatuagens enfeitando seu

PERIGOSAS ACHERON

corpo gigante e quente como o inferno. Embora, eu não tivesse um histórico muito abrangente no quesito relacionamentos, precisava ser honesta em admitir que o momento do elevador houvesse mexido com algo dentro de mim.

Desde esse dia, há pouco mais de uma semana, eu comecei a me sentir diferente; a minha pele queimava com as constantes lembranças daquelas malditas carícias trocadas entre nós. David me causou sensações antes nunca experimentadas, mesmo com seus persistentes atos de me ofender. Em que isso me descrevia? Que eu tinha uma leve tendência masoquista, talvez?

No fundo, eu sabia a resposta, embora insistisse em negar.

Sentindo um desgaste físico e emocional, eu deixei escapar um suspiro frustrado. Os últimos dias tinham tomado o meu fôlego completamente com todos aqueles acontecimentos conflitantes.

A voz poderosa de David chamou minha atenção, funcionando como um ímã na sua direção. Ele parecia tenso na poltrona, como se dentre todos os olhares, pressentisse apenas o meu.

PERIGOSAS NACIONAIS

Enquanto falava, observei o movimento dos seus lábios avermelhados relembrando da maciez e textura deles sobre os meus; apesar de toda a agressividade de suas palavras dirigidas a mim.

De repente, ele se levantou e começou a explicar, com argumentos ricos, todos os prós da sua intenção de projeto; ele era um homem convincente e inteligente, embora um ogro nas horas vagas. Deixei escapar uma risadinha baixa com aquele pensamento.

— Algum problema, senhorita Ramires? — Seus olhos estavam em mim, ferozes. Obriguei-me a respirar, considerando que desde o nosso impasse no elevador, ele sequer houvesse me direcionado um olhar.

Engoli em seco, nervosa.

Estávamos em uma reunião via teleconferência, que visava renovar uma parceria importante, de acordo com os irmãos. Todos os acionistas estavam presentes.

— Não. Eu apenas estava pensando alto. Me desculpe.

PERIGOSAS ACHERON

Ele soltou um riso de puro escárnio.

— Então você me interrompeu por nada? Por acaso tem noção da importância do que estamos fazendo aqui, ou é tudo uma diversão para você?

— David, pega leve, pelo amor de Deus! — Hugo pediu, constrangido, já que tínhamos expectadores ao nosso redor e do outro lado do mundo também.

— Não há necessidade de usar esse tom, David — Lea Martinez complementou, visivelmente incomodada. — Não se esqueça do seu profissionalismo.

— Eu já pedi desculpas — sibilei, rouca e envergonhada enquanto encarava-o.

Trincando o maxilar, insatisfeito, ele desviou os olhos de onde eu estava, encolhida na cadeira, e retornou para sua explicação. Minha pulsação estava acelerada e, eu lutava para não olhar para os lados, já que meu rosto deveria estar rubro. Em determinado momento, meu olhar cruzou com o de Lea Martinez, e a peguei sorrindo; era um sorriso cativante, deixando claro que ela estava do meu

lado. Sorri também, sentindo meu coração revigorar.

— Não estou bem convencida de que esse novo formato é o melhor, senhor David Gonzalez — disse, a mulher com sotaque chinês, através do imenso telão, que abrangia boa parte da parede principal da sala. — Obviamente que estamos acostumados a trabalhar com materiais de primeira linha, mas eu estava esperando algo um pouco mais... — ela estalou os lábios, como se estivesse testando a palavra na língua — inovador.

David franziu a testa, enquanto absorvia o que tinha acabado de ouvir. Pareceu ofendido de alguma forma.

— Mas eu acabei de discorrer sobre os principais pontos positivos; há estudos que comprovam que a utilização desses materiais...

Ela o cortou, impaciente, embora esbanjasse um sorriso simpático.

— Em nenhum momento, eu discordei dos seus termos, meu caro, mas esclareci que minhas expectativas não foram sanadas.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como podemos trabalhar nisso? — Hugo perguntou mais do que depressa. — Fale-nos sobre o que espera e faremos o possível para chegar ao que deseja.

— Todos os anos, nós chegamos a um consenso, Hui Ying. Não entendo o motivo para seu desagrado — David reclamou, claramente incomodado com a recusa da mulher, às suas ideias.

A mulher riu.

— E todos os anos, o projeto é apresentado por você, David González. Não há mais ninguém capacitado?

— Eu sou o único responsável pela criação das novas peças.

— Na verdade, eu tenho algo a dizer — falei, trazendo todos os olhares a mim. Arrependi-me na mesma hora.

— Ninguém quer ouvi-la...

— Por favor, deixe-a falar, David — Hui Ying interrompeu a grosseria dele, o que o deixou puto e seu olhar me fulminou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Rolei os olhos, mas o ignorei e, em seguida, fixei o olhar para a tela; para a mulher do outro lado.

— Um dos maiores problemas, se não é o maior, das vendas de peças automotivas, é sem dúvida, o valor que os consumidores encontram no mercado. Então, por que gastar tanto com a criação de peças, que obviamente terá um valor exorbitante para o consumidor final, se nós podemos trabalhar com materiais reciclados?

David riu com desdém, ainda em pé.

— E o que você entende de peças automotivas?

Encarei-o por cima dos cílios.

— Eu monto e desmonto um carro, de olhos fechados.

Minhas palavras o pegaram desprevenido, mas eu não quis dar continuidade.

— Eu gostei da ideia da Luna — Lea comentou, olhando para os demais. — Dessa forma não mexerá muito no nosso orçamento.

— Mas também perderemos a qualidade das peças anteriores.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não falei em diminuir a qualidade, David — retruquei, nervosa.

Ele me fuzilou.

— Mas com um orçamento menor, não terá como criar uma peça sofisticada — revidou, frustrado.

Nós dois nos encarávamos com a ira despontando de nossos poros. Ambos queríamos marcar um ponto ali, embora eu sequer almejasse aquilo quando entrei naquela reunião.

— Eu gosto da ideia — Nos voltamos para a tela; a mulher sorria.

— Sério? Sem ofensas, Hui Ying, mas eu acredito que sou mais capacitado para esse projeto, uma vez que, estou no ramo há anos. Luna Ramires pode ter boas intenções, mas não conhece o mercado como eu — David resmungou.

— Eu quero dar crédito aos dois, porque vejo que ambos têm boas ideias — disse. — Por isso vocês trabalharão em algo, juntos. Terão um prazo de alguns meses para me apresentar algo inovador.

— O quê?

PERIGOSAS ACHERON

Alejandro e Hugo deram risada, divertindo-se às nossas custas.

— Mas isso é um absurdo.

— Por que, David González? Algum problema em trabalhar com a sua parceira? Tenho certeza que ela é tão capacitada quanto você.

Ele não respondeu, apenas engoliu em seco enquanto se deixava cair em sua poltrona. Parecia desnortado.

Nada diferente de mim por sinal.

— Ótimo. Então posso dar a reunião por encerrada. A propósito, a apresentação deverá ser aqui em Pequim.

David soltou um riso amargo, esfregando o rosto com raiva.

Meu coração ainda berrava aos meus ouvidos quando assisti a tela se apagar e o alvoroço de vozes driblando entre si. O zumbido me desnortou por um instante enquanto eu enxergava os acionistas deixando a sala. Alguns sorriam, outros nem tanto.

— Alejandro, eu estou passando a bola para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você — disse David, de repente. Na sala estava somente nós dois, Alejandro, Hugo e Lea. — Eu posso ficar com suas funções nesse meio tempo.

Em seguida, se levantou, ajeitando o paletó. Seus olhos não se direcionaram a mim em nenhum momento.

— Tenham um bom dia.

Eu não acreditei que ele estava se desfazendo de mim como se eu não tivesse significado algum. Quem ele pensava que era?

Tomada por uma súbita coragem, eu o enfrentei no instante em que sua mão tocou a maçaneta:

— Está com medo de trabalhar comigo e perceber que sou muito mais do que você imagina, David?

Virando nos calcanhares, ele se virou na minha direção. Seu rosto sério ganhou um semblante perigoso. Seus olhos me analisaram minuciosamente, como se tentasse descobrir algo que pudesse usar para me desarmar.

— Ambos sabemos que meu problema é justamente ficar perto de você, querida.

PERIGOSAS ACHERON

Pigarreei, lutando para não deixá-lo me vencer.

— Isso é uma pena, porque eu apenas estou tentando ser profissional aqui, diferente de você que insiste em misturar suas mágoas e egoísmo, em nosso relacionamento.

— Nós não temos qualquer relacionamento.

— Mas irão ter — Hugo sentenciou.

Alejandro sorriu, jogando-se para trás e girando o corpo de um lado ao outro na poltrona giratória.

— Ao menos por alguns meses, aliás, até o tempo que durar o processo de criação do projeto — completou, sem esconder a animação no tom.

— Aquilo ali é uma ruga na testa dele, Hugo? — Lea brincou, fazendo-os rirem. — Não force tanto seu lindo rosto, David, a carranca causa marcas na pele. — Em seguida, ela me encarou: — Luna, querida, saiba que você pode me procurar a qualquer momento, viu? Se o David lhe faltar com respeito, me procure! Eu terei o maior prazer de ajudá-la a chutar a bunda desse cretino.

— Isso é algum tipo de complô? — ele questionou, chateado. — Vocês sabem da minha PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aversão a essa mulher e mesmo assim estão me obrigando a conviver com ela mais tempo do que consigo suportar?

Ouvir suas palavras me fez sufocar com uma dor incomum, mas ignorei. Ao invés disso, peguei minhas coisas e segui até a porta, onde ele continuava parado.

— Não pense que isso será ruim apenas para você, porque será um martírio para mim também — rosnei entre dentes. — Só estou nessa empresa, se ainda não ficou claro, pela consideração de seus irmãos, e por seu pai. Porque se fosse por você, eu deixaria tudo ir à falência!

— Não ouse falar do meu pai, *bastarda* — A voz dele soou cavernosa.

Abri um sorriso cruel.

— Por quê? Vai chorar, *garotão*?

Em seguida, abri a porta sob o silêncio de todos eles. Contudo aquele silêncio não conseguiu abafar os alertas da minha mente: Eu estava perdida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Dois

David González

Enquanto meus olhos se perdiam na magnífica visão que era o corpo nu de Isabel, eu tentava bloquear outra imagem da minha mente; uma a qual vinha me atormentando dia e noite, e, eu lutava para impedir com que outras lembranças se sobressaíssem dos meus pensamentos através dos meus olhos, porque seria doloroso admitir.

Doloroso demais aceitar que meu corpo desejava a única mulher da face da terra que era proibida para mim.

Luna Ramires.

Entretanto, estava ficando mais difícil ignorar as reações que sentia cada vez que a tinha por perto;

assim como o fato de meus olhos a procurarem sem que eu conseguisse frear os instintos. E diferente de antes, agora meu olhar ansiava admirá-la; deleitar-me com a visão de suas bochechas rubras e a forma como seu belo narizinho se erguia para me enfrentar mesmo que eu persistisse com minhas constantes ofensas.

Expirando com aspereza, abandonei a visão das curvas de Isabel, que estava adormecida e completamente saciada depois de uma intensa sessão de sexo, e me levantei da cama. Vesti uma cueca boxer e deixei o quarto, em silêncio.

O apartamento em que estávamos era de um hotel numa ótima localização aos arredores vibrantes da Gran Vía, que ficava bem na esquina. Era, basicamente, um flat, usado para minhas fodas ocasionais.

Segui até o pequeno espaço da sala de estar, e me estabeleci na sacada depois de me servir com uma dose de conhaque. Com os pensamentos fora de ordem, eu não percebi a aproximação abrupta de Isabel atrás de mim. Suas pequenas mãos circularam minha cintura, deitando a cabeça nas

minhas costas nuas. Segurei sua mão e puxei seu corpo para frente do meu.

— Acordei você?

Seus lábios tocaram os meus, com delicadeza antes de se virar de modo a ficar de costas contra meu peitoral.

— Na verdade, eu senti frio e não encontrei você na cama — respondeu, rouca.

Suspirei, mas não disse nada. Levei o copo à boca e sorvi o restante da bebida enquanto com a outra mão circulava sua cintura fina; seu corpo estava coberto apenas por um robe de seda branca.

Isabel e eu mantínhamos um relacionamento íntimo há quase dois anos. Nos conhecemos em uma festa beneficente, quando ela era assistente de um dos nossos parceiros comerciais.

Isabel era uma garota legal, com sua estatura mediana. Ela não era exatamente um colírio para os olhos, mas era bonita. Sempre mantinha os cabelos compridos e bem hidratados, e sua descrição a respeito do que tínhamos era excelente. Isabel era uma mulher cuja presença iluminava o ambiente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Seu charme e jeito submisso foram o que me conquistaram. Embora eu não estivesse apaixonado por ela, gostava de sua companhia em noites conflitantes. Nunca gostei de estar sozinho, porque estar sozinho me remetia a lembranças ruins.

— Você está mais pensativo do que de costume, hoje, David — ouvi sua voz sussurrada. — Aconteceu alguma coisa nos negócios?

Deixei o ar escapar dos meus pulmões, em seguida, ergui os olhos para a noite estrelada. Eu me sentia preso dentro de mim mesmo; preso com meus próprios demônios.

Incomodado, me afastei, voltando para a sala de estar. Isabel me seguiu. Eu estava me servindo de mais uma dose de conhaque, enquanto Isabel me encarava do arco da porta de acesso à sacada.

— Eu só preciso de um pouco de espaço — falei, levando o copo à boca. O líquido desceu queimando pela minha garganta.

— Isso tem a ver com outra mulher? Conheceu alguém?

Soltei uma risada, depois me virei para ela.

PERIGOSAS ACHERON

— Isabel, vamos lá, eu não preciso lembrá-la que o que nós dois temos não passa de foda. Então, por favor, não confunda as coisas.

Ela revirou os olhos, mas percebi que ficou chateada.

— Não é como se você me deixasse esquecer isso, David.

Soltei um suspiro pesado. Em seguida, depusitei o copo em cima da bancada e caminhei na direção do quarto.

— Você sabia que estávamos caminhando para isso, um relacionamento à base de sexo, então as coisas não deveriam se tornar difíceis.

Avistei minhas roupas e comecei a vesti-las.

— Eu não estou te cobrando, David. Apenas pensei que poderíamos começar a compartilhar coisas do nosso dia a dia. — Ela cruzou os braços, nervosa. — Por exemplo, hoje eu discuti com uma cliente que me faltou com respeito; ela achava que eu era obrigada a baixar o preço de um dos pacotes, simplesmente, porque possuía credibilidade no mercado. Expliquei que as coisas não eram assim,

que eu precisaria conversar com meu superior primeiro, mas ela não me deu tempo, sabe? Foi taxativa e muito grosseira. Detesto pessoas grosseiras.

— Isso não é verdade — falei, segurando o riso conforme terminava de vestir a calça, seguido da camisa. — Você adora um selvagem, por isso não perde a chance de dar a boceta *pra* mim.

Sem que eu esperasse, ela se jogou sobre mim, derrubando-me na cama. Seu robe se abriu, revelando sua nudez. Seus deliciosos seios inundaram meus olhos fazendo minha boca salivar. Levei as mãos gulosas até eles, beliscando os mamilos.

— Não nego que é isso que me fascina em você — sibilou, esfregando-se em meu pau, encoberto pela calça, mas se animando para mais um round. Ela se inclinou para me beijar. — Confesso que estou viciada nessa sua selvageria. — Seus dentes raspam meus lábios.

Depositei as mãos na sua nuca e puxei sua cabeça mais perto; precisava calar sua boca com meus beijos. Talvez dessa forma, meus

PERIGOSAS ACHERON

pensamentos atribulados silenciassem também.

O dia tinha amanhecido incrivelmente belo, daqueles de céu azul e sem nenhuma nuvem. Entretanto, meu interior estava nublado; bastava me lembrar da minha nova rotina dali em diante.

Assim que cheguei à empresa, fui surpreendido com a presença de Luna na minha sala. Ela estava parada, na frente de uma das janelas laterais. Os raios solares refletiam em seus cabelos escuros, iluminando-os e fazendo minhas mãos coçarem com o desejo de acariciar os fios. Engoli em seco com sua presença ali. Ela olhou para mim, e eu inclinei a cabeça.

— O que faz aqui?

— Hein? Você se esqueceu que temos um projeto para arquitetar? — Ela fez uma careta. O que não diminuiu em nada a sua beleza.

— Infelizmente não me esqueci desse infortúnio. Mas não me lembro de ter combinado nada com você, assim você se importaria de me dizer por que está aqui, na minha sala, se fazendo tão PERIGOSAS ACHERON

confortável?

Meu tom era arrogante e bruto, obviamente que eu não fazia questão de ser cordial com ela, que era a imagem constante da traição do meu falecido pai. Seus olhos castanhos estavam ainda mais escuros, evidenciando sua raiva, mas ela que superasse isso.

Ignorando-me, ela, simplesmente foi até a minha mesa e, em seguida, tomou uma das poltronas.

— Eu lhe fiz uma pergunta, e espero uma resposta.

Ela suspirou e revirou os olhos.

— Ouça, *garotão*, eu pouco me importo com seus questionamentos e muito menos com seus chiliques, ainda mais quando o dia mal amanheceu. Se você está infeliz com a minha presença aqui, no seu santuário, foda-se!

Eu olhei para ela, apertando os olhos.

Por que meu corpo reagia daquela maneira?

— Meu santuário? — Decidi fechar a porta.

— Sim, a sua sala. Diga-me um nome melhor que eu poderia chamá-la?

— Anti-bastarda, talvez? — zombei. Dei alguns passos para mais perto.

Algo na sua agitação me disse que ela não havia gostado da minha provocação, e isso fez com que deixasse cair uma pilha de livros de cima da mesa, que eu não havia reparado antes.

— Merda — ela disse, enquanto se abaixava para pegar do chão.

— Argh! Além de tudo é desastrada — falei, balançando a cabeça e me abaixando para ajudá-la.

Em determinado momento, nossos dedos se tocaram. Suas mãos estavam frias e trêmulas. Encontrei seus olhos quando vi algumas cicatrizes em seus pulsos. Luna recolheu os livros rapidamente e se levantou. Fiquei em choque por alguns segundos, tentando entender o que tinha acabado de ver. Por que ela tinha aqueles ferimentos? Será que ela mesma desferia contra si mesma? As perguntas simplesmente borbulhavam em minha mente, tomando conta dos meus pensamentos. De repente, voltei a me erguer nos calcanhares e meus olhos encontraram com os dela, igualmente atormentados, embora obviamente por

PERIGOSAS ACHERON

razões diferentes.

— Eu realmente gostaria de começar a trabalhar. Então, por favor, tome um pouco de café... — apontou para a mesa, onde jazia um copo de café de tamanho médio —, porque assim, nós poderemos nos ver livres da presença, odiosa, um do outro bem mais rápido.

Franzi o cenho, sentindo-me incomodado e desgostoso.

De repente, ela estreitou os olhos para mim.

— Você está me ouvindo?

Eu ri, enquanto retirava meu paletó e o ajeitava na poltrona.

— Obrigado pela gentileza em me trazer café, mas se não se importa, eu prefiro pedir para minha secretária trazer outro para mim. — Comecei a seguir para a porta. — Não confio nas suas intenções, querida. Você pode ter envenenado, apenas pelo desejo de assistir a minha morte, na sua frente.

Ouvi sua risada, incrédula, porém divertida.

— Ah, mas eu não teria essa sorte.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Luna Ramires

Relembrar da minha infância não era algo que eu fazia com frequência, considerando que isso desencadeava monstros que eu constantemente lutava para afastar da minha mente. Estar de volta na minha adolescência, mesmo que em pensamentos, me causava euforia; aquela vibração gostosa no peito. Porque por um curto período de tempo, eu cheguei a cogitar a possibilidade de me formar; cheguei a iniciar o curso de engenharia mecânica, mas percalços no caminho me fizeram frear os passos. Era doloroso relembrar, mas jamais teria feito diferente.

Quando tive que parar todos os planos da minha vida para cuidar da minha mãe, eu não pensei duas

vezes; ela era minha família, a mulher que cuidou de mim durante tantos anos. A mulher que sonhou comigo os meus sonhos, e chorou comigo as minhas dores e medos. Nossa trajetória, juntas, foi curta e tempestuosa, mas nunca duvidei do amor que sempre nos uniu. Minha mãe poderia não ter sido o melhor exemplo moral de mulher, mas certamente tentou ser uma mãe maravilhosa para mim.

“Abra as suas asas, Luna” — ela dizia. Mas, infelizmente, ela partiu e não teve tempo de me ensinar a como fazer isso. A dor do meu passado me sufocava e o medo sobressaía-se à coragem, me impedindo de avançar para além dos meus sonhos. Era difícil acreditar em mim mesma quando tudo que a vida me oferecia eram migalhas.

Migalhas de atenção.

Migalhas de amor.

Promessas vazias.

Por um instante, eu fechei os olhos e tomei uma profunda respiração. Estava exausta psicologicamente, porque minha nova rotina ao

lado do David estava me matando. Era uma loucura ter que me armar a cada novo encontro. A sensação que eu tinha antes de sair de casa, todas as manhãs, era de estar indo para uma guerra. Mas uma guerra fria.

Provocações.

Muitas provocações.

Era o que se resumia nosso relacionamento. Se é que podia ser chamado assim.

Depois de pouco mais de uma semana, David e eu, depois de muita discussão, finalmente, chegamos à conclusão de qual seria o nosso objeto de estudo. Obviamente que o desenvolvimento de qualquer peça ou sistema dependia de diversos fatores e pilares, e não obtínhamos do mais importante deles: tempo.

— Então, nós já estabelecemos o seguinte: Processo de engenharia avançada; processo de desenvolvimento do produto; processo de desenvolvimento do processo de manufatura, validação do projeto e do processo; implantação e acompanhamento.

Ele assentiu.

— O projeto tem um mecanismo de setor dentado e trava, sem auto-ajuste do cabo primário. A matéria prima predominante deverá ser o aço, em bitolas comerciais, sendo o conjunto final entregue com fosfatização e oleamento — lembrou.

— Você está ciente de que esse produto é novo na empresa, e que vai requerer novos meios de produção, controle e validação, não? — questionei, analisando suas feições. — A tecnologia, porém não é nova, claro.

Eu continuei olhando em sua direção, porque aquele homem era como uma tentação para meus olhos. Ele tinha um cabelo castanho escuro, levemente ondulado. Eu não poderia deixar de olhar para o queixo proeminente e ossos do rosto quadrado esculpido. Seus olhos, também escuros, tinham o incrível poder de me fazer perder facilmente neles.

— Está precisando de ajuda para encontrar o foco novamente, baby? — zombou, exalando um sorriso arrogante, extremamente ciente do meu olhar examinador.

Oh, Deus! Eu não precisava dar ainda mais munição para o superego do sujeito.

— Você só tem minha atenção, porque estamos sozinhos e não gosto de conversar sem olhar nos olhos da pessoa. — Dei de ombros. Ele soltou uma gargalhada, o que foi minha deixa para mudar de assunto. — Precisamos montar uma equipe.

— Concordo.

— E tentar conseguir um prazo maior, porque o nosso é crítico. A pressão atingirá níveis superiores de hierarquia.

— Bem, nós já temos o escopo do projeto, agora vamos trabalhar.

Ao final do dia, entrei pela porta da minha casa, joguei a bolsa na cama, e tomei um banho. Minha casa ainda era a mesma de quando morava com minha mãe, quando ela era viva. Por apreço, eu não tinha coragem de me desfazer do imóvel, porque com isso, acabaria perdendo as boas lembranças também. E, apesar de extravagante e exagerada, devido ao estilo barroco espanhol, eu gostava das

PERIGOSAS ACHERON

particularidades da casa.

Eu estava cansada e precisava desesperadamente descansar o corpo e a mente. Eu precisava do conforto do meu pijama e da minha cama, mas infelizmente não tive essa sorte. Fui surpreendida por uma batida na porta. Olhei para o relógio e vi que faltavam poucos minutos para as dezenove horas.

— Você estava dormindo? — perguntou, uma esbaforida Blue Evy.

— A ideia era essa — respondi, fechando a porta.

— Nada disso, Luna. Tenho outros planos para hoje à noite. — Seu sorriso denunciou suas travessuras e, em seguida, ergueu algumas sacolas de loja diante de mim. — Vi um vestido maravilhoso e não resisti em comprá-lo para você. Tenho ingressos para a nova boate que inaugurou na semana passada.

Eu suspirei fortemente enquanto seguia até a sala e me deixava cair sobre o sofá.

— Boate? — resmunguei, mas aceitei quando

ela me ofereceu as sacolas. — Não estou com vontade de ir a um lugar barulhento e lotado esta noite, Blue.

— Luna, você sempre foi a pessoa mais divertida que eu conheço, mas depois que começou a trabalhar na empresa dos irmãos, entrou numa espécie de monotonia. Por favor, esqueça o babaca do irmão mau por algumas horas e se permita divertir.

Espiei o interior das sacolas e um sorriso de gratidão tomou conta dos meus lábios. O vestido era lindo, assim como o par de sapatos, combinando com o look. Blue sempre foi generosa comigo, em todos os aspectos. Sua exuberância me chamou a atenção de imediato quando nos conhecemos, no hospital em que eu levava a minha mãe, na época tortuosa da doença dela, Blue era enfermeira. Sua aparência sempre contrastou bastante com a perfeição dos seus olhos castanhos claros e seus longos cabelos com mexas azuis.

— Eu não sei, Blue. Não estou no clima.

Impaciente, ela segurou minha mão e me forçou a levantar do sofá.

— Tenho certeza que você vai mudar de ideia quando estivermos lá e você se deparar com um cara quente.

Um cara quente? Eu não estava interessada em me relacionar com ninguém.

— Ok, Blue, eu vou. Mas só para te fazer feliz.

Ela soltou um gritinho de euforia, em seguida, deu um tapa estalado no meu traseiro conforme caminhávamos para o quarto.

Revirei os olhos, mas acabei compartilhando do seu sorriso divertido.

No quarto, eu coloquei o vestido. O comprimento era suficiente para cobrir minha bunda, o que a deixava totalmente empinada. Fui até o banheiro, onde Blue estava terminando sua maquiagem. Ela olhou para mim, através do espelho e assoviou.

— Olhe para você, senhorita, está um verdadeiro pedaço de mau caminho.

Eu sorri, enquanto admirava meu reflexo.

— Esse vestido é um espetáculo, Blue, e não tenho palavras para agradecer. — Eu a abracei de

PERIGOSAS ACHERON

lado.

Ajeitando os cabelos, Blue deu de ombros. Em seguida, voltou para o quarto.

— Eu sabia que você iria amá-lo — disse, retirando outra peça de look de uma das sacolas. Para seu visual, ela optou por um short jeans e uma blusa de alças finas. — E, faço tudo para arrancar um sorriso seu.

Senti-me agraciada pelo seu carinho e cuidado.

Me olhei no espelho uma última vez antes de sairmos. Eu decidi deixar meus cabelos soltos, e com um pouco de sombra preta nos olhos. Eu estava começando a me sentir feliz por ter decidido sair com Blue, porque precisava de um pouco de diversão depois de mais um dia extremamente tenso ao lado de David.

O táxi nos deixou em frente à casa noturna e, eu fiquei surpresa com a quantidade de pessoas na fila. Deixei os ombros caírem.

— Olhe para essa fila, Blue. Merda. Nós não entraremos tão cedo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bobagem. Não vai levar mais do que uns vinte minutos — ela disse, sem se deixar abater pelo meu desânimo.

Trinta minutos mais tarde, nós andamos pelo corredor que dava para a entrada principal da boate. A música estava tocando, enquanto o piso estava batendo debaixo dos meus pés forçando meu corpo a se mover com a batida. A pista de dança enorme exibia um show de laser e cores. Blue me puxou para dançar, mas eu recusei, porque precisava de uma bebida primeiro. Então eu a deixei dançando, enquanto caminhava até o bar. Peguei um dos bancos disponíveis, e pedi um rebujito. Eu estava bebendo o meu drink, quando notei um belo homem em uma mesa não muito longe de onde eu estava sentada. Seu olhar rapidamente encontrou o meu e então ele sorriu.

— Hmmm, vejo que alguém roubou sua atenção — Blue concluiu, enquanto pedia uma bebida ao barman e, em seguida, olhava para a mesma direção que eu.

— Nada — falei, nervosa. — Apenas o achei atraente. — Dei de ombros.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Entornando um generoso gole da bebida, ela depositou uma das mãos no meu ombro.

— Luna, se permita. Viva um pouco.

Dizendo isso, ela voltou para a pista de dança, onde rapidamente fui agarrada por um homem sedutor.

Não demorou muito e fui surpreendida com a aproximação daquele cara atraente o qual observava instantes atrás. Sua beleza era ainda mais assustadora de perto. Descobri que seu nome era Fernando e que como eu, ele estava ali para extravasar a tensão do dia.

Em determinado momento, ele me convidou para dançar. A música era eletrônica, mas permitia movimentos mais sensuais. A pista estava abarrotada de corpos quentes e suados, mas eu pouco me importei. Ansiava curtir minha noite da melhor maneira possível.

Fernando se aconchegou a mim de maneira ousada, deslizando as mãos pelas laterais do meu corpo. De olhos fechados, eu me deixei levar pela música, embalada pelo ritmo e pelos movimentos

PERIGOSAS ACHERON

de Fernando.

— Você é tão gostosa, sabia? — ele sussurrou com a boca colada a minha orelha, enquanto eu estava de costas. Era possível sentir a sua ereção acima dos meus quadris.

Talvez, eu devesse ter me sentido enojada, mas acabei gostando. Nunca fui confiante com minha autoestima, devido a diversos fatores da minha infância, e isso piorou depois que passei a conviver com David, que só sabia me humilhar.

Girei o corpo de frente para ele; Fernando me encarava com uma mistura de tesão e admiração. Prestes a beijá-lo, a música mudou e houve um alvoroço geral. Quando menos esperei, alguém me afastou de Fernando.

— Mas...

— É o momento da troca de casais na pista, gata — disse meu novo parceiro. Ele era um homem igualmente atraente e dono de um sorriso espetacular.

Sorri quando ele me jogou para frente e, em seguida, me rodopiou fazendo-me espalmar seu

PERIGOSAS NACIONAIS

peitoral repleto de músculos.

A cada troca de parceiro, eu me divertia um pouco mais. Ao total foram cinco.

Girando em meus calcanhares, eu me preparei para dançar com o sexto, mas acabei paralisando. As malditas reações do meu corpo me deixando sufocada enquanto meus olhos bebiam da visão do próprio demônio em carne e osso. David González, definitivamente, não media esforços para me enlouquecer.

Ele enlaçou minha cintura, já que éramos o único casal parado no meio da pista. Meu coração batia descompassado diante daquele contato. Seu cheiro invadiu minhas narinas deixando-me entorpecida.

Olhando-me nos olhos, ele não disse nada, apenas remexia o corpo no meu de acordo com o ritmo da música. Suas mãos estavam em minha cintura, apertando minha carne por cima do tecido do vestido, mas eu era capaz de sentir o calor de seus dedos. Meu corpo traidor sentia as faíscas emanando por todos os lados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Devo me preocupar com a ideia de que você esteja ampliando o seu nível de perseguição a mim?
— perguntei, tentando camuflar meu nervosismo.
— Até aqui, *garotão*? Estou começando a pensar que todo esse seu despeito é obsessão.

Ele riu. Um sorriso perigoso, mas que acabou causando um maldito estrago na minha calcinha e acelerando meu coração.

De repente, girou meu corpo pegando-me distraída. Gemi com o contato dele em minhas costas. Seu rosto escondeu-se na dobra do meu pescoço, e sua língua se arrastou na minha orelha, o que me fez fechar os olhos em êxtase.

— Está vendo aquela gostosa ali? — soprou contra minha orelha. Abri os olhos, seguindo seu olhar. Era uma morena sensual. — Ela está comigo.

Dizendo isso, me virou de frente para ele outra vez. Agora, seu olhar estava mais frio do que uma geleira.

— Viu como tenho coisa melhor para fazer? E já me basta aturar você durante o expediente da empresa.

PERIGOSAS ACHERON

A música acabou, e ele se afastou de mim.

Eu estava ofegante, mas o que me fez praguejar foi reconhecer a mágoa que suas palavras me causaram.

Nervosa com todo aquele turbilhão de emoções, eu voltei para o bar e pedi uma bebida mais forte. Precisava me anestesiar de tudo. Esquecer-me da triste realidade que eu vivia. Do que adiantava ter herdado toda aquela fortuna da minha avó, se eu não era amada?

— Ei, Luna... — me deparei com Fernando, que me encarava com curiosidade. — O que foi? Por que está chorando?

Eu estava chorando?

Funguei, enquanto enxugava debaixo dos olhos, em seguida, entornava mais um gole de bebida. O líquido descia rasgando por minha garganta.

— Não é nada — respondi, sorrindo. — Já passou.

Audaciosa, eu me inclinei sobre ele e o beijei. No fundo, eu já nem sabia o que estava fazendo direito, já que estava magoada e um pouco bêbada.

PERIGOSAS NACIONAIS

Fernando circulou minha cintura com suas mãos e aprofundou o beijo. Sua boca tinha gosto de hortelã e conhaque. Não era um beijo ruim, mas não consegui sentir ligação alguma.

Me afastei dele, que continuou me mantendo perto; suas mãos me enjaularam enquanto pedia mais duas doses de bebida: uma para mim e outra para ele.

— Eu preciso encontrar minha amiga — comentei, sentindo-me zonzinha, tentando encontrar a Blue no meio da multidão.

Fernando segurou meu rosto, forçando-o para ele, onde roubou mais um beijo.

— Não se preocupe com isso, eu cuido de você — disse, contra minha boca.

Sorri, concordando, embora não tivesse noção de mais nada naquela altura do campeonato.

PERIGOSAS ACHERON

Quatro

David

González

Curtir uma balada no meio da semana, não fazia parte da minha rotina, entretanto acabei cedendo aos insistentes pedidos de Isabel, que ligou mais cedo. A verdade é que eu estava sobrecarregado de toda tensão acumulada que a presença e os constantes embates com a Luna causavam em mim. Horas atrás, enquanto estávamos trabalhando juntos, pude observá-la com mais precisão; ela era inteligente e dedicada, eu tinha que admitir, mas era irritantemente teimosa quando queria provar suas teorias. Em alguns momentos, notei que ela enrolava uma mexa de cabelo entre os dedos, como

PERIGOSAS NACIONAIS

se precisasse ocupar as mãos com algo para continuar pensando, ou o simples fato de estar perto de mim a deixasse tão nervosa quanto eu. O que era ridículo, porque ela não deveria me deixar nervoso.

Ela não deveria fazer e ter muitas coisas, aliás. Meu subconsciente insistia com a ideia de que, possivelmente, ela seria uma víbora traiçoeira como a mãe, embora somente eu acreditasse nisso. Hugo e Alejandro pareciam ter se esquecido do nosso passado; da dor que todos sentimos quando nosso pai nos contou sobre aquela mulher, a mulher que com a simples existência, durante anos, já me fazia adoecer. Como eu poderia aceitar a presença da filha dela? Era doloroso demais. Assim como a maldita visão das cicatrizes de seus pulsos, que não saía da minha cabeça desde o instante que vi, dias atrás.

Eu me sentia como em uma maldita encruzilhada.

Preso entre a raiva e a razão.

Entre a razão e o medo.

Entre o medo e o desejo.

PERIGOSAS ACHERON

Entornei o restante da bebida do fundo do meu copo e, em seguida, peguei a minha carteira, sob o olhar cauteloso de Isabel.

— Caso você precise para o táxi. — Lhe entreguei algumas notas de euros.

— O quê? Como assim? — ela não parecia contente, mas pouco me importei. — David, quando te fiz o convite para virmos para cá, era para nos divertirmos juntos, mas você mal dançou comigo. Agora está praticamente me mandando embora? O que está pensando?

Definitivamente, ela estava muito chateada, mas eu não tinha tempo para perder com ela.

— Sinto muito — resmunguei, inclinando-me e beijando sua cabeça. — Ligo para você no final de semana.

— David!

Me afastei, sob seus protestos, enquanto me vi sendo embaralhado na multidão.

Quando saí da casa noturna, olhei ao meu redor, até encontrar o que eu procurava. Luna estava sendo escoltada por um homem, que se preocupou

PERIGOSAS NACIONAIS

em embebedá-la durante uma boa parte da noite. Felizmente, eu estava de olho.

— Ok, eu tenho certeza que bebi demais — ela estava cambaleando. — Você viu a minha amiga?

— Eu já disse que estou levando você até ela — disse o cara, que obviamente não cumpriria com nenhuma promessa que fez a ela.

— Ei, brother, para onde pensa que vai levá-la? — interceptei-os. Tentei puxar Luna para mim, mas fui impedido por ele.

— Ela está comigo — rosnou, tentando me amedrontar.

Soltei um sorriso perigoso. Eu poderia facilmente acabar com ele com um dos meus punhos, mas preferi brincar com seu psicológico:

— Ah, eu sei que está — murmurei, cruzando os braços. — Você sabia que essa garota que você, insistentemente, embebedou, faz parte de uma máfia poderosa? Basta uma ligação minha e a sua cabeça irá a prêmio, rapaz — falei, em tom frio, sem desviar os olhos dele. — Ela possui um chip sobre a pele, que serve para rastrear sua

PERIGOSAS ACHERON

localização... — aponte na direção deles — Basta olhar para os pulsos dela.

Com os olhos arregalados, ele olhou para a Luna, que mal conseguia ficar de pé.

— O que você vai fazer com ela? — quis saber, num tom trêmulo.

Minha mente estava me dizendo para parar imediatamente, porque ela sabia o que eu estava prestes a fazer, mas meu coração me dizia para ajudá-la. Eu não deveria me importar com a vida dela, mas me importava, embora isso me incomodasse pra caralho.

— Eu vou ter certeza que ela chegue em casa com segurança.

— Boa sorte com isso então, já que sabe com quem está lidando — ele disse, empurrando Luna para mim, como se ela fosse uma mercadoria barata. Trinquei os dentes com isso.

— Da próxima vez, pense muito bem antes de tentar se aproveitar de mulheres indefesas, cara. As consequências poderão ser desagradáveis.

Deixei a ameaça no ar, e me deleitei com o

PERIGOSAS ACHERON

pavor nos olhos dele, quando se afastou.

Voltei meus olhos para Luna, que me encarava com aqueles intensos olhos castanhos. Seu vestido estava abarrotado e era possível visualizar um dos seus mamilos, que estava à mostra. Me inclinei e a ergui com facilidade em meus braços.

— Vamos lá, vamos para casa.

— David? — Me virei para a voz feminina atrás de mim. Isabel me encarava com incredulidade, quase ultrajada. — Então é por isso que me dispensou?

Inspirei fundo.

— Agora não é uma boa hora, Isabel.

— Quem é essa mulher, David?

Ignorei-a e virei a caminhar na direção do estacionamento. Isabel continuou em meu encalço, tagarelando suas mágoas. Em determinado momento, avistei um táxi. Fiz sinal e, em seguida, coloquei Luna no chão.

Me virei para Isabel.

— Pelo amor de Deus, já chega de cena —

sibilei, com a mão no meio de suas costas, e gentilmente empurrei-a na direção do táxi. Abri a porta para ela, que mesmo relutando acabou entrando. — Eu ligo para você.

— Vá se foder, seu cretino!

Segurei o riso, mas agradei quando o carro se afastou.

Luna estava cambaleando quando a alcancei no meio fio; ela se assustou quando me aproximei. Novamente com ela no colo, seus olhos encontraram os meus, enigmáticos, e intensos.

— Eu o conheço, *chico hermoso*? — perguntou, num resmungo arrastado.

— Você conhece. Embora eu não tenha certeza se isso é um martírio para você, ou uma dádiva.

Depois de ajeitá-la no banco do passageiro do meu carro, eu tomei meu lugar no banco do motorista. Olhei para Luna, que continuava me encarando; depois desci o olhar até sua pequena bolsa. Sem pedir, eu tomei de sua mão e, rapidamente, alcancei seu aparelho de celular. Eu sabia que ela tinha vindo acompanhada de uma

PERIGOSAS NACIONAIS

amiga, porque tinha visualizado as duas mais cedo.

— Como é o nome da sua amiga? — perguntei, sem esperanças que ela fosse responder.

— É Blueeee... Blueeee... — respondeu, achando graça da própria voz.

Comecei a vasculhar na sua lista de contatos, até encontrar o número da tal amiga. Escrevi uma pequena mensagem em nome da Luna, com um pedido de desculpas, mas deixando claro que ela estava bem e segura.

Feito isso, eu devolvi seu celular. Luna tinha tombado a cabeça para o lado da janela.

— Ei? — Toquei seu queixo, forçando sua cabeça para mim. — Vai ficar tudo bem, ok? Vou levar você para casa.

Ela olhou para mim e colocou a cabeça na minha mão, enquanto fechava os olhos.

— Você é um *chico muy gentil*...

Eu deixei escapar um pequeno sorriso dos meus lábios.

PERIGOSAS ACHERON

Parei o carro na minha garagem. Eu voltei a olhar para a Luna, porque um: Eu não tinha a intenção de levá-la para minha casa e dois: Eu não tive escolhas, uma vez que, não fazia ideia de onde ela morava.

Nervoso diante da situação crítica, eu abri a porta e agarrei seu braço, puxando-a para fora do carro. Eu voltei a carregá-la nos braços, ao menos até estar diante da porta. Luna me agarrou, deslizando uma das mãos do meu peito até o meio das minhas pernas. Foi um momento embaraçoso, porque meu pau estava semirrígido, mesmo eu obrigando meu cérebro a cooperar.

Abri a porta de casa e a escoltei para dentro.

— Uau! — ouvi sua tentativa de assovio, enquanto lutava para continuar de pé e admirar a beleza da arquitetura da minha casa. Depois de um tempo, ela olhou para mim, parado no mesmo lugar. — Você vai me foder forte e duro agora, *chico hermoso*? — ela tentou dar alguns passos sedutores na minha direção, mas acabou tropeçando em seus próprios pés e por pouco não caiu de cara no chão, contudo eu a segurei a tempo.

— Acho que podemos deixar a foda para depois, não é mesmo, baby?

Ela olhou para mim e disse que estava enjoada.

Com ela nos braços, fui até uma das suítes e a soltei, mas seu vômito acabou escapando antes mesmo que ela conseguisse chegar até o vaso. Coloquei as mãos na cintura, e permaneci um bom tempo observando-a. Ela cheirava a bebida e vômito, e eu precisava tirá-la daquele banheiro.

— Vamos lá, *bastardinha*, vamos dar um jeito nessas suas roupas. — Eu coloquei o braço em torno da sua cintura, e a levantei do chão. Levei-a para a cama e a sentei.

Fui até meu closet e escolhi uma das minhas camisetas. Luna continuava do mesmo jeito quando retornei.

Constrangido, voltei a erguê-la e, em seguida, retirei seu vestido pela cabeça tomando o cuidado de não encarar nada além de seus olhos. Eu não queria me aproveitar da sua vulnerabilidade, muito menos dar o braço a torcer, admitindo que estivesse desejando-a feito um animal feroz. Mas eu não

consegui deixar de olhar para seu corpo cheio de curvas, enquanto ela estava lá, quase perfeitamente nua, só de lingerie. Eu me senti sujo, verificando o corpo dela, mas era impossível desviar os olhos, não era certo que ela fosse tão perfeita.

Luna ergueu os braços quando me viu com intenção de vesti-la com minha camiseta. Por um instante, eu me senti diferente diante dela; uma estranha conexão parecia nos unir. Um sentimento de pose me tomou naquele momento e, internamente, suspirei aliviado por ter aceitado o convite de Isabel para ter ido àquela maldita boate, caso contrário, eu não sei o que teria acontecido com a Luna.

— Você é um anjo? — ela gaguejou enquanto gentilmente deslizava os dedos pela minha barba. Sua pele estava quente, e seu toque era bom, muito bom, pois causou arrepios em mim.

Fiquei tentado a dizer que em outras ocasiões, ela me denominaria o próprio diabo, mas preferi me calar.

Ela sorriu bêbada e caiu contra o colchão. Tirei seus sapatos. Em seguida, fui até o banheiro e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

voltei com uma toalha umedecida nas mãos. Movi seu corpo magro até os travesseiros, depois deposei a toalha sobre sua testa. Um leve gemido escapou de seus lábios.

Eu estava exausto e precisando desesperadamente dormir um pouco. Poderia muito bem ir para meu quarto, que era o cômodo ao lado, mas decidi me deitar ao lado dela. Talvez ela vomitasse um pouco mais, enquanto estivesse de bruços na cama, e isso poderia fazê-la sufocar até a morte. Então todo o meu esforço até ali não teria valido de nada.

Com esse pensamento convicto, eu me preparei para tentar dormir quando Luna se remexeu e virou de costas; seu traseiro ficou empinado na minha direção, dando-me a visão da sua minúscula calcinha, perdida no meio das suas nádegas. Expirando, desesperado, eu puxei as cobertas sobre ela, cobrindo aquela tentação. O relógio marcava quase duas horas da manhã, mas eu não tinha certeza de quando conseguiria dormir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Cinco

Luna Ramires

Passado

Se havia um momento do meu dia que eu mais amava era o de ir para a escola. Aprender e brincar eram uma combinação perfeita para mim.

— Querida, nos vemos no final da tarde, está bem? Tenha um bom dia de aula, meu amor.

Senti o abraço apertado da minha mãe antes de finalmente descer do carro, em frente à casa do meu pai. Eles estavam separados desde os meus cinco anos, mas tentavam conciliar na minha criação. Sendo assim, meu pai era o responsável por me levar a escola, já que minha mãe tinha um horário curto de almoço.

PERIGOSAS NACIONAIS

Enquanto eu abria o portão, escutei a buzina do carro dela. Isso fez com que meu pai abrisse a porta de casa. Ele sorriu quando me viu.

Acenando para minha mãe, ele me puxou para dentro de casa.

— Já almoçou, filha? — perguntou, depois de instantes.

— Sim. A mamãe preparou lasanha.

— Hmmm... aquela com bastante queijo?

Sorri, feliz.

— Sim.

— Isso é maldade com seu pai, filha, porque já estou com a boca cheia d'água aqui... — ele falava enquanto mexia no celular, mas de repente parou, se tornando sério.

Fiquei em silêncio, apenas observando seu semblante estranho. Algo no celular dele roubou sua atenção.

— Filha, o que você acha de dar um passeio com seu pai?

Franzi a testa, confusa com sua pergunta.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas, e a minha aula? A mamãe vive dizendo que não posso faltar, apenas quando estiver doente.

Ele guardou o celular no bolso e, em seguida, veio até mim, ajoelhando-se. Seu sorriso era travesso.

— Sua mãe não precisa saber — cochichou. — Será um segredo apenas nosso.

Eu sorri, inocente.

Dias atuais

Eu acordei depois de um sonho que tive sobre meu pai. Eu rapidamente me sentei, mas o meu cérebro não tinha registrado totalmente onde eu estava. Eu estava assustada e sentindo meus sentidos difusos. O latejar constante na minha cabeça piorou quando encontrei um homem ao meu lado, mas não um homem qualquer. Desesperada, notei que estava sem o meu vestido, no lugar dele havia uma camiseta com o emblema da banda Guns N'Roses. Mordendo os lábios, eu voltei a observar

meu acompanhante; David parecia dormir serenamente. Um de seus braços estava sobre sua testa, e o movimento fez com que sua camiseta erguesse deixando parte de seu abdômen à mostra. O lençol mal cobria suas pernas, envolvidas por uma bermuda frouxa. Eu não deveria cobiçá-lo, e sim me preocupar com o fato de estar ali com ele, mas meus olhos traidores não me obedeciam.

Nervosa e sentindo o enorme peso da ressaca tomando conta do meu corpo, eu joguei meus pés para fora daquela cama, que apesar de gigante por ser uma king size, estava se tornando pequena diante do meu desejo de me aninhar naquele corpo pecaminoso.

Arrepios invadiram minha pele quando meus pés sentiram a frieza do piso. Embora, eu tivesse condições financeiras de estar em diversos ambientes requintados, eu me peguei admirando a arquitetura do lugar; de estilo sóbrio e elegante, o quarto encantava pelos tons pasteis, com variantes que iam do chocolate aos tons mais suaves de beges e um toque gold que conferia todo o requinte. O papel de parede era de estilo provençal em tons

dourados dando um visual super sofisticado. Sem dúvidas era um cômodo espaçoso e aconchegante e com direito a um cantinho de leitura. Piscando freneticamente, tentei me lembrar de alguma coisa da noite passada, mas não vinha nenhuma lembrança coerente, o que me deixou ainda mais angustiada. Porque não conseguia acreditar que David e eu havíamos transado, embora todos os indícios confirmassem isso.

Entrei no banheiro, projetado todo em Nano glass branco com pastilhas em tons de marrom gold. A bancada da pia acentuava os detalhes dourados e marrons, que se repetiam no banheiro e que já predominavam no quarto. Soltando um arquejo de admiração, eu tomei o cuidado para não fazer qualquer barulho; ainda não estava preparada para encará-lo. Meu reflexo no espelho estava tenebroso: maquiagem borrada e cabelo desgrenhado. Era possível sentir um odor de vômito vindo do meu corpo.

Jesus! Eu estava num estado deplorável.

Depois de alguns minutos trabalhando no meu visual, para me tornar mais apresentável, eu saí do

PERIGOSAS ACHERON

banheiro. Avistei minha bolsa em cima do criado-mudo. Peguei meu celular e vi que tinha algumas mensagens da Blue.

**“Blue: Como assim, você está indo embora?
Onde você está, Luna?”**

**“Blue: Pelo amor de Deus, Luna, o que está
acontecendo?”**

“Blue: Você está sozinha?”

“Blue: Me responde!”

Mordi os lábios, me sentindo péssima por ter deixado ela preocupada, mas sequer me lembrava do que tinha acontecido.

Notei que tinha enviado uma mensagem para ela, horas atrás, mas também não consegui me lembrar daquele episódio.

Com um suspiro baixo, enviei algo como: **“Eu estou bem, não se preocupe!”**, e desliguei o aparelho. Sabia que em se tratando da Blue, logo mandaria a policia atrás de mim.

Depois disso, segui para a descoberta fora daquele quarto. Como imaginei, todos os cômodos

PERIGOSAS ACHERON

berravam luxo em cada detalhe; observei que David era apaixonado por obras de arte, porque as paredes eram forradas de quadros famosos. Um em especial chamou minha atenção quando me preparei para me aventurar um pouco mais na casa. Era uma pintura de Vincent Van Gogh, que visava explorar diversas interpretações, mas sem deixar de passar algo obscuro por trás daquela paisagem intitulada como: A Noite Estrelada.

Nervosa, continuei meu caminho até chegar à cozinha, mas parei abruptamente com a beleza daquele espaço; havia uma ilha central com uma bancada amadeirada repleta de nichos. Os vasos decorativos, e poltronas brancas davam um toque clean ao ambiente, deixando-o ainda mais espetacular.

Me sentindo como uma intrusa, eu comecei a mexer nos armários de mogno, a fim de encontrar o que precisava para preparar um café. Era o mínimo que deveria fazer antes de ir embora. Mesmo não conseguindo me lembrar das coisas com clareza, sabia que de alguma forma, David tinha cuidado de mim.

Alguns minutos depois, eu estava me servindo com uma xícara de café preto e sem açúcar na esperança de amenizar minha ressaca. Enrolei meus cabelos no alto da cabeça e dei uma pequena laçada nele.

— É incrível como você se sente confortável nos meus lugares de domínio, não? — disse a voz grossa atrás de mim.

Uma série de arrepios trespassou por meu corpo.

Fechei os olhos e respirei fundo antes de me virar.

Eu ainda estava usando a camiseta dele, que mal cobria minhas coxas.

— Eu acordei e apenas quis preparar um café — respondi com a voz fraca. Os olhos dele estavam no meu rosto, mas lentamente desceram e se detiveram em minhas pernas. — David, nós... — pigarreei.

— Nós não transamos, *bastarda*.

Arquejei, não soube dizer se pelo seu tom grosseiro, ou pela decepção de não ter estado nos braços dele como secretamente desejava.

— Ontem à noite você bebeu até o esquecimento

PERIGOSAS ACHERON

naquela casa noturna, e um desconhecido tentou se aproveitar da sua vulnerabilidade. Eu estava observando as atitudes suspeitas do cara, então segui vocês quando o vi levando você para fora. Por sorte, consegui interceptá-lo e trouxe você para minha casa em segurança, uma vez que, não fazia ideia do seu endereço.

Sentindo minhas pernas como gelatina, optei por me sentar em uma das poltronas, enquanto observava David caminhar de um lado para o outro, manipulando ingredientes. Ele usava um pijama de malha preto e, infelizmente, não consegui deixar de cobiçar seu porte físico.

— Por que estou usando uma camiseta sua?

— Você vomitou sobre si mesma, então não tive alternativas.

Ergui minhas sobrancelhas.

— Você me trocou?

Ele parou de frente para mim, em seguida, me ofereceu um copo contendo um líquido de algo que tinha acabado de preparar no liquidificador.

— Beba — Não foi um pedido. — Amenizará os

sintomas da sua visível ressaca.

Dizendo isso, ele se virou na intenção de sair da cozinha.

— Você não respondeu a minha pergunta —
minha voz não saiu mais do que um murmúrio.

Ele caminhou de volta até mim e apoiou o corpo ao lado da cadeira em que eu estava. Seu olhar me deixou desconfortável. Então levei o copo à boca, na intenção de camuflar o que eu sentia.

— Quando chegamos aqui, por volta da uma da manhã, você pegou no meu pau e me pediu para fodê-la.

— O quê? — quase engasguei com o líquido que bebia.

— Garanto a você que foi muito difícil fazê-la entender que nós dois não transariíamos, então tive que levá-la ao banheiro, porque você se queixou de enjoos. Depois disso, acabou vomitando em si mesma — ele explicava numa calma assustadora, como se estivesse apresentando um seminário qualquer. Não soube dizer se estava sentindo mais raiva dele, que parecia estar se

divertindo ao se recordar da minha baixaria, ou de mim, por ter me permitido beber tanto ao ponto de cometer tantas loucuras. — Me obriguei a trocar suas roupas, porque o cheiro estava insuportável.

Inspirei profundamente, presa entre a surpresa diante de tudo o que ouvi e o constrangimento.

— Como posso confiar que você não tenha se aproveitado de mim? Afinal de contas, eu não me lembro de quase nada.

Eu inclinei meu cotovelo no balcão, descansei minha mão no rosto, e olhei para ele atentamente.

Me pegando desprevenida, David girou minha poltrona e se estabeleceu diante de mim com as duas mãos ao meu redor, de modo a me deixar cativa. Seus olhos tinham um brilho perigoso e davasso.

— Eu não desejo fodê-la estando sóbria, por que desejaria fazer isso com você estando bêbada?

E lá estava, o David que tinha o poder de me magoar com extrema facilidade. Engoli o engasgo do choro, e ainda sentindo o rubor da humilhação, eu tentei afastá-lo para que pudesse me levantar,

mas seu corpo não se moveu.

— Eu já entendi, *tá* legal? Agora quer, por favor, me deixar sair? Agradeço por ter me ajudado ontem à noite, apesar de ter deixado bem claro que eu não tenha passado de uma hóspede indesejada.

— Sabe o que eu acho? — retrucou, ignorando meus apelos. Seu corpo chegou mais perto, invadindo completamente o meu espaço pessoal, como se fosse dono de mim. Seu hálito tinha cheiro de pasta de dente.

— O quê? — soprei, ouvindo meus batimentos cardíacos estridentes.

Os dedos de sua mão direita aconchegaram-se em meu rosto, deslizando pela minha nuca. Essa ousadia me causou arrepios intensos.

— Eu acho que você está frustrada por ter descoberto que não rolou nada entre nós — disse, sem desviar os olhos dos meus. Seu polegar desenhrou meus lábios entreabertos. — No fundo, você ansiava ter estado nos meus braços, não? Adoraria ter sentido a potência do meu pau nessa sua bocetinha gulosa que já foi capaz de esmagar

meus dedos...

Ofeguei, incapaz de me controlar. A boca dele estava tão próxima da minha; eu podia notar que a respiração dele também estava instável, era perceptível que nossa aproximação também mexia com ele.

Ele segurou meu queixo, apertando meus lábios até que eles formassem um biquinho.

— Eu ainda consigo ouvir os estalidos da sua boca, sabia? Sou atormentado com o som dos seus gemidos...

Do que ele estava falando? Será que do nosso momento no elevador?

— David...

Ele me cortou:

— Você quer dar para mim, Luna? — sua pergunta insolente saiu sussurrada, próximo ao meu ouvido. Seus beijos molhados no meu pescoço não me deixavam raciocinar direito. — Quer sentir o quanto sei ser malvado entre quatro paredes?

Seu rosto se afastou para poder olhar para mim. Ele era tão lindo. Lambi os lábios ao imaginá-lo nu,
PERIGOSAS ACHERON

entre minhas pernas.

— Na verdade, eu quero que você se afaste de mim — sibilei, empurrando-o com toda força que fui capaz de projetar. Ele balançava a cabeça, rindo, enquanto eu descia da poltrona.

Desnorteada.

Era assim que eu me encontrava.

— O seu vestido está no quarto, limpo; coloquei-o na lavadora ontem à noite — ele disse, agitado. — Agradeceria que você se apressasse, porque temos muito expediente hoje e, eu nunca me atrasei antes.

Eu ainda estava chocada quando ele deixou a cozinha. O choque estava me sufocando, porque pude ver que David se escondia naquela casca de homem mau. Por dentro, ele era especial e essa constatação mexeu com algo dentro de mim.

Seis

Luna Ramires

Eu estava atrasada.

Muito atrasada.

Depois que David incumbiu seu motorista a me levar para casa, eu tomei um banho rápido e me preparei para sair, mesmo sentindo que minha cabeça explodiria a qualquer momento. No dia anterior, nós tínhamos combinado uma pequena reunião com o possível engenheiro de produção que faria parte da equipe do nosso projeto, contudo eu tinha certeza que David não queria minha participação na reunião. *“Tire o dia de hoje de folga, porque você não está em condições de trabalhar”*, disse, arrogante.

E, eu odiava que me dessem ordens.

Peguei um táxi e expliquei o endereço de destino ao motorista, antes de atender ao meu telefone que não parava de tocar desde o momento que saí de casa.

— *Excelente amiga que você é, hein, Luna?* — Blue jorrou, sem esconder a irritabilidade no tom de voz. — *Esperei a noite toda você me ligar e me contar sobre o que aconteceu e você não me ligou, e teve a audácia de me mandar apenas uma mísera mensagem de texto. Tem noção do meu desespero?*

Coloquei a mão na testa, sentindo-me ainda pior com o peso da culpa me consumindo.

— *Blue, eu... sinto muito* — murmurei. — *Ontem à noite aconteceram muitas coisas e... ainda estou tentando juntar os pequenos fragmentos das minhas lembranças.*

Ela riu.

— *Vai me contar onde passou a noite?*

Meu rosto esquentou, e olhei para frente, para o motorista.

— *Se importa de conversarmos mais tarde?*

— *Ah, eu me importo sim! Quero saber de tudo agora* — revidou, desesperada. — *Ai, droga! Estão me chamando na emergência* — reclamou e, eu ri. — *Vou na sua casa mais tarde, mocinha. E me espere com a pipoca.*

Ambas estávamos rindo quando encerrei a chamada.

Longos minutos depois, eu cheguei ao meu destino.

O prédio era tão imponente quanto o da corporação González; pessoas entravam e saíam, transpirando poder e luxo.

Assim que entrei, me preparei para falar com a recepcionista, mas antes disso, David entrou no meu campo de visão, quando saiu do elevador.

Mesmo estando envolvida com tanta beleza ao meu redor, David conseguia ser ainda mais bonito, e eu não podia deixar de olhar para ele. Ele usava um terno escuro, extremamente caro. Sua pele bronzeada brilhava, e seu cabelo estava despenteado de uma maneira sexy. Seus olhos encontraram os meus e num primeiro momento,

enxerguei surpresa neles, que logo foi substituída por irritação. Aproximando-se de mim, ele agarrou meu cotovelo levemente, e me acompanhou para fora do prédio. Mesmo o mais leve toque de sua mão, enviava arrepios pelo meu corpo.

— O que faz aqui? — questionou, com frieza. — Decidimos que você ficaria em casa hoje.

Apertei os olhos para ele.

— Você decidiu — respondi com severidade. — Não me lembro de ter concordado com isso.

Seu olhar se voltou para mim, queimando.

— Onde está seu carro? — perguntou, ignorando minha resposta.

— Vim de táxi.

Ele soltou um suspiro exasperado.

— Então vamos — disse, impaciente. — Eu levo você até a empresa. Daniel Garcia nos encontrará na parte da tarde.

— Espera, mas então quer dizer que ele aceitou fazer parte da equipe?

— E por que não aceitaria? Não é todo dia que

PERIGOSAS NACIONAIS

se tem a oportunidade de trabalhar com um González, querida. — Sorriu maliciosamente para mim.

Revirei os olhos e, em seguida, virei às costas.

— Onde diabos você pensa que vai? — ele latiu.

— Vou pegar um táxi e ir para a empresa — respondi tranquilamente, enquanto me aproximava do meio fio.

— Você não ouviu quando lhe ofereci uma carona? Não faz sentido você pegar um táxi sendo que eu posso perfeitamente levá-la já que estamos indo para o mesmo lugar.

— O que não faz sentido, sou eu aceitar ir com você, que me odeia.

Nesse momento, ameacei atravessar a avenida, mas tive minha mão segurada.

— Pelo amor de Deus, Luna, que porra, você está me irritando.

— E quando é que eu não faço isso, hein? — revidei, tentando me soltar do seu aperto, mas falhando na missão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele aproximou o rosto do meu um pouco mais e sibilou:

— Eu poderia responder que talvez quando você esteve toda amolecida nos meus braços naquele maldito elevador, ou quando se mostrou tão ousada como ontem à noite... mas isso a deixaria constrangida, não? Longe de mim, querer constrangê-la, baby.

Me soltei com um safanão, sentindo-me envergonhada e irritada com a menção daquele assunto.

— Até parece que isso está preso na sua mente, *garotão*. Estou começando a pensar que você gostou de me ter em seus braços.

Ele apertou os lábios.

— Sou um CEO de vinte e cinco anos, e garanto a você que tenho tudo o que quero em qualquer hora e, em qualquer lugar.

Um pequeno sorriso escapou dos meus lábios.

— É uma pena que você não consiga se livrar de mim, não? — Pisquei um olho enquanto me afastava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Luna, volte aqui — ele gritou na rua. Revirei os olhos e continuei andando.

Caminhei alguns metros até perceber o carro esportivo de David me seguindo. Eu, finalmente, parei e me virei para trás. David abriu a janela.

— Você está pronta para aceitar minha carona agora?

Revirei os olhos e abri a porta.

— Lembre-me de acrescentar “insuportavelmente arrogante” à sua lista, por favor.

David olhou para mim com a testa franzida.

— À minha lista?

Eu ri internamente.

— A lista que eu criei com os melhores adjetivos que se encaixam para você. Você ficaria surpreso com o tamanho dela.

Ele sorriu e inclinou a cabeça.

— Me sinto satisfeito por saber que você gasta seu tempo pensando em mim, *bastarda*. — Piscou um olho, arrancando com o carro para longe dali.

PERIGOSAS ACHERON

Levantei o queixo.

— Não do jeito que você gostaria, *garotão*, pode apostar.

O silêncio reinou nos próximos minutos, e me concentrei em mexer nas minhas redes sociais através do meu celular. A cada segundo, eu tentava me convencer de que a presença austera de David não estava me incomodando, mas a verdade é que eu estava começando a me sentir sufocada, porque todo o meu corpo estava em alerta máximo; era como se as mãos dele estivessem em mim. Seu perfume amadeirado com uma pitada de chocolate me deixava bêbada sem o mínimo esforço. Meu coração estava correndo rápido, enquanto eu tentava desesperadamente enviar informações falsas ao meu cérebro; tentando me convencer de que aquele ser arrogante, frio e mau, sentado ao meu lado, não mexia comigo.

Um barulho chamou minha atenção, porque foi um som diferente no carro. Levei os olhos ao painel do veículo e notei que havia algo estranho.

— Oh, droga — David resmungou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que foi? — perguntei, endireitando o corpo, em alerta.

— Eu não sei, mas o motor parece estar falhando — respondeu. Em seguida, praguejou alto, enquanto tirava o veículo da pista para frear no acostamento. — Puta que pariu! — rugiu, revoltado.

Eu o ouvi murmurar algo sob sua respiração, e antes que eu pudesse formular alguma frase, ele abriu a porta do carro e desceu.

Fui atrás dele.

O sol estava escaldante, pois beirava o meio dia. Estávamos em uma localização pouco movimentada, o que dificultava tudo.

— Por que desceu? — rosnou, irritado, quando me inclinei ao lado dele, que verificava as engrenagens do capô. — Está tudo sob controle aqui, não se preocupe. Pode entrar. Não precisa ficar debaixo desse sol forte.

— Está tudo sob controle? Então você já sabe qual é o problema? — Ergui as sobrancelhas em desafio.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, eu não sei, mas pretendo descobrir se você parar de me perturbar.

Revirei os olhos pelo seu tom rude.

— Engraçado isso, eu não sabia que além de CEO arrogante, você também era mecânico — revidei tão rude quanto.

Ele parou o que estava fazendo e me encarou com suas mãos na cintura. Suor escorria de sua testa.

— O que sugere então, sabichona?

Arqueei as sobrancelhas para o óbvio.

— Ligar para a seguradora, talvez?

Sacudindo a cabeça, irônica, eu voltei para o carro e permaneci com os braços cruzados.

Irritada e frustrada. Era assim que eu estava me sentindo.

Dentro do carro, eu observei o momento em que ele desistiu de tentar encontrar o problema por conta própria, e pegou o celular do bolso do paletó. Foram apenas alguns minutos de conversa, em seguida, ele desligou e depois abaixou o capô. Seu

PERIGOSAS NACIONAIS

semblante estava ainda pior quando voltou para dentro do carro. Havia desgosto em seus belos olhos, embora não olhasse para mim.

— Isso é realmente frustrante — disse ele, enquanto deixava escapar um suspiro baixo.

— Surpresas acontecem, David. Nem sempre boas, claro. Mas precisamos estar preparados para eventualidades. Eu, por exemplo, poderia estar isenta desse incidente com você se tivesse seguido meu instinto e ter pegado um táxi — alfinetei, mas usei um tom divertido.

Ele tentou conter um sorriso, mas eu vi e isso me fez sorrir também.

— Não gosto de surpresas.

— Por quê? — perguntei, curiosa. Ele franziu os lábios, obviamente não gostando da minha pergunta.

— Porque minha última surpresa foi extremamente desagradável quando meu pai confessou que mantinha um relacionamento infiel com a sua mãe.

Engoli em seco.

PERIGOSAS ACHERON

— Sinto muito — murmurei, mas incapaz de encarar seu olhar.

Ele não disse nada.

O silêncio voltou a reinar entre nós.

— Quanto tempo até a ajuda chegar? — perguntei, agoniada demais para permanecer calada.

— Uns trinta minutos ou mais.

Assenti.

Nervosa, peguei algumas balas de morango da minha bolsa; abri uma e ofereci outra para ele.

— Não, obrigado.

Arqueei as sobrancelhas, mas preferi não dizer nada. Ao invés disso, eu suspirei.

— Qual o motivo do suspiro? — perguntou, ranzinza.

— Não é da sua conta. Ou é? Com você, eu fico me perguntando sobre as coisas que eu devo ou não fazer, já que retruca tudo o que eu digo e questiona tudo o que eu faço!

Ficamos nos olhando por segundos

PERIGOSAS NACIONAIS

intermináveis, contudo ele foi o primeiro a desviar o olhar.

— Você desperta o pior das minhas lembranças, Luna — confessou, me deixando atônita. — Não gosto de olhar para você. Não gosto de estar perto de você, porque isso me faz mal e, conseqüentemente, eu quero lhe causar mal também.

Tive que me ajeitar no banco, agoniada com as sensações que sua confissão franca me causou.

— Eu sinto muito que você se sinta assim, David.

Ele virou a cabeça para mim, olhando intensamente nos meus olhos. Seu olhar trazia uma quantidade infinita de significados, mas não fui capaz de decifrar nenhum deles. David era uma incógnita.

De repente, ele segurou minha mão e girou meu pulso de modo a deslizar os dedos sobre minhas cicatrizes. Eu queria afastá-lo, mas seu toque queimava minha pele causando-me um frenesi interno.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você mesma fez isso?

O sangue começou a bombear mais rápido nas minhas veias quando ele soltou meu pulso e eu recolhi minha mão. Eu encarei seu rosto.

— Por que se importa?

Ele franziu a testa, incomodado com minha resposta.

— Eu me importo quando alguém decide atentar contra a própria vida — retrucou. Era quase como se ele estivesse realmente preocupado com meu bem estar. Suspirei, mas permaneci calma quando virei meu corpo para ele.

— David, você não me conhece ou sabe alguma coisa sobre mim, além do triste detalhe de que sou a filha da mulher que foi amante do seu pai. Então, o que aconteceu no meu passado, ou o que acontece na minha vida pessoal agora, não é da sua maldita conta. — Pronto, eu fiz isso. Realmente o coloquei no lugar dele. Nem ele e nem ninguém tinha o direito de saber ou entender o que se passava na minha vida e no meu interior.

Vi o instante que ele travou o maxilar.

PERIGOSAS ACHERON

— Peço desculpas.

Eu comecei a sentir um pouco de remorso do meu tom, porque não tinha o hábito de ser grosseira com ninguém.

Agoniada com aquela tensão infernal, eu abri a porta, em seguida, saí. Lá fora, eu abri o capô do carro e engatei um dos cabos da bateria, que antes, eu tinha visto que estava solto.

— Mas o que pensa que está fazendo?

Abaixei o capô e bati uma mão na outra, satisfeita.

— Nos tirando dessa situação constrangedora — respondi, abrindo a porta. — Agora poderemos ir.

Desconfiado, ele entrou no carro e, rapidamente, ligou o carro. Seu olhar chocado me fez rir.

— O que você fez? — perguntou, eufórico.

Minhas bochechas esquentaram.

— Ah, eu tinha visto o cabo da bateria solto, mas não quis falar nada.

— Por quê? — ele parecia atônito.

— Porque desejava passar o restante da manhã

PERIGOSAS NACIONAIS

trancada nesse carro com você — disse, fazendo os olhos dele se arregalarem.

E então me encarou com um olhar enigmático como se eu fosse louca.

— Vamos lá, *garotão*, eu disse que entendia de carros — falei, esbanjando um sorriso travesso. — Isso é um problema?

Ele sacudiu a cabeça, como se buscasse clarear os pensamentos, mas não deixou de sorrir.

— Oh, não, eu apenas estou surpreso.

Quando ele colocou o carro na pista, eu disse:

— Eu acho que você poderia encontrar um monte de coisas surpreendentes sobre mim.

Seus olhos encontraram os meus rapidamente.

— Isso é um convite, senhorita Luna?

— Não acho que você realmente queira saber a resposta para isso, David.

Ele pareceu surpreendido pela minha escolha de palavras, porque preferiu permanecer em silêncio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Sete

David González

Tinha se passado duas semanas desde meu incidente com Luna e eu simplesmente não podia tirá-la da minha mente. O simples fato de ela fazer parte das lembranças negras do meu passado já servia para me retrain, não caía bem na hora em que nós tínhamos que discutir as coisas — o que vinha acontecendo com frequência — e, eu me pegava distraído. Preso entre a constante raiva e ao desejo, sentimento novo que crescia dentro de mim. A equipe do projeto já estava completa e isso de certa forma deveria servir para aliviar minha tensão, porque significaria que eu me veria livre dos embates rotineiros com Luna, mas isso não aconteceu. Tornei-me refém do maldito incômodo

do ciúme, porque comecei a perceber o excelente entrosamento entre ela e o Daniel Garcia, um dos engenheiros. Toda vez que ele concordava com algo que ela dizia, eu precisa pedir para que ela repetisse, porque eu não conseguia me concentrar, e isso estava se infiltrando em minha mente como um veneno.

— Posso entrar? — Pisquei para dispersar meus pensamentos quando escutei a voz de Alejandro. Ele sorria para mim, enquanto entrava em minha sala, fechando a porta atrás de si.

Ajeitei o corpo em minha poltrona, tentando disfarçar a tensão.

— Os últimos dias estão corridos — comentou, dando alguns passos até minha mesa. — Mas eu gostaria de saber como anda o seu projeto com a Luna. Vocês estão se dando bem?

Deixei escapar uma risada incrédula.

— Por que me daria bem com a mulher que constantemente me lembra da traição do nosso pai?

— Mas não foi ela quem dormiu com ele — revidou, sério. Em seguida, tomou uma das

poltronas. — Eu pensei que isso pudesse ficar claro com o tempo, considerando que ambos são adultos agora. Uma coisa não tem nada a ver com a outra, David.

Suspirei.

— O que quer? Na verdade, nada desse inferno estaria acontecendo se você e Hugo não tivessem concordado, seus traidores — ralhei, fazendo-o sorrir.

— Como está o andamento? — indagou sem se preocupar em ignorar meu comentário.

Me joguei para trás, analisando sua pergunta. Todo o peso dos últimos dias recaiu sobre mim naquele instante.

— Honestamente, além da pessoa que está executando o projeto junto comigo, há algo que está me incomodando e isso vem dificultando as coisas para mim.

— Como assim?

— Um dos engenheiros vem demonstrando certo interesse em uma das mulheres da equipe e isso está desvirtuando o foco. Não está sendo produtivo.

Alejandro analisou minhas palavras.

— Bom, então o demita. Tenho certeza que tem muita gente querendo trabalhar nesse projeto.

— Esse é o problema. O cara é qualificado.

— Dessa forma, eu posso assumir que o alvo de interesse dele seja a Luna, então?

Havia um sorriso divertido despontando de seus lábios. A insinuação estava ali, vibrando por trás de suas palavras.

— Eu não sou cego, Alê. Ela é uma mulher bastante bonita.

E gostosa...

— E isso está complicando seus planos?

Franzi a testa.

— Meus planos?

Ele se inclinou, apoiando os braços sobre o tampo da mesa de vidro.

— Seus planos de mantê-la afastada — respondeu, exalando um ar de satisfação. Como se tivesse acabado de descobrir a cura para o câncer.

Meu coração deu uma ridícula acelerada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sei aonde você quer chegar com essa baboseira — resmunguei, incomodado. — Minha reclamação é apenas sobre o fato de ela ter se dado muito bem com o Daniel, mas comigo tem essa casca fria quando precisa me abordar. — Esfreguei o rosto, frustrado. — O projeto é nosso, porra!

— Você conversou com ela?

— Sobre o quê? — perguntei.

— Luna está conosco há pouco mais de três meses, David. Você alguma vez parou para conversar com ela sobre a maneira que você se sente em relação ao que aconteceu com nossos pais? Eu suponho que você deva ter curiosidade para ouvir o lado dela também.

— Não, eu nunca conversei com ela a respeito disso. Mas também não tenho interesse.

Alejandro permaneceu calado, mas me encarou, sério.

— É por isso que ela não se sente a vontade com você, porque você não a respeita. A primeira impressão que você deixou é de um homem arrogante e mimado — disse ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não é como se eu estivesse tentando conquistá-la, Alejandro — comentei, estressado com o rumo da conversa. — Não confunda as coisas, irmão.

Alejandro se ergueu, sorrindo, enquanto balançava a cabeça. Seu olhar me dizia o quanto eu estava perdido em minha própria teia de engano.

— Acho que não sou eu quem está confundindo as coisas aqui, David. Eu só espero que você consiga abrir os olhos a tempo.

Dizendo isso, ele se despediu de mim alegando que tinha uma reunião dentro de poucos minutos.

Com isso, a porta da minha sala se fechou e, eu fui deixado com meus próprios pensamentos. Servi-me com uma taça de Hennessy XO, e em pouco tempo, eu me encontrei a caminho do andar inferior do prédio da empresa. Se eu estava ansiando que as coisas voltassem a entrar nos trilhos, então eu precisava me afundar naquele maldito projeto e finalizá-lo.

Somente assim, me livraria da sufocante presença de Luna.

PERIGOSAS ACHERON

No momento em que pisei no 10º andar, fui direto para a sala de conferência, no final do corredor.

— O produto é destinado para equipar veículos para o mercado nacional, Daniel. Não existem requisitos para outros mercados.

— Há, porém, a oportunidade de adaptar o mesmo projeto para outros veículos do mesmo cliente e para outros clientes — ele contrapôs.

— Acho que isso precisaria da minha aprovação, não? — me intrometi, enquanto entrava na sala. Os dois estavam sozinhos e esse detalhe me deixou inquieto.

— Sim. Uma vez que você der a aprovação, poderemos pensar em algo futuro.

— Mal teremos tempo para finalizar o projeto para os chineses, como pode estar pensando em um projeto futuro?

— Um desenvolvimento dessa magnitude exige no mínimo uns doze meses de dedicação, contendo uma equipe das áreas específicas. Só as ferramentas de estamparia deste porte ou a célula de montagem

podem levar quase seis meses até a aprovação final.

— Diga-me algo que eu não sei — falei, sem esconder a rispidez. — Hui Ying estipulou um prazo curtíssimo.

— O prazo mudou para dez meses — ele disse. — Apesar de ainda continuar sendo um prazo crítico, acredito que conseguiremos o objetivo final.

Meu rosto transpareceu o meu choque.

— Como conseguiu isso?

— Eu não, mas Luna. Ela é uma brilhante negociadora.

Levei meus olhos para ela, que exalava um sorriso tímido enquanto Daniel disparava elogios.

— Vocês parecem trabalhar muito bem juntos, como uma boa dupla — Sorri, fingido. Notei como os olhos dele brilharam como os de um predador.

— E trabalhamos. Quando dois colegas de trabalho funcionam bem juntos, eles têm uma tendência a serem mais compreensivos um com o outro — ele disse.

Puxei uma das cadeiras e, em seguida, me sentei, ignorando os disparos do maldito ciúme em meu cérebro.

— Bem, podemos começar? O que já temos?

Ao final do expediente da manhã, Luna se levantou e rapidamente deixou a sala. Apressei-me em segui-la e a chamei pouco antes de ela pegar o elevador. Havia um sorriso nos seus lábios, que eu lentamente vi desaparecer quando ela me viu. O brilho de seus olhos se desvaneceu.

— O que você quer, David? Está me fazendo perder o tempo do meu almoço.

Limpei a garganta antes de começar a falar:

— Na verdade, há algumas coisas importantes que eu sinto que precisam ser discutidas entre nós. Eu queria saber se você me permite levá-la para almoçar.

— Sendo honesta? Eu não quero. Desde que você estabeleceu essa muralha em nosso relacionamento, eu ficava me torturando emocionalmente; sentindo-me culpada por fazê-lo

PERIGOSAS ACHERON

sofrer com minha simples presença. Agora? Não faço mais questão de ser sua amiga, David.

— Acredito que você não entendeu o meu pedido.

— Entendi perfeitamente. Você está buscando um relacionamento mais dinâmico entre nós no quesito profissional e, eu concordo. Apenas não vejo motivos para aceitar um almoço para conversar sobre o assunto, quando poderíamos simplesmente esconder todas as nossas implicações para nós mesmos e focar no profissionalismo.

Apertei minha mandíbula enquanto tentava acalmar minhas emoções turbulentas.

— Luna, eu acredito...

— O que você realmente quer, David?

Enfiei profundamente minhas mãos em meus bolsos enquanto as palavras de Alejandro tocavam fortemente em meus ouvidos. Eu tinha que tentar conhecê-la para podermos começar a ter uma relação de negócios positiva.

— Eu quero conversar — foi tudo que consegui dizer.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela suspirou e beliscou a pontinha do nariz. Depois disso, seguiu até o elevador.

— David?

— Sim?

— Se você estiver livre hoje à noite, talvez pudéssemos ir a uma exposição de carros antigos que acontecerá no *ClassicAuto* e tentar conversar como dois adultos.

Arqueei minhas sobrancelhas, pego desprevenido.

— Você está me convidando para sair, senhorita Luna?

— Bem, considerando que você está visivelmente tentando um acordo de paz, então sim, eu estou te convidando — respondeu me oferecendo um sorriso lindo.

As portas do elevador se abriram e ela entrou, mas parou no caminho.

— Vai descer?

Um calor inundou meu corpo quando lembranças de um passado não tão distante

PERIGOSAS ACHERON

ricochetearam minha mente; um emaranhado de mãos, beijos quentes e molhados, gemidos deliciosos que ainda me atormentavam...

— Eu pegarei o próximo — respondi, encarando-a com os olhos quentes. Rapidamente seu rosto ganhou uma cor rosada, piorando meu estado crítico de excitação. — Não quero correr o risco de encurralar você, baby.

— Por que faria isso? — perguntou sem fôlego.

Porque desde que provei de você, meu corpo não pensa em outra coisa a não ser enterrar meu pau em você e fodê-la até o esquecimento...

— Vejo você mais tarde, senhorita Luna — Dessa vez, eu não consegui esconder meu sorriso.



David González

Parei o carro na frente da casa de Luna por volta das sete da noite. Ela tinha me enviado a localização através de mensagem, entretanto meu motorista saberia me dizer, uma vez que, ele tinha estado ali semanas atrás.

Ela estava me esperando no portão quando eu cheguei, e no momento que entrou no carro, eu não conseguia tirar os olhos dela. Tive que admitir, ela estava deslumbrante. Como no inferno existia uma mulher tão linda assim? Suas longas pernas iam para uma cintura apertada, envolvida com uma saia lilás, antes de crescer em peitos firmes, cobertos sutilmente com uma blusa de alças largas.

— Boa noite — ela saldou em sua voz
PERIGOSAS ACHERON

melodiosa.

Seu perfume invadiu minhas narinas e ignorei o desejo de inspirar fortemente, ou correria o risco de puxá-la contra mim para morder sua pele clara.

— Boa noite, Luna. Você está linda.

Ela franziu o cenho, mas não disse nada. Eu podia jurar que ela estava desconfiada da situação.

Arranquei com o carro e assim que pegamos a pista, eu decidi iniciar um diálogo para quebrar o clima tenso.

— Você costuma ir a essas exposições com frequência?

— Sim. Os carros antigos que participam desses eventos são de alto nível, e de uma variedade de modelos e anos que encham os olhos — respondeu sorrindo.

— Vejo que você realmente é uma apaixonada por carros.

— Ah, eu sou sim. Cansei de ouvir que deveria ter nascido homem — voltou a rir. — Minhas amigas compram bolsas, mas eu prefiro carros.

Olhei de soslaio para ela.

— Qual seu tipo de veículo preferido?

— Não gosto dos utilitários-esportivos, porque eles têm cara de mãe e, eu não sou mãe. Sou fã da Mercedes-Benz e recentemente adquiri o Lamborghini Aventador.

Não me surpreendi, uma vez que, ela recentemente tinha herdado uma fortuna da avó. Então certamente tinha condições de se presentear com quantas Lamborghinis, ela quisesse.

— Também sou fascinado pelo som do motor do modelo desse carro, 2.0 turbo.

— Sim — falou com entusiasmo. — 360 cv.

Me peguei sorrindo, estranhamente encantado por conhecer aquele lado da vida dela. Nunca tinha conhecido uma mulher que compartilhasse de um assunto tão comumente discutido entre homens.

Continuamos aquela conversa pelos próximos minutos do trajeto.

Assim que chegamos ao salão internacional do ClassicAuto, os olhos de Luna brilharam conforme íamos avistando a infinidade de veículos; eu apenas

PERIGOSAS ACHERON

caminhava ao seu lado, calmo e paciente, mas sorrindo de seus comentários inteligentes e espirituosos.

— Oh, meu Deus, David, essa é basicamente uma joia dos clássicos de Madrid, um Hispano-Suiza T30E, de 1922 — ela exclamou, quando chegamos a uma área especial da exposição.

— Você conhece a história dele? — questionei, esquadrinhando o lindo veículo, com ela.

Ela me encarou como se eu fosse louco.

— *Tá* brincando? A fábrica Hispano Suiza de Segrera, em Barcelona, o construiu em 1922, com o objetivo de bater o recorde de grandes corridas em custos que foram realizadas na época por toda a geografia espanhola: Rabassada, Guadarrama, Navacerrada, Montjuïc, entre outros; como fez a famosa "Sardinha" hispânica em sua bem sucedida campanha de 1914. — Ela pegou seu celular e começou a tirar fotos da relíquia. — Há evidências de que o Hispano T30E foi o vencedor de sua categoria na corrida das Matas (Mataró) em julho de 1922, mas sua participação na encosta da Rabassada não foi registrada. Seu destino é PERIGOSAS ACHERON

desconhecido até os anos 60, quando seus restos em péssima condição foram adquiridos pelo conhecido colecionador e amante do Hispano, Don Francisco de la Rocha. Após sua morte, ele passou por outros dois proprietários. Em maio de 2007, o historiador da marca, Emilio Polo, conseguiu identificar os restos como pertencente ao carro de corrida famoso e desaparecido; suas observações foram verificadas e endossadas por cinco renomados especialistas, antes do trabalho de restauração ser iniciado.

— A reconstrução do Hispano T30E foi longa e meticulosa, dado o seu enorme interesse, uma vez que, é o único oficial hispânico de competição que sobreviveu. Hoje não sabemos de nenhum outro. Sua apresentação oficial aconteceu no concurso do Castelo de Windsor, realizado em setembro de 2016 — falei, e ela me olhou, surpresa.

— Ah, você também conhece.

— É uma poderosa mecânica em um chassi leve.
— Dei de ombros. — Não nego que é algo que me fascina.

— Realmente.

Olhei para ela e a encontrei me estudando de perto. Eu poderia dizer que ela estava me lendo, ou, pelo menos tentando. Parte de mim estava interessada nas conclusões que ela já tinha tirado.

Depois de um longo tempo, convidei-a para comer alguma coisa.

— Eu não estou com fome, mas adoraria tomar um sorvete — disse.

Assenti e, minutos mais tarde, estávamos saboreando um sorvete numa das praças movimentadas de Madrid. A noite estava linda e estrelada.

— Não me lembro da última vez que parei para tomar um sorvete — confessei e ela me olhou, incrédula. — A rotina dos negócios, por vezes, me faz esquecer as coisas simples da vida.

Luna ergueu aqueles olhos intensos para mim, prendendo-me em sua teia de significados.

— David, já que deixamos a conversa séria fora do caminho, eu gostaria de lhe contar um pouco da minha história — ela disse.

— E, eu realmente gostaria de ouvir o seu lado

PERIGOSAS ACHERON

das coisas.

Ela assentiu, agradecida por finalmente ter minha atenção para aquele assunto.

— Eu tinha doze anos quando seu pai entrou na vida da minha mãe — disse. — Não conhecia a história dele fora das portas da minha casa, o que eu sabia apenas era que ele fazia minha mãe feliz e que me trazia doces.

— Você era comprada com doces?

— Eu era uma criança, David — retrucou, impaciente. — Uma menina desesperada por afeto e atenção de uma figura masculina, tudo o que seu pai estava disposto a oferecer para mim e para minha mãe.

— Mas sua mãe sabia que ele era casado.

— Ela sempre soube sim, mas decidiu ignorar esse detalhe pelo simples fato de não querer perder as poucas horas de carinho e cuidado que recebia depois de anos de solidão e tormento.

— Você acha que essa desculpa justifica o peso da dor que isso causou na minha família?

Por uma fração de segundo, vi um fogo cruzar os

PERIGOSAS ACHERON

seus olhos. O fogo e o gelo que eu tinha presenciado em sua voz e experimentado de sua personalidade nas últimas semanas.

— Não estou tentando justificar as atitudes da minha mãe, David. Mas quero que entenda que realmente amamos o seu pai, mesmo que as circunstâncias não houvessem sido honrosas.

Eu soltei um suspiro frustrado. Em seguida, ambos continuamos a saborear nossos sorvetes, mas em silêncio.

Minha mente estava fervilhando, tentando encontrar motivos para continuar odiando aquela bela mulher diante de mim, mas na verdade isso era ridículo. Luna Ramires era apenas uma vítima, assim como eu.

Por que julgá-la por ter se deleitado com uma porção de amor?

— Eu sinto muito por tê-la ferido ou ter te deixado com sentimentos ruins a meu respeito.

— Você está me pedindo desculpa, senhor González?

— Se você contar isso aos meus irmãos, eu vou

negar até a morte — eu disse, sorrindo.

Foi a primeira vez que a ouvi rir de verdade. Bem, desde que tínhamos estabelecido uma oferta de paz.

— Você e seus irmãos possuem uma relação muito bonita. Gosto disso.

— Somos muito unidos — falei, enquanto depositava meu guardanapo no cesto de lixo. — Você não possui parentes?

— Não.

Algo no seu tom de voz me fez olhá-la; percebi que ela tinha ficado tensa de repente, mas decidi ignorar essa impressão.

Levantando-se do banco, ela também depositou os resquícios na cesta de lixo. Nossos corpos se encontraram. Como que sendo dominado pelo efeito de um ímã, eu não controlei meus instintos e logo estava com o braço em torno de sua cintura fina. Eu tinha passado longas horas desejando inspirar seu doce aroma de pêssego de perto.

O peito de Luna subia e descia evidenciando seu estado de nervosismo, equiparando-se ao meu.

PERIGOSAS NACIONAIS

Podia sentir suas mãos apertando meus braços.

— David... — soprou, desviando os olhos para meus lábios entreabertos.

— Você ainda se lembra das carícias que trocamos naquele elevador?

Olhei em seus olhos e, eu poderia afirmar que sua confiança de horas atrás, tinha desvanecido. Foi-se a mulher brincalhona e, em seu lugar, estava uma mulher vulnerável e acuada.

— Porra, a maneira como você me beijou foi simplesmente...

— Mágica? — ela me cortou, igualmente ofegante.

Eu assisti seus dedos deslizarem por meus lábios, hipnotizada, como se estivesse recordando da mais linda das memórias.

— Sou atormentado dia e noite com as nossas lembranças, Luna, e isso está me deixando enlouquecido — confessei.

Minha mão subiu e soltou a presilha do seu cabelo, e vi como ele caiu em seus ombros.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sendo honesto, eu desejo você pra *caralho* e não consigo mais ignorar o que sinto.

Ela arquejou com minhas palavras; sua pele se arrepiou quando deslizei as mãos em seus cabelos firmando sua cabeça no lugar. Meus olhos estavam nela.

Fixos.

Intensos.

Devoradores.

— O que você quer de mim, David? — ela perguntou num tom baixo. Sua voz falha demonstrou que nossa aproximação mexia com ela tanto quanto mexia fortemente comigo.

— Sinceramente? Eu não sei, mas tenho certeza do que estou sentindo nesse momento.

— O que você está sentindo?

Fascinado, eu desenhei seus lindos e doces lábios com meus polegares.

— Uma vontade insana de beijar cada canto do seu corpo e arrastar minha língua pela sua pele. Eu quero sentir o seu sabor, Luna; quero abrir suas

PERIGOSAS ACHERON

dobras com meus dedos e me deleitar com a visão da sua umidade, porque, baby, eu não vou me cansar até deixar sua bocetinha encharcada. — Observei um leve tremor em seus músculos ao ouvir minhas palavras. Audacioso, peguei uma das suas mãos e a levei até meu pau rígido e dolorido. — Meu pau quer estar onde meus dedos estiveram a poucas semanas, Luna; quero foder você. Forte e duro. Com toda a força exigida pelo desejo infernal que estou sentindo por você.

Ela voltou a arquejar. Notei o movimento da sua garganta quando ela engoliu em seco. Seus olhos intensos estavam repletos de luxúria abrasadora.

— Eu estou disposta a sentir tudo aquilo novamente, David, quero voltar a ter suas mãos em mim, só que agora pra valer. — Ao contrário do tremor do seu corpo, sua voz soou firme.

Seus dedos atrevidos apertaram meu pau, sobre a calça, antes de lentamente desliza-los pelo meu peito antes de enrolar as mãos no meu pescoço. Eu podia sentir a suavidade de sua pele contra a minha, a forma como seu calor irradiava duramente de seu corpo. Eu podia senti-la tremendo levemente, as

inseguranças ainda derramando enquanto ela tentava encobrir com sua fachada forte.

Eu arrastei uma mão até a altura do seu quadril para puxá-la mais perto enquanto com a outra mão firmava sua cabeça e olhava profundamente em seus olhos. Diante de todas as dúvidas rondando minha mente, havia apenas uma certeza: eu desejava ardentemente aquela mulher em meus braços e isso não podia mais ser negado.

E seus gemidos inundaram o silêncio daquela noite enquanto minhas mãos pressionavam seu corpo no meu, até finalmente me abaixar para conectar nossos lábios num beijo que tanto ansiávamos depois de tanto tempo.

Nove

Luna

Ramires

A todo o momento, eu tentava convencer meu cérebro sobre a loucura que estava prestes a cometer depois que aceitei o convite para acompanhar David até um hotel. Transar com ele não estava nos meus planos quando saí de casa, horas atrás; embora estivesse desejando aquilo secretamente. Eu estava em chamas, mas o receio gritava por todos os meus poros. O que aconteceria depois que essa nuvem de luxúria se dissipasse? Como ele reagiria depois que saciássemos o desejo?

Entretanto, todos os meus temores foram ficando

pelo caminho, deixando espaço apenas para aquele desejo intenso que se estabeleceu entre nós como um câncer enraizado, com a força de um tsunami.

David caminhou comigo para fora do elevador e assisti o momento em que ele abriu a porta de uma linda cobertura luxuosa. Assim que entramos, eu me virei para ele e o peguei com as mãos nos bolsos, estudando cada polegada de mim. Era mais do que óbvio que estávamos confusos com nossos próprios sentimentos; confusos com o rumo que aquela noite estava tomando, embora eu não me sentisse arrependida de ter aceitado seu convite para estar ali com ele.

— Quer desistir? — ele perguntou, rouco, dando alguns passos até mim. Não me mexi. — Se quiser ir, o momento é agora...

— Luna — soprei. — Me chame pelo meu nome, David. Gosto de como meu nome soa através dos seus lábios.

Minha cintura foi laçada por suas mãos poderosas, pressionando meu corpo no seu.

— Luna — ele sussurrou e o tom de sua voz

enviou um caminho de eletricidade ao meu baixo ventre. Era extremamente prazerosa a maneira como meu nome enrolava-se em sua língua.

Quando ele me beijou pela segunda vez naquela noite, eu me senti sendo arrebatada para outra dimensão. Seu toque era eletrizante, torrando cada parte racional do meu cérebro, enquanto seus lábios me devoravam. Girei minhas mãos nos fios sedosos de seus cabelos, sentindo as suas acariciarem minhas costas. Meu corpo ansiava por ele, ansiava pela maneira como ele me fez sentir naquele elevador. Terminei o beijo com cada um de nós ofegando por ar.

— Eu não quero ir embora — falei. — Nesta noite, eu quero ficar com você, David.

Com os olhos brilhando, ele recuou um passo e pegou na minha mão, me guiando pelo apartamento. Apesar de não sentir falta da extravagância do luxo, eu preferia que ele tivesse me levado para sua casa.

Uma vez no quarto, ele parou no meio do cômodo e lentamente retirou minhas roupas. A delicadeza de seus gestos contradizia com a

PERIGOSAS ACHERON

ferocidade em seus olhos, eu podia ver o quanto ele estava se segurando. Quando ele começou a desabotoar a camisa, eu o auxiliei no processo, porque me sentia desesperada para ver seu corpo. Uma vez nu da cintura para cima, eu pude admirar as suas tatuagens; havia uma enorme tribal desenhada, que começava da metade do peito e tomava todo o seu braço esquerdo, depois seguia para sua pélvis; era um formato de chamas de fogo, extremamente sensual. Seus músculos esticaram-se no momento que ele me deitou na cama e não resisti ao desejo de correr minhas unhas no seu peito.

Seus lábios devoraram meu pescoço antes que ele mordiscasse e chupasse o caminho até meus seios. Seus dentes deslizaram sobre meus mamilos, fazendo-me saltar conforme ele se estabelecia entre minhas pernas. Sua língua brincava em minha pele, disparando arrepios através do meu corpo enquanto lentamente seguia para o meu local mais necessitado de atenção.

David ergueu minhas coxas e as depositou em seus ombros, mas de repente, ele pausou os

movimentos e permaneceu encarando o meio das minhas pernas.

Um rubor tomou conta das minhas bochechas.

— Algum problema? — perguntei num silvo.

Ele negou com a cabeça, sem desviar o olhar. Parecia fascinado.

— O único problema vai ser conseguir ficar longe dessa sua boceta, Luna — disse ele, sem fôlego. — Além de linda, ela está extremamente molhada e, eu...

Ele se calou, engasgando. Em seguida, abaixou a cabeça e deu uma extensa lambida na minha vagina, levando junto de sua língua a umidade acumulada. Suas mãos seguraram meus quadris na cama, enquanto minhas pernas enrolavam-se em seu pescoço. Sua língua mergulhou dentro de mim, me transportando para níveis inimagináveis de prazer; David brincava com meu clitóris inchado, chupando e pressionando a língua conforme minhas costas arqueavam e, eu me empurrava um pouco mais contra sua boca gulosa. Eu podia sentir sua selvageria, suas enormes mãos marcando meu

PERIGOSAS NACIONAIS

corpo enquanto tentava me manter exatamente onde ele queria.

O fogo que começou a se alastrar por minhas veias por um momento me fez perder o ar, e meus lábios sussurraram o seu nome enquanto me vi sendo arrastada pelo tsunami do êxtase.

Girei os quadris contra seu rosto, tomada por espasmos involuntários. Eu me contraía com cada lambida insistente, e sacudia com cada sucção, deleitando-me com seus gemidos apreciativos na minha boceta. Levei as mãos aos seus cabelos, puxando os fios.

— David! Oh, meu Deus...

Minhas costas arquearam para fora do colchão, moendo os lençóis com meus punhos quando minhas pernas contraíram e meus músculos tremeram. Eu senti como se estivesse flutuando e afundando num mar revolto, sendo arrastada de um lado para o outro pela furiosa língua do David que me levava a um dos melhores orgasmos da minha vida.

Eu caí na cama, esparramada, tentando me

PERIGOSAS ACHERON

lembrar de como respirar. Suor pingava da minha testa.

E, então, voltei a encontrar seu rosto acima do meu.

— Sua boceta tem um gosto viciante, sabia? Eu poderia ficar com a cabeça entre suas pernas o resto da noite, mas preciso desesperadamente me enterrar em você.

Afastando meus cabelos grudados, David se inclinou e me beijou. Meu gosto estava na sua língua e isso tornou a sensação do proibido entre nós, mais acentuada.

Minhas mãos desceram por suas costas e encontraram seu traseiro. Desesperada por um contato maior, eu forcei a única peça que restringia meu desejo. David me ajudou no processo, mas depois se afastou por um instante, apenas para colocar uma camisinha. Logo pude sentir a pressão do seu membro rígido e latejante contra meu clitóris sensível.

Então, ele levantou meus quadris, em seguida, jogou minhas pernas novamente em seus ombros,

para me penetrar lentamente. Seus olhos não deixaram os meus conforme forçava sua grossura em minha entrada, mergulhando nas minhas profundezas. Naquele momento, percebi que David González tinha me arruinado para qualquer outro homem. Eu jamais seria capaz de me esquecer daquela noite.

Seu pênis se afundou em mim até o talo, e ambos gememos.

Eu estava preenchida.

Completa.

— Puta que pariu, Luna! — ele rosnou entre dentes, fechando os olhos por alguns instantes. — O que você...

Ele colocou as mãos ao lado do meu rosto, e permanecemos com nossos olhos conectados. Eu não tinha forças para me mover e isso parecia estar acontecendo com David também.

— Você é como uma maldita feiticeira — sussurrou, num misto de fúria e excitação.

O suor escorria do seu rosto quando ele começou a bombear. Suas bolas batiam na minha bunda,

enquanto seus quadris batiam nos meus. No momento que deixei meus gemidos livres, ele capturou meus lábios mais uma vez, engolindo minhas lamúrias. Seu pau pulsava em minhas paredes internas, crescendo mais do que achei ser possível conforme meu corpo tremia por ele. Por mais.

Em determinado momento, David se retirou completamente, e então começou a esfregar-se em meu clitóris, fazendo pressão calculada apenas para me enlouquecer. Cada vez que eu levava meu quadril de encontro ao dele, ele não permitia e, eu o sentia sorrir do meu desespero.

— Porra, David, pare de me torturar — reclamei, resfolegando.

Tão desesperado quando eu, ele voltou a me penetrar e me castigou com seus impulsos violentos. Os sons de nossos corpos se chocando e dos nossos gemidos eram os únicos que ouvíamos naquele quarto.

Seus suspiros ofegantes se transformaram em baixos grunhidos e seu rosto escondia-se na dobra do meu pescoço enquanto ele massacrava meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

corpo com suas estocadas ferozes. Ele bateu os quadris em mim, balançando a cama conforme meus seios saltaram contra o seu peito forte e esculpido. Nosso suor se misturou quando nossos corpos se encharcaram naquele emaranhado de mãos e, eu senti novamente aquela queimação crescendo no meu baixo ventre.

— *Carajo*, Luna! Aperte meu pau com essa sua boceta gulosa dos infernos!

De olhos fechados, meu corpo se preparou para voltar a cair em queda livre.

— Estou indo, David... oh, céus, eu vou gozar...

— Isso, baby, deixe vir...

E, de repente, meus músculos pélvicos começaram a massagear seu pau, puxando-o mais profundo em meu corpo. Eu podia sentir o aperto que tinha sobre ele conforme seus dentes afundavam em minha pele, e tremi com a constatação de que estaria marcada pela manhã. Seus quadris sacudiram antes de descansar dentro de mim, enchendo-me com seu esperma quente antes de seu corpo desabar sobre o meu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minhas pernas deslizaram de seus ombros pouco antes de seu corpo cair sobre o meu, e nós dois descansamos um no outro, tentando recuperar o fôlego.

Eu o senti deslizar por entre minhas pernas antes de tropeçar em direção ao banheiro.

Ainda me sentia anestesiada quando ele retornou, ajoelhando-se diante de mim. Em seguida, gentilmente me limpou.

— A camisinha estourou — ele disse, tenso.

Saí do meu estado de estupor em questão de segundos e pisquei, alarmada.

Meu coração, recém calmo, voltou a acelerar, só que dessa vez de puro pânico.

Deslizei o corpo pelos lençóis, afastando-me de seu toque.

— O que eu fiz? Acabei de me deleitar com o pau do cara que jurei jamais me envolver, e a porra da camisinha ainda estoura? É muita sacanagem.

Eu falava comigo mesma, sendo sufocada pelos meus próprios temores.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Perderia tudo. A reputação que eu vinha construindo com tanto esforço iria por água a baixo.

— Ei, ei? — David me impediu de sair da cama.
— Pare com isso, está tudo bem.

— Não, David, não está tudo bem. Eu não conheço você e nem você me conhece. Sendo assim, ambos corremos riscos aqui.

Vi um leve franzir na sua testa.

— Isso nunca aconteceu comigo, Luna, e eu sempre uso camisinha — defendeu-se. — Você pode confiar em mim. Jamais colocaria você em riscos.

— Não sei se posso confiar num cara que até ontem me chamava de bastarda.

— Mas hoje a chamei pelo nome... — seu corpo voltou a se aconchegar no meu, seus enormes braços me enjaulando contra ele e o colchão —, sussurrei diversas sacanagens no seu ouvido; falei o quanto você é linda e gostosa... e não menti em nenhum momento, Luna.

— Mas...

PERIGOSAS ACHERON

Ele me interrompeu:

— Amanhã, nós compramos a pílula do dia seguinte para você tomar — disse, forçando meu olhar. Seus olhos estavam como chamas, queimando não somente minha pele, mas minha alma também.

Eu quis retrucar, mas não tive forças. David me roubou de mim mesma naquele momento e temi pelo meu futuro ao lado dele.



Luna Ramires

Na manhã seguinte, acordei de uma noite intensa de sexo, mas ao contrário do que imaginei que aconteceria, eu estava completamente sozinha.

Eu não deveria ter me chocado por não ter encontrado o David na cama, mas foi impossível. Suas roupas tinham desaparecido, e tudo o que restou foi o seu cheiro nos lençóis. Eu senti aquela sensação de vazio na boca do estômago, antes da decepção começar a borbulhar na minha mente. Eu dormi com pensamentos sobre ele durante toda a noite, mas naquele momento me perguntava se tudo não tivesse passado de uma vingança sórdida contra mim. Ou talvez tivéssemos cruzado uma fronteira e ele não estivesse tão confortável com isso.

Merda, o que aconteceu com minha mente na noite passada?

Os olhos dele me bateram duro através da minha mente e senti o desejo de chorar. Eu sabia que era tão ruim quanto parecia no momento que abri meus olhos e não o encontrei ao meu lado. Ninguém precisava me dizer isso. O fato de David ter me abandonado significava que ele pensava ter cometido um erro.

E esse erro era eu.

Sentindo-me humilhada, eu arrastei meu traseiro nu para fora da cama e me encaminhei até a suíte. Por um lado, estava aliviada por não ter de encarar o David, uma vez que, tudo aconteceu muito rápido e me culpava por ter me permitido levar tão facilmente por aqueles olhos sedutores; mas por outro, eu ansiava ter acordado em seus braços, porque os momentos que compartilhamos eram algo que eu jamais iria esquecer.

Eu estava sob a água quente, e me deixei levar. Eu não conseguia parar de pensar em David, e em como ele amou meu corpo na noite passada. Tornei-me vulnerável, e agora lamentava por ter

PERIGOSAS ACHERON

feito isso; não deveria ter cedido aos meus desejos.

Eu me vesti com a mesma roupa da noite anterior, preendi meus longos cabelos no alto da cabeça, e me dirigi para fora daquele quarto. Não conseguia afastar do peito aquela sensação de estupidez, a agonizante onda de arrependimento tomando conta dos meus poros, conforme trilhava o corredor daquele apartamento.

Enquanto eu passava pelo espaço da sala de estar em direção a porta de saída, algo chamou a atenção dos meus olhos; havia um pequeno pedaço de papel sobre um aparador. Aproximando-me, eu pude ler claramente o rabisco da letra masculina.

“Luna, espero que tenha dormido bem. Sinto muito não ter estado ao seu lado quando acordou, mas eu realmente quis nos poupar desse constrangimento. Se precisar do dinheiro para o táxi, fale com o porteiro.”

Uma maldita lágrima escapou, deslizando por meu rosto enquanto descontava toda a minha fúria naquele papel, rasgando-o em incontáveis pedaços. Ele conseguiu me fazer sentir ainda mais patética.

Ali, no meio daquela sala, fechei os olhos enquanto minha memória me levava para os momentos quentes que compartilhamos há apenas algumas horas; houve uma conexão única entre nós dois, como se houvesse tido uma pequena ruptura na barreira imposta, pelo menos eu pensava que sim. Caminhei com lágrimas nos olhos até a saída, tentando bloquear da mente tudo que me lembrasse o quão idiota havia sido.

Não fazia muito tempo depois que mandei uma mensagem de texto para Blue, quando fui surpreendida por uma batida na minha porta.

— Luna, você está aí? — ouvi sua voz, enquanto ela batia na madeira. Me levantei do sofá, onde estava enrolada nas cobertas assistindo a um programa de televisão qualquer, e cambaleei para abrir a porta.

— Já estava cogitando a ideia de arrombar. — Ela colocou os braços em volta do meu corpo, e me abraçou apertado. Fiz sinal para que entrasse e, ela caminhou para dentro. — Eu trouxe sorvete de

chocolate, achei que você gostaria disso.

Seu sorriso aberto se desvaneceu completamente quando passei por ela seguindo novamente para meu sofá, onde voltei a me enrolar nas cobertas. Blue suspirou profundamente quando me seguiu e se sentou ao meu lado.

— Quer conversar sobre o que aconteceu ontem à noite? O que o irmão mau fez dessa vez para te deixar nesse estado?

Levantei a cabeça dos meus braços.

— Eu transei com ele.

Blue engasgou com a própria saliva e passou trabalho para restabelecer a respiração. Seus olhos arregalados demonstravam todo o seu espanto diante da minha revelação abrupta. Eu tinha deixado claro para ela, na mensagem de texto, que algo ruim tinha acontecido, mas não especifiquei nada.

— Você foi pra cama com aquele cara? Enlouqueceu? Por acaso usou alguma droga?

Rolei os olhos diante da sua dramatização exagerada.

— Blue, ontem à noite, David me mostrou um lado de sua personalidade que eu até então não conhecia; nós conversamos bastante, depois ele me levou para tomar sorvete e quando percebi, já estava nos braços dele, completamente perdida. O mais estranho é que ele pareceu ter sentido algo diferente também, mas quando acordei de manhã, eu estava sozinha no quarto.

— O canalha transou com você a noite toda e teve a coragem de te abandonar sozinha de manhã?

Meus olhos pinicaram com novas lágrimas.

— Ouvindo você falar em voz alta me faz enxergar o quanto fui uma estúpida.

Blue se levantou e foi para a cozinha, retornando com duas colheres e o tal pote de sorvete.

— Olha, Luna, esse cara é um babaca, e eu sinto muito que você tenha se deixado levar por ele dessa forma. Mas você precisa começar a pensar além dessa família González, entende? Desde que você começou a trabalhar com esses irmãos, você vive sob pressão — disse ela, depositando o pote de sorvete em meu colo. — Sequer parou para pensar

no próprio futuro. Porra, Luna, você herdou uma fortuna da sua avó, por que não faz uma viagem? Talvez você encontre alguns homens quentes por esse mundão a fora — insinuou.

Eu sorri levemente, mais pela sua tentativa em me fazer melhorar o ânimo.

— Eu não posso abandonar o que eu já comecei, Blue. Além do mais, aprendi a gostar daquele ambiente. — Afundei a colher no sorvete e, em seguida, levei até minha boca.

— Mas agora as coisas mudaram, Luna. Você deu a boceta para o irmão mau. Você literalmente confraternizou com o inimigo — disse, fazendo-me ruborizar.

Uma coisa sobre Blue Evy, além de sua aparência exuberante e seu caráter incontestável, ela não tinha qualquer filtro na língua e não se importava com quem tivesse que mandar se foder.

— Meu Deus, Blue, que maneira chula de falar — resmunguei, sacudindo a cabeça num gesto de repreensão.

— Não falei nenhuma mentira, oras — disse,

PERIGOSAS NACIONAIS

irritada. — Você por acaso bebeu? Até agora não consegui entender o que levou você a transar com ele.

Peguei mais uma porção de sorvete.

— Desde o meu primeiro dia, ele deixou mais do que claro que faria da minha vida, dentro da empresa, um inferno. Entretanto, algo aconteceu semanas atrás. E isso mudou tudo. Ao menos para mim.

— Como assim? O que aconteceu?

— Houve uma falha no elevador e nós dois acabamos ficando presos — expliquei, nervosa com as lembranças. — Você, mais do que ninguém, sabe do meu pânico em ficar em lugares fechados, então deve imaginar que eu comecei a surtar.

— Puta que pariu, Luna! Por que não me disse isso?

Inspirei e expirei.

— Eu não quis preocupá-la. — Suspirei. — Na ocasião, David me agarrou...

Ela me cortou, apavorada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O quê? O crápula forçou você? — sua voz subiu duas oitavas, enquanto seus olhos se arregalavam.

— Não. Claro que não — falei mais do que depressa. — Ele me pegou desprevenida, mas sou honesta em afirmar que foi uma surpresa boa, porque acabei me esquecendo de todo o meu pânico e me concentrei somente nas sensações que o toque dele estava causando em mim.

— Oh, meu Deus, Luna... — Blue parecia chocada, cobrindo a boca com uma das mãos.

— O maior problema nem foi o que aconteceu conosco em si, sabe? Mas o que causou dentro de mim.

— Não ouse se apaixonar por ele — rosnou num tom alarmado.

Franzi o cenho, em seguida, mirei o pote de sorvete.

— Não sei o que estou sentindo, na verdade. Estou confusa — pausei. — Os momentos que compartilhei com ele ontem foram... — fechei os olhos, encontrando-o nas minhas lembranças —,

PERIGOSAS ACHERON

mas então recebi um banho de água fria pela manhã quando me encontrei completamente sozinha. Usada. Descartada.

— O que está pensando em fazer? Eu opto pela sua saída da empresa imediatamente, uma vez que, só recebe humilhações dessa família. Como vai ser agora que você transou com um deles? É óbvio que ele vai usar isso contra você, Luna, para sujar sua reputação.

Engoli em seco, absorvendo suas palavras.

— Eu ainda não pensei sobre isso — falei com sinceridade.

— Você é muito boa, Luna. De tão boa chega a ser boba — ela ralhou.

— Ei! — Bati o punho em seu braço.

— Você pode até querer continuar trabalhando lá, mas a que preço, hein? Até esse homem destruir seu psicológico? Convenhamos que seu histórico de traumas já seja bem abrangente, hun?

Respirei com dificuldade. Blue me conhecia como ninguém; sabia de cada passo da minha trajetória, assim como eu sabia a dela.

Como eu não disse nada, ela me puxou para um abraço forte.

— Não se preocupe — murmurou — Vou dar um jeito nisso.

Arqueei as sobrancelhas, depois a encarei com curiosidade.

— O que quer dizer com isso?

Ela me ofereceu um sorriso travesso.

— Nada. Não estou querendo dizer nada.

Eu deveria ter imaginado que Blue estivesse planejando algo ruim; alguma coisa muito ruim. Mas simplesmente ignorei meus instintos. Parada, na porta da frente do imponente prédio que abrigava a sede da corporação González, eu assistia ao escândalo que minha amiga estava fazendo; a cena absurda que ela estava protagonizando enquanto direcionava toda a sua ira para o irmão errado. Se não fosse pela gravidade da situação, eu até daria risada, considerando a bizarrice.

Blue Evy era uma mulher de estatura baixa e,

PERIGOSAS NACIONAIS

naquele momento, estava com a cabeça erguida para poder encarar Alejandro.

Nervosa, decidi tomar uma atitude para acabar com aquela loucura. Eu amava Blue, mas odiava seu lado protetor, que por vezes, nos colocava em encrencas.

— Você não tem vergonha de tratar uma mulher assim, hun? — ela gritava, apontando o indicador na direção de Alejandro. — Luna é uma garota doce e maravilhosa, não merece ser maltratada por um brutamonte como você.

— Ah, é? E como uma mulher deve ser tratada?

— Educação e respeito em primeiro lugar. Concorda?

Alejandro riu enquanto cruzava os braços.

— Eu concordo. Mas é necessário trabalhar nisso em uma via de mão dupla, não? Você, por exemplo, é extremamente mal educada e grosseira. Toda a sua beleza se perdeu quando abriu a porra da boca!

Blue arregalou os olhos e seu rosto se tornou vermelho, mas certamente era de raiva.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como você...

Segurei-a pelo braço, cortando suas palavras desaforadas.

— Pelo amor de Deus, Blue, o que pensa que está fazendo?

Ela piscou, se esforçando para focar em mim.

— Eu precisava fazer alguma coisa, Luna. Esse cara não podia continuar te humilhando.

Olhei ao redor, para os seguranças, mas Alejandro não deixou eles se aproximarem, o que me deixou confusa, considerando que todo aquele show estaria enfeitando as manchetes sensacionalistas dentro de poucas horas.

— Esse é o Alejandro, sua doida. Você está xingando o irmão errado.

Piscando freneticamente, ela franziu o cenho.

— Então esse é um dos irmãos bons?

— Irmão bom? — Alejandro perguntou, enquanto continuava a encará-la com curiosidade.

— É, eu acho que me considero um bom irmão. Na verdade, eu sou bom em muitas coisas, querida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Blue rangeu os dentes, mas não conseguiu esconder o rubor nas bochechas.

— Para mim, você não passa de um grosseirão! — disse, malcriada. — Não retiro nada do que eu disse, e ainda reitero: Não magoe a Luna, porque ela é minha família e, eu cuido dos meus.

Dizendo isso, ela se voltou para mim e me apertou em seus braços.

— Por favor, me perdoe por isso. Eu amo você.

Em seguida, se afastou, ralhando com alguns dos seguranças que ainda bloqueavam seu caminho. Olhei para o Alejandro a tempo de vê-lo fazer um sinal para desbloquearem a passagem, ele riu quando Blue lhe ofereceu um gesto obsceno com o dedo do meio. Tentei não rir junto, mas foi impossível.

— Alejandro, eu sinto muito por isso — falei, tentando amenizar aquela confusão toda. — Blue tem essa coisa de me proteger e...

— Ela me enfrentou como nenhuma mulher já o fez, Luna — ele me cortou.

Engoli em seco.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sei, me descul...

Ele voltou a me cortar, sorrindo.

— Eu gostei.

Piscou marotamente antes de se afastar.

Balançando a cabeça, sorrindo e ainda desnorteada com o que tinha acabado de acontecer, eu comecei a caminhar para a porta dupla da corporação González, quando de repente algo me fez frear os passos. Um Audi R8 estacionou em frente ao prédio imponente. A porta se abriu, e uma bela mulher saiu e depois veio David, seguindo-a e ajustando a gravata. Meu estômago estava enjoado, e meu coração começou a acelerar de nervoso. Ele olhou e me viu lá a poucos metros de distância. Eu não podia deixá-lo saber a raiva e o ciúme que estava causando em mim naquele momento ao vê-los juntos, então eu forcei um sorriso e acenei. Seu rosto parecia tenso quando me viu. Ele não sorriu de volta, apenas deu um pequeno aceno.

Continuei andando, enquanto uma onda de traição corria nas minhas veias. Lutei com minhas emoções todo o caminho até meu andar,

PERIGOSAS NACIONAIS

agradecendo aos céus por não ter pegado o mesmo elevador que eles. David González não era meu e, eu não era dele.

Fiquei repetindo isso na minha mente como se fosse um mantra.

PERIGOSAS ACHERON



David González

Deixar Luna ainda dormindo no quarto daquele apartamento foi um ato totalmente covarde e, eu estava odiando a mim mesmo por ter feito aquilo. Honestamente, não esperei que fôssemos terminar o encontro como dois amantes, alucinados por sexo, muito menos que eu fosse sentir algo diferente com as caricias compartilhadas. Quando acordei, me deparando com suas pernas entrelaçadas com as minhas e, sua cabeça sobre meu peito, meu coração acelerou e tudo o que pensei na hora foi em fugir. Entretanto, não havia mais como fugir, porque os sentimentos já estavam ali.

Espreitando.

Sufocando.

E mesmo depois de ter se passado quase quarenta e oito horas, eu ainda me sentia anestesiado. A segunda-feira mal tinha amanhecido e, eu já estava de pé. No chuveiro, espalmei as mãos no piso gelado, com a cabeça baixa enquanto a ducha de água massageava minhas costas. Fechei os olhos, mas ela continuava surgindo na minha mente. *Luna*. Vi seus lábios avançando lentamente perto de mim, mostrando o quanto me desejava. Sacudi a cabeça, na intenção de espantar aquelas malditas lembranças. Afundei a cabeça debaixo da ducha, exigindo que meus pensamentos se reajustassem. Aquilo não podia estar acontecendo.

Mas, mesmo me esforçando para afogá-los, eu podia ouvir os gemidos dela, podia ver a maneira como seu corpo reagia aos meus toques. Flashes de sua boceta reluzindo enquanto era consumida por minha língua faminta ou quando estava sendo preenchida pelo meu pau, ricochetearam em minha mente. Soquei a parede quando meu corpo traidor me fez sentir o cheiro de sua excitação embaixo do meu nariz. Sem me controlar e tomado por algo feroz, eu deixei minha mão descer até meu pau

PERIGOSAS NACIONAIS

latejante, incapaz de frear os movimentos frenéticos do meu punho.

Eu podia sentir sua respiração no meu pescoço enquanto minha mão avançava por sua pele febril; a forma como separei sua boceta com meus dedos antes de descobrir o broto inchado e duro.

Oh, porra! Meus movimentos aceleraram e me peguei arfando.

Eu podia jurar que Luna estava gemendo no meu ouvido enquanto se aproximava do ápice junto comigo. Eu gemia selvagememente, movendo a mão no meu pau. Lembranças de suas lamúrias conforme circulava as pernas ao redor do meu pescoço salpicavam minha mente, causando-me um frenesi. Explodi em mil pedaços enquanto minha boca disparava frases incoerentes, embora o nome dela houvesse escapado dos meus lábios sem esforço algum ao me lembrar da deliciosa sensação que tive ao preenchê-la.

De repente, uma dura realidade me abateu.

Eu a queria mais do que quis qualquer mulher na minha vida.

PERIGOSAS ACHERON

E essa constatação estava me assustando *pra* caralho!

Desnortado, deixei a água levar os resquícios do meu gozo, mas me obriguei a mudar a temperatura para o frio, considerando que minha pele parecia estar fervendo.

Minutos mais tarde, saí do banheiro e a caminho do closet, escutei o toque do meu celular. Ignorei.

Mas quem quer que fosse do outro lado da linha parecia não querer desistir, então na quarta tentativa, eu atendi sem olhar no identificador:

— *Por que demorou a me atender, David? Poxa, você não me liga há dias.*

Apertei minhas têmporas quando reconheci a voz de Isabel, arrependido de não ter verificado o número dela no visor do celular.

— *Isabel.*

— *Oh, você se lembra do meu nome?* — perguntou sarcástica, e isso apenas piorou meu humor.

— *Mas o que é isso, Isabel? Desde quando te dei essa brecha toda? Eu não me lembro de ter enfiado*
PERIGOSAS ACHERON

a porra de um anel no seu dedo para estar ouvindo tantas cobranças, caralho!

A linha ficou muda por um instante.

— *Me desculpe* — disse com a voz mais amena.
— *Eu apenas estou com saudades dos nossos encontros, e você não me procurou mais.*

Sentei na beirada da cama, depositando a mão livre na cabeça, tentando desesperadamente reorganizar minha vida e meus pensamentos.

— *Minha agenda anda muito corrida, Isabel, e mal estou tendo tempo para respirar* — murmurei.
— *O grupo está trabalhando num projeto grande e...* — parei de falar quando comecei a ouvir soluços — *Isabel? O que foi?*

Ela não respondeu de imediato.

— *Eu estou com problemas, David* — disse sem conseguir segurar o choro dessa vez. — *Mas não quero falar pelo telefone. Você pode passar aqui para me pegar? Estou em casa.*

Deixei um suspiro escapar.

— *Preciso estar na empresa no primeiro horário da manhã. Importa-se de conversarmos lá?*

Ela fungou.

— *Tudo bem. Aguardo você.*

Encerrei a ligação, sentindo o peso da frustração nas minhas costas. Certamente aquele encontro com Isabel, logo cedo, não fazia parte dos meus planos, uma vez que, minha cabeça andava uma completa bagunça.

Deixando o celular de lado, me concentrei em terminar de me arrumar. Tendo a certeza de que meu dia seria extremamente torturante.

— O que aconteceu com seu braço? — perguntei, enquanto puxava o frágil pulso para mim. Senti Isabel estremecer.

Decidi não dirigir, já que minha concentração estava um pouco prejudicada e isso somado ao estresse do trânsito não daria uma combinação saudável. Então meu motorista estava dirigindo meu Audi R8, enquanto eu e Isabel estávamos na parte de trás, um ao lado do outro.

Ela pigarreou, em seguida, puxou o braço, sorrindo sem jeito. Não tive reação quando ela se

PERIGOSAS ACHERON

inclinou para me beijar. Sua língua em contato com a minha tinha sabor de pasta de dente e bala de menta; sua mão deslizou pelo meu paletó descendo mais para baixo, contudo, impedi seu movimento antes que seus dedos atrevidos chegassem ao meu pau. Um alerta soava estridente em meus ouvidos.

— Eu estava com saudades — gemeu, com a boca próxima. Seus cabelos estavam soltos e lisos, e caíam como cascatas em seus ombros desnudos, já que ela usava uma blusa social de alças finas. — Sei que nossa relação é apenas carnal e, é justamente disso que estou sentindo falta, David.

Sorri, levando meus dedos ao seu rosto, aconchegando-o com minha mão.

Em minha mente ensaiei diversas frases para dizer, entretanto, meu motorista parou o carro em frente à empresa, e toda a minha autoconfiança foi por água abaixo quando meus olhos se encontraram com os de Luna, parada a poucos metros de mim. Um turbilhão de emoções se apoderou do meu peito e, eu me vi novamente sufocado por aquele frenesi maluco. Em um instante, eu era um homem confiante e controlado, mas no outro, eu era apenas

um cativo.

Cativo da atenção de uma única mulher.

Luna.

Embora, naquele momento, eu tivesse a triste certeza de que não estaria no topo dos melhores da sua lista, porque minha atitude covarde gritava sua força contra mim, me fazendo querer me esconder no primeiro buraco que surgisse. Nervoso, eu não fui capaz de sorrir, não quando sequer sabia como reagir diante dela, que parecia bem tranquila. Será que ela não havia ficado chateada? Por que ela iria sorrir para mim depois do que eu fiz?

Com essas indagações do meu subconsciente, eu caminhei com Isabel até a entrada da empresa. Dentro do elevador, me forcei a sacudir a cabeça para espantar as quentes recordações de um passado não tão distante, os momentos que me fizeram enxergar a filha da ex-amante do meu pai, com outros olhos.

— Você ficou calado de repente — Isabel observou quando as portas do elevador se abriram e, eu enfim pude respirar. — Parece até que viu

fantasma.

Eu não diria um fantasma, mas uma maldita feiticeira...

— Estou bem — menti.

Em seguida, saldei minha secretária, e logo abri a porta da minha sala, sendo seguido por Isabel.

— Quer beber alguma coisa? — perguntei, enquanto me encaminhava para a pequena adega. Precisava desesperadamente aliviar minha tensão e cessar a secura da minha garganta.

Algo mudou na minha autoconfiança quando me deparei com Luna sem um pinga de tristeza.

O que você queria? Vê-la se rastejando feito um zumbi? — vociferou meu subconsciente.

— Não, obrigada — Isabel respondeu, tomando um dos acentos de frente à minha mesa.

Assenti.

Depois de uma boa dose de uísque, caminhei até onde ela estava.

— E então? — questionei, impaciente. — O que está acontecendo com você, Isabel?

Nos próximos minutos, ela começou a narrar detalhes da sua vida que eu nunca tive interesse de saber, porque minha preocupação sempre foi fodê-la esporadicamente. Isabel e eu sempre fomos bons amantes, mas cada um na sua, sem confissões ou segredos, e nem pressões desnecessárias. Essa fórmula era completamente perfeita, ao menos até eu ter tido a brilhante ideia de tocar em Luna naquele elevador, o que fez com que minha cabeça ficasse confusa. Os dias que se seguiram àquele episódio, tornaram claro que algo tinha mudado dentro de mim, e isso apenas se tornou mais evidenciado em meu interior depois que estive dentro dela, na noite de sábado. Contudo, eu ainda tinha que lidar com Isabel, uma mulher com quem eu também tinha uma história, embora apenas entre quatro paredes.

— Você está me dizendo que um ex-namorado seu está te perseguindo? Desde quando? Aliás, quem é ele? Por que nunca me disse isso?

Ela arqueou as sobrancelhas para mim. Havia ironia em seu olhar.

— Porque eram questões que feriam a sua

PERIGOSAS ACHERON

principal regra, David — respondeu, me fazendo engolir em seco. — Você nunca deu importância para outras coisas além do sexo que tínhamos. — Ela passou a mãos nos cabelos, depois manteve a cabeça baixa. — Pedro e eu namoramos na época da faculdade, mas pouco tempo antes de me formar, eu decidi terminar o relacionamento, porque ele era um homem muito ciumento e por vezes chegou a me agredir fisicamente. — Ela deixou escapar um suspiro baixo. — O tempo passou, eu iniciei minha vida profissional; conheci pessoas novas, sorri; sofri e chorei... você apareceu e...— sua voz tornou-se um sussurro —, bem, há alguns dias, o Pedro me encontrou e está insistindo para voltar comigo, mesmo com minhas recusas.

— Essas marcas no seu braço...

— Sim, foi ele — ela me cortou com os olhos úmidos. — Olha, David, eu sei que nós não somos namorados ou noivos, nem nada, mas não tenho a quem recorrer.

— Por que não vai a policia dar queixa? — eu quis saber, incomodado com aquela revelação. — Quando foi isso? — Me levantei e fui até ela. —

Ele a machucou em outro lugar?

Em prantos, Isabel se levantou, aproveitando que eu estava ao seu lado, e se jogou nos meus braços.

— Ele descobriu onde eu moro — ela disse, soluçando. — Eu estou com medo, David, por favor, me ajude.

Firmei-a num abraço apertado, enquanto tentava a todo custo acalmá-la.

— Vai ficar tudo bem — murmurei, nervoso. — Vá para a cobertura enquanto penso no que fazer. Preciso colocar os pensamentos em ordem primeiro e, nesse momento, não estou em condições de pensar em nada, Isabel.

Ela afastou o rosto e abriu a boca para falar, mas foi interrompida por uma batida na porta seguida da aparição de Luna. Afastei-me de Isabel de modo abrupto.

— Oh, me desculpe — ela disse, sem jeito. — Sua secretária não está na mesa dela e, eu não imaginei que você estivesse ocupado.

Eu podia sentir seus olhos em mim enquanto parecia ignorar deliberadamente a presença de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Isabel.

— Não tem problema, porque a senhorita Ramos já estava de saída.

Isabel olhou para mim, com vários pontos de interrogações brilhando em sua testa.

— Eu estou?

Endureci meu maxilar.

— Conversaremos mais tarde — falei num tom que dispensava discussões e, felizmente, ela compreendeu.

Em silêncio, ela se retirou da minha sala.

— Por favor, Luna, entre e feche a porta — pedi, enquanto tomava meu lugar atrás da mesa e apontava para uma das poltronas.

Notei que ela carregava uma pasta nas mãos.

— Eu apenas preciso da sua análise em alguns dados. Daniel está me aguardando para dar continuidade na criação dos gráficos.

— Bem, eu aprecio a vontade que você está colocando nesse projeto, além da facilidade com que trabalha com um dos engenheiros — alfinetei.

PERIGOSAS ACHERON

Tentei esconder o ciúme, mas tinha certeza que havia falhado miseravelmente.

— Daniel Garcia é um bom parceiro de trabalho, David.

Caminhando até mim, ela depositou os documentos sobre a mesa, e eu não pude deixar de reparar em suas pernas desnudas dentro daquela saia social. Seus belos cabelos estavam presos num coque frouxo, e seu rosto trazia uma maquiagem leve. Minha boca salivou quando direcionei meus olhos para seus lábios carnudos, recordando-me de nossos beijos.

— Vou poupar a nós dois de um constrangimento desnecessário, ok? — ela disse, decidindo continuar em pé. — Nós dois somos adultos, então não vou permitir que você decida me diminuir, ou me tratar ainda pior por causa da noite que tivemos. Não nego que a noite de sábado tenha sido divertida, porque eu estaria mentindo, mas ambos podemos seguir nossas vidas tranquilamente. Nada disso impacta o projeto que estamos criando juntos.

— Você não quer conversar a respeito? Luna,
PERIGOSAS ACHERON

eu... — gaguejei.

— Não perca seu tempo, David. Eu já entendi.

— Entendeu?

— Sim, entendi no momento que acordei sozinha. Entendi que servi apenas como uma foda rápida. Aquilo foi uma espécie de vingança? — ela riu, amarga. — O mais incrível é que você me fez cair direitinho na sua teia maligna, mas isso eu terei que aprender a digerir com o tempo.

Pisquei, desnortado.

— Vingança? Do que está falando? Pelo amor de Deus, Luna, eu...

— Pare de mentir, David! Puta que pariu, você nem ao menos teve a coragem de me levar para sua casa — acusou, em cólera. — Que apartamento era aquele, hein? Um lugar para as suas fodas? Negue se for capaz.

Arregalei os olhos. Havia caído na minha própria armadilha. Envergonhado, não disse nada.

— Veja bem, David, o que aconteceu entre nós foi um erro. Não irá se repetir, tampouco, você me terá em seu encalço. Não quero gracinhas. Não o

PERIGOSAS ACHERON

quero perto de mim nunca mais. Entendeu?

— E se eu não quiser ficar longe?

Sutilmente, ela deu alguns passos para trás, impactada pela minha resposta. Eu, certamente a peguei desprevenida.

— Você é a personificação do satanás, sabia? — rosnou sem fôlego. — Fique longe de mim, ou eu o denunciarei por assédio.

— Lembre-se quem você está abordando quando fala comigo — sibilei, irritado com a ideia de ela estar me afastando.

— Sei exatamente com quem estou falando, embora houvesse me esquecido disso no sábado à noite, quando entreguei meu corpo a você — ela disse. — Supere, David, porque não permitirei que você se aproxime de novo.

Dizendo isso, ela simplesmente deixou a sala, pisando duro. O balanço de seus quadris pegou meu olhar até que ela batesse a porta com força. As lembranças de nossos momentos em contrapartida com nossa recente discussão me deixaram extasiado. O fato de presenciá-la me desafiando

PERIGOSAS NACIONAIS

causou um rebuliço em meu interior, e tive que tomar uma respiração profunda para acalmar o calor em cascata através da minha pélvis.

— Mantenha-se firme — eu disse a mim mesmo.

Embora não fizesse a mínima ideia de como faria isso.

PERIGOSAS ACHERON



Luna Ramires

O ar da noite estava excepcionalmente agradável quando desembarquei no aeroporto de Ibiza. Foi uma viagem tranquila, que foi decidida de repente. Mas eu precisava daquele tempo. Precisava daquele momento a sós para poder refletir sobre os últimos acontecimentos.

Peguei um táxi e pedi para que o taxista me levasse até a praia de Es Cavallet.

Quando mais jovem, a praia era um dos poucos lugares que me ajudava a pensar e a tomar decisões e, naquele momento, minha cabeça estava extremamente confusa.

A estrada que nos levava à praia era bastante

PERIGOSAS NACIONAIS

estreita em alguns trechos, mas ao mesmo tempo nos presenteava com uma paisagem do sal, onde o mar secava, dando lugar a uma espuma que gradualmente se transformava em sal. No final da estrada, depois de uma curva à esquerda, eu vi um antigo moinho de água. Antes de entrar na área da praia, era possível contemplar as salinas em todo o seu esplendor, se voltássemos alguns passos. Graças à superficialidade da área e à rica vegetação, os pássaros encontravam um bom lugar para se alimentar com as diversas palmeiras. Não seria estranho contemplar algum flamingo ou garça bicando o fundo de algumas minas de sal.

Assim que saí do carro, a primeira coisa que chamou minha atenção foi uma pequena loja coberta por bengalas, curiosamente integrada na paisagem. Paguei a corrida e comecei a minha exploração pelo lugar. Depois de andar alguns metros na areia, descobri alguns bares perfeitamente decorados que me convidavam a ter algo novo. Algumas casas baixas e antigas a poucos metros da costa e algumas cabanas marítimas compunham o restante da civilização.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tirei minhas sandálias e levei-as nas mãos, enquanto meus pés tocavam na areia muito fina, que levavam para um mar de águas celestes. O vento soprava forte em um ambiente relaxado e profundamente respeitoso, embora meus olhos encontrassem algumas pessoas completamente nuas evidenciando aquilo que eu já tinha pesquisado antes de sair de Madrid; a praia de Es Cavallet, além de ser uma das mais bonitas da ilha de Ibiza, tecnicamente era uma praia de nudismo.

Em determinado momento, eu parei para inspirar o ar úmido da noite e ouvir o som calmo das ondas; o luar iluminava as águas deixando a paisagem ainda mais deslumbrante. Por um momento, eu me permiti esquecer-se de todos os meus problemas e de todas as minhas recentes e antigas mágoas; criei um mundo só meu.

Tomada por um surto de coragem, arranquei toda minha roupa e deixei-as sobre a areia. Nua. Eu estava completamente nua quando corri para a água. Eu ri, quando a água fria pinicou meus pés, me fazendo sentir viva e alegre. Meu corpo se chocou contra uma forte onda e isso me fez

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desequilibrar e, eu acabei caindo. Afundei, e assim que ergui minha cabeça até a superfície, eu inspirei o ar com força. A adrenalina corria em minhas veias me proporcionando um momento novo e único, algo para envolver minhas preocupações em um casulo e afastar de mim todo aquele peso.

Era bom.

Uma sensação boa.

Eu estava desfrutando da serenidade do meu novo mundo quando senti braços fortes envolverem meu corpo nu. Eu estava sem fôlego quando comecei a chutar e a gritar, enquanto alguém me carregava sobre o ombro.

— Ei, coloque-me no chão.

— De jeito nenhum, não vou ficar assistindo de camarote enquanto você tenta se suicidar.

Meu coração quase saiu pela boca.

— David?

Ele não respondeu, ao invés disso, continuou nos afastando da água. Ele estava completamente vestido, como se tivesse pulado no mar às pressas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— David, me coloque no chão! Eu não estava tentando me matar, seu idiota — rosnei, voltando a me debater em seus braços. — Pelo amor de Deus, eu estou nua e as suas mãos estão em mim. — soltei em voz alta aquilo que estava me preocupando.

Ele gentilmente me colocou para baixo. Nossos olhos se encontraram, mas não demorou muito para que seu olhar descesse para admirar minha nudez.

Quente.

Avassalador.

Odiei-me por ter gostado da forma como ele me devorou sem ao menos tocar em mim.

— Por que está nua?

Arqueei as sobrancelhas.

— Porque é uma praia de nudismo — respondi o óbvio. — Além do mais, eu não te devo satisfações.

Dizendo isso, eu virei às costas para ele. Precisava pegar minhas roupas para sair dali. Infelizmente meu momento de reflexão tinha ido por água abaixo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Luna... — ele me seguiu.

— David, eu não sei o que você está fazendo aqui, mas juro que estou tentando me convencer de que você não está me seguindo, porque isso certamente seria assustador — eu disse, interrompendo suas palavras.

Cheguei até minhas roupas e comecei a me vestir diante de seu olhar examinador. Era deliciosa a forma como os músculos esculpidos do seu peitoral ficaram evidenciados devido ao fato de sua camisa estar molhada. Ele estava descalço também.

— Você jura que não estava tentando se matar?
— insistiu, ignorando meu comentário.

Revirei os olhos, enquanto colocava a blusa.

— O que está fazendo aqui, David? Eu vim pra cá, justamente para encontrar paz, e não o contrário — acusei, ríspida.

Ele me encarou ofendido.

— Você está dizendo que sou o seu tormento?

Olhei para ele, sem acreditar nas suas palavras. Era impressionante que ele não tivesse noção do peso que suas atitudes causavam em mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Entenda como quiser — murmurei, enquanto me sentava na areia depois de estar novamente vestida. Levei os olhos para a água iluminada pelo luar tentando encontrar abrigo, mas isso seria impossível com a presença sufocante do David ao meu lado.

Ele suspirou e, em seguida, se sentou perto de mim.

Ficamos em silêncio por um momento, mas meus pensamentos estavam gritando em minha mente, enquanto eu buscava desesperadamente me concentrar. Nossa transa tinha sido há quase uma semana, mas eu continuamente recordava de todos os detalhes, sobretudo de ter acordado sozinha na cama.

— Eu estava parado com meu carro a apenas alguns metros da sua casa quando vi que você saiu, então a segui — ele disse num tom baixo. — Peguei o mesmo vôo que você, embora você não tivesse notado minha presença.

Eu senti seu olhar em mim, mas eu continuava olhando para o mar.

PERIGOSAS ACHERON

— Por que fez isso? Aliás, por que estava espionando minha casa?

— Não estava espionando, eu só... — ele se calou e isso me fez virar a cabeça para poder encará-lo. — Luna, sei que fui um canalha com você e isso está me corroendo por dentro como a um ácido. Eu tentei conversar, mas você não me deu chance.

— Você minou com todas as chances que eu dei, David. — Suspirei, cansada. Senti lágrimas começarem a queimar meus olhos. — Não faz ideia do quanto eu me senti insignificante naquele dia. Sei que não fizemos promessas um ao outro, mas você deveria ter estado lá quando eu acordasse, David. Eu também estava com dúvidas. Eu também fiquei assustada, porra!

— Sei que não existem desculpas plausíveis para explicar minha atitude covarde, mas eu queria que você soubesse que sinto muito, Luna — insistiu. — Desde aquela noite, eu não consigo parar de pensar em você e no que fizemos, e isso está acabando comigo, porque não há maneira no inferno que me faça me concentrar em outra coisa que não seja

PERIGOSAS ACHERON

você; seu cheiro; sua voz; sua boca; sua pele; seus gemidos... — eu não queria olhar para ele, porque se olhasse em seus olhos castanhos, eu estaria perdida. — Por isso não pensei duas vezes quando peguei o mesmo vôo que você; eu precisava estar aqui; precisava olhar em seus olhos...

— Por quê? — interrompi. — Por que essa necessidade? Eu vi a mulher com quem você tem um relacionamento, David, então não precisa se esforçar tanto para amenizar minha mágoa, porque conheço o meu lugar.

Ele pegou minha mão e sussurrou:

— Pare com isso! Eu não tenho ninguém. E meu único esforço é para tentar entender, e fazer você entender que quero estar ao seu lado, mesmo agindo feito um babaca.

Inspirei com força, enquanto tentava absorver suas palavras. Obviamente que sua confissão me pegou desprevenida e isso acabou me deixando sentimental.

— Por que pensou que eu estivesse tentando me matar?

Ele não respondeu, mas esfregou os dedos por cima das cicatrizes em meu pulso.

O vento banhou meu rosto e, eu ergui a cabeça enquanto fechava os olhos.

— Eu tenho alguns traumas de infância, David, e nem sempre consigo suportar a dor que isso me causa. Então...

— Você se corta — ele completou num tom áspero.

— Meus pais se separaram quando eu tinha cinco anos, e desde então a minha idealização de família perfeita se dissipou; minha mãe trabalhava bastante, ao contrário do meu pai que...

— Que...?

“— *Papai, eu estou com medo...*

— *Não se preocupe, querida, porque estou aqui com você. O papai nunca te machucaria.*”

Afastei aquelas lembranças, engolindo os soluços.

— Eu sofri, David! Sofri sendo jogada de um lado para o outro numa briga silenciosa entre meus

pais, que pareciam me usar para seus próprios objetivos — falei. — É triste falar isso, mas foi quando minha mãe adoeceu, que nós duas nos unimos verdadeiramente, sabe? Eu, finalmente, consegui entender que ela me amava, mesmo que fosse tarde demais para um recomeço. Talvez pelo fato de ela ter visto que no final de tudo havia sobrado apenas eu ao lado dela, não sei. Mas eu estava lá, e sempre estaria.

— E o seu pai?

Estremeci sutilmente.

— Não o vejo há alguns anos.

David não disse uma palavra.

— A vida não foi muito justa comigo, David. Eu devolveria toda a fortuna que recebi da minha avó por uma infância e adolescência diferente. Veja bem, eu não tive oportunidade de terminar minha graduação, porque tive que me dedicar aos cuidados da minha mãe dia e noite, porque ela não aceitava mais ninguém.

David soltou minha mão, colocou o braço em volta de mim e me puxou para ele. Eu descansei

minha cabeça em seu ombro. Ele era firme e, eu me senti bem ali.

— É por isso que você se apegou tanto ao meu pai, não é? — ele perguntou, beijando o topo da minha cabeça. — Pela forma que ele acolheu você.

— Sim. — Deixei um sorriso tomar conta dos meus lábios com as lembranças. — Ele me amou quando eu estava começando a me esquecer de como era sentir essa sensação. A sensação de ser amada.

— Você é uma mulher digna, Luna Ramires — ele sussurrou no meu ouvido causando-me arrepios.

Eu sorri e fechei os olhos.

De repente, senti seus braços me erguerem.

— Vem, vamos sair daqui. — Seus dedos entrelaçaram nos meus.

— E por que eu deveria ir com você? — indaguei enquanto me deixava ser guiada por ele pela areia.

Ele me encarou num misto de diversão.

— Porque como o seu “tormento”, você deveria

PERIGOSAS NACIONAIS

saber que eu não vou deixá-la em paz, então por que não fazemos isso num lugar mais aconchegante e, de preferência, seco?

Sacudi a cabeça, rindo da sua ousadia.

— Eu não vou transar com você, David.

Num movimento abrupto, ele me pegou no colo. Nossos rostos ficaram tão próximos que pude sentir o sopro de sua respiração em meus lábios sedentos.

— A visão que eu tive do seu corpo nu quando tirei você da água já me basta, baby. Vou fazer um bom uso dela, não se preocupe — dizendo isso, ele tocou nossos lábios num selinho demorado.

Todo o meu corpo se acendeu depois disso; eu não tive certeza se fiquei mais desnorteada pelo beijo roubado, ou se pela imagem que criei na minha mente com ele se masturbando, pensando na minha nudez.

PERIGOSAS ACHERON

Trêze

David

González

A última semana definitivamente tinha sido infernal, porque tive que lidar com diversos problemas na empresa, sobretudo, com o fato de Luna me evitar como se eu tivesse alguma doença contagiosa. Obviamente que eu merecia o seu desprezo depois do que havia feito, mas como um maldito feitiço, eu não conseguia me manter longe. Meus olhos estavam a todo o momento procurando por ela; cavando alguma brecha para poder receber qualquer olhar; até mesmo as nossas provocações eram motivo para me deixar feliz, porque significava que ela me daria sua atenção mesmo

que não fosse da maneira que eu desejasse.

Eu tentei não me envolver. Tentei ignorar todos os sinais. Tentei focar minha concentração na Isabel e em seus problemas, mas era mais forte do que eu; Luna entranhou em minha pele com uma força descomunal, capaz de me fazer perder o fôlego, e a razão, considerando que não pensei duas vezes quando fui atrás dela naquele avião com destino a Ibiza, sem me preocupar com mais nada, além dela. E isso se amplificou ainda mais quando vi seu corpo afundando no mar. Todos os alertas dispararam dentro de mim e tudo o que consegui pensar foi em salvá-la, porque era como se uma parte minha estivesse se perdendo naquelas águas.

Não. Eu não poderia permitir.

Eu não ia permitir.

Como encontrar a voz num momento de necessidade? Eu quis desesperadamente a resposta para essa pergunta quando me deparei com a nudez do seu corpo magnífico, mas que deveria ser proibido a outros olhos que não fossem os meus. Que porra ela estava pensando quando decidiu tirar as malditas roupas?

PERIGOSAS NACIONAIS

Nua, porra! Ela estava completamente nua. E não era entre quatro paredes, mas na porra de uma maldita praia onde qualquer um pudesse ver.

Sacudindo a cabeça, tentei bloquear a imagem da nudez do seu corpo da minha mente enquanto ajeitava-a no banco passageiro do carro que aluguei assim que cheguei ao aeroporto.

Agoniado com minhas roupas molhadas, dei a volta no carro e entrei no veículo.

— Está tudo bem? — perguntei, olhando para ela, que me encarava com os olhos suaves.

Seu perfume de pêssago começou a invadir minhas narinas.

— Eu quero te perguntar uma coisa — ela disse quando liguei o carro e acelerei.

— Vá em frente.

— Eu estava pensando sobre a nossa noite...

— E? — Fiz um gesto para que prosseguisse.

— Por que você me deixou sozinha?

Limpei a garganta e puxei uma respiração afiada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu fiquei assustado com o que você me fez sentir, Luna. Veja bem, até um tempo atrás, eu queria distância de você, então como poderia começar a desejar o contrário? Não vi alternativas a não ser fugir.

— Então você fugiu por medo de me encarar? David, você me comeu quase a noite toda.

Olhei para ela e, em seguida, dei uma piscadinha marota.

— E me lembro de você ter gritado em todas às vezes, baby.

Ela suspirou pesadamente.

— Argh, David!

Eu ri, mas acabei respondendo ao seu questionamento:

— Foi por medo sim. Eu não queria aceitar o que a mulher que eu deveria odiar estivesse despertando em mim.

— E o que estou despertando em você, *garotão*?

Eu sorri levemente, encarando-a de soslaio.

— Ainda não sei denominar, mas tenho certeza

PERIGOSAS ACHERON

que não quero ficar longe de você, Luna. Se você permitir, eu quero estar com você.

Ela passou as mãos pelo cabelo glorioso. Em seguida, tocou a minha mão que estava sobre o câmbio.

Mordeu o lábio, enquanto sorria docemente para mim.

— Eu acho que nós podemos ser amigos.

Franzi os lábios e um pequeno sorriso escapou.

— Espero que possamos ser amigos com benefícios, claro.

Rindo, ela deu um tapinha no meu ombro.

— Espertinho.

Eu sorri de volta, e continuei a nos levar até um dos hotéis da Ilha.

Assim que estávamos entrando no hotel, ouvi alguém chamar meu nome.

— David? — Eu olhei para o lado a tempo de ver uma mulher caminhando na minha direção. Luna parou de andar quando eu parei e me olhou,
PERIGOSAS ACHERON

ela sabia que algo estava errado.

— David, como você está? — a mulher perguntou em um tom sedutor.

— Eu estou muito bem — falei, educado. — Oh, desculpe, essa é minha amiga, Luna Ramires. — Ambas sorriram uma para outra.

Eu fingi um sorriso, tentando amenizar o clima.

— Você não faz ideia de quem eu sou, não é? — ela indagou.

A tensão se solidificou.

— Não, eu só...

Aproximando-se um pouco mais, ela ergueu as mãos para depositá-las no meu peitoral.

— Meu nome é Karen. Nos conhecemos na virada do ano passado, mas se você não se recorda, eu terei o prazer de fazê-lo se lembrar... — insinuou.

— Querida, importa-se de encontrar outra pessoa para domesticá-la? — disse Luna, me fazendo olhá-la assustado devido ao seu tom raivoso. — Porque, sinceramente, estou desconfortável com a forma

PERIGOSAS NACIONAIS

como você está salivando pelo David. Acredite, amor, isso não é legal.

Terminando de falar, ela me puxou pela mão e seguimos para a recepção.

Ela me olhou, e me pegou sorrindo.

— O que foi?

— Nada, você apenas...

— Apenas o que, David? — perguntou, ainda irritada.

— É uma mulher surpreendente. É isso. — Eu ri.

Ela balançou a cabeça.

Paguei por um quarto de casal, agradecendo por Luna não ter se recusado a dividi-lo comigo. Deixei avisado que queríamos o jantar e, então subimos.

— Você não trouxe roupas — ela comentou quando entramos no quarto. — Não preciso nem dizer que vir atrás de mim foi uma burrice, não?

Olhei para ela enquanto começava a afrouxar minha gravata.

— Eu não acho — respondi, exalando um

PERIGOSAS ACHERON

sorriso perigoso. — Não me arrependo de estar aqui. — De repente, comecei a remexer o corpo enquanto entoava uma música de ritmo sensual.

O rubor se espalhou pelas bochechas dela quando passou a se dar conta de que eu estava fazendo um strip-tease. Sua risada divertida inundou o quarto e ela se sentou na cama a fim de assistir ao meu show.

Vagarosamente comecei tirando minha gravata, e depois brinquei com ela passando pelo pescoço, sem deixar de olhar para Luna como se ela fosse minha presa. Desabotoei a camisa lentamente, botão por botão. Mostrei um lado do peito de cada vez, depois ocultei.

Enlacei a gravata no pescoço dela para marcar território, adorando enxergar um brilho devasso naqueles olhos lindos. Depois afrouxei o cinto e dei um pequeno susto fazendo de conta que aquele cinto era uma espécie de chicote. Luna soltou um gritinho gostoso de ouvir naquele momento. Abri o zíper da calça, e como eu já estava pronto para o combate, passei a mão por cima do meu pau, silenciosamente dizendo “Olhe só o que eu tenho

aqui para você”.

Tirei a calça lentamente enquanto dançava, mas nunca sem deixar de olhar nos olhos dela. A água pingava das minhas roupas, embora o calor em minha pele dissolvesse-a com facilidade. Balançando o corpo de um lado para o outro, eu fui caminhando até ela e, em um movimento abrupto, a ergui e grudei nossos corpos; com uma das mãos em suas costas, eu girei nossos quadris, fazendo-a sentir toda a minha excitação. Eu estava tão rígido que chegava a doer. Luna gritava e dava risada, cada vez mais animada com o que eu estava fazendo.

Segurando seu corpo, eu a forcei na direção da cama novamente até que a fizesse se inclinar de modo a ficar de bruços, então, eu apertei seu quadril com minhas mãos sedentas e deixei seu traseiro empinado para mim, em seguida, passei a moer suas nádegas imitando o movimento da penetração, arrancando diversos gemidos de seus lábios.

Liberei uma das mãos para poder arrancar minha calça, que logo caiu aos meus pés. Soltei a Luna e

PERIGOSAS ACHERON

depois voltei a me estabelecer na frente da cama, a uma distância considerável do seu corpo febril. Os olhos dela estavam nublados quando se voltaram para mim.

Na hora de tirar a cueca, eu fiz certo suspense. Tirar, não tirar, tirar... E não tirei mesmo! Fiz diferente! Movido pelo tesão que tudo aquilo estava nos causando, eu me aproximei dela, que estava sentada na cama, e a segurei pelos cabelos. Ousado, esfreguei meu pau no rosto dela e a provoquei até não aguentar mais. Então tirei a cueca de vez, para que ela finalmente pudesse desfrutar da visão do que era capaz de fazer comigo.

Assim que arranquei a cueca do corpo, joguei para ela, que pegou no ar com o mesmo desespero daquelas mulheres que se matam para pegar o buquê da noiva. Eu ri.

Quando a diversão acabou, a tensão reinou no quarto. Luna focou aqueles olhos intensos em mim, que continuava parado no mesmo lugar, contudo cobrindo o pau com uma das minhas mãos. Pigarreei:

— Bem, eu... vou tomar um banho.

Ameacei me afastar, mas a voz dela me parou:

— David? — Virei a cabeça. Ela apontou para minha mão que estava sobre meu pau. — Deixe-me vê-lo — pediu com a voz engasgada. Ela tentava parecer desinibida, mas eu sabia que estava nervosa.

Exalando um ar de satisfação, eu me mostrei completamente, orgulhoso por deixá-la ver o quanto me deixava excitado; o quanto ela me deixava duro apenas por estar por perto. Gemi quando ela lambeu os lábios, parecendo sedenta. A ideia de ter sua boca em mim me fez pulsar diante dos seus olhos gulosos.

— Traga ele para mim...

— Você quer chupar meu pau? — Dei um passo na sua direção.

Invadi seu espaço novamente.

Levando seu queixo entre o polegar e o indicador, eu estudei seu rosto. Caramba! Eu já estive na boca de várias mulheres, mas nunca me vi tão ansioso como estava agora.

Seus olhos estavam enormes e redondos quando

trouxe seus dedos delicados e hesitantes em volta do meu pau. Fui incapaz de não sentir a suavidade de seu toque quente. Me senti quase hipnotizado com o subir e descer de sua mão em meu comprimento.

Apertei seus cabelos, lutando com todas as minhas forças para não trazê-la mais perto.

— Você está me deixando louco, Luna.

Seu olhar encontrou meu rosto e enxerguei confiança em seus olhos. Fui praticamente arrebatado no momento em que seus lábios cobriram a extremidade do meu eixo. Inclinei meu quadril, esfregando a cabeça do meu pau ao longo da costura da sua boca, banhando seus lábios macios com meu pré-goço. Sua língua disparou para fora para me provar, fazendo-me soltar um silvo entre dentes cerrados. Oh, porra!

Os lábios dela voltaram a se fechar em torno do meu eixo, e a língua fez redemoinhos na cabeça. Ela estava me chupando como se eu fosse um pirulito, ou um sorvete muito saboroso. Lentamente, empurrei para dentro e mergulhei meu pau na perfeição da sua boca quente e molhada.

PERIGOSAS NACIONAIS

Movi minha mão para trás da sua cabeça, incitando-a para frente até que ela permitisse um pouco mais de pressão.

— Oh, que porra de boca perfeita, Luna...

No instante em que ela fechou os olhos, eu me vi perdido, porque tive certeza que ela estava excitada por estar me dando prazer.

Alucinado, eu movia meus quadris num ritmo constante, roubando sua boca e indo para o fundo da sua garganta.

— Se você continuar, eu vou gozar — avisei, num tom de voz falho.

Nossos olhares se cruzaram e, ela gemeu seu consentimento ao redor do meu pau, atirando vibrações de prazer direto para minhas bolas; o calor em seu olhar era minha perdição.

— Puta que pariu — eu gemi, lutando por ar. Lutando por controle. — Isso, assim... não pare...

Ela sussurrou ao redor do meu eixo e um olhar para seu rosto me fez ver o quanto seus olhos estavam largos, inabaláveis e escurecidos pelo desejo.

PERIGOSAS ACHERON

— Você é tão bonita... eu estou tão perto...

Segurei seus cabelos com um pouco mais de força. Gemi, e Luna respondeu com um dos seus próprios gemidos.

Ela arrastou um orgasmo de mim antes que eu estivesse pronto, e quando me dei conta enchi sua boca gulosa com meu gozo. Tremendo sob meus pés e com os olhos nublados de tesão, eu assisti, fascinado, quando Luna engoliu até a última gota antes de lambê-lo limpo até a ponta.

Em seguida, ela se afastou enquanto passava as pontas dos dedos nos cantos da boca.

— Pronto — disse. — Matei a minha vontade, agora você pode ir tomar seu banho.

Atônito, eu demorei a ter qualquer reação.

— O que...

Minhas palavras morreram quando alguém bateu na porta, provavelmente algum funcionário trazendo o nosso jantar.

Ela me encarou, exalando um sorriso cínico.

— Se você se importa em exhibir seu pau para as

PERIGOSAS NACIONAIS

peessoas, sugiro que se cubra ou que vá logo para o chuveiro, David.

Antes de passar por mim, eu a segurei e capturei seus lábios num beijo lascivo.

— O que acabou de acontecer aqui? — soprei a pergunta contra sua boca.

Ela sorriu abertamente.

— Simplesmente o melhor boquete da sua vida.
— Piscou, marota antes de me empurrar para seguir até a porta.

— Não pense que vou deixar isso passar, Luna
— comentei, a caminho do banheiro.

Com a mão na maçaneta, ela me encarou e disse:

— Eu espero que você não deixe.

PERIGOSAS ACHERON

Catorze

Luna

Ramires

Eu estava preparando as coisas para o nosso jantar quando David saiu do banheiro da suíte. Minha mente ainda estava anestesiada com tudo o que eu tinha feito minutos atrás, embora não conseguisse encontrar arrependimentos em meu ser. Eu faria tudo de novo e mal podia esperar para senti-lo novamente dentro de mim. Seu strip-tease me deixou alucinada e, eu tinha certeza que jamais me esqueceria.

— Você está com fome? — perguntei enquanto o via desfilar pelo quarto apenas de roupão.

Seus olhos quentes encontraram os meus.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou faminto, Luna — sua voz soou rouca e sedutora.

Engoli em seco, em seguida, baixei o rosto. Eu estava parada, perto da cama, com as pernas bambas. Minha pele estava pegajosa devido à água salgada da praia e isso me fez ansiar por um banho refrescante também.

Terminando de organizar a comida, eu me encaminhei para o banheiro, mas David tinha outros planos e me parou no caminho, erguendo-me em seus ombros e, em seguida, me jogou contra o colchão.

— Você está louco?

Ele engatinhou sobre a cama, sem deixar de me encarar com aquele olhar faminto.

— Louco por você.

Os dias que se passaram depois da nossa transa, em contrapartida com o que tínhamos acabado de ter, levantaram-se entre nós e nos fizeram arfar com o peso do desejo em nossas peles. Avançamos um para o outro, nossas bocas colidindo como se estivessem destinadas a se unirem. Eu estava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

faminta por ele, delirando com as insistentes lambidas da língua dele contra a minha. Ele se aconchegou mais perto de mim e se esfregou através da minha calcinha. Eu gemi em sua boca.

Minha resposta foi como um estímulo para ele, que decidiu abrir o roupão, exibindo seu corpo nu. Nossos movimentos se tornaram desesperados. Então, eu o empurrei de encontro ao colchão, em seguida, me sentei sobre suas pernas. Manobrei seu pau com minha mão, enquanto continuávamos nos beijando com toda a intensidade das nossas almas. David agarrou meu pulso.

— Vá com calma, baby, ou vou gozar antes mesmo de entrar em você.

Minha expressão se tornou atrevida.

— Eu apenas estou brincando, David.

Com um riso, ele deslizou as mãos por meus cabelos.

— Bom. Porque quero foder você a noite toda.

— Uau! Então estou com sorte — brinquei, me deixando ser dominada por ele e novamente ser deitada sobre o colchão.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, baby, o sortudo aqui sou eu.

Dizendo isso, ele começou a fazer um caminho molhado de beijos no meu pescoço até chegar ao topo do meu queixo.

— Chega de joguinhos, querida, agora eu estou no comando.

— Você tem certeza?

— Oh, sim... — ele me forçou a sentar, em seguida, arrancou minha blusa. Uma de suas mãos preencheu um seio, enquanto com a boca, abocanhava o outro. De repente, ele se afastou apenas o suficiente para me virar de bruços e arrancar minha saia. A pressão da sua palmada contra minhas nádegas me fez pular.

— Ai — reclamei, embora a ardência tivesse me deixado ainda mais necessitada.

Desesperado, ele puxou minha calcinha, que era a única peça que impedia um contato mais íntimo entre nós.

Suas mãos mágicas percorriam meu corpo como um fio desencapado, trazendo consigo a porra de uma descarga elétrica. Quando ele passou a trilhar

PERIGOSAS NACIONAIS

um caminho, dos meus cabelos às minhas costas, eu senti como ele se estivesse tocando meu núcleo.

— Você não deveria ter tirado suas roupas num local público, Luna. — Ele cutucou meus pés para que eu abrisse as pernas e o espaço entre elas pulsou. Fiquei exposta ao seu olhar. — Você faz ideia do que causou em mim quando a vi daquele jeito?

— Não, eu não faço.

Ele se inclinou sobre mim, pele quente contra a minha, e enrolou meu cabelo grosso em torno de seu punho.

— Pois eu fiquei ensandecido — ele disse. — Um sentimento de pura posse se apoderou do meu peito e, eu quis desesperadamente escondê-la apenas para minha visão. — Meu cabelo deu um puxão suave.

— A sua arrogância é um problema, David. — Minha respiração estava falhando. Sua ereção esfregando-se em minhas pernas estava me causando todo tipo de sensação.

Ele riu.

PERIGOSAS ACHERON

— E minha arrogância fará você implorar por meus toques — soprou, enquanto descia até estar com o rosto em minha bunda, onde cheirou.

Eu gemi, sentindo minhas bochechas coradas. Uma de suas mãos permaneceu tocando a parte interna das minhas coxas, sem nunca chegar até onde eu necessitava. Onde pulsava.

— David? — seu nome rolou pela minha língua com uma pergunta silenciosa. Uma necessidade dolorosa apertava meu baixo ventre.

— O que você quer? Diga-me, meu anjo proibido...

Anjo proibido?

— Eu preciso que toque em mim.

— Seja mais específica, Luna — Eu gemi, agoniada com a forma como ele parecia estar se divertindo com meu desespero.

— Na minha boceta, David. Toque entre minhas pernas — falei, ruborizada da cabeça aos pés.

Ele mergulhou os dedos dentro de mim, e perdi o controle da minha respiração. David trabalhava em movimentos lascivos, mas com estocadas

PERIGOSAS ACHERON

superficiais e, eu precisava de mais.

Muito mais.

Arqueei minhas costas em direção ao seu toque, meus músculos se apertando com a necessidade de gozar, mas David se recusava a ir mais fundo.

— Por favor, David...

Foi quando ele desceu a palma da mão contra minha carne e, em seguida, desceu o rosto entre minhas pernas e, eu senti a maciez da sua língua na minha boceta. Eu gritei num misto de dor e prazer. Ele bateu em minhas nádegas mais uma vez, alternando entre elas quando afundou os dedos dentro de mim um pouco mais fundo. Eu estava fazendo um esforço sobre humano para abafar meus gemidos.

David forçou o aperto em meus cabelos de modo a deixar meu pescoço totalmente exposto e minhas costas arqueadas. Se aperto causou ardor em meu couro cabeludo.

— Eu quero que todo o hotel escute seus gemidos, Luna. — Seu toque saqueou meu ar até que eu alcançasse o cume do prazer, clamando por

PERIGOSAS NACIONAIS

seu nome um par de vezes, mas sem conseguir discernir o restante das palavras.

— Puta merda, Luna, você está molhada demais e muito apertada. — Sua boca chegou até a minha e voltamos a iniciar um duelo de línguas.

Eu poderia passar horas beijando-o, que nunca me cansaria da sua boca.

Vendo a dificuldade do beijo, ele virou meu corpo para facilitar. O contato de nossos corpos nos fez arquejar. Meus seios foram esmagados por sua parede de músculos.

— Não posso acreditar que estou tendo a chance de desfrutar do seu corpo novamente — ele disse, quase reverente.

Por um momento, eu fiquei com medo.

Medo dos meus sentimentos.

Medo de colocar minha confiança nas mãos dele.

Entregar meu corpo à sua vontade.

Nós estávamos pressionados juntos, peito a peito.

PERIGOSAS ACHERON

— Isso nunca pareceu tão certo.

— E eu quero fazer isso especial para você dessa vez, Luna.

Eu sorri.

Observei o momento que ele se afastou brevemente para poder colocar a camisinha, depois voltou a se aconchegar ao meu corpo.

Ele me provocou com um beijo lento e atingiu entre nós esfregando a cabeça do seu pau ao longo da minha fenda, através da umidade.

— David... — sussurrei quando senti que ele estava pressionando em mim, passando a ponta, embrenhando os dedos em meus cabelos atrás da nuca, enquanto trabalhava seu quadril numa mexida depois outra.

— Oh, porra! — Ele enterrou o rosto na curva do meu pescoço, respiração pesada contra minha pele, braços tremendo sob seu peso quando estiquei em torno do pau dele. Um formigamento queimou onde eu ansiava por mais.

— Me fode logo, David — rosnei, nervosa com a demora.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele levantou a cabeça, nossos olhares se cruzaram. Então, com um único golpe, ele estava dentro de mim.

Gemi alto, curvando-me, e ele abafou meu grito afiado com a boca. Faíscas de prazer escapavam através das minhas pálpebras e, eu choraminguei, deixando-o sentir minha rendição na língua.

— Luna... — ele também gemeu contra meus lábios. Em seguida, retirou seu pau, apenas para empurrar outra vez fazendo-me experimentar cada polegada do seu tamanho e grossura.

Ele definiu um ritmo lento e enlouquecedor. Eu peguei minhas mãos livres e apertei seus ombros, cravando minhas unhas em sua pele na medida em que deslizava os dedos pelas suas costas. Cavei meus calcanhares no colchão, arqueando nele, rangendo meus dentes através da sensação de alongamento quando David investiu mais fundo.

Gotas de suor formavam-se em sua testa, desciam por seu cabelo, e ele estava tremendo, lutando para se segurar.

Cada mergulho era melhor que o anterior,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

atirando-me mais para o cume, minha consciência sendo reduzida para a sensação de estar sendo preenchida por ele.

E eu me sentia completa.

Não reconheci minha voz quando eu gemi e gritei o nome dele em rajadas rítmicas, inundadas com ondas intensas de prazer em espiral através de mim.

E foi quando ele acelerou as investidas, grunhindo palavras incoerentes sob sua respiração quando atingiu o ponto mais alto. Gotas de suor da sua testa caíram contra minha, seus músculos tensos. Quando ele gozou, seu gemido foi quase um rosnado.

Os instantes seguintes pareciam intermináveis, mas eu estava satisfeita de ficar ali com ele; testas pressionadas juntas, enquanto acalmávamos nossas respirações. De olhos fechados, ele lentamente relaxou, membro por membro.

— David?

— Hun?

— Você ainda está dentro de mim.

PERIGOSAS ACHERON

Ele ergueu a cabeça, sua boca despontando um sorriso travesso.

— E isso te deixa excitada? Porque não acabei com você ainda.

Ele se ajoelhou e, eu imediatamente perdi o peso do seu corpo, o calor da sua pele... a sensação de preenchimento perfeito. Segui o caminho perigoso da sua tatuagem e encontrei seu pau alegrando-se outra vez.

Ele me agarrou pela cintura, e de repente fui arrastada para cima dele. Dobrando uma perna, depois a outra, em ambos os lados dele, ele alinhou nossos corpos, e seus olhos eram pura luxúria quando ele pegou meus mamilos.

Com a mão livre, ele alcançou outro preservativo e o entregou para mim, que rapidamente abri e coloquei na sua ereção.

— Sou completamente seu, Luna — As mãos dele caíram para o meu quadril.

Nervosa com a intensidade da sua declaração, eu me ergui e, em seguida, deslizei em seu comprimento. Fechei os olhos, absorvendo as

PERIGOSAS NACIONAIS

sensações que se apoderavam do meu corpo; David não era meu primeiro homem, mas era o primeiro a me fazer sentir uma mulher gostosa e única. Enxergar o desejo avassalador nos olhos dele quando estava comigo era aterrador.

Enquanto eu quicava em cima do seu pau, seus dedos apertavam meus mamilos, e a pressão estava me levando à loucura. David se ergueu e saqueou minha boca, enquanto circulava minha cintura com um dos seus braços. Seus impulsos me faziam senti-lo profundamente, como eu jamais imaginei ser possível. Estávamos suados e ofegantes, mas numa intensa busca por mais...

Em determinado momento, David levou as mãos em minhas nádegas e passou a ditar o próprio ritmo; sua boca abandonou a minha para seguir na direção do meu pescoço, onde passou a morder e chupar com força. Eu choramingava frases desconexas, enquanto clamava por algo que ainda estava por vir; o redemoinho estava começando a se formar aumentando meus gemidos involuntários. Uni meus pés ao redor da sua cintura e fui de encontro aos seus movimentos.

PERIGOSAS ACHERON

— David, eu vou... eu estou...

— Dê-me tudo, baby... goze no meu pau, porra!

Suas palavras foram o estopim e acabei desmoronando daquele precipício de intensidade, senti minhas paredes pélvicas ordenhando-o com força e pressão. Meus espasmos ainda estavam descontrolados quando senti que David também gozou, apertando-me contra seu corpo, como se quisesse nos fundir.

Exausta, deixei a cabeça cair em seu ombro.

— Você acabou comigo — sussurrei, rindo. — Acho que nem vou conseguir andar direito amanhã — brinquei.

Dessa vez foi a vez de ele rir. Afastando o rosto, ele me encarou, sério. Seus dedos passearam pelas minhas bochechas, com carinho. Senti meu coração voltar a acelerar, nervosa com seu olhar.

— Foi a sua boceta que acabou com meu pau. Aposto que estou todo esfolado.

Pisquei, incrédula.

— Céus, David. — Saí do colo dele, que estava rindo descontrolado. — Que jeito chulo de falar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Dando risada, ele veio atrás de mim, me pegando no caminho para o banheiro. Seus braços enrolaram-se em meus ombros, afundando o rosto no meu pescoço.

— Não seja dramática, porque eu sei que você gosta da minha selvageria, e da minha maneira chula de falar.

Eu ri.

Não falei nada, mas também não neguei sua afirmação.

Estávamos deitados na cama. Eu não fazia ideia do horário e nem de quanto tempo havia se passado depois que tomamos banho e jantamos, mas eu estava me sentindo realizada ali, com a cabeça no peito do David.

— Qual a sua última lembrança com o meu pai?
— ele perguntou de repente.

Fiquei pensativa por um instante, surpresa pela sua pergunta.

— Era o meu aniversário e, eu passei o dia todo

PERIGOSAS ACHERON

sozinha, porque minha mãe teve que trabalhar. Quando ela chegou, já era noite e, eu tentei esconder a todo custo, o inchaço dos meus olhos, porque chorei durante horas. Ela trouxe presentes, mas o que eu queria de verdade, eu não ganhei, que era ter passado o meu dia com ela, sabe? Com a minha mãe. Eu e ela.

— Vocês não eram unidas?

— Éramos. Mas ela dava mais prioridade ao trabalho, às coisas materiais — respondi com um resquício de tristeza. — Naquela noite, eu fui pra cama cedo, mas acabei sendo acordada pelo seu pai. Era tarde, mas ele se lembrou de mim, apesar de minha mãe ter dito que ele não viria. Juan foi lá apenas para me ver, David, ele foi para me parabenizar. Eu nunca vou me esquecer disso. Nunca.

— Ele era um homem incrível — comentou, com as pontas dos dedos bagunçando meus cabelos. — Talvez fosse por isso o meu ressentimento; eu não queria aceitar que ele tivesse compartilhado momentos únicos com você, que não compartilhou comigo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foram poucos, David, mas foram os melhores da minha vida — confessei nostálgica.

Voltamos a ficar em silêncio.

— O que você planeja para sua vida daqui para frente? — ele perguntou.

Remexi-me em seus braços até poder encarar seu rosto. Sorri.

— Eu tenho alguns desejos anotados — falei. — Desejo realizar algumas bobagens antes de morrer.

Ele soltou uma risada.

— Fale-me alguns — pediu.

Estiquei o braço e alcancei minha bolsa. Rapidamente peguei meu celular.

— Os desejos estão anotados no meu bloco de notas — expliquei. — Assim não correria o risco de perder, e ficaria mais fácil para ir riscando os desejos realizados.

Ele pegou o aparelho da minha mão enquanto se ajeitava mais ereto na cama, mas sem me deixar afastar do seu corpo.

— Hmmm... vejo que você já realizou alguns —

PERIGOSAS ACHERON

comentou, vasculhando a lista. — Trocar um vício por um novo hábito?

— Ah, esse foi um desejo maravilhoso — falei, sorrindo. — Eu era viciada em roer as unhas, hábito adquirido ainda na infância. — Mostrei minhas mãos para ele. — Como você pode ver, hoje eu as mantenho lindas e inteiras. Foi um desafio para mim, mas gostei do resultado.

Ele sacudiu a cabeça, parecendo orgulhoso.

— Formar um jardim de ervas daninhas. Você formou um jardim de ervas daninhas? — quis saber, com um vinco na testa.

Eu comecei a rir ao me lembrar dessa história.

— Eu fiz um jardim desses no quintal da casa da minha mãe, mas ao contrário do que imaginava, eu estava cultivando Cannabis — confessei, sem segurar a risada.

— O quê? — indagou, estupefato. — Você estava cultivando maconha?

Sua gargalhada inundou o quarto, contagiando a mim mesma.

— Eu juro que não sabia. É sério — falei, entre
PERIGOSAS ACHERON

risos.

Seu corpo chacoalhava com o doce som da sua gargalhada. Era maravilhoso presenciar aquele momento.

— E o que aconteceu quando você descobriu? Aliás, como descobriu?

— Bem, nossos vizinhos começaram a reclamar do cheiro, mas eu só me dei conta que tinha alguma coisa errada quando minha mãe colheu algumas folhas para fazer um chá e, em seguida, começou a ficar muito estranha... — David não conseguia parar de rir enquanto eu tentava continuar séria — então, eu tirei uma foto e pesquisei na internet. Arranquei tudo no mesmo dia. Pensei até em fazer uma fogueira, mas eu acho que não... — pigarreei — não seria algo bom. Meus vizinhos ficariam todos chapados.

Nossa gargalhada se tornou alta no quarto.

— Porra, nunca imaginei que você pudesse ter um lado negro — brincou e, eu me fiz de ofendida.

— Eu fui enganada, ok? Não sabia o que estava plantando.

Ele riu, mas continuou vasculhando na minha lista.

— Você concluiu vários desejos, mas ainda possuí alguns não realizados.

Assenti.

— Um dia, eu chego lá.

Ele não disse nada. Instantes depois, ele entregou o aparelho para mim.

Colocando o celular no criado-mudo, voltei a me aconchegar em seu peitoral quente. David apagou a luz do abajur e soltou um longo suspiro.

— Boa noite, Luna. — Senti seus lábios nos meus cabelos.

— Boa noite, David.

No silêncio da penumbra, algo envenenou minha mente, sufocando-me com uma maldita dúvida que começou a martelar meus pensamentos.

— David? — sussurrei. — Você está dormindo?

— Não estou dormindo. O que foi? — Sua mão esfregou-se em meu braço e ombro.

— Aquela mulher que estava na sua sala... vocês

têm alguma relação íntima?

Sua mão, outrora, passeando em meu braço, agora estava apertando minha carne com agonia calculada, como se estivesse com medo.

— David?

— Eu não tenho nada com ela, Luna — respondeu no mesmo tom sussurrado. — Apenas negócios. — Inclinou-se para beijar minha testa. — Agora durma.

Voltei a fechar os olhos, sentindo-me satisfeita por estar rodeada pelos braços do homem que me ganhava com tanta facilidade.

Quinze

David

González

Passado

Eu estava debruçado sobre a balaustrada da sacada do meu quarto; era noite e a brisa úmida banhava meu rosto com delicadeza, oferecendo fresco a minha pele devido ao clima quente. Meus pensamentos estavam longe quando ouvi passos atrás de mim e logo senti a presença do meu pai ao meu lado; seu sorriso era tão amável que não pude deixar de retribuir.

— O que faz aqui? — perguntou, imitando minha posição. Seus olhos voaram para a lua. —

Ah, entendi, está admirando a lua.

— A noite está agradável, pai — respondi apenas, e permaneci olhando para o céu. — E, eu estou um pouco chateado.

Não olhei para ele quando disse isso, mas podia sentir seus olhos em mim.

— O que aconteceu?

Dei de ombros.

— Problemas com uma garota aí...

Não dei detalhes, mas isso foi o suficiente para meu pai rir. Nesse momento, eu o encarei, ofendido, porque meu coração estava doendo, como ele ousava debochar da minha dor? Mesmo que eu estivesse no auge dos meus quinze anos, ainda tinha o direito de me apaixonar.

— Me perdoe, filho, mas é um pouco estranho presenciar meu garotão sofrendo por amor — justificou, em seguida, se aproximou de mim, mas ficou de costas contra a balaustrada. — Esse sentimento gigante possui o poder de nos tornar pequeninos, e por vezes, refêns.

Eu franzi a testa, incomodado com aquela
PERIGOSAS ACHERON

constatação.

— Mas por que temos que sofrer?

Ele voltou a rir, mas de maneira amena, enquanto balançava a cabeça.

— Nem sempre sofremos, filho. O amor tem suas facetas; ele é doce, mas também pode ser amargo; pode ser gigante para uns e pequeno para outros...

— ele pausou, depois voltou a encarar a lua — Seu coração ainda não encontrou a sua alma gêmea; a mulher que o fará refém emocionalmente, tão refém quanto à noite é da Lua.

Virei o rosto para ele.

— Eu não quero isso — resmunguei.

— Vai querer, David... assim que encontrar a sua parceira, seu instinto falará mais alto e nada o fará se sentir mais completo.

— É assim que o senhor se sente quando está com a mamãe?

Ele sorriu.

— Eu amo a sua mãe.

Sorri também, mas não disse nada.

Colocando-se ao meu lado, ele depositou a mão no meu ombro e, em silêncio, permanecemos admirando a lua. No meu íntimo, torcia para que meu pai tivesse razão, e que um dia, eu pudesse desfrutar desse sentimento tão sublime.

Dias atuais

Abri os olhos, piscando algumas vezes até me situar do local em que estava. Cenas quentes entre mim e Luna passaram a invadir meus pensamentos e, rapidamente, olhei para o outro lado da cama, mas o mesmo estava vazio. Me sentei, esfregando o rosto; eu estava nu quando deixei a cama e segui na direção do banheiro, mas o mesmo também estava vazio. De volta ao quarto, meus olhos começaram a rastrear o cômodo em busca de algum pertence da Luna, mas novamente não encontrei nada. Meu coração se chocou, embora eu me perguntasse se tinha sido aquela sensação que ela sentiu quando acordou sozinha naquele hotel, semanas atrás.

Ela fez de propósito. Quis se vingar de mim.

No fundo, não senti raiva, pelo contrário,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

comecei a sacudir a cabeça, rindo alto.

— Mas que filha da puta!

Mal terminei de falar e a porta do quarto se abriu.

— Opa, tem alguém raivoso aqui... — comentou, sarcástica. Em seguida, fechou a porta.
— O que houve?

Meus batimentos cardíacos estavam furiosos enquanto encarava aquela linda mulher na minha frente; mulher essa que vinha cavando um espaço único no meu coração.

Pigarreei. Não queria confessar que estava nervoso por ter pensado que ela tivesse me abandonado no quarto de hotel.

— Onde você foi?

Ela arqueou as sobrancelhas, em seguida, mirou o meu corpo nu, e isso foi o suficiente para me fazer pulsar diante de seus olhos quentes.

— Você estava sem roupas, então fui atrás de algo para você vestir, já que teremos um dia cheio hoje.

PERIGOSAS ACHERON

— Teremos? — indaguei, me aproximando da cama para vasculhar as sacolas de compras.

Seu sorriso era travesso.

— Conheci uma galera na recepção, e eles comentaram sobre uma balada que acontece toda a segunda-feira no fim da pista do aeroporto, num antigo hangar, mas por uma exceção, estará acontecendo hoje. Não está entre as baladas mais famosas de Ibiza, mas estou animada para ir. — Ela bateu palminhas, feito uma criança quando acaba de ganhar doces. — Tenho certeza que vamos nos divertir bastante.

Soltei um suspiro baixo, tentando esconder a má vontade.

— Temos que voltar cedo, Luna, porque amanhã é segunda-feira e temos muitos compromissos — falei, ranzinza. — Só me dê um minuto e, eu já me arrumo para irmos.

Ignorando-me, ela me deu as costas e começou a tirar as roupas.

— Se você não está a fim de curtir a balada, tudo bem, mas eu vou com ou sem você — disse,

PERIGOSAS NACIONAIS

taxativa. — Considerando que, na verdade, minha vinda para cá não incluía você na história — concluiu, irritando-me.

Nua.

Ela estava nua agora.

— Está me descartando? — perguntei, entre dentes. Meus olhos queimando seu corpo.

Ela me ofereceu um sorriso aberto.

— Não, eu não estou. Apenas te dei a opção de voltar para Madrid agora. Eu vou mais tarde.

Seus dentes estavam cravados em seus lábios conforme encarava meu pau duro.

— Você não está com boas intenções — comentei, dando alguns passos mais perto. Circulei sua cintura e não demorei a juntar nossos corpos, sedentos um pelo outro. — Então não poderei deixá-la sozinha. Sua última vez numa balada não foi muito legal — lembrei-a.

Seus braços enrolaram-se em meu pescoço enquanto continuava me oferecendo um sorriso libidinoso.

PERIGOSAS ACHERON

— Isso me diz que vou precisar dos seus serviços de herói — brincou e, eu ri.

— No momento, vou oferecer meus serviços de amante, ok? — Num movimento abrupto, eu a ergui e suas pernas abraçaram minha cintura. — E saiba que vou castigá-la por não ter estado ao meu lado quando acordei.

Sua risada ecoou pelo quarto.

— Experimentou do próprio veneno, *garotão...*

Calei sua boca com um beijo devasso, porque tudo o que eu queria era me perder naquele corpo que mexia tanto comigo.

O lugar estava cheio, pessoas de diferentes origens, todos curtindo a sua maneira. Um remix da clássica “Gypsy Woman” do Crystal Waters estava tocando. Era quase meio dia e por incrível que pudesse parecer, eu estava feliz que Luna tivesse me arrastado até ali.

— Vou pegar bebidas para nós — gritei para ela, quando chegamos perto do palco. Luna apenas assentiu, enquanto balançava o corpo no ritmo da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

música eletrônica.

Instantes mais tarde, eu retornei com dois copos de bebidas.

— David, esse lugar está muito animado — ela gritou, em total êxtase. Nesse momento, ela pulou e se desequilibrou, derramando sua bebida num cara que estava perto de nós.

— Oh, me desculpe...

— Você está louca, sua puta?! Olha o que você fez — ele a cortou, totalmente grosseiro e ameaçando agredi-la. Meus punhos se fecharam na mesma hora e, eu o empurrei me colocando na frente da Luna.

— Toque nela e será a última coisa que essas mãos nojentas irão tocar — rugi, sentindo a fúria em meus poros. Meus olhos não desviaram dos dele em nenhum momento.

— Ah, é? E o que pretende fazer? — sibilou, tão ameaçador quanto.

— David... — Luna tocou meu ombro, sua voz estava preocupada. — Deixa pra lá... vamos sair daqui.

PERIGOSAS ACHERON

— Basta pagar pra ver, seu filho da puta. — Meu corpo cresceu um pouco mais diante dele, que não se abateu, embora tivesse uma estatura menor. — Minha mulher não derramou a porra da bebida de propósito, *caralho*.

Ele soltou uma risada, em seguida, ergueu sua garrafa de cerveja num cumprimento antes de se afastar, mas sem deixar de me encarar.

Meu corpo estava inteiramente trêmulo quando Luna puxou meu rosto na direção dela. Erguendo-se nos pés, ela uniu nossas bocas num beijo quase obsceno.

— Você quase me fez gozar com toda essa demonstração de testosterona — soprou, oferecendo-me um sorriso lindo. — Pode repetir a parte que você se referiu a mim como sua?

Eu ri, segurando seu corpo acima do traseiro e esfregando minha ereção contra sua pélvis. Avancei com minha boca na sua, faminto.

Ultimamente, eu estava sempre faminto por ela.

— Vem comigo. — Entrelacei meus dedos com os seus e comecei a puxá-la para longe daquele

alvoroço de corpos dançantes.

— Aonde vamos?

Virei minha cabeça na direção dela, oferecendo um sorriso libertino.

— Vou ajudá-la com o seu desejo de número 11 — falei, em seguida, parei e voltei a prensá-la com meu corpo a fim de sussurrar no seu ouvido: — Transar num local público.

Ela arquejou, mas não dei tempo para que pensasse muito, e voltei a arrastá-la para longe da muvuca. Quando estávamos no lado de fora do hangar, Luna freou meus movimentos acelerados com um puxão.

— Oh, meu Deus, David, olha esse carro! — exclamou, fascinada. — Esse é um GT-R da Nissan, na versão Nismo, que corresponde a 600 cv de potência — explicava enquanto esquadrihava o belíssimo automóvel em tom branco. Coloquei as mãos nos bolsos, apenas me deslumbrando do brilho nos olhos dela. — Você sabia que o Usain Bolt, bicampeão olímpico dos 100m rasos, é o maior fã do GT-R em todo mundo? David, eu daria

tudo para andar nesse carro agora — comentou como se tivesse doce na língua.

De repente, um jovem rapaz se aproximou; seu visual não negava a boa situação financeira, ostentação extrema. Vi o momento em que ele tirou os óculos e encarou Luna com os olhos gulosos.

— Gostou do meu carro, gata? — Luna se assustou, já que não tinha notado a aproximação dele. Simpática, ela sorriu e começou a tecer elogios ao veículo. Irritado com a forma como ele estava encarando ela, como se estivesse diante de um pedaço succulento de carne, eu fui até eles.

— E aí, brother? Quanto você quer para deixar minha gata dar uma volta no seu carro? — Ele riu, pensando que eu estava brincando.

— David... não preci...

— O valor de mercado dele é de aproximadamente nove mil euros. Eu pago dez. Agora. Na sua conta — falei, pegando meu celular e abrindo o aplicativo do meu banco. — Me passe seus dados.

O rapaz, que até então estava rindo, parou e me

encarou, curioso.

— Está falando sério, cara?

— Nunca falei tão sério em toda minha vida.

Desconfiado, ele me passou os dados da conta e, rapidamente, a transferência foi efetuada.

— Caralho, brother! — exclamou, assim que mostrei o comprovante. — Porra, a chave é sua. — Entregou direto nas mãos da Luna, que vibrou de felicidade.

Sorrindo animada, ela não fez cerimônia e entrou no veículo e, eu fui logo atrás.

— Não acredito que você fez isso — disse ela, assim que eu me ajeitei no banco do carona. — Não pense que vou ajudá-lo a bancar essa fortuna — brincou me fazendo gargalhar.

— Olha só, estou diante de uma malandrinha — comentei, e ela piscou um olho antes de ligar a chave na ignição e fazer o motor rugir.

— Porraaaa! — ela gritou em êxtase. — Esse som é música para meus ouvidos — disse entre risos.

A animação dela era tão contagiante que nunca

PERIGOSAS NACIONAIS

sorri tanto; Luna era uma mulher sapeca, que trazia consigo a impressão de que jamais tinha vivido o suficiente, ou que ainda não tivesse descoberto um terço das coisas boas da vida. Naquele momento, eu me peguei desejando viver tudo com ela, o que era muito estranho, porque até um tempo atrás, eu a odiava.

Pegamos uma curva na pista, e Luna me surpreendeu na direção do carro, mais do que isso, ela estava me excitando com todas as manobras que fazia.

— Segura firme aí, garotão — gritou quando trocou a marcha e fez uma manobra arriscada, mas que acabou nos levando para uma estrada de chão.

Uma nuvem de poeira foi ficando por onde passávamos, mas Luna não parecia se importar; seu sorriso me dizia que aquilo era um sonho se realizando e, eu não poderia estar mais feliz por estar proporcionando isso a ela, e ainda mais satisfeito por estar junto.

— Pare — pedi. Ela me encarou, séria. — Pare, Luna. Agora.

PERIGOSAS ACHERON

Mesmo a contra gosto, ela freou.

— O que foi? — reclamou, enquanto eu retirava meu cinto e avançava sobre ela.

— Não é nada com você. Aliás, é tudo sobre você e a forma sexy como você estava dirigindo, porra! — Peguei sua mão e coloquei sobre meu pau rígido. — Você fez isso. Você me deixou duro desse jeito.

Ela gemeu contra meus lábios, e começou a massagear-me por cima da calça.

— Oh, David... — choramingou, arrancando minha camiseta com desespero. Em seguida, ela me afastou; seus olhos estavam nublados. — Sente-se ali e abaixe a calça.

Eu não era adepto a deixar a mulher obter o controle na hora do sexo, mas com Luna era diferente.

Tudo com ela era diferente.

Fiz como ela pediu e, rapidamente, ela veio até mim. Sua saia virou um amontoado de pano em sua cintura, enquanto sua calcinha apenas foi afastada para o lado para que meu pau, revestido com um

preservativo, pudesse afundar-se na sua boceta molhada.

Eu a envolvi e enchi minhas mãos com seus maravilhosos seios, por cima da blusa, enquanto movimentava o quadril contra ela.

Sua bunda deliciosa saltava sobre minha pélvis, e os sons molhados, que podiam ser ouvidos, ricocheteavam no interior do carro.

Segurei seus quadris e passei a impulsionar movimentos mais intensos e velozes. Luna gemeu alto antes de capturar meus lábios em um beijo.

— Oh, sim, *garotão*...

Eu passei a empurrar, acelerando as estocadas. Com cada pressão contra seus quadris, eu fiz seu corpo amolecer em meus braços. Ela se inclinou para cada vontade minha, enquanto a umidade da sua boceta escorria por minhas bolas e, eu podia sentir meu pau sendo ordenhado por seus músculos pélvicos. Ela estava perto, eu podia sentir. Seus olhos estavam semicerrados, enquanto meus olhos observavam seu rosto, vendo o prazer que eu estava lhe proporcionando, expresso em cada célula do

seu corpo.

Capturei seus lábios com os meus enquanto me enterrava dentro dela, engolindo seus gemidos e meu pau estremeceu contra suas paredes. Eu me derramei sobre o preservativo, enquanto seu corpo me puxava para mais e mais perto, suas pernas enroladas em mim como se sua vida dependesse disso.

Ela gozou tão lindamente que eu tive vontade de gravar aquele momento; seu rosto ficou vermelho e sua mandíbula frouxa. Sua cabeça afundou no meu pescoço, ofegante, enquanto seus braços me envolviam.

— Acabamos de realizar dois desejos da sua lista — falei, também ofegante, acariciando seus cabelos. Sua cabeça se afastou, e seus olhos encontraram os meus. — Transar em público, e transar dentro de um carro. — O sorriso que tomou conta dos meus lábios era enorme, o que a fez dar risada.

— Nem me atentei a esse detalhe, sabia? Mas eu adorei — Sua boca voltou a encostar-se aos meus lábios. Em seguida, saiu de cima de mim para se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ajeitar no próprio banco.

Depois de alguns minutos, ambos apresentáveis, Luna voltou a colocar o carro na pista.

Entre risadas e brincadeiras, ela e eu retornamos ao local da festa para encontrar o dono do carro.

Assim que Luna desceu, foi golpeada na lateral do corpo com uma lata de cerveja.

— Ai — murmurou, assustada e nervosa.

— Agora você está desculpada, gata — gritou o mesmo rapaz da balada, aquele que a Luna tinha derramado bebida sem querer. Ele gargalhou.

Desci do carro e dei a volta rapidamente.

— Seu filho da puta! — Tentei ir até ele, mas o mesmo estava dentro de um carro, que arrancou com velocidade, zombando de nós dois.

Contendo a fúria, fui até a Luna, preocupado.

— Você está bem? — perguntei, trêmulo, enquanto verificava seu corpo com meus olhos atentos. — Se machucou?

— Não, está tudo bem — ela falou, também nervosa. — Foi apenas bebida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ótimo! — exclamei. — Agora, entre no carro
— Dizendo isso, eu entrei no lado do motorista.

O semblante de Luna era confuso quando ela se juntou a mim.

— O que pretende fazer, David?

Liguei o carro e acelerei.

— Vou dar uma lição naquele filho da puta!

PERIGOSAS ACHERON

Dezesseis

Luna

Ramires

As últimas horas ao lado do David estavam sendo mágicas, contradizendo todo o meu plano inicial quando decidi me aventurar em Ibiza, em busca de um recolhimento espiritual.

Tudo estava acontecendo depressa demais, me pegando desprevenida com a enxurrada de sentimentos e emoções que estavam invadindo meu peito. David estava me fazendo confiar nele, e ele estava me fazendo acreditar que, um dia, eu teria o meu final feliz. Quanto mais tempo passávamos juntos, mais pronta eu me sentia para deixá-lo entrar.

Ele ainda não me conhecia verdadeiramente, ele não conhecia meu passado obscuro, a parte de mim que havia sido destruída. Embora, o medo ainda persistisse em me fazer deixar tudo oculto, David, sem sequer tentar, estava me mostrando que a felicidade estava do outro lado das barreiras que eu mesma havia imposto.

Eu tinha medo que quando ele descobrisse meus demônios, mudasse a maneira como se sentia em relação a mim. E se, quando eu dissesse, ele me achasse repugnante? Suja? Certamente, eu não conseguiria lidar com isso. Eu não queria que David me olhasse diferente, porque eu amava o desejo nos olhos dele quando estávamos envolvidos em um beijo, ou em um contato mais íntimo.

Ele me queria, e isso me fazia sentir deliciosamente sexy.

Eu olhei para ele, naquele momento, sério e exalando fúria por todos os poros, e acabei sorrindo por dentro. Obviamente que havíamos dado um giro de 180 graus das nossas primeiras impressões com ambos; lutando contra nossa atração inegável. Agora estávamos abraçando, e vivendo momentos

incríveis juntos, como, por exemplo, aquela perseguição implacável do David contra o rapaz da balada.

— Isso é loucura, David — falei quando ele passou por uma rótula em alta velocidade. Eu estava apavorada, embora não conseguisse diminuir a adrenalina da empolgação correndo em minhas veias. — O que está pensando em fazer, hun? Chocar nosso carro contra o dele? — Tentei chegar até sua lucidez.

Depois de uma curva, nós pegamos uma rua, ladeada com plantações.

— Eu vou forçá-lo a parar — sibilou, com tom cavernoso. Nesse momento, nosso carro se aproximou, e David gritou: — Encosta essa porra, seu covarde.

O cara colocou a mão para fora da janela, gesticulando com o dedo, um gesto obsceno. Em seguida, acelerou um pouco mais, novamente tomando a frente. O carro dele também era veloz, o que estava dificultando a perseguição.

A velocidade do velocímetro estava me

deixando desesperada, assim como a possibilidade de alardearmos a polícia.

— David, pelo amor de Deus, pare com isso — gemi, tocando seu ombro tenso. — Olha o que estamos fazendo.

— Ele agrediu você, Luna, e isso é algo que eu não posso ignorar — rosnou, sem olhar para mim.

Era como se ele estivesse guerreando sozinho, preso entre a fúria e a razão.

Eu deveria me preocupar com o possível final daquele espetáculo de corrida, mas no fundo acabei me sentindo extraordinária por vê-lo buscando vingança por mim.

Lá na frente, o carro, alvo da nossa perseguição, entrou numa estradinha de chão. Gritei de susto quando David atingiu a traseira dele com uma batida estrondosa, o que fez o veículo girar. A área que estávamos era um pouco deserta; havia apenas uma fábrica simples, mas que parecia estar abandonada.

Paramos o carro e, em seguida, David desceu. Eu desci logo atrás, uma vez que, notei que o rapaz

também tinha descido do carro dele.

— Seu filho da puta! — exclamou, David, lançando-se sobre ele.

Uma vez que estavam no chão, David o acertou na bochecha e bateu o punho em sua mandíbula. Suas mãos envolveram o pescoço dele, enquanto as dele tentavam livrar-se do aperto sufocante.

— David! — exclamei, enquanto via o rapaz lutar sob o aperto. — Por favor, escute-me!

— Você vai aprender a nunca mais faltar com respeito com a mulher de ninguém, seu escroto — ele rosnou, ignorando meus apelos.

Ao longe, eu podia ouvir o barulho de sirenes.

— David!

Ele segurou a garganta mais apertada, enquanto os olhos do rapaz pareciam querer fechar.

— David! — insisti envolvendo os braços em seus ombros tentando puxá-lo para longe do rapaz. — O deixe ir, por favor, essa não é a melhor maneira de fazer justiça.

— Sim, é — ele rosnou, possesso.

Sentindo o pânico daquela situação, me dominar, eu comecei a sentir lágrimas nos meus olhos. Derrotada, cambaleei para trás, soluçando. Não sei se foram meus soluços que chamaram sua atenção, mas David virou a cabeça para onde eu estava; minhas mãos cobriam o meu rosto.

Eu estava desmoronando.

— Por favor, pare — implorei mais uma vez.

Antes que ele pudesse raciocinar, o rapaz o golpeou com um soco no estômago e o empurrou para longe. Ele caiu de costas, dando tempo suficiente para o outro fugir.

Instantes depois, David e eu fomos cercados por três viaturas da polícia. Apenas respirei fundo depois que entrelacei meus dedos com os dele e, enfim, nos rendemos.

Estávamos sentados no chão, com nossas costas juntas, embora separados pelas grades de ferro das celas. O silêncio naquela delegacia não era tão ensurdecedor quanto do David; desde que fomos presos e trazidos até a delegacia, ele tinha se

PERIGOSAS ACHERON

tornado recluso e distante. Eu estava preocupada, perdida dentro de mim mesma.

— David? — chamei baixinho, quebrando o silêncio.

Ele não respondeu de imediato.

— O que foi, Luna?

Soltei um suspiro desanimado diante do seu tom.

— Acabei de perceber que você me ajudou a realizar mais um dos meus desejos — murmurei, abrindo um sorriso sapeca. — Ser fichada na policia após ter cometido um delito leve.

Ele riu.

— É verdade — concordou.

— Estamos presos, David, você tem noção dessa loucura? — Virei a cabeça para poder olhá-lo.

— Definitivamente sou uma péssima influência para você, não? — ele disse num tom brincalhão.

Eu me ajeitei de lado, e minha mão buscou pela sua, tatuada. Entrelacei nossos dedos, sentindo-me aliviada e completa por estarmos juntos.

— Eu nunca me diverti tanto, David — fui

PERIGOSAS ACHERON

sincera. — Não se sinta mal por estarmos aqui. Afinal, você apenas estava usando dos seus serviços de herói.

Ele gargalhou. Depois deitou a cabeça na grade, os olhos nos meus.

— Se, no momento, você tivesse a opção de mudar algo na sua vida, o que mudaria? — sua pergunta me fez arquear as sobrancelhas.

— A morte da minha mãe — falei com um sorriso triste, enquanto olhava para nossas mãos unidas. — Ela faleceu quando finalmente nos tornamos amigas, sabe? Sinto que perdemos muitos momentos juntas, e isso é realmente muito triste.

Eu olhei para ele, para encontrá-lo me olhando com uma expressão diferente.

— O quê? — perguntei, nervosa.

— Não é nada. É só que você nunca fala do seu pai biológico — confessou. — Durante todo esse tempo que estamos passando juntos, você nunca falou nada sobre ele.

Franzi o cenho, tentando não demonstrar o quanto aquele comentário me pegou desprevenida.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não tenho boas recordações, David — respondi dando de ombros. Em seguida, soltei sua mão e voltei a ficar com as costas na grade. A sensação ruim estava ali, espreitando.

— Ei? — Senti o toque da sua mão no meu ombro. — Está tudo bem, eu não tive a intenção de empurrá-la na direção dos seus fantasmas. Me perdoe.

Assenti, mas continuei no mesmo lugar e do mesmo jeito. De repente, David enlaçou minha cintura, em seguida, começou a beijar minhas costas até que eu estivesse rindo.

Até que ele tivesse certeza que aquela áurea negra houvesse se dissipado.

Assim que eu me virei para ele, me inclinei para poder sentir seus lábios doces nos meus. O beijo, outrora inofensivo, tornou-se possessivo. A ideia de atacá-lo parecia tentadora, embora estivéssemos separados pelas grades.

— Você me deixa sem fôlego — ele soprou.

Antes que eu pudesse responder, uma voz chamou nossa atenção.

PERIGOSAS ACHERON

— Espero não estar atrapalhando nada, ou posso voltar em outro momento.

— Oh, Alejandro! — exclamei, feliz ao vê-lo. Um policial começou a abrir nossas celas. — Que alegria.

Ele sorriu, piscando um olho.

— Hugo não pôde vir, então me incumbiu para a missão de vir resgatá-los — comentou, sem esconder a ironia.

David ficou livre primeiro, e Alejandro o recebeu com um abraço apertado. Ambos resmungaram algumas palavras, as quais, eu não entendi, porque estava agitada com a visão do policial abrindo a minha cela.

Alejandro estava lá para mim quando eu saí; seu abraço me pegou de surpresa, mas me senti estranhamente acolhida.

— Obrigada pelo resgate — falei em tom de brincadeira, o que o fez rir.

Depois de mais alguns minutos de burocracia, fomos liberados.

Fora da delegacia, fui pega desprevenida com o
PERIGOSAS ACHERON

surgimento abrupto da Blue Evy. Mais cedo, tanto eu quanto David, tivemos o direito de entrar em contato com algum familiar, então eu liguei para ela.

— Oh, meu Deus, Luna, você está bem? — perguntou, desesperada e ofegante. Seus cabelos estavam amarrados num coque frouxo. — O que aconteceu? Aliás, em que tipo de encrenca esse cretino te colocou, hun? — ela fuzilou David com os olhos. De repente, ela se estabeleceu na minha frente, claramente me defendendo deles. — Quando você vai entender que ela foi tão vítima quanto você na história do relacionamento extraconjugal dos seus pais?

— Blue? — Toquei seu ombro, mas ela continuou atacando.

— Você deveria sentir vergonha de estar agredindo uma mulher doce como a Luna, e gratuitamente, aliás, quantos anos você tem? Dez? Doze?

Alejandro gargalhou.

— Mas da onde essa louca surgiu, afinal? —

David questionou, incomodado.

— Pelo amor de Deus, Blue, já chega! — Me coloquei na frente dela, forçando seu olhar em mim. Ela estava tremendo.

— O que o irmão bom está fazendo aqui? — ela questionou, em seguida, espiou o Alejandro por cima do meu ombro. — Veio defender o irmão babaca?

— Jesus! — exclamei, presa entre a vontade de rir e de cobrir a boca dela com um esparadrapo.

Segurei seu rosto com minhas mãos.

— Blue, eu estou bem, ok? — Ela piscou. — Em casa, eu conto todos os detalhes. Agora vamos sair daqui.

— Ei, ei, Luna... — David me chamou. — Aonde vocês duas vão? O superesportivo está aqui no estacionamento, nós não o perdemos.

— Aonde nós vamos? O meu desejo é ir atrás de uma metralhadora para acabar com essa sua carinha bonita, seu cretino — Blue sibilou.

David fechou a expressão, embora fosse um homem musculoso e assustador com todas aquelas
PERIGOSAS ACHERON

tatuagens, ele parecia intimidado com minha amiga.

Alejandro se aproximou.

— Eu aluguei um carro no aeroporto — explicou. — Eu posso levar sua amiga, e você vai com o David no outro carro — opinou.

Arqueei as sobrancelhas.

— E quem disse que quero ir com você, grandão? — Blue intimou, desafiando-o.

— Melhor do que ir na companhia do meu irmão, hun? — ele retrucou.

— Blue...

— Luna, eu não acredito que você vai me largar nas mãos do lobo mau — disse, indignada. — Olha só, eu me joguei de Madrid até aqui por sua causa, porque fiquei desesperada de preocupação, e agora você vai me trocar por... *ele*? — Seus lábios torceram levemente quando pronunciou a palavra “ele”, referindo-se ao David. — Pois eu prefiro ir de táxi.

Eu estava desnorteada, e não tive qualquer reação. Diferente do Alejandro, que me

PERIGOSAS ACHERON

surpreendeu quando avançou sobre ela, erguendo-a no ombro.

— Me coloque no chão, seu babaca! — ela rosnou, se esperneando.

— Vou colocar você no banco do carona do meu carro, *tigresa* — disse, Alejandro, estapeando o traseiro empinado dela, que gritou e explanou mais e mais xingamentos.

Levei uma mão para cobrir a boca, porque a risada estava prestes a escapar.

— Ela vai me matar, David — falei, entre risos. — Pode se preparar para velar meu corpo amanhã.

David me puxou para ele, exalando um sorriso safado.

— Então preciso aproveitar mais um pouco.

Soquei seu peito, furiosa com suas palavras toscas.

Prestes a tecer xingamentos, ele engolfou minha cintura com seus braços fortes, pouco antes de tomar meus lábios em um beijo avassalador. Naquele momento, eu me esqueci de tudo, aliás, como sempre acontecia quando aquele homem me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tinha em seus braços.

PERIGOSAS ACHERON

Dezessete

Luna

Ramires

Eu estava atrasada.

Usando um dos meus sapatos e vestindo uma saia, tropecei quando eu estava descendo, às presas, os poucos degraus da porta de entrada da minha casa.

— Merda. — Eu gritei enquanto tentava me recuperar e parar a minha queda. A única coisa que consegui fazer foi me impulsionar para frente. Caindo rápido.

Eu caí, minha mão se dirigindo para o chão do gramado buscando apoio, meu tornozelo torceu.

PERIGOSAS NACIONAIS

Torceu para um lado.

Dor se espalhou pela minha perna.

Meus joelhos cavaram no piso bruto do pé da escada, e por pouco não bati com a boca também.

Minha cabeça caiu e, eu lutei contra as lágrimas que correram para os meus olhos.

Lágrimas de frustração. Lágrimas de mágoa que só crescia a cada dia desde que David e eu retornamos de Ibiza, há uma semana e, ele decidiu ignorar nossos momentos. Não havia mais aquela hostilidade da parte dele, mas também não havia mais aquele olhar que amolecia minhas pernas.

Não havia mais os sorrisos.

Os cuidados.

O brilho nos olhos.

Eu dizia a mim mesma que estava sendo estúpida e insensata, por continuar sofrendo por um homem que, obviamente, não queria nada sério comigo. Mas só porque eu dizia a mim mesma essas coisas, não significava que eu poderia facilmente me convencer delas. Não quando sentia que era uma mentira.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Deus. Por que a vida tinha que ser tão complicada? Eu não precisava me preocupar com um homem que claramente me usou ao seu bel prazer. Mas que de alguma forma, se tornou o centro de cada pensamento meu.

O riso se projetou da minha boca.

O tipo desesperado.

O tipo que parecia um soluço.

Respirei fundo, tentando clarear minhas ideias. Em seguida, fiquei de pé. Olhei para o céu e fechei os olhos, apenas para sentir os raios do sol banhando meu rosto.

O calor se espalhou pela minha pele trazendo uma sensação agradável. Depois de alguns instantes, esfreguei meus joelhos com as mãos e passei os dedos pela minha saia, a fim de tirar os pequenos vincos no tecido. Girei meu tornozelo de um lado ao outro, até ter certeza de que estava tudo no lugar.

Em seguida, caminhei com passos firmes em direção ao meu carro, na garagem, tentando ignorar o peso da dor no meu peito, e aquele desejo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

obsкуро de tentar fazê-la ir embora do único jeito que eu conhecia.

Uma vez na empresa, segui direto para a sala de conferência, expulsando todo e qualquer sinal de incômodo do meu peito. A verdade era uma só: David havia dilacerado meu coração, e eu estava desesperadamente tentando reunir os pedaços.

Assim que cheguei à sala, lutei para me manter neutra, sem vacilar diante da presença sufocante do David; ele estava conversando com um dos integrantes da equipe.

Lea estava saindo quando cheguei, mas parou para me cumprimentar com sua simpatia maravilhosa.

Eu deveria ter me preparado um pouco mais, porque não tive forças quando me aproximei da mesa; David estava a poucos metros. Seu cheiro invadiu minhas narinas, me deixando tonta de desejo.

Eu queria tocá-lo.

Queria sentir suas enormes mãos em minha pele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Descobrimo meu corpo como somente ele foi capaz.

Droga! Meu desejo por ele era tão impressionante quanto sua presença.

Um olhar arrependido veio em minha direção. Como se ele não tivesse o poder para detê-lo. Apenas da mesma forma como eu não conseguia parar de olhá-lo. Meu olhar o bebia como se ele fosse um fruto proibido. Um alvo distante e intocado.

Aquele era um destino perigoso.

Perigoso para a minha sanidade.

Sugando uma respiração, eu sacudi a reação e me forcei a iniciar meu trabalho, mal olhando para os lados.

Torcia para que ele não notasse o meu medo. A minha dor. Nem o meu pesar.

O horário da manhã passou rapidamente, o que eu agradeci, porque meus músculos estavam tensos e minha cabeça parecia querer explodir.

Deixei a sala a passos rápidos, sendo parada pelo

PERIGOSAS ACHERON

Daniel, que segurou meu braço. Me assustei, mas não demorei para me afastar do seu toque.

— Algum problema? — perguntei, nervosa com sua aproximação. Ultimamente, suas atitudes vinham se tornando ousadas, e isso estava me incomodando um pouco.

Olhei por sobre seu ombro, a tempo de notar o olhar do David em nós dois.

— Nada. Apenas gostaria de convidá-la para almoçar comigo.

Segurei minha bolsa contra meu corpo, inspirando o ar com calma.

— Agradeço, mas já combinei de almoçar com uma amiga — falei, em seguida, lhe virei às costas, indo em direção ao elevador.

Entrei no restaurante, onde Blue me aguardava em uma mesa isolada. Eu não a via há alguns dias, aliás, desde que ela decidiu me odiar pelo acontecimento com o Alejandro. Além do mais, ela estava trabalhando em um novo turno no hospital, que exigia quatro dias de um expediente de doze

PERIGOSAS ACHERON

horas, para três dias de folga.

Parei diante da mesa, e sorri.

— Estou perdoada? — perguntei, mordendo os lábios.

Ela me encarou com os olhos semicerrados.

— Depende.

— Do quê? — indaguei, cautelosa, enquanto tomava um dos lugares à mesa.

— Você passou meu número para ele? Porque não posso perdoá-la se você fez isso, Luna.

Arregalei os olhos.

— Alejandro descobriu seu número de telefone?

Ela suspirou, em seguida, se jogou contra o encosto da cadeira.

— Ele me liga todos os dias.

Uma garçonete se aproximou e entregou os cardápios. Agradei com um sorriso e ela se afastou.

— Sério? O que ele diz? — perguntei, olhando para o cardápio. Blue não respondeu, o que me forçou a olhá-la. — Blue?

Ela soltou um muxoxo.

— Coisas, Luna. Ele me fala coisas... — suas bochechas estavam vermelhas e, eu não precisei ser um gênio para deduzir o teor da conversa dos dois — Coisas safadas — ela concluiu. — Ele é tão... tão...

— Tão...? — estimulei, adorando vê-la sem jeito.

Ela soltou o ar.

— Nada. Esquece — desconversou. — E, então, como estão as coisas com você?

A garçonete retornou a nossa mesa, e nós fizemos nossos pedidos.

— Ah, Blue... David, basicamente optou por ignorar todos os momentos quentes que vivemos em Ibiza — falei. — Não há mais hostilidade da parte dele, mas no lugar dela ficou a indiferença. E não sei qual dói mais. — Dei de ombros.

Servi-me com um copo de suco de laranja, já que Blue havia pedido uma jarra.

— Minha impressão sobre ele você já conhece de cor e salteado — ela disse. — Sua relação com PERIGOSAS ACHERON

ele é tóxica, Luna, e essa combinação é péssima para qualquer pessoa.

— O problema é que ele me mostrou um David diferente, sabe? Eu conheci o homem por trás dessa casca de homem mau e... — parei de falar no momento que meus olhos se depararam com uma figura feminina que se destacava facilmente das demais. Era a mulher que vi com o David na empresa.

— Luna? — Blue estalou os dedos diante dos meus olhos. Franzindo a testa, ela seguiu meu olhar. — Quem é aquela? Conhece?

— Eu não tenho certeza, mas acho que ela dormiu com o David. Embora ele tivesse negado quando perguntei.

— Querida, uma boa parte das mulheres de Madrid já dormiram com aqueles irmãos. Honestamente? Isso não deveria te chocar.

Ela se calou quando nossos pedidos chegaram. Instantes depois, nós voltamos a ter privacidade.

— Eu sei, Blue, mas não consigo frear meus instintos — murmurei, pegando os talheres. — Eu

PERIGOSAS NACIONAIS

sinto como se David já fizesse parte de mim, como se fôssemos um só.

— Bem, vocês já se tornaram um só, um par de vezes, então...

Eu ri.

— Palhaça.

Começamos a saborear nosso almoço, enquanto colocávamos a conversa em dia. Blue era minha melhor amiga e, eu estava sentindo falta de tê-la presente na minha rotina.

Seu telefone começou a tocar com um alarme de tempo.

— De volta ao trabalho — ela disse.

Lutei para não demonstrar meu desapontamento, porque não tinha tido o suficiente da minha amiga.

— Obrigada por ter almoçado comigo.

— Desculpe pelo curto intervalo de tempo, Luna, mas amanhã é minha folga. Vamos fazer uma noite de filme?

Concordei, antes de ela dar a volta na mesa e me apertar em seus braços.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Te amo — murmurou, deixando um beijo na minha testa. Em seguida, se foi.

Continuei por mais algum tempo na mesa, sozinha, até ser surpreendida com a presença de alguém.

— Luna Ramires? — perguntou.

Ergui a cabeça e me deparei com a mulher que tinha tido minha atenção longos minutos antes. Ela era ainda mais linda de perto. Cabelos longos e olhos incrivelmente castanhos.

— Sim — respondi com a testa repleta de vincos.

Era intimidante ter aquela mulher alta, em pé, diante de mim.

— Eu não sei que tipo de relação você e David têm, mas acho melhor que se afaste dele.

Absorvi suas palavras.

— E quem é você para achar alguma coisa?

— Me chamo Isabel e me relaciono com o David há alguns anos — respondeu tranquilamente. — Sei que você transou com ele, porque encontrei um

PERIGOSAS ACHERON

bilhete dele para você no apartamento.

— Apartamento? — Meu coração galopava no peito.

— Sim, no apartamento que ele mantém para se encontrar comigo. Inclusive, atualmente estou morando lá por algumas questões pessoais... minhas e dele.

Eu hesitei com um impasse.

Minha respiração foi roubada.

Cada memória dos meus momentos com David, me atingiu em cheio, sufocando meu peito e estraçalhando meu raciocínio. Eu não queria acreditar no que estava diante dos meus olhos.

Me recusava a acreditar que David havia me usado daquela forma tão sórdida.

Mentiras e mentiras.

Minha vida se resumia a isso...

A bela mulher continuava falando e falando... retirei o dinheiro da carteira, para, em seguida, depositá-lo sobre a mesa.

— Ele não quer estar com você, Luna —

insistiu. — Apenas usá-la para me atingir, uma vez que, nosso relacionamento está passando por uma fase atribulada.

Me levantei, ficando na frente dela.

— Não precisa gastar seus argumentos, querida, porque eu não nasci para prejudicar o relacionamento de ninguém — falei, sentindo o peso de cada palavra.

Somente quando cheguei até meu carro, no estacionamento do restaurante, que eu me permiti chorar enquanto me debruçava sobre o volante.

Era angustiante sofrer por alguém que sequer merecia. Desesperador conhecer a origem daquele sentimento, mas não ter coragem de dizê-lo em voz alta.

Fungando, eu liguei o carro. Precisava camuflar minhas emoções e aprender a simular uma máscara de indiferença.

A tarde, praticamente se arrastou e, eu tive que fazer um esforço sobre-humano para não expor ao David tudo o que estava me sufocando por dentro. Em determinado momento, descobri que precisaria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ficar até mais tarde em uma reunião com o Daniel Garcia. Nervosa com isso, eu me obriguei a ir até a sala do David.

— Luna? — observei a forma como seu corpo se tencionou com minha presença.

Eu queria xingá-lo, ao mesmo tempo em que queria explicações a respeito de nós. A respeito daquela mulher.

Ao invés disso, eu continuei na porta. Guardei a Luna magoada dentro de uma caixinha, e utilizei apenas o meu lado profissional.

— Eu gostaria de saber se você poderia participar da reunião com o Daniel no meu lugar — pigarreei.

— Por que não entra? Está com medo de mim?

Cruzei os braços.

— Não vejo necessidade de entrar.

Ele soltou um suspiro resignado.

— Qual o maldito problema com a reunião? — perguntou grosseiro.

Engoli em seco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não estou me sentindo mais a vontade com ele... — expliquei, baixinho. Dei alguns passos até o meio da sala. — Você poderia ficar no meu lugar?

Ele permaneceu me encarando, sério, sem dizer uma palavra.

— O que aconteceu?

Dei de ombros.

— Eu não sei explicar, mas eu sinto que tem algo estranho com as atitudes dele em relação a mim, David.

O telefone dele tocou e ambos olhamos para o aparelho.

— Infelizmente não poderei ajudá-la, porque... — ele pigarreou — tenho um... compromisso — sentenciou e, eu não pude deixar de me perguntar se esse compromisso seria com a Isabel. — Além do mais, Luna, você tem que parar de achar que todos os homens estão interessados só porque não está acostumada com a simpatia masculina. Daniel Garcia é um excelente profissional e duvido que ele arriscaria o próprio emprego por uma foda casual.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Atordoada, eu tive forças apenas para assentir com a cabeça, antes de deixar a sua sala.

Desolada.

Decepção berrava aos meus ouvidos, mas lutei para afastar todas aquelas emoções quando retornei a sala de conferência.

Perto das seis da tarde, eu me vi quase livre da presença do engenheiro quando de repente, ele colocou a mão na minha coxa, por baixo da mesa. Estávamos discutindo sobre alguns gráficos, então meu corpo precisava ficar próximo ao dele para que pudéssemos analisar juntos.

— O que é isso? — indaguei, consternada, empurrando sua mão.

Sua voz soou baixa.

— Isso é um homem desejando ardentemente uma bela mulher. Nesse caso: você.

— Acontece que eu não desejo você.

Me levantei, mas sua mão segurou meu braço, freando meu movimento.

— Prefere dar a boceta apenas para o predador,

PERIGOSAS ACHERON

que está no topo da cadeia alimentar, então? — sibilou, raivoso.

Algo sinistro tinha se infiltrado por trás das suas palavras.

Algo sujo e vulgar.

— O-o quê? — perguntei, mal conseguindo falar.

— Você é uma mulher inteligente, Luna. Até consigo imaginar os motivos que levaram você a ir para a cama com o David González. Status? Dinheiro? Poder?

— Você é nojento — rosnei, conseguindo me soltar e, em seguida, me afastar.

— Eu, nojento? Por quê? Por tentar tirar uma casquinha de uma vagabunda, feito você? — disse, se levantando também. — Desde o meu primeiro dia, eu demonstrei meu completo interesse em você, Luna, porque imaginei que você fosse uma mulher diferente. Mas no fim, é como as outras. Uma vadia oportunista.

Náuseas reviraram meu estômago.

— Você não pode estar falando sério... — eu

PERIGOSAS ACHERON

estava desesperada, enquanto mantinha um olho atrás de mim para a porta fechada. Orando por um milagre, orando para que alguém estivesse lá.

Porque esse homem estava louco.

Antes que eu conseguisse alcançar a maçaneta da porta, ele me pegou, esfregando seu quadril no meu traseiro.

Um frio dominou o ar.

Congelando.

Coagulando a tensão.

Cada segundo se prolongou. Denso, escuro e profundo.

— Solte-me, Daniel, por favor, você está me assustando.

— Eu só quero o que você deu ao David... por que ele foi merecedor e, eu não? Hun?

Sua voz soava como um veneno em minhas entranhas.

Eu poderia gritar, mas sabia que a empresa estava quase vazia por conta do horário avançado.

— Solte-me agora e, eu prometo que não o

PERIGOSAS ACHERON

denunciarei.

Ele riu, em seguida, forçou meu corpo a ficar de frente para o dele.

Sua boca tocou a minha com agressividade, enquanto eu tentava empurrá-lo para longe, mas isso parecia apenas estimulá-lo a intensificar os toques intrusos. De repente, ele me jogou contra o tampo da mesa de vidro; o contato feriu minhas costas.

A dor quase me dividiu em duas.

Meu choro se tornou um apelo silencioso.

Odiei que eu não pudesse parar o terror se apoderando de mim.

Em meio ao pânico, eu gritei.

Quando eu não tinha mais esperanças, braços fortes se engancharam ao redor do pescoço do Daniel, forçando seu corpo para longe de mim.

— Ei, filho da puta, que porra pensa que está fazendo? — David soou cavernoso.

Alívio brotou do meu ser.

Com meu corpo mole, eu saí de cima da mesa,

PERIGOSAS NACIONAIS

consciente da luta acirrada ao meu redor. Entretanto, tudo o que eu pensava em fazer era sair dali.

Fugir não somente daquele lugar, mas da realidade.

Tropeçando em meus próprios pés, eu deixei a sala e rumei para o elevador.

No estacionamento, com mãos trêmulas, eu desliguei o alarme do meu carro, e prestes a entrar, fui impedida por alguém.

— É melhor você ficar quietinha, pois dessa forma não irá sair machucada — souou uma voz masculina, totalmente desconhecida.

Mãos ásperas apertaram meus lábios com força, impedindo-me de falar qualquer coisa. Algo afiado e pontudo tocou a lateral do meu corpo numa ameaça clara de que eu não tinha saída, e muito menos escolha. Meus olhos úmidos voltaram a nublar com novas lágrimas devido ao desespero da incerteza do que aconteceria comigo dali por diante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aquele homem caminhou alguns metros, sem me soltar, até chegarmos ao lado de um carro preto, onde me jogou no interior do veículo como se eu não fosse nada. Rapidamente pude contar três homens ao todo.

No lado de dentro, eu tentei implorar:

— Oh, por favor, eu faço qualquer coisa.

Soluços.

Pânico.

Era isso que me resumia.

Alguém voltou a cobrir meu rosto, contudo agora havia um tecido umedecido em alguma substância, porque senti meus sentidos se perdendo aos poucos.

Eu queria gritar.

Mas acima de tudo, eu queria desesperadamente me manter viva.

PERIGOSAS ACHERON

Dezuito

David

González

Eu estava a ponto de perder a cabeça quando Alejandro entrou na sala e me tirou de cima daquele filho da puta do Daniel.

— David! — exclamou, nervoso. — Que porra é essa? Por sorte precisei voltar à empresa por causa de um documento. O que estava pensando?

Daniel estava com o rosto inchado e completamente ensanguentado, porém a minha ira não me abandonava, e a todo o momento minha mente mostrava a imagem das mãos dele sobre a Luna, tentando forçá-la.

Eu quis matá-lo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não tinha o direito, mas desejei acabar com a vida daquele infeliz que estava exigindo da Luna algo que ela não queria dar. Eu também não tinha o direito de pensar que ela era minha garota. Embora meu coração, corpo e mente, estivessem gritando isso quando, em Ibiza, o idiota surgiu agredindo ela no lado de fora do hangar do aeroporto, uma semana atrás. Talvez a decisão de me afastar, assim que retornamos a Madrid, houvesse sido movida em decorrência das minhas reações tempestivas sempre que estávamos juntos.

Os últimos dias foram uma tortura; fingir que ela não estava bem ali, do outro lado da mesa. Que eu não me importava quando havia um maldito alvoroço demolindo minhas entranhas. Luna me causava emoções fortes, que eu jamais senti, e isso me fez sentir medo.

Medo de acabar ferindo a nós dois.

Meus pensamentos desapareceram.

Direto para aqueles olhos, enquanto ela estava com a boca em torno de mim há poucos dias.

Quente e úmida e me chupando profundamente.

PERIGOSAS ACHERON

Luna se permitiu ficar vulnerável para tentar me conhecer. Deixando-me levá-la, usá-la e explorar tudo.

E eu queria. Queria tanto. Queria ela demais. Mas como diabos eu poderia fazer isso com ela? Não quando eu ainda não podia dar sentido à zona desastrosa que era o meu coração e a minha vida.

Eu ainda tinha que lidar com Isabel e seus problemas. Onde eu estava com a cabeça quando decidi me envolver nisso?

Pisquei quando Alejandro se ajoelhou ao lado do Daniel, verificando o estado do infeliz.

— Esse canalha estava tentando violentar a Luna, momentos atrás — rosnei cavernoso. Meu sangue fervia nas veias enquanto pronunciava as palavras. — Não sei o que teria acontecido se eu não tivesse chegado a tempo.

— O quê? — Alejandro questionou, assustado.
— Onde ela está?

Esfreguei o rosto, tão desesperado quanto enraivecido.

— Eu não sei — soprei, preso num turbilhão de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

emoções. — A fúria tomou conta de mim quando visualizei a cena na minha frente, então não notei para onde ela foi.

Enraivecido, Alejandro o segurou pelo colarinho, em seguida, aproximou o rosto do dele.

— Nós te aceitamos dentro da nossa empresa, seu filho da puta — murmurou num tom perigoso — E você tenta se aproveitar da sua colega de trabalho? — Alejandro gritava, com as mãos em punho. — Fique sabendo que Luna é muito mais do que uma simples acionista; ela é da família! E nesse caso, eu vou deixar meu irmão acabar com você, seu pedaço de merda!

Dizendo isso, ele se ergueu e me encarou tão perturbado quanto eu diante da situação.

— Antes de subir, eu garanti que os seguranças chamassem a polícia. Então você terá poucos minutos para descarregar um pouco mais da sua ira nesse lixo — ele disse, sacando seu celular. — Vou ligar para a amiga dela e deixá-la a par do que está acontecendo. Talvez, Blue saiba o paradeiro da Luna.

PERIGOSAS ACHERON

— Ótimo!

Rumei feito um animal na direção do Daniel, que arregalou os olhos.

— Não, cara, pelo amor de Deus — implorou.

— Ah, que gracinha — zombei. — Implorando como uma garotinha. — Chutei suas costelas com força, adorando ouvi-lo gemer de dor. — A Luna também estava implorando, você lembra? — Mais um chute.

Daniel choramingava, mas tentava reagir, embora estivesse sem forças para conseguir me agredir.

De repente, Alejandro voltou a entrar na sala — eu sequer tinha notado quando ele saiu. Ele estava com alguns segurancas em seu encalço.

— David, o carro da Luna continua no estacionamento — ele falou, pálido. — Blue está trabalhando, mas ligou para uma vizinha, que garantiu que Luna não está em casa. Não estou com um bom pressentimento, irmão.

Houve um silêncio ensurdecador quebrado apenas pela tossida do Daniel, que gemia de dor.

Meu coração sentiu o aperto.

— E as câmeras de segurança?

Alejandro negou.

— Não verifiquei ainda.

Nervoso, dei ordem para que um dos seguranças permanecesse de olho do Daniel enquanto eu seguia com Alejandro em direção a sala de monitoramento.

Naquela altura do campeonato, Hugo já estava conosco, assim como Lea. Provavelmente a pedido do Alejandro. Todos estavam extremamente preocupados.

Eu tentava acalmar minha respiração que estava saindo dos meus pulmões como terremotos convulsivos.

— Ali — Hugo e Alejandro falaram juntos, enquanto assistíamos nas imagens das câmeras de segurança do estacionamento, o momento em que Luna foi agarrada e arrastada por um homem. — Luna foi sequestrada. Puta que pariu, Luna foi sequestrada.

Eu olhei, me perguntando se estava tendo algum

PERIGOSAS ACHERON

tipo de alucinação. O tipo desesperador. Aquela em que a mulher mais perfeita e doce que já conheci estava correndo risco de vida.

— David? — Alejandro tocou meu ombro. — Ei?

— Eu sou um idiota. Um idiota. — murmurei mais para mim mesmo. — Ela veio até mim em busca de ajuda, mas eu preferi continuar agindo feito um imbecil. Puta merda!

Eu estava mais do que desesperado, estava devastado.

— Ei? — Alejandro deu tapas no meu rosto. — Deixe as lamentações dessas merdas para depois, irmão. Agora é hora de agir.

Assenti, com meu coração batendo nas costelas.

— A policia acabou de chegar — Lea avisou, agitada. Seu tom estava engasgado.

Rapidamente retornamos à sala de conferência.

Hugo estava conversando com alguns seguranças e policiais, tentando descobrir alguma pista do acontecido. Daniel estava algemado e, sentado em uma das cadeiras.

Narrei todos os detalhes quando fui intimado, agoniado demais por me ver de mãos atadas enquanto Luna provavelmente estaria correndo riscos. Os policiais tiveram acesso às imagens das câmeras, contudo não foi possível visualizar o rosto de nenhum dos sequestradores, como também não se podia ver a placa do carro.

Estávamos de mãos atadas.

Ao menos até o momento em que Daniel, sob riscos de apodrecer na cadeia — porque eu não descansaria até que isso acontecesse — abriu a boca e disse algo que fez renascer a esperança no meu peito.

— Eu sei de algo que pode ajudar nas investigações sobre o paradeiro da vadia — ele resmungou, e fui barrado quando tentei socá-lo diante da forma como se referiu a Luna. — Contudo, eu quero algumas garantias, além de um bom advogado.

Meus pulmões inflaram com a necessidade de ar, porque tudo que habitava em mim naquele momento eram raiva reprimida e o desejo incontrollável de quebrar alguém ou alguma coisa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Enxergar os cortes e ferimentos no rosto do Daniel, não amenizava o meu tormento pessoal, pelo contrário, me fazia ansiar por mais.

Mais estrago.

— A única opção que você tem, seu lixo, é ajudar — Hugo rugiu alto. — Ou eu e meus irmãos não descansaremos até vê-lo fodido de todas as formas dolorosas possíveis — ameaçou, sem dar a mínima pela presença dos policiais.

Depois disso, eles levaram o Daniel sob protestos.

Eu estava tremendo quando Hugo tocou meu braço.

— Você não está em condições de dirigir até a delegacia — sentenciou.

— Eu vou com ele — Alejandro ofereceu.

— Obrigado, caras — falei, lutando para me manter no controle. Eu precisava ficar calmo e com a mente sã.

— Apenas se cuide — disse Hugo, olhando entre nós dois, antes de deixarmos a sala em direção ao elevador.

PERIGOSAS ACHERON

— Que porra aconteceu entre você e Luna? — Alejandro quis saber, quebrando o silêncio que nos envolveu durante os poucos minutos desde que saímos da empresa.

Eu não queria responder, porque era algo que me envergonhava. Minhas atitudes me envergonhavam.

— David? Por que você não ficou longe dela, caralho?! Por que diabos, você não deixou a origem dela de lado para tratá-la com o respeito merecido?

— Eu tentei, porra! — explodi. — Tentei me afastar, mas até quando tento acertar, eu acabo fodendo tudo.

Alejandro, que estava dirigindo, me encarou de lado.

— Como assim?

— Tenho consciência de que não sou a melhor escolha para ela, Alejandro. Porra! Eu tive a oportunidade de conhecê-la de verdade, e vi a pessoa maravilhosa que ela é. Então não poderia permanecer no caminho, entende? Luna Ramires é PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma rosa que precisa ser regada com amor todos os dias.

— E você não é um homem capaz de fazer isso?

— Eu nem ao menos fui capaz de separar algo que aconteceu no passado, e com nossos pais. Como conseguiria amá-la?

Alejandro sacudiu a cabeça.

— Então você não sente nada por ela?

— É claro que eu sinto! — exclamei em pura agonia. — E é por isso que meu coração está em pedaços. Porra, mais cedo ela veio até minha sala para pedir que eu participasse da reunião com o engenheiro no lugar dela, mas eu não dei ouvidos. Ignorei seus apelos. Aliás, ignorá-la foi tudo o que fiz desde que voltamos de Ibiza, como um perfeito covarde.

— Nunca é tarde para corrigir os erros, David — ele disse. — Mas no momento, nós precisamos concentrar toda nossa atenção no paradeiro da nossa garota. Vocês dois tendo ou não um relacionamento, Luna sempre será parte de nós.

PERIGOSAS ACHERON

Longos minutos depois, nós chegamos à delegacia.

Nosso advogado já estava ali conversando com o delegado. Acabamos descobrindo que Daniel Garcia tinha várias denúncias por assédio sexual, além de outros crimes.

— Ele disse alguma coisa que nos leve ao paradeiro da Luna? — perguntei, nervoso com a tranquilidade do delegado. — Ela já está nas mãos de sabe-se lá quem há algumas horas, e isso é um absurdo.

— David, se acalme — pediu Alejandro. — Você não pode insultar uma autoridade policial dessa maneira.

— Nós estamos trabalhando no caso, senhor David González.

— Sentado? — Apontei para ele com desdém, e Alejandro me cutucou. — O que foi? Luna pode estar morta agora.

Meu coração sangrou com essa constatação, e tremi com o pensamento.

— Daniel Garcia faz parte de um grupo que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

compõe uma rede de criminosos. E essa rede funciona como uma pirâmide — explicou o delegado. — Diversos empresários tentam driblar o pagamento de taxas e impostos, assim como outros empecilhos que os separam do objetivo final.

— E o que isso tem a ver com o sequestro da Luna?

— David, o Daniel estava em contato com pessoas extremamente perigosas, e não levou muito tempo para que descobrissem que ele estava trabalhando ao lado da mais nova herdeira da falecida empresária Maria Ramires.

Minha cabeça inclinou, e empurrei os ombros para trás.

— Se estão atrás de dinheiro, é questão de tempo até que entrem em contato para pedir o resgate — falei com a voz falha, tentando não imaginar as possíveis maldades sendo feitas a Luna.

— Ao que tudo indica, o mandante do sequestro pretende cobrar uma dívida antiga da época em que o pai da Luna era um dos chefes do tráfico aqui em Madrid.

PERIGOSAS ACHERON

— O pai dela era um traficante? — perguntei, chocado.

— Um dos maiores — o delegado respondeu. Em seguida, digitou algo em seu computador, depois virou a tela para nós, Alejandro e eu. Pudemos ver a foto do pai dela — Lorenzo Castilho está preso, há quase quinze anos, e no dia de sua prisão, uma garotinha foi encontrada no porta-malas do carro que ele utilizou para fuga. Ela estava quase morta quando a equipe a encontrou. Depois descobrimos que a garotinha era a filha dele.

— Luna? — Engasguei enquanto um filme com cenas do que eu e ela vivemos passava na minha mente.

“Eu tenho alguns traumas de infância, David, e nem sempre consigo suportar a dor que isso me causa.”

Ouvi sua confissão na minha mente, e algo estalou. Agora tudo fazia sentido. Nas poucas vezes em que mencionei seu pai, em todas, ela se esquivou. E embora eu sentisse que havia algo

PERIGOSAS NACIONAIS

errado, jamais quis forçá-la a me contar.

— Ela mesma — confirmou.

— Mas que porra de pai é esse? — Alejandro indagou, revoltado.

— Na época, esse foi um caso que chocou a nossa equipe, porque a criança chorava muito e se culpava por não ter conseguido cumprir a promessa que fez ao pai, que era permanecer escondida.

O sangue abandonou minhas feições.

Culpa invadindo minhas entranhas.

— Então no momento, o que podemos fazer, é esperar — ele complementou num suspiro. — Estamos tentando analisar as câmeras do lado de fora do estacionamento para conseguir visualizar a placa do carro, mas no mais, estamos de mãos atadas.

Soluções ameaçaram colapsar meu corpo quando me dei conta da situação real.

Luna não estava a salvo.

Eu não a protegi.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Dezesse

Luna

Ramires

— *Fique quietinha, está bem? Consegue fazer isso para o papai?*

Assenti, embora estivesse apavorada.

— *Boa menina — ele disse, antes de engolir minha luz deixando-me presa na escuridão.*

Um minuto...

Dois minutos...

Três minutos...

— *Papai? — gritei.*

Papai. Papai. Papai.

O eco respondeu de volta.

Papai.

Eu estava arfando e me debatendo. Minha cabeça girava, tentando através dos meus pensamentos, entender onde eu estava. Frio percorreu meu corpo quando abri os olhos finalmente me dando conta da minha real situação.

Forcei meus olhos a fim de focar nos detalhes do lugar em que eu me encontrava, porque talvez tivesse uma chance de fugir, mesmo que pequena. Me ergui do colchão velho em que tinham me colocado, e senti meus músculos doloridos. Eu não fazia ideia de quanto tempo havia se passado desde que me pegaram naquele estacionamento.

Será que alguém tinha notado minha falta? Será que estariam procurando por mim?

Tateei a porta até encontrar uma maçaneta.

— Ei? — gritei. — Tem alguém aí? Alguém me ajuda, por favor.

Dei algumas batidas na porta de ferro, mas não parecia haver qualquer tipo de movimentação no

outro lado.

Angustiada, eu comecei a passar as mãos no meu corpo, ansiando descobrir se tinha sido violada, mas aparentemente nada havia acontecido. O que me fez perguntar: Por que fui sequestrada?

Obviamente que não precisava ser um gênio para perceber que aquele tipo de maldade frequentemente era movido pelo desejo do maldito dinheiro; e dinheiro eu tinha de sobra agora, graças à herança da minha avó.

Naquele momento, o medo me engoliu. Saturando cada célula do meu corpo. Cada fibra do meu ser.

Me abracei, lutando para espantar aquela sensação ruim, mas foi em vão. Porque todas as minhas derrotas se fizeram presentes na minha mente, berrando suas forças contra mim, me fazendo fraca. As lágrimas banharam meu rosto quando visualizei o rosto do meu pai, depois o da minha mãe, em seguida, o do David. Havia algo cômico em tudo aquilo, porque eu percebi que dei tudo de mim para essas pessoas, para no fim terminar sozinha. Quanto tempo até alguém entrar

PERIGOSAS ACHERON

ali para me ferir?

Eu ainda estava me sentindo suja, porque mal tive tempo de digerir o que Daniel Garcia tinha feito comigo; a verdade é que eu havia sido violada duas vezes naquela noite. Estar ali sem a minha vontade também era uma forma de violação.

Enxuguei as lágrimas, e ergui o queixo. Havia somente uma janela naquele cômodo sujo e gelado, contudo era alta e estreita demais. Voltei para a porta.

— Por favor, alguém está aí? Alguém está me ouvindo? — insisti durante alguns minutos, até sentir minhas cordas vocais queimarem.

Será que Blue estava me procurando? Será que David percebeu o que aconteceu comigo?

David...

Meu coração já destroçado doeu um pouco mais, porque fui incapaz de ignorar as nossas recentes lembranças; lembranças essas que me feriam como ácido líquido em minhas veias.

Desesperada, eu me escorei ao lado da porta, mas acabei escorregando até o chão frio. Cansada e

rouca.

Eu estava destruída psicologicamente.

Ergui os joelhos, em seguida, abracei minhas pernas. Soluços escapavam da minha garganta. Eu me odiava por estar me sentindo tão fraca e assustada.

Não tive certeza quanto tempo se passou, mas acabei dando um pulo do lugar quando escutei barulhos na maçaneta da porta.

Corri para o canto oposto do cômodo, temerosa com quem quer que fosse entrar ali.

Um homem, aparentando estar na faixa dos cinquenta anos, entrou, seguido por outros dois homens, armados. A princípio, ele permaneceu me olhando com curiosidade estampada naquele rosto murcho e repleto de cicatrizes feias.

— Por favor, não me machuque — implorei, sem conseguir frear minha língua. De repente me senti nua diante do olhar malicioso daqueles homens.

Um dos homens trouxe um pequeno banco para que o homem das cicatrizes pudesse sentar. Ali, eu

já deduzi que era ele quem estava no comando.

— Acalme-se, querida, porque não tenho nenhuma intenção de feri-la — disse ele, num tom carregado de um sotaque o qual não reconheci a origem. — Eu quero apenas conversar com você, Luna Ramires.

— Quem é você? Como sabe meu nome?

Ele não se intimidou com meu tom grosseiro e desconfiado, pelo contrário, pareceu achar graça.

— É surpreendente a sua semelhança com seu pai, sabia?

Arqueei as sobrancelhas.

— Conhece meu pai? — a pergunta saiu num fiapo de voz.

— Para minha infelicidade, eu o conheci sim — respondeu. Em seguida, cruzou as pernas dirigindo-me um olhar afiado. — Seu pai era um merdinha quando veio até mim, Luna. Ele queria crescer nos negócios, mas não possuía recursos... — ele esfregou o dedo polegar junto com o indicador sinalizando o dinheiro —, para comprar as mercadorias. Então eu decidi ajudá-lo, porque notei

que ele tinha potencial para o ramo da venda de drogas.

— Potencial? — repeti, testando a palavra na língua sem acreditar que estava tendo aquela conversa com um homem que nunca vi na vida.

Ele riu.

— No fundo você sabe que seu pai não valia nada, Luna. Por que acha que ele a abandonou naquele carro, hun? — Agora ele estava com o corpo inclinado, como se pretendesse dar o bote. — Você seria usada como forma de pagamento pela dívida que ele tinha comigo.

Perdi a voz.

Perdi a cor.

Perdi o ar.

— Seu pai não se importava com nada e nem ninguém, querida. Apenas com ele mesmo e com o dinheiro que poderia lucrar — ele continuou, ignorando meu sofrimento aparente.

— Isso é mentira! — choraminguei, sem conseguir aceitar tudo o que tinha acabado de ouvir. — Meu pai jamais me venderia. Ele seria PERIGOSAS ACHERON

incapaz de ferir alguém, muito menos a única filha dele.

Nova gargalhada.

— Seu pai foi o cara mais frio que eu já conheci, Luna — afirmou, brincando com um anel em seu dedo. — Uma vez ele assassinou um bebê na frente da mãe, porque a criança não parava de chorar. Isso porque ele queria assistir o futebol.

— Para de falar! — exclamei em desespero.

Ele estalou os lábios.

— Ok, ok... sei que não é fácil quando ouvimos algumas verdades dolorosas, minha cara — disse, se levantando. — Então, eu irei deixá-la sozinha para que você possa digerir tudo o que acabou de ouvir.

Eu estava segurando uma enxurrada de soluços, isso porque não queria chorar na frente daqueles homens maus.

— O que pretende fazer comigo, afinal? — criei coragem para perguntar, apesar de temer muito aquela resposta.

— Ora, ainda não ficou claro? — ele replicou,
PERIGOSAS ACHERON

sorrindo perigosamente. — Você é o pagamento de uma enorme dívida do seu pai, querida. São anos de juro e correções — ele riu quando terminou de falar, achando graça da própria piada.

Eu não tive forças para falar mais nada, porque se eu abrisse a boca naquele momento, perderia a luta contra a abundância de lágrimas.

Assim que me vi sozinha, foi como se todos os meus temores e fantasmas invadissem aquele ambiente; o ar começou a me abandonar devido à infinidade de soluços. A dor do que aconteceu no meu passado, em contrapartida com o meu presente, apertou meu peito deixando-me sufocada e desesperada para me livrar dela.

Varrendo o olhar ao meu redor, me deparei com algumas garrafas de vidro. Não pensei em mais nada e apenas movi minhas pernas até lá. Quebrei uma delas, em seguida, peguei um pedaço dos cacos.

Minha visão estava embaçada devido às lágrimas, mas eu ainda conseguia visualizar meus fracassos. Meu pai era um monstro. Minha mãe foi uma mulher fraca e egoísta. David apenas me usou

PERIGOSAS ACHERON

para depois descartar como se eu fosse nada.

Era isso que eu era? Um nada?

A dor de tudo aquilo latejava meu peito como milhões de pregos cravados na carne. Eu queria fazê-la ir. Eu queria expulsá-la da minha alma.

As cicatrizes antigas dos meus pulsos me diziam que eu havia sido forte durante muito tempo, considerando que a última vez que ocorreu os cortes foi um dia depois do sepultamento da minha mãe. Em quê isso me descrevia? Que eu era uma fraude, talvez? Uma fracassada?

Em prantos, eu forcei a ponta do caco de vidro contra minha pele dando boas vindas para a dor física que aquele ato me causou. Porque aquela dor era bem mais suportável do que todo o resto.

Vinte

David González

Eu tinha acabado de chegar ao presídio de Estremera, província de Madrid. Na noite anterior, o delegado não conseguiu me deixar calmo com toda aquela conversa de “sentar e esperar”, porque cada minuto que passava poderia ser o último da Luna.

— Você terá apenas vinte minutos para conversar com ele, David, através da cabine telefônica — disse, meu advogado vindo ao meu encontro. — Espero que seja suficiente para você tirar algumas informações.

Travei o maxilar.

— Vai ser.

Segui-o para o interior do local, surpreso pelo modernismo e luxuosidade do lugar.

— Você tem certeza que estamos no lugar certo?
— questionei. — Esse lugar parece um hotel.

Ouvi sua risada.

— Isso porque você não viu por dentro; tem um ginásio, um polidesportivo, piscina, mesas de ping-pong, biblioteca, salas de aula, salas audiovisuais e um salão de eventos.

Eu estava atônito, e quando abri a boca para responder, fui impedido pelo toque estridente do meu telefone. Pedi licença ao Miguel, meu advogado, e atendi quando visualizei o nome da Isabel na tela do meu telefone.

— *Isabel, eu não estou podendo falar agora* — falei ao atender, contudo franzi a testa quando escutei seus soluços. — *O que foi?* — perguntei, nervoso.

— *Estou machucada, David... ele...*

Ela hesitou, e eu já estava sentindo meu corpo tremer por causa da impotência. De um lado, eu tinha a Luna, raptada e possivelmente sofrendo

todo tipo de tortura; e por outro, eu tinha a Isabel, sendo vítima de violência doméstica de um homem que não sabia aceitar o fim do relacionamento deles.

— *Isabel, se acalme, e me explique o que está acontecendo, por favor. Eu não estou conseguindo entender.* — Olhei para o Miguel, e ele fez sinal que me esperaria lá dentro.

— *De alguma forma, ele conseguiu subir ao apartamento e... —* ela estava chorando muito — *Ele me bateu, David. Estou toda cheia de marcas e... —* voltou a soluçar —, *não sei mais o que fazer.*

Meu coração estava acelerado e dolorido.

— *Que filho da puta!* — exclamei, revoltado por não poder ter estado lá por ela. Mulher nenhuma deveria passar por isso. — *Onde você está agora?*

Ela gemeu.

— *Ainda estou no apartamento.*

Inspirei forte.

— *Certo. Eu vou ligar agora mesmo para um dos meus irmãos e pedir para que ele vá aí, está bem? Não estou na cidade agora, mas tenho*
PERIGOSAS ACHERON

certeza que depois que você relatar o que houve ao delegado...

— *O quê?* — ela me interrompeu. — *Como assim, delegado?*

Franzi o cenho, confuso com seu questionamento.

— *Você foi agredida pelo seu ex-namorado, Isabel, e precisa prestar uma queixa na delegacia se quiser que isso tenha um fim. Não?*

Ela ficou em silêncio.

— *Isabel?* — insisti.

Ela pigarreou.

— *Não se preocupe* — disse com a voz falha. — *Uma amiga acabou de chegar aqui, e ela se prontificou a me levar à delegacia.*

— *Tem certeza?*

— *Ligo para você mais tarde, David.*

Entortei os lábios, estranhando tudo aquilo, mas encerrei a ligação. Precisava me concentrar no que teria pela frente.

A vida por vezes era surpreendente, mas havia situações que eu jamais imaginei passar. Como, por exemplo, ficar cara a cara com o pai biológico da Luna. Observei-o pegar o telefone, me encarando com um misto de desconfiança e curiosidade. A única parte dele que me lembrava Luna eram os olhos; ambos eram intensos e característicos.

— Você não me conhece, Lorenzo Castilho, mas eu me chamo David González, e ambos temos algo em comum.

O canto dos lábios dele repuxou num riso descrente. Havia um deboche presente no seu olhar.

— Estou tentando descobrir o que eu poderia ter em comum com um homem igual a você, David González — ele disse, apontando na minha direção.
— O tecido e o corte do seu terno me garantem que nossos mundos são completamente diferentes.

Travei o maxilar.

— O nome, Luna, diz alguma coisa para você?

Seus olhos se arregalaram e pude ouvir seus dentes rangerem.

— O que sabe sobre minha filha? Quem é você,
PERIGOSAS ACHERON

porra?!

— Poupe-me da sua tentativa tosca de tentar me provar qualquer tipo de preocupação com ela, seu pedaço de merda — sibilei entre dentes. — Luna foi sequestrada na noite de ontem, a mando de um desafeto seu, e, nesse exato momento, ela pode estar sofrendo todo tipo de agressão. O que acha disso, hun? O que acha dessa maldita herança que acabou deixando para sua única filha?

Notei quando ele empalideceu, ficando atônito com tudo o que acabou de ouvir.

— Que porra está dizendo? Eu... — gaguejou —, eu nunca fiz mal a minha menina, eu...

— Quais eram as pessoas com quem você trabalhava? — interrompi suas desculpas esfarrapadas, porque pouco me importava.

Ele esfregou o rosto, ainda desnortado.

— Bem, eram muitos, mas posso te passar uma lista dos fornecedores — disse. Mas de repente, voltou a me encarar com desconfiança: — Afinal de contas, quem é você?

Soltei um suspiro resignado.

— Sou um homem que errou muito com ela, mas que agora não irei descansar até resgatá-la — respondi sem pestanejar. — Sua ex-mulher foi amante do meu pai, Juan González. Sem querer entrar em detalhes, Luna se tornou uma das acionistas do nosso grupo corporativo, e eu acredito que o sequestro tem a ver com a herança que ela recebeu da mãe da sua ex-mulher. Você ficou devendo para alguém?

Ele riu, amargo.

— Meu jovem, eu devo para muita gente e, infelizmente, tenho muitos desafetos lá fora. — Ele indicou com o queixo, para além de mim. — Nunca quis que isso recaísse sobre a Luna. Minha garotinha não merecia passar por nada disso.

Senti-me enojado mediante a hipocrisia por trás das suas palavras.

— Você não queria? — Minha voz saiu cavernosa. — Então por que levava ela para participar das suas negociações sujas, hun? Você sabia que os policiais a encontraram, quase morta, dentro do porta-malas do carro que você usou para fuga e deixou abandonado numa mata fechada? —

PERIGOSAS ACHERON

Ele arregalou os olhos. — Que tipo de pai faz isso com a própria filha? O que mais você a fez passar durante a infância, hun, seu desgraçado? Luna corta a si mesma, porque há momentos que não é capaz de suportar a carga emocional. — Meus olhos se encheram de lágrimas, sentindo-me culpado. — Ela não teve infância; não teve o pai e a mãe presentes. Foi privada de conviver com você de maneira saudável; foi privada de estudar, porque teve que cuidar da mãe doente, mãe essa que passou boa parte da vida buscando a própria felicidade e esquecendo-se da única filha. — Parei de falar, mas minha vontade era de atravessar aquele vidro que nos separava para acabar com a raça daquele infeliz.

— Eu não a vejo desde que fui preso — queixou-se com a voz atormentada. — Não imaginava que...

— Que você e sua ex-mulher tinham ferrado com o psicológico dela? — interrompi, acusatório.

Ele endureceu o rosto.

Naquele momento, Miguel me chamou, juntamente com um agente penitenciário, avisando

PERIGOSAS ACHERON

que tinha acabado os vinte minutos. Assenti.

— Luna está nas mãos de alguém do seu passado — falei, me inclinando. — Alguém com quem provavelmente você confraternizou, e agora está ferindo sua filha, descontando nela toda força de ira. Para ser um bom pai não é preciso criar, ou estar presente em todas as comemorações, Lorenzo. Mas é necessário deixar um bom legado. Então reflita sobre o que você deixou para a Luna.

Bati o telefone no gancho e me levantei, porque não estava mais suportando olhar para a cara dele.

Fora da sala, expliquei o detalhe da lista de alguns ex-fornecedores ao Miguel, que se prontificou a conversar com o diretor da penitenciária a fim da permissão para que tivéssemos acesso a ela.

Decidi aguardar no lado de fora, dentro do meu carro.

Lembranças com a Luna invadiram meus pensamentos e tive que respirar fundo para conseguir administrar a avalanche de emoções que se apossou de mim. Mesmo em meio a toda sua

PERIGOSAS NACIONAIS

vulnerabilidade, Luna decidiu me mostrar uma parte sua; uma a qual me fez conhecer e entender suas fragilidades.

Eu deveria ter me esforçado mais.

Deveria ter me permitido sentir...

Porra! Ela estava bem ali, mas eu a deixei ir embora.

Numa explosão, eu gritei e comecei a socar o volante com toda a força que tinha. Frustração fazia parte de mim agora.

Espremendo.

Enraizando.

Porque tudo que eu conseguia pensar era em como as coisas poderiam ter sido diferentes se eu tivesse agido diferente.

Olhei para o relógio no alto de uma das paredes da delegacia. O ponteiro marcava quase duas horas da tarde, mas eu não sairia dali sem qualquer informação concreta a respeito do paradeiro da Luna e seu possível sequestrador. Sentado em uma das cadeiras na sala de espera, eu assisti o momento

PERIGOSAS ACHERON

em que Blue entrou. Nossos olhares se cruzaram e pude ver o quanto o rosto dela estava inchado, provavelmente proveniente de longas horas de choro.

— David! — ela exclamou com a voz chorosa.

Me levantei, e ofereci meus braços para que ela se aconchegasse num abraço apertado. Naquele momento estávamos do mesmo lado e todas as desavenças teriam que ficar no passado.

— Eu não consegui dormir ainda, e mal trabalhei — ela disse enquanto se afastava de mim e seguia para se sentar numa das cadeiras. — Já tem alguma novidade? Alejandro me disse que você foi visitar o pai dela para tentar descobrir algo.

Tomei o lugar ao seu lado, soltando o ar asperamente.

— Felizmente consegui uma lista com alguns ex-fornecedores do homem. Está com o delegado, e agora estão tentando rastrear e ver se isso nos leva a possíveis pistas do cativo.

Ela começou a chorar.

— Meu Deus! Não consigo nem imaginar o que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pode estar acontecendo com ela, David. E se ela...
— seus olhos úmidos encontram os meus, apavorados.

Neguei com a cabeça, tão desesperado quanto.

— Não podemos deixar de acreditar, Blue — falei, lutando para me manter firme. — Precisamos ser fortes por ela. Luna vai precisar de nós quando voltar.

Ela não disse nada, e abaixou a cabeça.

Nervoso, eu comecei a remexer os dedos em meu colo enquanto o silêncio nos permeava.

Embora me sentisse incomodado, decidi aproveitar aquela oportunidade para conhecê-la melhor, e fazer com que ela me conhecesse também.

— Eu não gosto de você e nem dos seus irmãos — ela disse, como se pressentisse o que eu ia falar. — A partir do momento que Luna começou a trabalhar naquela maldita empresa, ela se tornou ainda mais reclusa. Talvez nada disso estivesse acontecendo se ela não tivesse cruzado o caminho de vocês.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu preciso que você entenda que eu mudei, e que o David de hoje jamais machucaria a Luna. Eu não sou um jogador em busca de diversão, Blue. Estou inteiramente envolvido com ela e me preocupo. Eu trocaria de lugar com ela se pudesse.

Blue ergueu o queixo para me encarar.

— Então você está consciente que em pouco tempo você quase acabou com ela? Apesar de Luna ser adulta, ela carrega a fragilidade de uma menina, David; o peso do passado dela destrói seu autocontrole. O que está pretendendo? Se vingar por culpa do que a mãe dela fez?

Virei completamente meu corpo para ela, que me encarava com fúria contida.

— Blue, antes, eu estava preso em minha própria amargura, preso dentro do meu próprio casulo de egocentrismo. Luna, com toda sua doçura, me mostrou sentimentos, que até um tempo atrás, eu ignorava, porque ignorar era mais fácil do que aceitar. Hoje, eu decidi aceitar, e eu quero estar com ela. Acredite em mim quando afirmo que não a machucarei mais.

PERIGOSAS ACHERON

Isso pareceu deixá-la à vontade.

— Ela gosta de você — disse, inflando meu coração. — Embora não confesse.

— Eu também gosto.

Ela acenou com a cabeça, mas não disse nada. Invés disso, o silêncio voltou a reinar entre nós.

— Luna é minha melhor amiga — ela murmurou depois de alguns minutos. — Nos conhecemos no hospital, há alguns anos, quando ela precisou levar a mãe, que sofria de diversas complicações de saúde. Desde aquela época, eu notei o quanto Luna era reprimida por dentro, parecia haver uma dor a corroendo aos poucos, como se tivesse algo faltando, sabe?

— Eu sei dos cortes — falei, travando o maxilar.

— Sabe? — ela parecia surpresa.

— Sim — respondi, sentindo o gosto amargo na minha língua.

— Conversamos bastante e, eu... — ela pigarreou —, gostaria que ela buscasse ajuda, mas... ela nunca concluiu o tratamento. Luna não gosta de psicólogos e nem de psiquiatras.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu acenei, ouvindo atentamente e me perguntando como poderia ajudar minha garota.

— Isso parece terrível.

Engoli em seco.

— Eu aprecio a sua proteção com ela, a forma como se preocupa com sua amiga, mas garanto que gosto muito dela — Fiz uma pausa me lembrando dos traços perfeitos do rosto da mulher que vinha me possuindo dia após dia. — Quando olho para Luna, ou até penso nela, tudo faz sentido. As coisas estão mais claras e quero ser um homem melhor para ela.

Blue permaneceu me encarando por alguns instantes, até abrir um sorriso em meio às lágrimas.

— Boa resposta, irmão mau, boa resposta — ela disse, e eu me permiti rir.

Apesar de todas as incertezas que nos cercavam, havia uma única certeza: Todos nós queríamos a Luna de volta sã e salva.

PERIGOSAS ACHERON

Vinte e um

David González

Eu estava sentado numa cadeira desgastada, com os cotovelos sobre os joelhos. Exaustão cobria meus ossos, me informando que eu precisava de descanso.

Pessoas se apressavam ao meu redor, presas em seus próprios problemas e obrigações. Mas dentro de mim? O tempo tinha parado. Nada menos do que um jogo de espera que alterava a mente.

Dois dias inteiros e uma noite.

Trinta e seis horas de espera, e sem nenhuma notícia da Luna.

Meu telefone tocava direto, contudo se não fosse
PERIGOSAS ACHERON

qualquer informação relacionada à Luna, eu dispensava, porque não me interessava.

Eu deixei de dormir.

Deixei de trabalhar.

Deixei até mesmo de comer.

Meus irmãos e amigos tentavam me convencer que tudo ficaria bem, mas eu estava muito perto de surtar. De me dilacerar.

— Você deve ir descansar um pouco, cara. Está aqui há horas. Por acaso comeu alguma coisa, ou chegou a tomar um banho?

Eu pulei quando a voz suave me bateu por trás. Passei a mão no meu rosto, tentando limpar o torpor, e me mexi para olhar por cima do meu ombro.

O tenente Eduardo Calixto estava em pé, ao meu lado. Nós tínhamos sido amigos por tanto tempo quanto eu poderia me lembrar, e aquele cara sempre dedicou sua vida ao bem das pessoas.

— Não dá — falei, passando as mãos no rosto.
— A qualquer momento poderemos receber uma ligação dos sequestradores, ou qualquer outra
PERIGOSAS ACHERON

informação. E, eu quero estar aqui quando isso acontecer.

— David — ele chiou. — Um boletim foi emitido e transmitido a todos os oficiais, e já tenho cada viatura disponível nas ruas. Nós vamos encontrá-la. Prometo a você, David, nem que seja a última coisa que eu faça, vou trazer a sua garota de volta. Mas eu ficaria feliz que você descansasse um pouco, meu amigo.

Concordei, embora estivesse agitado, com frustração e medo. Tínhamos descoberto que apenas um, dentro daquela lista de ex-fornecedores, estava vivo, e era justamente ele que a policia estava procurando.

Ergui-me, na intenção de ir para casa, mas um policial, que estava na outra extremidade, chamou minha atenção quando soou um alerta, dizendo que um oficial tinha acabado de pedir reforço através do rádio na estação. Um código foi emitido e um endereço dado.

Meu olhar se fixou no de Eduardo. O tempo congelou enquanto a consciência disparou entre nós.

Luna.

Era ela.

Finalmente.

Então eu estava correndo. Correndo sem me importar com as advertências do Eduardo sobre a gravidade e periculosidade da operação. Mas nada me importava mais do que estar junto naquele momento tão almejado por todos. Então eu corri.

Em direção a Luna.

Em direção a minha vida inteira.

A mulher incrível que se tornou o centro do meu mundo. Eu mal podia respirar.

Com os pulmões arfando em torno disso, eu me atrapalhei para pegar o telefone. Eu já estava correndo para fora da porta e para o outro lado da rua quando eu o coloquei no meu ouvido e avisei aos meus irmãos.

— Merda — eu murmurei, tentando equilibrar o telefone entre o ouvido e o ombro para que eu pudesse abrir a porta. Estava pulando para o assento do motorista quando as viaturas aceleraram para longe.

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Estou indo junto para participar da operação de resgate a Luna* — As palavras eram um divagar. Eu joguei o meu esportivo na marcha ré e saí rápido para trocar para a primeira. — *Por favor, fiquem atentos!*

Eu desliguei, joguei meu telefone no banco do passageiro, e voei. Voei pelo bairro e pela rua principal seguindo a sequência de viaturas. Postes passaram borrados, como listras em meus olhos e enviaram meu coração em um curto-circuito. Depois de uns quarenta minutos, chegamos à Vallecas, um bairro afastado do centro. Eu derrapei na última curva, fazendo uma curva acentuada à esquerda, rugindo pela estrada.

Toda a respiração me deixou quando uma casa abandonada entrou em exibição. A rua inteira foi fechada por policiais de vários distritos. Eu diminuí quando todos pararam.

Desliguei o motor, abri a porta e saí.

Eu estava assustado.

Aterrorizado, realmente. Porque tudo podia acontecer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Angústia pulsou através de minhas veias. Estimulando-me mais e mais.

Fui direto para a única porta que visualizei no lugar.

O desespero faz com que você faça coisas desesperadas.

E não houve hesitação. Nenhum pensamento exceto chegar até Luna. Eu sabia que ela estava lá. Podia sentir com cada parte de mim.

Contudo, fui segurado por mãos fortes. Eduardo me forçou a ficar no lugar.

— Eu sei que cada uma das suas células lhe diz para fazer isso, mas, por favor, não faça nenhuma estupidez.

Sua voz soou baixa no meu ouvido, e ele permaneceu me segurando por segundos intermináveis até ouvirmos o som de disparos.

Nos abaixamos, e vi o momento que Eduardo se afastou de mim, seguindo os outros policiais, que avançavam para o interior do lugar com armas em punhos. Bombas de gás lacrimogêneo foram lançadas na direção da casa a fim de imobilizar os

PERIGOSAS ACHERON

criminosos. E foi nesse momento que deixei meu instinto falar mais alto e me movi.

A fumaça espessa se derramava quando corri para dentro.

Levantando minha camisa para cobrir a boca e o nariz, eu prossegui, mesmo sob protestos e tentativas de me fazerem parar.

Ninguém conseguiria me impedir. Não quando tudo dentro e fora de mim gritava para que eu encontrasse a Luna.

Minha Luna.

Eu fui para um corredor. Meus olhos ardiam a cada centímetro meu sendo engolido pela fumaça e medo. Medo do que poderia encontrar.

— Luna! — gritei. Ao meu lado, uma silhueta se fez presente, e eu pulei para trás depois de ter levado um golpe na cabeça. Mesmo tonto, consegui me esquivar dois segundos antes de receber um golpe de faca e me tornar um homem morto.

Do chão, eu consegui acertar a mão daquele homem, rápido o suficiente para impedi-lo de pegar a pistola em sua cintura. Golpeei seu rosto de modo

PERIGOSAS NACIONAIS

a deixá-lo nocauteado.

Deus. Aquela era a maior loucura da minha vida. Mas eu continuei seguindo, adrenalina vibrando através de mim como uma bala. Gritei de novo:

— Luna!

Foi fraco, mal discernível. Mas eu ouvi algo. Um som estranho à minha direita. Ou talvez fosse apenas uma espécie de sexto sentido.

Tentei empurrar a pesada porta de metal, mas a mesma estava fechada.

Eu senti como se minhas forças estivessem aumentando, e eu juntei tudo de mim. Todo meu amor. Toda devoção. Toda esperança.

Eu recuei e chutei.

Quando não deu, eu chutei novamente.

Ela se abriu.

Corri, quando visualizei a Luna no chão sobre um colchão velho. A minha garota ainda estava viva, mas completamente machucada. Havia cortes em cada parte visível de sua pele, e o vermelho era a única cor que eu conseguia enxergar em seu

PERIGOSAS ACHERON

corpo.

Sangue.

Muito sangue.

Meu coração já estava falhando.

Oh, Deus, por favor, não.

Luna puxava violentas respirações sufocadas, olhos arregalados. Parecia não ter coerência em suas profundezas.

— David... — gemeu baixo.

— Eu encontrei você! — gemi de volta, sentindo lágrimas envolvendo meus olhos. — Encontrei você.

Passos bateram em torno de mim, correndo, e alguém me puxou para longe dela. Eu lutei para voltar a ela, mas as mãos estavam em mim, restringindo meus movimentos.

— Deixe-os cuidar dela, David. Você tem que deixá-los cuidar dela, cara. — A voz de Eduardo era um murmúrio no meu ouvido.

Eu caí para frente, sobre meus joelhos.

Os paramédicos invadiram. Trabalhando. Eu não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fazia ideia o que tinha acontecido lá fora, porque tudo o que me importava estava bem ali. Na minha frente.

Meu mundo girou, e alguém estava diante de mim, tomando meu pulso e me fazendo perguntas, se eu estava com dor, considerando que o lado direito da minha cabeça estava sangrando.

Ninguém ali sabia, mas eu ficaria feliz em dar cada fôlego meu. Cada batida do meu coração. Tudo para que Luna ficasse bem.

PERIGOSAS ACHERON

Vinte e Dois

Luna Ramires

Eu me sentia flutuar; sentia um delicioso conforto enquanto mãos quentes me firmavam junto a si.

— Eu encontrei você! Encontrei você.

David!

Ele tinha vindo me salvar. Ele tinha vindo por mim.

Um barulho chato e frenético me fez abrir os olhos lentamente, e percebi que aquele som vinha dos aparelhos ligados a mim. Tentei, com muito

custo, focalizar o local em que eu estava. Era um quarto de hospital. O que significava que eu tinha sido resgatada.

A porta da sala se abriu. Virei minha cabeça naquela direção e tentei segurar as lágrimas nos meus olhos quando eu descobri quem estava parada lá. Mas não consegui. Elas escaparam, rios quentes escorrendo pelo meu rosto.

— Ei... você está acordada — A voz da Blue era um murmúrio, cauteloso e baixo.

— Blue! — O nome dela pareceu como chamadas onde ralou minha garganta, que parecia em carne viva.

Por um momento, ela olhou para mim, seu lábio tremendo. Mais lágrimas caíram. Mas estas eram de puro e desenfreado alívio quando Blue correu até mim.

Ela dizimou o resto do caminho para o quarto, passos comendo o chão, a cama se mexendo quando cuidadosamente se sentou ao meu lado.

— Eu tive tanto medo de perder você, Luna — ela murmurou baixinho, enquanto depositava os

lábios em minha testa, num beijo carinhoso. —
Então vê-la aqui agora é... maravilhoso demais.

— Eu sinto muito, Blue.

Ela segurou minha mão nas suas.

— Você não tem culpa de nada — ela disse. —
O que eles fizeram para você é culpa deles. Do tal
engenheiro que tentou violentá-la, horas antes;
depois dos que te sequestraram por pura maldade e
ganância. Eles são os únicos que são culpados, e
eles vão pagar por isso pelo resto de suas vidas.

— Eles foram pegos? — perguntei com lábios
trêmulos.

Ela assentiu, me oferecendo um sorriso aliviado.

Fiquei em silêncio tentando absorver tudo o que
tinha acontecido nas últimas horas. Blue voltou a
apertar minha mão.

— Luna, eu vou chamar a enfermeira, está bem?
— Assenti, e ela saiu.

Meu corpo doeu, forçando-me a olhar para
baixo. A imagem diante dos meus olhos me deixou
assustada, porque as feridas em minha pele eram
profundas. Prestes a entrar em pânico, a porta do
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quarto voltou a abrir, e uma enfermeira entrou juntamente com um médico. Blue veio logo em seguida.

— Que alegria vê-la acordada, senhorita... — ele pausou para poder ler meu nome na ficha médica — Luna Ramires — completou, sorrindo com simpatia. — Está sentindo algum desconforto? — quis saber, iluminando as pupilas dos meus olhos.

A enfermeira começou a administrar algum remédio que ia direto para minhas veias.

— Estou um pouco dolorida — falei. Ergui o queixo para poder encarar o médico atencioso.

— Isso é plausível, já que a profundidade dos seus ferimentos é grande — ele disse com pesar. Em seguida, se sentou ao meu lado, me olhando com seriedade. — Luna, eu não tenho palavras que sejam suficientes para amenizar o trauma que você passou, sozinha. O seu estado era crítico quando a trouxeram para nós, e quase não conseguimos salvar o seu bebê, já que estava sofrendo com um princípio de aborto espontâneo.

Sua declaração pairou no quarto. Impregnando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Penetrando em minha consciência.

O entendimento foi lento.

— O que disse? — Minha voz quase não saiu.

— Doutor? Está dizendo que Luna está grávida?

— Blue expôs tão desnorteada quanto eu.

Ele franziu a testa.

— Você ainda não sabia? — Neguei com a cabeça, completamente abobalhada. Ele suspirou, em seguida, voltou a analisar minha ficha. — Bem, a gestação ainda é recente. Acredito que ainda não tenha nem oito semanas.

Um sorriso emocionado vibrou na minha boca, e eu me mexi, ignorando a dor que me queimava por dentro quando descii uma das mãos para sentir minha barriga, ainda plana.

— Eu estou grávida mesmo? De verdade? — As lágrimas voltaram com força total. O médico confirmou, sorrindo suavemente. — Oh, meu Deus! Eu quase perdi meu bebê.

Emocionada, Blue apertou minha mão, sobre minha barriga.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas não perdeu, Luna — ela sentenciou. — Agora está tudo bem. Vocês estão bem.

O médico se ergueu.

— O delegado está ali fora, e deseja lhe fazer algumas perguntas — ele disse. — Como seu médico, eu acredito que você está em condições para responder a um interrogatório rápido, mas a decisão é sua.

Eu confirmei, e ele assentiu. Antes que ele saísse, eu pedi que não falasse com ninguém a respeito da minha gravidez.

Blue ameaçou sair também, mas eu segurei sua mão.

— Por favor, não me deixe — implorei, e ela arregalou os olhos.

— Não se preocupe, Luna, porque eu não irei a lugar algum. — Sorriu, amável.

Em poucos instantes, o delegado entrou e começou a me interrogar. Mesmo com os culpados presos, ele precisava fechar algumas lacunas para encerrar o inquérito.

— O mandante da operação insiste em afirmar
PERIGOSAS ACHERON

que a ideia do plano era sequestrá-la para extrair dinheiro de você, Luna, e nunca pensou em feri-la. Ele disse que não cometeu nenhum ato covarde contra você, nem mesmo seus homens. E não faz ideia de como você foi encontrada daquela maneira. Tão... debilitada.

Abaixei a cabeça, enquanto brincava com meus próprios dedos. Em determinado momento, olhei para o lado, me deparando com Blue. Ela sorriu, garantindo que tudo ficaria bem.

Respirei fundo.

— Todos os meus ferimentos foram causados, por mim mesma — confessei, sentindo-me doente. Lágrimas inundaram meus olhos.

Houve um arquejo de espanto.

— Meu Deus, Luna, está dizendo que você... — Blue deixou suas palavras morrerem no momento que encontrou meus olhos e viu que eu nãoalaria mais nada.

— Eu fui agredida sim, por eles, mas não fisicamente — expliquei.

O policial engoliu em seco, tentando absorver

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha declaração. Em seguida, inspirou e expirou com força. Fez mais algumas perguntas e depois deixou o leito desejando-me melhoras.

Blue estava pálida quando voltamos a nos encarar. Seus olhos eram acusatórios e decepcionados, e eu sabia porquê. Eu havia feito uma promessa a ela e, infelizmente, não consegui cumprir.

— Você sabia que a imagem de você completamente ensanguentada naquela maldita banheira me atormenta até hoje, Luna? — A voz dela estava chorosa. — Mesmo depois de anos, eu não fui capaz de me esquecer de ter lhe encontrado quase morta, menos de vinte e quatro horas, depois que enterramos sua mãe, porra!

Meu coração batia descompassado.

— Blue...

— Você prometeu, Luna — ela me interrompeu em prantos. — Prometeu que buscaria um tratamento, e eu acreditei. — Ela se levantou da cadeira. — Depois garantiu que estava no controle, e que daria conta.

PERIGOSAS ACHERON

— Blue...

Ela voltou a me interromper:

— Você por acaso tem a mínima ideia do quanto é importante para mim, hun? — Agora ela estava ajoelhada, segurando minhas mãos nas suas. Seu rosto estava banhado de lágrimas, equiparando-se ao meu. — Luna, meus pais me detestam. Você é a única família que eu tenho. O que seria de mim se a perdesse, porra?

Nossos soluços tornaram-se densos.

Naqueles poucos instantes, um filme se passou na minha mente; cenas de nossos momentos de amizade zapeando como canais de TV.

— Eu sinto muito — soprei, apertando suas mãos. — Eu sinto muito, Blue.

Ela sacudiu a cabeça, tocando meu rosto. Em seguida, se ergueu, enxugando as lágrimas do rosto.

De repente, parou e olhou para a porta.

— Depois nós vamos conversar com seu médico sobre isso, Luna — sentenciou. — Ele precisa saber, ainda mais agora que você está grávida. Deve haver algum tipo de tratamento diferenciado

PERIGOSAS ACHERON

para casos específicos como o seu.

Automaticamente, levei as mãos ao ventre.

Sentindo.

Sentindo...

Blue tinha razão. Agora eu não era mais sozinha.

Eu acabei dormindo novamente depois de um tempo. Provavelmente eram as medicações que estavam me deixando sonolenta. Ou talvez, fosse o bebê.

O bebê!

Em meu íntimo, eu ainda estava absorvendo tudo; lutando para reconstruir meus pedaços; os pedaços do muro destruído ao redor das minhas defesas emocionais. Entretanto, cada vez que eu tocava a minha barriga e me lembrava que havia um serzinho ali dentro, tudo fazia sentido novamente.

As cores ressurgiam.

Uma batida suave na porta do quarto chamou minha atenção. Era Blue.

Seu sorriso me contagiou.

— Você tem visitas.

Logo, as silhuetas de Hugo, Alejandro e Lea se fizeram presentes. Tentei me sentar, mas Hugo já estava ali, me impedindo.

— Não, não — murmurou, com calma. — Não se esforce, querida. — Seus lábios beijaram minha testa.

Sorri, emocionada com sua delicadeza.

Alejandro se acomodou no outro lado da maca. Sua mão tocou a minha, para em seguida beijá-la.

— Você não imagina o alívio aqui dentro... — apontou para o próprio peito, no coração. Em seus belos lábios pairava um sorriso lindo. — Vivemos dias infernais, querida. Dias infernais.

— Luna? — Lea se aproximou, beijando minha bochecha. — Graças a Deus, você voltou para casa.

Sorri, e ela enxugou minhas teimosas lágrimas.

Começamos a conversar, até Blue parar na frente da maca, com um olhar tenso.

— Luna, o David quer vê-la — ela disse,

fazendo meu coração galopar.

Todos no quarto se tornaram tensos. Uma nuvem espessa de inquietação pairou sobre nós.

Minha garganta fechou e meu coração ameaçou parar de bater, porque uma confusão de sentimentos estava me sufocando.

— Eu não quero vê-lo — sentenciei, sentindo que o que sobrou do meu coração estava se desfazendo aos poucos.

— Mas Luna, o David basicamente não descansou durante esses dias até...

— O irmão de vocês me humilhou, Alejandro, desde o início — cortei. — Contudo, eu era compreensiva no começo, porque sou consciente que algumas mágoas são difíceis de ir embora — falei, porque sentia isso na pele dia após dia. — Mas ele se aproveitou de mim, e de uma maneira irreparável — sibilei com fúria. — Eu não sei se isso foi uma espécie de vingança, ou brincadeira doentia dele contra mim, mas pouco me importa. Ele não vai entrar por aquela porta enquanto eu estiver aqui dentro. Ou sou capaz de chamar a

policia e pedir uma ordem judicial.

O silêncio reinou absoluto.

Blue me encarava numa mistura de choque, surpresa e medo. E, silenciosamente, me perguntava se eu estava certa sobre tudo que tinha acabado de falar.

Mas acontece que meu cérebro também se fazia a mesma pergunta, considerando que minha rápida e tórrida aventura com David resultou numa sementinha, que crescia confortavelmente dentro de mim.

Vinte e três

David González

— Oi, David — Isabel me recebeu com um sorriso maior do que seus lábios podiam conter. — Por favor, entre — pediu, eufórica. — Como você me ligou a menos de vinte minutos, avisando que viria aqui, eu não tive tempo de preparar nada. Mas fiz um cafezinho, aceita?

Entrei, fechando a porta.

— Não se preocupe, Isabel, porque não pretendo levar muito tempo. — Ela pareceu se abater com minhas palavras, e eu me senti mal. Pigarreei: — Bem, você deve ter visto alguma reportagem a respeito do sequestro que aconteceu no

estacionamento da empresa, quase duas semanas atrás.

— Ah, sim — ela disse, seguindo para a pequena sala, onde se ajeitou num dos sofás. — Está tudo bem com a... como é mesmo o nome da sua colega de trabalho?

Travei o maxilar, nervoso e devastado por dentro.

— Luna. Luna Ramires.

— Oh, coitadinha — murmurou com pesar. — Mas ela está bem?

Assenti.

— Sim. Está se recuperando há alguns dias — respondi, sem querer me lembrar do fato de não poder vê-la, porque ela mesma se recusava a me ver. Respirei fundo enquanto olhava ao redor do apartamento. — Bem, Isabel, eu estou aqui porque tive uma ideia.

Ela sorriu, e indicou o seu lado no sofá para que eu me sentasse também.

— Que tipo de ideia, David? — quis saber, depositando uma das mãos sobre a minha coxa. —
PERIGOSAS ACHERON

É daquelas safadas que você costumava ter quando estávamos juntos, hun?

Pausei seu movimento quando ela se inclinou sobre meu corpo na intenção de me beijar.

— Isabel, pare! — exclamei, segurando-a pelos ombros. — Eu já falei que o que tínhamos acabou — fui taxativo. — Eu me apaixonei por outra mulher.

Falar isso em voz alta me fez enxergar e entender a grandeza daquele sentimento. A força dele me fazia querer lutar dia após dia pelo perdão da única mulher que me fez conhecer o amor em sua forma mais real.

Isabel piscou, tentando absorver minhas palavras.

— Mas eu pensei que... — ela ergueu os olhos para mim —, eu e você teríamos uma chance, David. Eu tinha esperanças de ficar com você.

Sacudi a cabeça, incomodado com o olhar decepcionado dela.

— Infelizmente as coisas não acontecem como queremos, Isabel.

Ela não disse nada, parecia desnorteada.

Eu pigarreei, louco para mudar de assunto:

— Bem, estive conversando com um amigo meu, que é tenente, a respeito do seu problema com seu ex-namorado — ela voltou a me encarar. — Ele me deu a ideia de mandar instalar câmeras no apartamento, assim poderemos obter provas mais concretas. Sem dizer que deixarei seguranças no prédio, apenas esperando o momento que o filho da puta voltar aqui.

Isabel se tornou tensa, e se levantou permanecendo de costas para mim.

— Eu não sei, David — ela disse com a voz falhando.

Franzi a testa, me levantando também.

— O que você não sabe? — perguntei, confuso.

Ela voltou a me encarar.

— Esse negócio de câmeras será muita invasão de privacidade. Quem estará conferindo as imagens?

— Pensei em ligar ao sistema de monitoramento

PERIGOSAS NACIONAIS

da empresa, assim teríamos mais segurança em não permitir que aquele homem consiga te agredir caso ele passe pelos seguranças que deixarei lá embaixo — expliquei. — Podemos pegar ele em flagrante, Isabel. Não é isso que quer?

— É claro que quero. — respondeu, engolindo com dificuldade. — Mas não desse jeito — ela gaguejou. — Podemos encontrar outra maneira que não me deixe tão exposta.

Eu estava atônito.

— Você se esquece de que já está exposta, Isabel. E a mercê de um agressor. — Encarei os olhos dela, sentindo vincos se formando na minha testa. — Por acaso não quer denunciar seu ex, Isabel?

Ela ficou pálida de repente.

— O quê? Como pode pensar um absurdo desses?

Dei de ombros.

— Eu só estou apontando o óbvio.

Passei por ela e fui em direção a saída.

PERIGOSAS ACHERON

— David...

— Não posso ajudá-la se você não quiser, Isabel — interrompi, impaciente. — E também não posso ficar preso nessa situação a vida toda.

Dizendo isso, eu simplesmente saí do apartamento.

Minutos depois, no carro, fiz uma ligação ao profissional de investigação que trabalhava para minha família, há anos.

— *Ícaro?* — falei, assim que ele atendeu. — *Eu quero que investigue uma pessoa para mim. O nome dela é Isabel Ramos.*

Passei a manhã inteira na empresa, trabalhando no projeto. Meu desejo era continuar meu plantão na frente do leito da Luna, no hospital, mas precisava focar nas minhas responsabilidades, e meus irmãos já tinham se sobrecarregado demais durante minha ausência de dias atrás.

Uma batida na porta da minha sala chamou minha atenção, e eu ergui minha cabeça, me deparando com Lea.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Posso entrar? — ela perguntou. — Eu não tinha certeza se você tinha vindo para a empresa hoje, mas decidi arriscar.

Sorri, enquanto apontava para a poltrona na frente da minha mesa.

— Eu não posso mais me dar ao luxo de me ausentar, Lea — falei. — Hui Ying estipulou um prazo para a construção e entrega do projeto.

Lea assentiu, compreensiva. Em seguida, se sentou.

— E como você está?

Expirei, inclinando o corpo sobre a mesa, apoiando-me sob os braços.

— Estou colhendo o que plantei, Lea. Luna se cansou das minhas merdas, e decidiu me isolar da vida dela. — Dei de ombros.

— Ela ainda não permitiu a sua visita? — questionou, abatida por mim.

Neguei.

A verdade é que eu vinha tentando ocupar a minha mente para não correr o risco de

PERIGOSAS ACHERON

enlouquecer, uma vez que, a rejeição da Luna não estava nos meus planos.

Me apaixonar por ela também não estava nos meus planos, mas acabou acontecendo.

— Isso não é um bom sinal, David — ela disse, com a mão no queixo, pensativa. — Você deve ter ferrado tudo.

Revirei os olhos.

— Não preciso que você me lembre do óbvio, Lea.

— Wou! A coisa *tá* feia mesmo, hein?! Quanta raiva acumulada.

Me joguei contra o encosto da poltrona, e esfreguei meu rosto, sentindo a frustração enraizada dentro de mim.

— Eu nunca quis me apaixonar por ela, Lea. Mas aconteceu, e mesmo frustrado pelo rumo que a situação tomou, eu nunca me senti mais completo. Luna é uma mulher ferida emocionalmente, com marcas parecidas com as minhas, embora bem mais profundas.

— Você conversou com o médico que está

PERIGOSAS ACHERON

cuidando dela a respeito daqueles cortes? Foram feitos por ela, David. Tem noção do que é isso? A garota se automutilou no próprio cativeiro!

— Sim, eu sei. — Soltei o ar devagar, tentando raciocinar. — Blue me disse que Luna está passando por profissionais capacitados, que irão saber dar o diagnóstico correto a fim de estipular o melhor tratamento.

— Isso é bom! — ela exclamou, feliz. O silêncio tomou conta de nós dois por alguns instantes. — David? Você acompanhou o meu relacionamento com Hugo, e sabe que não facilitei em nada a vida do seu irmão. — Ambos rimos, porque ela não poderia estar mais certa. — Mas ele não desistiu de nós. Não desistiu de mim.

— O que está querendo dizer?

Ela sorriu, amável.

— Se Luna é a mulher da sua vida, não desista dela — respondeu. — Minha avó sempre diz: Lea se há obstáculos no caminho, então é sinal de que grandes recompensas lhe aguardam do outro lado. Agora eu lhe pergunto, David: Está disposto a

enfrentar esses obstáculos?

Seus olhos estavam fixos e intensos nos meus.

— Estou disposto a enfrentar o mundo para ficar com ela, Lea — respondi sem pestanejar. — Aquela mulher é minha, e garanto que vou lutar para convencê-la disso.

Pisquei maroto, fazendo-a dar risada.

Nesse momento fomos interrompidos por Alejandro.

— Posso saber o motivo da risada? — ele perguntou, aproximando-se de nós.

— Nada não — disse Lea. — David só estava me dando algumas garantias muito satisfatórias, e que me deixaram muito orgulhosa dele. — Sorrimos um para o outro, cúmplices.

Alejandro também sorriu, embora estivesse curioso. Sentou-se ao lado da Lea.

— Acabei de falar com a Blue.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei, sentindo meu coração acelerado de pavor. Em seguida, peguei meu celular com mãos trêmulas. —

Não recebi nenhuma ligação do hospital.

— Acalme-se, irmão — ele freou meu desespero. — Luna está bem.

Pisquei, confuso.

— Então, qual é o problema, porra?

Ele ergueu a manga do paletó e verificou o horário.

— Em menos de uma hora, ela estará recebendo alta.

Continuei sem entender.

— E isso é um problema? — Lea disse em voz alta o que pairava na ponta da minha língua.

Alejandro se inclinou, e o senti completamente tenso.

— Depende. Se você considerar um problema saber que Luna pretende passar um tempo em Toledo, então prepare o seu psicológico, irmão.

— O quê? Como assim?

Eu estava sentindo meu peito afundar.

— Eu não entendi direito, porque por alguma razão, Blue não se sente a vontade em conversar

PERIGOSAS ACHERON

comigo. Então ela não me deu detalhes. Sinto muito.

— Fico imaginando o tanto de bobagens que você não fala para a coitada, Alê, para deixá-la pouco a vontade — Lea comentou entre risos.

— Sou um homem romântico, querida. Aliás, tão ou mais romântico quanto o Hugo.

Ela gargalhou.

— Então a Blue está perdida.

Dessa vez foi a vez do Alejandro dar risada.

Eu estava preso entre o raciocínio e a emoção. Desesperado para encontrar uma solução.

— Aonde vai, David? — Alejandro perguntou assim que me viu seguindo na direção da porta.

— Vou ao hospital, e não sairei de lá sem falar com a Luna.

Blue estava saindo do quarto em que a Luna estava internada, há pouco mais de uma semana, quando eu cheguei. Os olhos dela se assustaram, provavelmente porque não esperava me ver ali.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu quero falar com ela — decretei, ofegante.

Blue soltou um suspiro cansado.

— David, você sabe que...

— Eu sei da porra toda, Blue! — cortei-a, nervoso. — Também sei que assim como eu estou sofrendo, ela também está. E você sabe. — Vi quando ela fechou os olhos. — Eu a amo.

O olhar afiado dela voltou a se fixar no meu, surpreso e curioso.

— E não deixarei de lutar por ela — complementei.

Permanecemos nos encarando por segundos intermináveis, até que Blue deixou os ombros penderem num ato de extremo cansaço.

— Ela está terminando de se arrumar. Sairemos dentro de poucos minutos — ela disse, abrindo espaço para que eu passasse. Assenti, inspirando fundo. Antes que eu pudesse abrir a porta, Blue me segurou no braço. — Ela aceitou começar um tratamento, David, mas não quer que seja em Madrid. Portanto, ela pretende viajar para Toledo ainda hoje.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Terminando de falar, seu rosto transpareceu toda a dor que ela sabia que aquela notícia me traria. Agradei, em seguida, girei a maçaneta da porta e a abri.

— Eu estou quase pronta, Blue, apenas...

Luna estava de costas para mim, contudo parou de falar de repente, como se soubesse que era eu ali e não a amiga.

— Luna... — me surpreendi com a suavidade do meu tom de voz, uma vez que, eu estava atormentado por dentro.

— O que está fazendo aqui? Eu disse que não queria vê-lo — Veio a resposta dura.

— Eu precisava ver você, Luna. Precisava saber que está bem.

— Estou bem, obrigada. Pode ir embora agora, por favor.

Continuei observando seu perfil de costas, seus cabelos estavam molhados e a umidade marcava o tecido da blusa que ela usava.

— Luna, por favor, olhe para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando ela se virou, eu pude ver seu rosto com clareza e vi o quanto ele estava inchado e os olhos avermelhados.

Ela abriu a boca para falar algo, mas hesitou quando me observou melhor.

Respirei fundo, e cauteloso comecei a dar alguns passos até ela.

— Blue me disse que você pretende ir para Toledo.

Ela assentiu, nervosa demais para encarar meus olhos.

— Sim — disse apenas.

Depositei as mãos na cintura, e parei, me virando de lado. Pedindo mentalmente por controle. Por respostas. Por uma solução.

— Puta que pariu, Luna, até quando pretende me punir? — indaguei, num misto de desespero, espanto e raiva.

Ela me encarou.

— Punir você? — Sua testa estava franzida, e seu corpo estava completamente tenso. — Para

PERIGOSAS ACHERON

começo de conversa, você sequer me deu crédito quando comentei sobre o Daniel. Por que não acreditou em mim quando comentei a respeito dele?

Fechei os olhos, ciente do meu erro.

— Me perdoe. — Ela desviou os olhos dos meus, talvez magoada demais para continuar me encarando. — Por tudo, Luna. Me perdoe por tudo.

— Não peça perdão. A culpa foi minha por ter me deixado levar. Acreditei em algo que não existia, aliás, algo que existiu apenas na minha cabeça — ela disse num tom decepcionado. Em seguida, voltou a me encarar. Seus olhos estavam úmidos. — Desde o começo você deixou claro o quanto me odiava; me deixou ciente de que minha presença o afetava de maneira negativa... — ela riu entre lágrimas — Eu nunca tive autoconfiança e nem boa autoestima; meu verdadeiro pai foi preso quando eu ainda era uma menina e as consequências disso me perseguem desde então; eu me tornei refém do medo do que as pessoas iam pensar, e da forma como me tratariam. Cresci uma menina carente de amor e de afeto, porque minha

mãe não notava. Ela me olhava, mas não me enxergava. — ela parou de falar por alguns instantes. Eu estava engasgado demais para falar qualquer coisa que fosse. — Fiz poucas amizades, e namorei pouco também. Você foi o único, David, o único homem que conseguiu me marcar de um jeito que nenhum outro foi capaz. — De repente, ela olhou para as cicatrizes em seus braços — Isso aqui, ou o que eu passei durante o sequestro, não são nada perto da dor que estou sentindo no meu coração, e causada por você. — Bateu contra o peito. — Você mentiu para mim. Me enganou. Riu de mim pelas costas.

— Luna, eu...

Ela me cortou com a voz engasgada.

— Você é mau. Um homem egoísta e frio.

— Eu não sou.

— Você é! — insistiu. — Saia daqui.

— Não.

Ela se aproximou de mim a fim de abrir a porta, mas eu a interceptei.

— Me solta. — Começou a se debater. — Não
PERIGOSAS ACHERON

quero você aqui.

— Mentirosa — falei, segurando suas mãos com uma das minhas e levando-as para suas costas. Acariciei seu rosto com a mão livre. Eu estava tremendo. — Você me quer aqui tanto quanto eu quero estar com você.

— Por quê?

— Você acha que eu não fiquei preocupado? — Tentei não soar acusatório, mas falhei. — Você acha que eu não faria diferente se pudesse? Porra, Luna, eu sinto muito. Sinto muito pelos últimos dias de merda. Sinto muito por ser um cara problemático e agir como um moleque na maioria das vezes. Eu não quis magoar você, não agora. Não depois do que tivemos. — Minha respiração falhou. — Eu tentei. Eu queria deixá-la ir, mas não dá. Sou egoísta demais. — Eu levantei os dedos e afastei alguns fios de cabelo que ficaram presos na sua bochecha. — Meu instinto grita para protegê-la, Luna. Para proteger o que é meu.

Minha.

A palavra vibrou no meu peito.

Uma lágrima escorregou livre pela bochecha dela, e seu corpo começou a tremer nos meus braços, entretanto, ela me empurrou e, eu a deixei livre.

— Agradeço pelo seu desejo de querer me proteger, mas não há necessidade. Eu vou ficar bem! Se ficar longe de você, eu ficarei bem — murmurou, taxativa, finalmente abrindo a porta.

Me vi sem ar diante da sua declaração, mas não demonstrei fraqueza. No fundo, eu sabia que merecia todo aquele desprezo e toda aquela fúria.

De cabeça baixa, eu dei alguns passos até estar diante dela. Em seguida, retirei um pequeno envelope do bolso interno do meu paletó.

— Eu prometo que não vou impedi-la de ir a Toledo, Luna, como também darei o espaço que você precisa para digerir tudo o que aconteceu. Confesso que almejei estar ao seu lado nesse momento, mas entendi que minha presença ainda fere você. Eu não quero isso. Nunca mais quero lhe causar dor, Luna. — Ergui a mão, na intenção de tocar seu rosto, mas ela se esquivou. Meu coração sangrou um pouco mais com isso.

PERIGOSAS NACIONAIS

Assenti, aceitando seu desprezo.

— O que é isso? — perguntou, depois que lhe estendi o pequeno envelope.

— É um presente. Por favor, aceite.

Vi que ela não estava absolutamente certa sobre isso, então aproveitei sua distração para me inclinar e beijar sua testa. Minha mão direita foi parar em sua cintura, onde apertei de leve a sua carne.

— Eu amo você, Luna. E não desistirei de reconquistá-la.

Saí de perto dela antes que perdesse o resquício de controle que ainda me restava, e a raptasse para um lugar o qual ninguém pudesse nos separar, nem mesmo ela.

PERIGOSAS ACHERON

Vinte e quatro

Luna Ramires

— Meu pai era traficante e, às vezes, ele me levava junto para participar das negociações. Eu tinha sete anos, então não entendia nada; como também não entendia quando pessoas estranhas me direcionavam olhares furtivos, ou quando me erguiam nos braços e apertavam partes íntimas do meu corpo... — parei de falar, franzindo as sobrancelhas. Eram lembranças dolorosas. — Meu pai não notava, porque estava mais preocupado em ganhar dinheiro ilegalmente. E, eu? Bem, eu queria estar com ele.

Novamente me calei, estalando meus dedos, nervosa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que aconteceu?

— Ele foi preso — respondi. — E, nesse dia, eu estava com ele. — Meu coração começou a galopar no peito. — Houve uma fuga e troca de tiros. Meu pai parou o carro no meio de uma mata fechada, mas decidiu me deixar dentro do porta-malas...

Inspirei e expirei, utilizando as várias maneiras eficientes de respiração que tinha aprendido.

— Levou horas até que eu fosse encontrada — falei, engolindo os soluços que ameaçavam romper através da minha garganta. — Depois desse dia, eu tenho pavor a lugares fechados.

A doutora Lucia fez mais algumas anotações antes de olhar para mim. Aquela era minha oitava sessão de TCC — Terapia Cognitivo Comportamental.

— Luna, você pensa que, às vezes, mais imprevistos acontecem quando pessoas com medo estão por perto, certo? — ponderei sua questão, mas acabei confirmando, já que toda merda do mundo parecia recair sempre em cima de mim. — O histórico do seu medo faz com que você se

PERIGOSAS ACHERON

reprima. Coisas ruins aconteceram com você estando com seu pai; depois estando com sua mãe; quando você estava trabalhando ao lado do homem que tentou violentá-la, em seguida, aconteceu o sequestro — ela pausou, me dando tempo para absorver suas palavras. — É como a lei de Murphy. Pessoas com o mesmo pensamento como o seu superestimam a possibilidade da ocorrência de um evento negativo, por uma distorção de pensamento que chamamos de distorção cognitiva. Elas evitam, por exemplo, pegar o metrô porque, na cabeça delas, certamente ele vai parar dentro do túnel, o que será um desastre em suas vidas.

Continuei em silêncio.

— O que você precisa entender, Luna, é que sentir medo é absolutamente normal e foi essencial para a sobrevivência da nossa espécie — disse. — Você pode sentir medo de se apaixonar; medo do escuro, por exemplo, medo de elevadores...

Meu coração acelerou diante daquela menção, pois automaticamente meus pensamentos voaram para uma lembrança não muito distante: meu momento quente com o David no elevador. Na

PERIGOSAS ACHERON

ocasião, eu estava me sentindo fraca e frágil, mas ele me fez sentir forte e bonita. Em um momento que tudo o que minha mente insistia em me mostrar eram as feridas horrendas da minha alma, David me fez sentir querida. Ele embalou meu corpo perto do seu, mas nunca cedeu com o impulso de seus quadris, e foi a única vez, depois de muito tempo, que eu realmente não me senti presa nas raízes do medo.

—... a pessoa começa fazendo relaxamento. — Pisquei, retornando ao presente, às palavras da psicóloga. — Depois, imagina uma série de cenas ou situações, ligadas ao estímulo fóbico. Essa exposição no campo da imaginação ajuda-a a baixar o nível de ansiedade de tal forma que, quando tiver de enfrentar a situação ao vivo, ele estará bem mais tolerável.

Assenti, me esforçando para compreender seu ponto. Desde que comecei o tratamento, eu nunca me esforcei tanto por alguma coisa relacionada a mim mesma; sempre me vi tão motivada a fazer pelos outros que acabava me deixando de lado, me deixando para trás. Contudo, agora? Eu tinha bem

mais do que uma simples motivação; eu tinha um bebê crescendo confortavelmente dentro de mim. Se alimentando dos meus nutrientes; absorvendo das minhas emoções. E, eu não queria que minhas dores o afetassem. Meu bebê merecia somente o melhor, e eu daria isso a ele.

Toledo era uma cidade pitoresca, linda e muito agradável de passear. Constantemente eu tinha a sensação de ter entrado numa máquina do tempo e ter sido transportada para a Idade Média.

Basicamente se tratava de uma antiga cidade fortaleza — com parte da muralha e portões de entrada ainda visíveis nos dias de hoje — que estava situada numa posição bem estratégica, em termos defensivos: no alto de uma colina e rodeada pelo Rio Tejo, que funcionava como uma espécie de “fosso” ao redor da fortaleza. Esse mesmo rio era o mesmo que passava por Lisboa, em Portugal.

Parei, e de olhos fechados, inspirei o ar puro. Dentro desses dois meses desde que deixei Madrid, eu passei por várias etapas emocionais, mas agora

eu estava me sentindo capaz de enfrentar meus problemas e, controlar minhas angústias. Era certo que eu tinha um bom vínculo com minha psicóloga, mas o motivo para meu controle emocional era sem dúvida alguma, o meu bebê. Sorrindo, emocionada, desci os olhos para minha barriga saliente. Quase quatro meses, e eu não via a hora de poder ver o rostinho daquele pequeno ser que chegou para dar um novo sentido à minha vida.

Soltei um suspiro baixo, e decidi que não voltaria para casa naquele momento; aproveitaria a luz da manhã para fazer alguns passeios e visitar os campos de lavanda de Brihuega, uma cidadezinha bem perto de Madrid. No fundo, eu ansiava ocupar meu tempo livre para me distrair dos pensamentos intensos, que vinham como fantasmas. Cheguei a pensar na possibilidade de arrumar um emprego de meio período, mas com a barriga crescendo não daria muito certo.

Dentro do ônibus, eu passei a admirar a paisagem lá fora, presenciando a tranquilidade com que o vento ricocheteava nas folhas das árvores. A liberdade dos pássaros sobrevoando o espaço de um

lado ao outro, felizes em suas jornadas. De alguma maneira, eu ainda não conseguia sentir aquela mesma liberdade correndo em minhas veias, mas eu queria. Queria sentir-me livre.

Livre para amar.

Livre para ser amada.

Naquele momento, um casal passou pela porta do veículo urbano. O braço do homem estava ao redor da cintura dela. A mulher sorriu de algo que ele cochichou quando se sentaram, um ao lado do outro. O amor estava tão óbvio ali, que não evitei o sentimento da inveja.

Meu telefone tocou. Vasculhei o interior da minha bolsa atrás do aparelho barulhento.

— *Luna!* — A voz animada de Blue inundou meus ouvidos. — *Como você está?*

Sorri, sentindo-me agraciada com todo aquele cuidado. Blue me ligava todos os dias, e me visitava ao menos uma vez por semana.

— *Estou bem* — respondi. — *Acabei de sair de mais uma sessão, e decidi fazer um passeio por Brihuega. Ouvi dizer que é nessa época do ano que*

os campos de lavanda estão floridos, e eu quero muito ver.

— *Ah, que coisa boa!* — ela exclamou. — *Já percebi que você está animada.*

Dei risada.

— *Estou apenas tentando me ocupar, Blue. Você sabe que não gosto da solidão, e aqui... bem, além das sessões de terapia, e as consultas do pré-natal, eu não tenho mais nada para fazer.*

— *Ah, mas Toledo é um lugar com muitas atrações, e você pode tentar fazer novas amizades também. Por que não tenta conhecer alguém?*

— *Você sabe a resposta para essa pergunta, Blue* — respondi, incomodada.

Ela ficou quieta por alguns instantes.

— *Ei, Luna...*

— *O que foi?* — perguntei, sentindo a tensão na voz dela.

— *O David tem ligado?*

Mencionar o nome do David fez meu coração ameaçar parar de bater, porque tudo em mim se

eriçou.

— *Não atendo ninguém, além de você, Blue. Além disso, eu bloqueei o número dele, justamente para não ter contato.*

Pude ouvir um arquejo do outro lado da linha.

— *Luna, David é o pai do seu filho. Por que não dá uma chance pra ele?*

— *Por que está dizendo isso? Você sabe o que ele fez, Blue. Sabe o quanto ele me magoou.*

— *Mas também sei o quanto ele ficou maluco na época infernal do seu sequestro, Luna. Aquele homem basicamente se hospedou na delegacia — ela disse. — Eu sei que você está sofrendo, e que também está magoada. Mas por que não se dar uma chance de ser feliz? Você sabia que ele vem todos os dias aqui no hospital a fim de me fazer falar o seu endereço? Luna, o cara está arrasado.*

— *Você contou? — retruquei, desesperada. — Por favor, Blue, me diga que não entregou meu endereço a ele.*

Ouvi ela bufar.

— *É claro que não! — ela exclamou. — Jamais*
PERIGOSAS ACHERON

diria, porque sei que esse não é o seu desejo, Luna.

— Obrigada.

— Não me agradeça, porque não acho que isso seja certo — ela disse, chateada. — Pelo menos, diga a ele sobre o bebê.

— Blue...

Ela me interrompeu:

— Ele precisa saber, Luna. Ou melhor, ele tem o direito de saber que será pai.

Mordi os lábios, enquanto fechava os olhos. Obviamente que aquele era um assunto que me deixava nervosa, porque trazia à tona fantasmas que eu lutava para esquecer, mas no fundo... bem lá no fundo, eu sabia que Blue tinha razão.

— Preciso desligar agora — murmurei, nervosa com o rumo da conversa.

Ela suspirou.

— Ok. Eu ligo amanhã, viu? Teimosa. — Eu ri.
— Promete que vai ficar bem?

— Eu prometo.

Encerrei a ligação.

Logo depois disso, eu inspirei profundamente e resolvi voltar a me concentrar no meu passeio.

Perto das oito da noite, eu abri as portas da minha sacada quando comecei a ouvir o som de uma música romântica no lado de fora. Havia um trio de homens cantando, logo abaixo da sacada ao lado da minha, e uma mulher com olhar apaixonado encarando um deles. Presenciar aquela cena me deixou tão encantada quanto nostálgica, porque tudo que minha mente fez foi me mostrar o David.

Acaricieei minha barriga, pensando no meu bebê e no direito que ele tinha de conhecer o pai dele. Era o certo, eu sabia. Mas por que eu continuava hesitando? Talvez porque isso significasse que eu teria que voltar a ter contato com David; conviver com ele; compartilhar com ele... e a palavra “compartilhar” abrangia muitas coisas, entretanto eu só conseguia pensar em coisas quentes.

Avassaladoras.

Selvagens.

Abandonei a sacada, isolando todos os sons ao

PERIGOSAS ACHERON

meu redor e me concentrando apenas nas batidas do meu coração quando retornei ao quarto. Na última vez que David e eu nos vimos, ele me presenteou com um envelope, que horas mais tarde, acabei descobrindo que se tratava de uma fotografia — dele com o pai. Lembro que chorei quando admirei os dois homens naquele autorretrato. Os dois homens que mais amei na vida.

Sentando na beirada da cama, eu peguei a moldura e passei os dedos sobre a foto enquanto as emoções se afluavam no meu corpo. Talvez fossem os hormônios da gravidez, ou minha consciência... ou até mesmo o meu desejo mais íntimo, mas eu me vi desejando estar com ele naquele momento.

Pulei de susto quando o aparelho vibrou na minha mão com o aviso de uma nova mensagem de texto. Era da Blue.

“Blue: David fez uma participação num telejornal local de Madrid. Aposto que você vai gostar de ouvir o que ele falou.”

Embora estivesse nervosa, a curiosidade falou

mais alto e me vi pesquisando a respeito daquela entrevista. Uma lágrima escorreu pela minha bochecha quando visualizei a imagem imponente do David na pequena tela do celular, e o calor familiar irradiou todo meu corpo. Me ajeitei um pouco melhor sobre a cabeceira da cama, enquanto escutava a entrevista dele. As lágrimas que estavam se formando atrás dos meus olhos finalmente se derramaram no momento em que registrei as palavras que deixavam os lábios dele.

“— Eu sou um homem comprometido com o meu trabalho e com minha família, meus irmãos e a mulher que amo.

— Ah, então um dos solteiros mais cobiçados de Madrid está comprometido? — questionou a apresentadora, surpresa brilhando em seus olhos. — Podemos saber o nome da sortuda?

— Luna Ramires — ele disse sem pestanejar. — A única mulher que me fez enxergar o amor.

Houve um arquejo exagerado da apresentadora, contudo minha atenção estava em David, que encarava a câmera como se soubesse que eu estava

olhando.

— Infelizmente alguns acontecimentos e atitudes ruins da minha parte fizeram com que ela se afastasse de mim, mas continuarei lutando até fazê-la me perdoar e entender a grandeza do meu amor.

— E se ela não quiser perdoá-lo?

Ele baixou os olhos.

— Então me contentarei em admirar a felicidade dela de longe, mesmo que não seja comigo. Saber que ela está feliz é a única coisa que me importa.”

Desliguei aquele vídeo, agoniada demais com todas as reações diversas que acometeram meu corpo e espírito. Era difícil acreditar nas palavras de alguém que mentiu tantas vezes. David havia feito aquilo, e eu queria perdoá-lo. Queria que ele se sentasse ao meu lado, pegasse minha mão enquanto, juntos, ouvíamos o som das batidas do coraçãozinho do nosso bebê. Eu queria ter o apoio dele quando acordasse, em pânico, depois de um pesadelo. Eu queria aceitá-lo de volta, com a certeza que iríamos passar por isso, e que ficaríamos bem.

PERIGOSAS NACIONAIS

Meus olhos estavam cheios d'água. Minha mão vagou devagar até estar sob meu ventre, meus dedos corriam para cima e para baixo. A verdade é que se eu voltasse a vê-lo, eu iria me perder.

Eu me perderia em seus olhos e meu coração ia explodir.

E, eu sofreria outra vez, isso era certo.

PERIGOSAS ACHERON

Vinte e cinco

David González

Eu sei que deveria prestar atenção no que estava sendo debatido naquela reunião, mas meus pensamentos insistiam em me levar para longe. Para Toledo. O lugar, além do meu coração, que vinha abrigando a mulher da minha vida.

Luna.

67 dias.

1608 horas.

26800 minutos.

E, eu não me arriscava a calcular os segundos, porque estes eram intermináveis.

Tecnicamente, eu sabia que ela não poderia me evitar para sempre, embora acreditasse que ela não quisesse isso. Eu certamente não queria.

Olhando para fora, através das enormes vidraças da sala de reuniões, eu tentei administrar o que se passava dentro de mim. Desde minha infância, até meus dezesseis anos, cresci com a convicção de que o amor era um sentimento de união, e que ele tinha o poder de trazer paz e harmonia. Então meu pai destruiu tudo em minutos, quando confessou seu relacionamento extraconjugal. Como o amor pode unir duas pessoas, mas separar outras? Que paz aquela nova realidade trazia?

Por anos, essa amargura habitou em meu coração, fazendo de mim um homem vazio por dentro. Porque era isso que eu era antes de conhecer a Luna. Vazio. Eu desconhecia qualquer sentimento, entre homem e mulher, diferente do carnal. O sexo, a meu ver, deveria ser o único a unir duas pessoas dispostas a se dar prazer.

Mas então tudo mudou.

Agora meu coração estava preenchido com o sentimento que eu, por tanto tempo, negligenciei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E, eu não poderia estar mais perdido.

— David?

Pisquei, quando ouvi meu nome. Hugo me encarava como se esperasse por uma resposta, mas eu não tinha noção de nada ali.

— Ok, senhores — ele disse no fim, compreendendo que meu espírito não estava naquela reunião. — Na próxima semana nos reuniremos novamente para voltar a discutir o uso desse novo material. A reunião está encerrada.

Continuei do mesmo jeito, enquanto todos deixavam a sala. Alejandro não estava presente.

— Você está bem, cara? — Hugo quis saber, depois que ficamos sozinhos. — Senti você bem disperso durante a reunião. Você sabe que pode se afastar por uns dias, não sabe?

Sacudi a cabeça.

— Não se preocupe, Hugo. Eu vou ficar bem.

— Eu discordo — ele disse, fazendo-me encará-lo. — Isso só vai acontecer depois que você e Luna se acertarem.

PERIGOSAS ACHERON

Soltei um riso fraco, porque ele tinha razão. Meus olhos voltaram para a paisagem além das vidraças, entretanto eu não enxergava nada; tudo o que eu conseguia ver eram os olhos da Luna; o rosto lindo e o corpo pecaminoso que me levava à loucura sem um pinga de esforço.

— Ela bloqueou meu número — falei de modo débil. — Tudo o que eu sei dela é por intermédio da Blue, que a propósito, me detesta.

— Blue tem um jeitinho rebelde, mas não acho que ela odeia você.

Dei risada, em seguida, me levantei pegando meu paletó do encosto da cadeira.

— Tem razão, irmão. Porque ela odeia todos nós.

Deixei a sala de reuniões ao som de sua gargalhada, e com sua promessa de que iria à minha casa mais tarde para beber alguma coisa. Não falei nada. No fundo, eu sabia que tanto ele quanto o Alejandro, apenas queriam me ver bem.

De volta à minha sala, minha secretária avisou que alguém estava esperando por mim. Visualizei a

PERIGOSAS ACHERON

silhueta de Ícaro.

— Oh, por favor, entre Ícaro — pedi.

— Obrigado — disse ele. — Espero que não se incomode com minha visita inesperada.

Tomei o assento atrás da minha mesa, depois indiquei uma das poltronas para que ele se acomodasse também.

— Imagina! — exclamei. — Se você está aqui é porque tem coisas importantes para me dizer.

— Você tem razão quanto a isso — Ele depositou uma pasta sobre a mesa, antes de abri-la diante dos meus olhos. — Eu tenho aqui... fotos; rastreio de ligações; descrição de conversas telefônicas, além de mensagens de texto e em redes sociais. Aqui estão provas detalhadas das informações que você me pediu. Pouco mais de dois meses de investigação, David. Espero que isso seja suficiente para sanar suas dúvidas.

Folheei as páginas, visualizando as fotos e as informações. Eu não sabia o que pensar, mas tinha certeza sobre o que precisava fazer.

— Isso é mais do que suficiente, Ícaro.

Obrigado, cara. — Ergui-me, em seguida, estendi minha mão num cumprimento. — Passe no RH para receber o cheque.

Ele assentiu, satisfeito.

Acompanhei-o até a porta, ainda tentando digerir tudo o que tinha acabado de descobrir.

— Estarei às ordens para o que precisar — disse, antes de se despedir.

Assenti.

— Sei disso.

Voltei para minha mesa, encarando todas aquelas fotos e documentos. Reuni tudo dentro da pasta, e rumei para a porta. Acabaria com aquela palhaçada imediatamente.

Cheguei à empresa em que a Isabel trabalhava por volta das duas da tarde. Como ela não tinha nenhum cargo importante, não foi difícil encontrá-la em sua pequena sala.

— David! — exclamou, sem esconder a surpresa ao me ver. — Eu não sabia que viria. Por que não

me avisou?

Ela parecia agitada quando me puxou para o interior da sala, para depois fechar a porta em busca de privacidade.

— Na verdade isso não estava nos meus planos — falei, me esquivando de sua tentativa de abraço. Eu mirava seus olhos, com pura ira nos meus.

Vi o momento que ela se tornou arisca, ajeitando-se na cadeira atrás da mesa — que tomava conta de boa parte do espaço daquela sala. Olhando para seus ombros tensos, eu me aproximei.

— Aconteceu alguma coisa? Você está sério.

Sacudi a cabeça freneticamente.

— Me diz você, Isabel — falei, jogando as fotos, em que ela aparecia beijando o ex-namorado, em cima da mesa. — Me explica que porra você está fazendo, beijando e se correspondendo com o cara que dizia agredi-la? Hun? Aqui nessa pasta há ligações, gravações e fotos diversas. Dois meses de investigação, Isabel. E dentro desse tempo, eu fui feito de otário por você por diversas vezes. Não

existe uma única denúncia sua contra ele na delegacia, caralho. Que merda é essa, hein?

Eu não vi o momento que alterei a voz, mas foi inevitável.

Com mãos trêmulas, ela se levantou e tentou me tocar, mas eu me esquivei novamente.

Enojado.

Furioso.

— Eu sempre almejei um relacionamento sólido entre nós, David — ela disse. Ombros caídos, ela cruzou os braços num gesto defensivo.

— De onde você tirou isso, quando sempre deixei claro que o que tínhamos era somente sexo?

— Mas como dizer isso ao coração? — disse, com lágrimas descendo por suas bochechas.

— Pare de mentir, Isabel — murmurei, torcendo os lábios. — Meu investigador só não conseguiu fotos de você e seu amante fodendo, porque de resto? Está tudo aí — cuspi. — A maldita farsa foi descoberta.

O canto da boca dela arrastou-se em um riso de

escárnio.

— *Tá* legal. — Ela deu de ombros. — Eu reencontrei meu ex-namorado há uns dois anos. Ele e eu tínhamos muitas coisas em comum, e não levou muito tempo para que reatássemos — confessou. — Eu e você nos víamos somente aos finais de semana, então era fácil conciliar. Mesmo você afirmando que só queria sexo comigo, eu acreditava que poderia convencê-lo a me dar uma chance. Eu sonhava em me casar com você, David.

— Casar comigo? — eu estava atônito. — Você é louca?

— Estava tudo indo bem, até aquela garota aparecer. Era *Luna* isso. *Luna* aquilo. Você não imagina o tanto que torci para que ela fosse encontrada morta naquele cativeiro.

— Jesus, Isabel. — Dei-lhe minhas costas por alguns momentos, ou não responderia por mim. Passei os dedos pelo meu cabelo, depois eu voltei para vê-la.

— Quando eu vi que você não se casaria comigo, convenci o Pedro a fingir que me agredia,

PERIGOSAS NACIONAIS

porque assim o afastaria daquela garota, e eu poderia ganhar tempo para voltar a conquistá-lo, já que eu tinha certeza que você jamais me abandonaria numa situação como essa.

Uma batida do silêncio se infiltrou na sala, envenenando o ar com dor e mentiras.

— Convivi com você por pouco mais de dois anos, Isabel, e nunca fui capaz de perceber a cobra traiçoeira que você realmente é.

— Bem, isso mostra que você não é um bom observador.

Aquele comentário drenou meu último pedaço de paciência, e eu fui para frente até que ela não tivesse nenhuma escolha além de plantar o rabo na cadeira.

— Não o suficiente, aparentemente. — Olhando para ela, eu cruzei meus braços. — Mas você estava contando com isso, não é? Ou você achou mesmo que eu não fosse perceber?

— No fundo, eu tinha esperanças de que você voltasse para mim.

Eu soltei uma risada alta.

PERIGOSAS ACHERON

— Oh, sim. E quem eu seria nessa linda família? O amante número um, ou o de número dois?

— Quero que vá embora — ela pediu, visivelmente incomodada.

— Isso é sério? Agora não me quer por perto?

— Sei que fiz merda, e peço desculpas. — ela disse, com o rosto banhado em lágrimas. — Sinto muito mesmo.

— E você deveria sentir mesmo! — sibilei entre dentes. — Porque quero você fora daquele apartamento ainda hoje — Eu mantive minha raiva em cada palavra pronunciada. Apoiei meu peso, um braço sobre a beirada da mesa, e o outro no encosto da cadeira, e levei meu rosto perto dela. — A partir de hoje, terei o cuidado de cancelar todos os contratos com essa empresa, porque não quero mais ter que olhar para sua cara. Você e eu terminamos, Isabel. Você entendeu? Definitivamente.

Piscando rapidamente, ela assentiu.

— E fique longe da Luna.

Aprumei o corpo, lutando para controlar minhas emoções. Isabel enterrou a cabeça nas mãos dela,

chorando, e eu tomei isso como minha deixa para sair. Talvez, ela estivesse arrependida. Mas pouco me importei. Tudo o que eu queria era ficar o mais longe possível dela.

O dia seguinte amanheceu, e eu já estava de pé antes das seis horas. Enquanto saía do banheiro, depois de ter tomado uma ducha fria, escutei o toque do meu celular.

Enxugando minha cabeça, descansei a toalha nos meus ombros, em seguida, me sentei na beirada da cama depois de ter pegado o celular.

— *O que foi, Alejandro?* — Atendi, passando a toalha no meu rosto.

— *Você está sentado?*

Arqueei as sobrancelhas, nervoso de repente.

— *Por quê? O que houve?*

Ouvi sua respiração se tornando áspera.

— *Luna colocou as ações dela à venda, irmão. Acabei de saber* — ele respondeu. — *Ao que tudo indica, ela está decidida a não retornar à Madrid.*

PERIGOSAS NACIONAIS

Naquele momento, tudo desapareceu ao meu redor. O único som que eu conseguia ouvir era dos batimentos estridentes do meu coração, que pulsava sem esperança.

Sem esperança de voltar a ver a dona dele.

PERIGOSAS ACHERON

Vinte e seis

David González

Três horas mais tarde, eu estava no hospital. Acontece que eu não podia esperar. Não poderia ficar ocioso enquanto Luna estivesse pensando em sair da minha vida definitivamente. Não quando demorei tanto para encontrar a única mulher que me fez descobrir o real sentido do amor.

Tortura. Eu não poderia encontrar outra palavra para descrever o tumulto que fervia em meu interior. Me rasgando por dentro. Era como se eu estivesse sendo dilacerado pela agonia.

Então, fui para o lugar que iria encontrar respostas. Estava batendo os pés no chão,

impaciente, enquanto aguardava a entrada da Blue naquela sala de espera.

Senti calafrios ao pensar na possibilidade de nunca mais colocar os olhos sobre a Luna; a mulher que tinha o poder de alcançar e arrancar minha respiração.

A porta daquela pequena sala se abriu lentamente.

— David — Blue se moveu, e uma mão agitada empurrou as mechas mais longas, e azuis, do seu cabelo. — O que faz aqui? — perguntou, embora já soubesse a resposta. Ela estava em horário de expediente, então usava um uniforme de enfermeira.

Senti-me aéreo e engoli em seco, tentando me concentrar. Para enxergar melhor. Para me concentrar no que era importante.

— Onde a Luna está?

Ela engoliu em seco quando encontrou o meu olhar.

— Você está cansado de saber que eu não posso dizer.

Respirei fundo na tentativa de me acalmar.

— Acontece que agora as coisas mudaram, Blue. E não me diga que não sabe que Luna está tentando vender as ações que tem no grupo González.

Ela olhou para o chão como se pudesse segurar uma resposta, seu tom baixo, carregado de culpa.

— Diga-me ao menos uma coisa boa que aconteceu com ela desde que entrou na vida de vocês — desafiou, entre dentes.

Engoli com dificuldade quando encontrei seu olhar afiado.

— Sou consciente de toda a dor que infligi a ela, Blue, e vou me arrepender disso até o último dia da minha vida — eu disse. — Fui um covarde de merda. Tive medo. O maldito medo de acabar estragando tudo, porque descobri que é isso que faço de melhor: eu estrago as coisas — falei, sincero. — Eu persegui um cara em Ibiza pelo simples fato de ele ter jogado bebida nela, Blue. O que mais eu poderia fazer se não me afastar?

— Amá-la, caralho! — ela quase gritou. — Você poderia tê-la amado — amenizou o tom,

embora o olhar afiado continuasse. — Amado à sua maneira; Intenso, raivoso e apaixonado.

Apertei os olhos, minha expressão com arrependimento.

— Então me ajude! Por favor — implorei. — Ajude-me a lutar pelo amor da minha vida, Blue, porque é isso que ela é. Luna é tudo de mais belo que já me aconteceu.

Ela permaneceu em silêncio, me encarando num misto de emoções. De repente, estalou os lábios enquanto fechava e abria os olhos.

— Está certo — falou, resignada. — Espero não me arrepender disso, David. Porque se você magoá-la de novo, eu caço você até no inferno. Entendeu? Luna pode ser o seu único amor, mas antes disso, ela é como uma irmã para mim.

Assenti, sentindo meus batimentos acelerados.

— Antes de lhe passar o endereço, eu quero que você esteja ciente de que não vai encontrar a Luna da mesma maneira. Ela mudou.

— Entendi.

Blue ficou me encarando com um olhar
PERIGOSAS ACHERON

perturbado.

— Isso é sério, David. Há algo diferente nela.

— Ok. Eu entendi.

Cheguei à estação de trem de Toledo depois de pouco mais de meia hora de viagem. O interior da estrutura era extremamente belo, com janelas com vitrais no melhor estilo árabe, e, do lado de fora, havia a enorme torre do relógio.

Peguei meu celular, em seguida, disquei para o telefone de Alejandro.

— *Conseguiu enganá-la?* — questionei assim que ele atendeu. — *Eu acabei de chegar a Toledo, e estou me segurando para não ir até o endereço dela, irmão.*

— *Acalme-se! Você precisa agir com cautela* — ele disse num tom suave. — *Consegui fazer uma ligação sem que ela desconfiasse de nada. Obviamente que, em seguida, ela me passou para seu advogado. Eu disse que me interessei pela compra das ações, mas deixei claro que o negócio somente aconteceria pessoalmente.*

PERIGOSAS ACHERON

— *Ótimo! Aonde?*

— *Vou te passar o endereço por mensagem. Boa sorte, irmão.*

Desliguei, e instantes mais tarde, meu celular vibrou com a chegada da mensagem indicando o local de encontro.

Inspirando profundamente, eu decidi sair da estação de trem a pé e, seguir para a cidade. Segui pela avenida principal, para a esquerda, por uma rua que tinha uma espécie de passarela vermelha. O caminho que levava a Puente de Alcantara e a Puerta de Doce Cantos. Antes de chegar a uma das pontes mais impressionantes da cidade, eu tinha vistas maravilhosas de Toledo e seus monumentos. A ponte, juntamente com a majestosa Puerta de Doce Cantos; o portal que dava acesso à cidade, formavam uma paisagem única. Entretanto, tudo dentro de mim não se concentrava em nada além de Luna e do encontro que teríamos dentro de poucos minutos. Finalmente nos veríamos depois de tanto tempo.

PERIGOSAS NACIONAIS

O restaurante marcado para o encontro ficava no Plaza Mayor, quase de frente para a catedral. Estacionei o carro alugado, depois me preparei para entrar no lugar. Eu não tinha certeza se Luna já tinha chegado, mas decidi arriscar.

Assim que passei pela porta, meus olhos percorreram como fendas o interior do restaurante.

Procurando.

Mapeando.

Buscando.

Até que encontrei. Me tornei dolorosamente consciente da proximidade dela. De cada sutil movimento que ela fazia, enquanto conversava com um homem ao seu lado, provavelmente o tal advogado.

Fui interceptado por um garçom, mas afirmei que já tinha encontrado quem eu queria e que estava tudo bem. Ao menos era o que eu torcia.

Para que ficasse tudo bem.

Luna mal podia ver através da névoa de lágrimas que se formou em seus belos olhos, assim que me viu parar diante da mesa em que estava.

PERIGOSAS ACHERON

Mágoa e ódio. Eles pareciam rodear seu espírito. Ela parecia me olhar como se eu fosse nada mais do que uma aparição. A porra de um demônio.

— Luna — seu nome escapou dos meus lábios com doce alívio.

— O que está fazendo aqui? — perguntou asperamente, exigindo uma resposta.

— Você colocou suas ações a venda, de que outra maneira eu poderia conseguir encontrá-la? — perguntei, sem mencionar o fato de que Blue já tivesse me dado o endereço do hotel em que ela estava hospedada.

— Eu deveria imaginar que isso seria uma armadilha — ela sibilou, sem me encarar.

— Senhorita Luna, o que está acontecendo? — perguntou o advogado, confuso com toda aquela tensão no ar.

— Nada, Angél — ela respondeu. — Foi este senhor que marcou o encontro, mas eu me recuso a compartilhar qualquer coisa com ele, muito menos o meu tempo.

Agarrando sua bolsa, ela simplesmente se ergueu

PERIGOSAS ACHERON

e passou por mim feito uma bala de canhão. Segurei-a pelo braço, mas ela conseguiu se soltar num safanão.

De jeito nenhum eu estava deixando aquilo acontecer.

Corri atrás dela.

— Luna, por favor, espere.

Chegamos ao lado de fora do restaurante, e obstinado, voltei a segurá-la pelo braço forçando seu corpo a parar. Pânico passou por mim quando ela se virou, e eu pude vê-la completamente.

“Eu quero que você esteja ciente de que não vai encontrar a Luna da mesma maneira. Ela mudou.”

As palavras da Blue inundaram minha mente dando total sentido ao que estava diante dos meus olhos.

— Vo-você está grávida? — A pergunta fluiu através dos meus lábios como um sopro. Incredulidade me descrevia.

— Por favor, David... me deixe em paz — ela implorou. Seus olhos brilharam com lágrimas antes

que ela tivesse uma mão para me parar. Frenética, ela engoliu. — Eu não quero você...

Com uma sacudida afiada, errática de sua cabeça, ela se virou, na intenção de se afastar.

Meu coração caiu para a porra do chão naquele momento.

Cada parte de mim parecia queimar com uma mistura de arrependimento, raiva e culpa. A última coisa que eu queria era estar lá, impotente, observando-a fugir novamente, como água entre meus dedos.

Com minhas mãos em punho, eu lentamente voltei a tomar as rédeas, e quando percebi já estava outra vez puxando-a pelo braço.

— David — Sua garganta oscilou assim como seu lábio inferior. Ela não precisava me dizer que aquele filho era meu, porque eu sabia. Podia sentir em cada célula do meu ser.

Inclinei a cabeça, e minhas palavras foram nada além de dardos inflamados em sua direção.

— Você tem todo o direito de não me querer mais, Luna, e eu vou respeitar sua vontade. — Dei

PERIGOSAS NACIONAIS

um passo ameaçador para frente. — Mas não vou admitir que me afaste do meu filho.

Novas lágrimas brotaram de seus olhos e correram pelo seu rosto. Um rosto que eu tinha pensado muito.

Lindo mesmo.

A cabeça dela balançou, e ela olhou para longe, deixando cair seu olhar antes de voltar a me encarar. Mágoa raspou sua garganta.

— A primeira vez que transamos, a camisinha estourou — ela disse. — Você é o pai do meu bebê. Estou esperando um filho seu, David.

Embora, eu soubesse, sua declaração veio até mim como uma granada.

Um soluço irrompeu no ar, roubando meu foco, o meu propósito. Eu empurrei meu olhar para Luna, mas acabei descobrindo que não era ela a estar soluçando.

Era eu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Vinte e sete

Luna Ramires

— Você não deveria se chatear comigo, Luna, porque David encontraria seu endereço de qualquer maneira — disse Blue, via Skype, enquanto eu estava me maquiando.

— Mas você facilitou. Confesse.

Ela soltou um suspiro.

— Não é como se você fosse conseguir fugir a vida toda, Luna. Com a persistência do David, ele te encontraria cedo ou tarde.

Então foi a minha vez de suspirar. Me levantei, apenas de lingerie. Eu tinha deixado um lindo vestido sobre a cama. Não era minha intenção usá-

PERIGOSAS ACHERON

lo, mas eu estava sem opções.

— Ele irá buscá-la? — Blue quis saber. O laptop estava direcionado numa posição estratégica, então ela conseguia presenciar minha movimentação pelo quarto.

— Eu não quis — respondi. — Combinei de me encontrar com ele no restaurante.

Eu tomei uma respiração afiada, e uma sensação intoxicante assumiu quando a imagem do David invadiu minha mente. Ela tinha se tornado a única desde que nos reencontramos mais cedo; era somente o rosto dele que eu via em meus pensamentos.

— Por ter sido uma cadela com ele, ocultando minha gravidez, eu aceitei conversar. Apenas conversar.

— Mas você está caprichando bastante no visual para quem pretende apenas conversar — ela alfinetou.

Eu ri, mas não comentei nada.

Coloquei o vestido de alças em tom lilás. Ele era sutilmente frouxo na cintura, e terminava acima dos

joelhos. Meus cabelos permaneceram soltos, com mechas onduladas sobre os ombros.

— Pare de enxergar coisa aonde não tem, Blue.

Me aproximei do laptop, pronta para encerrar a chamada de vídeo.

— Luna, você é quase como uma bomba-relógio esperando para explodir — comentou, entre risos e eu corei com a mensagem erótica por trás de suas palavras. Em seguida, voltou a ficar séria. — Se cuida, viu? Apesar de eu não ir com a cara do David, eu quero que você saiba que a sua felicidade é a minha, Luna. Se estar com ele te faz feliz, então vou apoiar sua decisão.

Meus olhos nublaram, porque ouvir aquelas palavras me deixou emocionada. Blue era como uma irmã que eu nunca tive.

— Eu sei, Blue. E ter o seu apoio é motivador — falei, fazendo-a sorrir.

Aceitar jantar com David para conversar, não tinha me deixado preparada para o turbilhão de sensações que sentiria. E, eu deveria saber, uma vez

PERIGOSAS ACHERON

que, a surpresa de tê-lo visto mais cedo já me deixou completamente desestabilizada.

A decisão de vender as ações não surgiu de repente; foi movida pelo medo. E por que não falar do egoísmo? Eu não queria dividir a alegria da minha gravidez com ele. Não depois de toda mágoa que ele causou em mim.

Quando o táxi me deixou na frente do La Ermita, eu dei a ele vinte euros e entrei para encontrar David em pé ao lado da cabine da recepcionista. Seu cabelo estava desajeitado, mas de um jeito bom. O terno impecável moldava-lhe os músculos, perfeitamente definidos. Mas o que chamou a atenção dos meus olhos foi sem dúvida a sua barba, que, outrora, não existia.

Droga. Como conseguiria me manter neutra durante aquele maldito jantar?

Meu corpo já estava vibrando com a necessidade de senti-lo me pressionando contra ele, sua respiração se espalhando sobre o meu pescoço e ombro enquanto se empurrava dentro de mim.

Nervosa, eu sacudi meus pensamentos e voltei

minha atenção para David, que agora estava na minha frente, a centímetros do meu corpo mole, feito gelatina, sorrindo para mim. Seu sorriso se estendeu por seu rosto, tocando seus olhos, e tudo ao meu redor se acalmou. Eu só conseguia vê-lo.

— Oi — sussurrei.

— Você está linda.

Certamente o rubor tomou conta das minhas bochechas, porque as senti queimando.

Sem pensar, ele levantou a mão e, eu permiti que seu dedo percorresse minha bochecha.

— Obrigada — consegui dizer.

— Podemos ir? — perguntou com os lábios perto dos meus.

Com uma rápida ingestão de ar, eu sacudi a cabeça. Então, ele colocou uma das mãos na parte baixa das minhas costas, e manteve a mão sobre mim enquanto seguíamos para a nossa mesa, perto da janela que nos presenteava com uma bela vista da cidade.

Assim que estávamos sentados, um garçom alto surgiu para tomar nosso pedido de bebida. David

PERIGOSAS ACHERON

pediu um vinho para ele, e um suco de laranja para mim.

— A vista daqui é fantástica — comentei, admirando o centro histórico, e o rio Tejo, logo abaixo. No fundo, eu estava querendo me distrair da presença dominante logo a minha frente.

David estendeu a mão para colocar sobre a minha, mas fiquei tensa, e ele logo a afastou, sem jeito.

— Eu posso perguntar sobre o bebê? — perguntou.

— O que quer saber?

Ele parecia deslocado, e eu senti vontade de beijá-lo.

— Você está de quantos meses? Já sabe o sexo?

— Quase quatro meses — respondi. Incoscientemente, eu levei as mãos à minha barriga para acariciá-la. Um sorriso iluminou meu rosto. — Decidi que quero saber o sexo somente na hora do parto.

— Verdade? — Confirmei com a cabeça, e ele ponderou. Pareceu aprovar a ideia — Posso te fazer

PERIGOSAS ACHERON

outra pergunta?

Seu olhar era cauteloso.

— Sim. Afinal, nós estamos aqui para isso. Para conversar.

— Certo. — Ele uniu as mãos, depois depositou os cotovelos sobre a mesa. — Você pretendia sumir no mundo sem me contar que estava grávida de um filho meu?

Inspirei e expirei. Aquela pergunta seria inevitável, eu sabia.

— Eu não pretendia sumir no mundo, David — falei, com cuidado. — Mas também não fazia nenhuma questão que você soubesse desse bebê — Fui sincera. — Veja bem, eu e você vivemos um romance curto, embora suficiente para mexer comigo como nenhum outro homem foi capaz. Entretanto, você me abandonou, David. Você continuou me magoando, mesmo depois de ter prometido que nunca mais me machucaria.

Ele não disse nada, ao invés disso, abaixou a cabeça.

Envergonhado.

Arrasado.

Apreensiva com a tensão que se estabeleceu entre nós, eu peguei o cardápio, e comecei a pensar na escolha do prato.

— Ouvi dizer que esse é um dos melhores restaurantes de Toledo — ele disse, tentando amenizar o clima. — E que a comida é fantástica, principalmente, os frutos do mar.

Arqueei as sobrancelhas.

— Então vou optar pelo Pulpo com alho negro, e uma degustação de tartare de bife.

Ele assentiu, em seguida, voltou a chamar o garçom, repassando meu pedido e indicando o seu.

— Esse reencontro me faz lembrar Ibiza, mas ao contrário daqui, lá nosso jantar foi feito no quarto — comentou, mais relaxado.

Meu rosto ficou vermelho e, eu tomei um gole de água.

— Eu não vou pra cama com você, David — Uma vez que as palavras deixaram meus lábios, eu olhei para longe.

A risada dele soou alta, despertando arrepios por todo meu corpo.

— Acho que seus pensamentos estão muito quentes, Luna. Serão os hormônios da gravidez?

Droga!

Ignorei sua pergunta insolente.

Ele se inclinou um pouco, mirando nos meus olhos como um falcão.

— Luna, você tem toda razão do mundo para estar me odiando; para me ignorar. Eu estive no inferno durante todos esses meses sem ter sequer uma ideia do que estaria passando pela sua cabeça.

— Suas palavras me desnortaram. — Sei que nada que eu diga será suficiente para demonstrar o quanto me arrependo de meus atos covardes contra você, e é por isso que a partir de hoje, irei agir.

— O que está querendo dizer? — perguntei, desconfiada.

— Que não vou desistir de tê-la novamente em meus braços, baby — disse, tão intenso quanto seu olhar. — Quero estar com você em todos os momentos; acompanhar as consultas do pré-natal e

estar ao seu lado durante seu tratamento. Luna, eu quero ter o prazer de ser acordado de madrugada, porque você está desejando comer algo que talvez nem exista.

Eu ri em meio às lágrimas.

— Ok, isso me pegou desprevenida — falei, parecendo insegura.

Suas mãos tocaram as minhas, e dessa vez, eu permiti.

— Dê-me um mês — pediu. — Viaje comigo para Pequim, e, juntos, faremos a apresentação do nosso projeto. Se eu não conseguir convencê-la de que fomos feitos um para o outro, eu prometo que não a impedirei de vender suas ações, se ainda quiser. E, eu aceitarei ocupar apenas meu papel de pai do nosso filho.

Meus olhos se afastaram dos dele novamente, e meu rosto ficou pálido. Minhas sobrancelhas se apertaram juntas, e minha respiração se tornou superficial.

Meu corpo estava implorando por beijos, toques gentis e palavras doces de David. Mas ainda havia

PERIGOSAS NACIONAIS

aquele sinal alertando sobre o perigo dentro de mim. Ser cautelosa foi uma, das muitas mudanças, que moldaram a mulher que me tornei.

— Luna, qualquer coisa de ruim que estiver pensando, por favor, pare.

— Eu não estou pensando em nada — menti, tentando virar o rosto para esconder meu rubor.

Ele apertou minhas mãos com as suas fortes e suaves, e, eu quase derreti.

— Por favor, diga que me dará outra chance? Deixe-me lutar por você, baby. Pelo nosso bebê. Por nós. Pela nossa família.

— Família? — repeti.

Suas palavras me sensibilizaram profundamente. Eu estava internalizando tudo, e nas profundezas da minha alma, eu sabia que ele estava me dizendo a verdade.

— Isso, a nossa família. Vou aceitar o que você estiver disposta a me dar, qualquer migalha, Luna.

Sacudi a cabeça, absorvendo suas palavras.

— Está bem. Vamos a Pequim.

PERIGOSAS ACHERON

Ele sorriu, um sorriso que atingiu seus olhos.

Eu descobri que amava aquele sorriso. Isso me dava uma sensação de calor, um conforto que pensei nunca mais provar novamente.

Depois do jantar, David me levou de volta ao hotel. Caminhamos um pouco pela calçada até pararmos, e um arrepio de frio me abateu. Percebendo, David colocou seu paletó sobre meus ombros e me puxou para perto dele.

— Eu tive uma noite incrível com você, Luna. Depois de muito tempo, eu sei que hoje, eu poderei dormir tranquilo.

Ele sorriu e se inclinou para beijar minha barriga. A delicadeza daquele gesto me desmontou, e não segurei as lágrimas intrusas. Eu estava me sentindo tão fragilizada.

Erguendo-se, David enxugou meu rosto com as pontas dos dedos.

— Você quer que eu te beije? — perguntou.

Assenti.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas ainda está com medo?

Voltei a assentir.

Sua mão cobriu meu rosto.

— Eu amo você, Luna e não me importo de levar as coisas devagar. Tudo o que você precisa e quer, eu farei por você. — Seu polegar varreu minha pele. — Prometo que serei paciente.

Dizendo isso, ele se inclinou e depositou um beijo casto no canto dos meus lábios.

Afastando-se, ele me ofereceu uma piscada marota antes de começar a dar alguns passos para trás, para só depois se virar e continuar seguindo até entrar no seu carro, que estava estacionado perto.

Aquela noite tomou um rumo completamente diferente do que eu tinha imaginado quando concordei em conversar com ele... Mas quando David me deixou, estava fazendo o oposto. Eu não desejava que acabasse.

PERIGOSAS ACHERON

Vinte e oito

Luna Ramires

— Pronta para nosso roteiro de vinte e quatro horas?

Meus olhos piscaram frenéticos assim que abri a porta do meu quarto de hotel para o David. Tínhamos chegado à Pequim, China, na noite passada, e eu ainda me sentia exausta da longa viagem.

— Você está vendo esse rosto? — questionei, apontando para meu rosto que demonstrava todo o meu cansaço.

David cruzou os braços, sorrindo. Por um momento, eu invejei a sua disposição matinal.

— Sim, estou. O rosto mais lindo que já vi.

Revirei os olhos, em seguida, dei espaço para que ele pudesse entrar, ao invés de ficar no corredor.

— Chegamos aqui perto da meia noite, David. Eu estou exausta — reclamei. — Sem falar que nosso bebê mexeu quase a noite toda; parecia estar brincando numa gangorra.

A risada dele inundou o cômodo, e aqueceu meu coração. Ultimamente aquele som vinha sendo o meu preferido.

Aproximando-se de mim, ele se inclinou e minha respiração travou. Olhá-lo tão de perto mexia com minhas terminações nervosas, porque estava cada vez mais difícil resistir às suas investidas.

Pouco mais de três semanas se passaram desde nossa conversa em Toledo, e muita coisa mudou. Eu retornei a Madrid, sendo recebida de braços abertos pela família González, o que deixou meu coração aquecido de amor, porque a notícia da minha gestação deixou todos em êxtase. Descobri a

verdade sobre Isabel, e todas as mentiras trazidas por ela, o que honestamente me deixou horrorizada.

David vinha se mostrando incansável no quesito de me reconquistar, entretanto de uma maneira sutil; sempre tomando o cuidado de me dar espaço e tempo.

Tempo. Ele sabia que era o que nós precisávamos.

— Adoro quando você fala “nosso bebê” — ele disse, chamando minha atenção e me obrigando a dispersar os pensamentos. Uma de suas mãos esquadrinhou meu rosto, enquanto a outra repousou sobre minha barriga saliente. — Me traz o conforto de um futuro; um futuro onde me vejo segurando sua mão no momento em que estará trazendo esse pequeno pedaço de nós dois ao mundo.

— Hugo e Alejandro têm certeza que você vai desmaiar — comentei num tom brincalhão, apenas para tentar aliviar o turbilhão de emoções que crescia dentro de mim.

Ele se inclinou um pouco mais para poder beijar minha barriga. Seu cuidado com nosso bebê era tão

PERIGOSAS NACIONAIS

acalentável que eu chegava a me condenar mentalmente por ter cogitado a ideia de não ter revelado a ele sua paternidade. Eu teria privado o meu bebê de um pai maravilhoso, porque não havia mais dúvidas no meu coração quanto àquilo.

— Eu, desmaiar? — repetiu, me encarando com olhos de águia. Erguendo-se, ele enlaçou minha cintura, fazendo-me arquejar de susto e por sensações prazerosas que o contato de nossos corpos causou. — Mas se isso acontecer vai manchar minha reputação de homem mau, hun?

Ele deu alguns passos comigo em seus braços, até encostar minhas costas na madeira da porta.

— Mas ambos sabemos que essa reputação é totalmente infundável — falei com a voz fraca tentando me controlar. — Já conseguimos ultrapassar a casca dura o qual escondia o verdadeiro David, que, aliás, é um homem maravilhoso.

Os olhos dele brilharam, emocionados.

— Eu posso ter deixado passar uma boa ação aqui, e outra ali... — disse, segurando meu rosto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com uma das mãos. Seu corpo pressionava o meu de maneira erótica. — Mas na cama, eu continuo sendo malvado, Luna. Muito malvado.

Não resisti à risada que escapou da minha garganta.

— Cafajeste.

Ele riu. Em seguida, inclinou o rosto e deixou um beijo casto no canto dos meus lábios antes de se afastar, deixando-me de pernas bambas.

Eu sabia que tinha pedido aquele espaço a ele, mas naqueles momentos quentes entre nós dois, por vezes torcia para que ele chutasse o balde e me tomasse com força, expondo todo aquele lado mal o qual eu já estava acostumada.

— Afinal... — me desencostei da porta, inspirando o ar —, para onde vamos?

— Bom, amanhã teremos que apresentar o projeto, então o dia de hoje, basicamente, será para passearmos. E, eu pensei em iniciar nosso roteiro pela Grande Muralha, mas é um passeio que requer tempo e esforço físico. — Ele olhou para mim.

Franzi a testa e cruzei os braços, ofendida.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu dou conta.

O sorriso lindo estava lá, iluminando seus olhos, que não deixavam os meus.

— Você vai pedir para fazer xixi a cada cinco minutos, Luna — disse, enquanto arqueava as sobrancelhas num claro desafio.

Abri a boca para contradizê-lo, mas desisti. Ele tinha razão.

— Droga — resmunguei.

— Não se preocupe, porque teremos outras oportunidades, hun? — comentou. Eu me sentia comovida com a certeza dele de que nosso relacionamento tivesse um futuro, uma vez que, eu ainda não me sentia preparada.

Sem se deixar intimidar pelo meu silêncio, ele persistiu:

— Vou levá-la para a Cidade Proibida, Palácio Imperial. Mas antes, nós iremos dar uma voltinha na Praça da Paz Celestial, que é a principal praça e fica em frente ao Palácio. — Assenti, escutando com atenção. — À tarde, nós iremos ao Parque Jingshan, que fica atrás da Cidade Proibida. O

Parque possui uma pequena colina de 45 metros, de onde se tem uma bela vista da Cidade Proibida. É fantástica.

Sorri de sua euforia.

— E se por acaso ainda sobrar tempo, nós poderemos visitar um mercado para comprar artesanato chinês, como o Panjiayuan Antique Market. — Ele parou, com as mãos nos bolsos. Um brilho malicioso tomou conta do seu olhar. — Poderíamos comprar um traje chinês para você usar, hun? Eu adoraria poder arrancá-lo com os dentes, baby.

Tive dificuldade para respirar, mas encontrei forças para expulsá-lo do meu quarto ouvindo sua risada.

— Vou esperá-la lá embaixo — avisou, antes que eu fechasse a porta na cara dele.

— Ufa! — exclamei sem fôlego.

Desde que eu decidi dar uma nova chance ao David, ele vinha me surpreendendo dia e noite com seus constantes cuidados. Nossa rotina tornou-se

PERIGOSAS ACHERON

mais leve e divertida, considerando que até curso sobre pais de primeira viagem ele estava fazendo.

Conversávamos bastante também; David me deixava à vontade para expor meus receios e minhas vontades. Conteí sobre o que passei no cativeiro, assim como ele também contou a respeito da visita que fez ao meu pai, na prisão. Me senti diferente depois desse dia; talvez mais confiante a respeito do amor que ele dizia sentir por mim.

Mas e se o único motivo fosse o bebê?

Eu lutava para não pensar dessa maneira, mas o medo aprisionava minhas esperanças.

Nesse dia maravilhoso e denso em Pequim, David e eu seguimos no início da noite para a Rua do Mercado Noturno — Mercado de Comidas Exóticas.

O Mercado era fantástico, autêntico e reunia uma multidão. A maioria dos visitantes parecia ser chinês, residente ou não, em Pequim.

— Que tal realizarmos mais um desejo da sua lista? — David me surpreendeu, assim que se virou para mim segurando um espeto de escorpião. —

Experimentar uma comida exótica.

Senti-me tensa ao olhar para aquele inseto, da classe dos aracnídeos, de perto — eu, pelo menos, nunca tinha visto um escorpião ‘ao vivo’ antes, nem vivo nem muito menos em formato de pirulito.

— Eu não me lembro de ter acrescentado isso à minha lista, David. — Arrepiei-me quando ele aproximou o escorpião do meu rosto. — Definitivamente não.

Ele riu.

— Ah, eu tenho certeza que sim, porque enviei a lista para meu celular, baby. Então conheço os itens de cor e salteado.

Lutei para não transparecer meu espanto.

— Por que fez isso?

Ele deu de ombros.

— Para ajudá-la a realizá-los, oras — respondeu como se fosse óbvio; como se esse detalhe não tivesse aquecido meu peito de forma avassaladora. — E você está tentando me enrolar...

Cobri o rosto quando ele forçou o escorpião

novamente contra meus lábios.

— *Tá* legal. Eu encaro a primeira mordida, tudo bem?

Concordei, embora estivesse sacudindo a cabeça do lado contrário.

Assisti, incrédula, o momento em que David abocanhou aquela iguaria antes de oferecê-la a mim.

Com os lábios tortos, eu o encarei.

— Isso é injusto, porque você já deve ter experimentado essas comidas antes, considerando que já estive em Pequim outras vezes — reclamei, tentando ganhar tempo.

David cruzou os braços, e permaneceu me olhando. Desafiando-me.

— Céus! Olha o tamanho desse escorpião! — exclamei, ouvindo a risada do David.

— Não julgue pela aparência, baby, porque garanto que não é de todo ruim.

Respirei fundo, e encarei meu próprio auto-desafio. Tive que concordar com David: até que era

saboroso.

— E, então?

Ponderei.

— Ele tem uma textura de casca, é crocante, mas precisa ficar certo tempo mastigando até conseguir engolir. O gosto é o do tempero que eles colocam em cima, que é gostoso; salgado e levemente apimentado. Aprovado, mas longe de fazer parte da minha lista de pratos favoritos.

David me olhava com orgulho e admiração. Fui pega desprevenida quando ele me puxou pela cintura na intenção de me beijar, mas rapidamente coloquei o escorpião entre nossos rostos, freando sua tentativa de sedução.

Ao contrário do que imaginei, ele não pareceu se chatear, mas sorriu. Em seguida, entrelaçou os dedos nos meus e me puxou.

No final do Mercado, nós flagramos uma excelente performance de um artista de rua, travestido, apresentando uma maravilhosa Ópera de Pequim.

— Uau! Isso, sem dúvida, complementa

PERIGOSAS ACHERON

perfeitamente o cenário exótico que nos remete aos filmes de “Indiana Jones” — comentei, sorridente.

David voltou a me segurar pela cintura, fixando aqueles olhos intensos nos meus. Estava ficando cada vez mais perigoso continuar tão perto dele, e resistir aos seus encantos.

— Quer ouvir uma lenda? — sussurrou, próximo ao meu ouvido. Assenti, muda. — Essa antiga lenda, mostra Hyoku, um pássaro mítico, junção do masculino e feminino, símbolo do amor e fidelidade, uma espécie muito especial no Japão antigo, que nasceu com apenas uma asa, sendo rejeitado por outros que o agrediam por ser diferente. Ele tenta encontrar soluções para levantar vôo, e descobre do jeito mais romântico, que precisa de alguém que seja igual a ele, completando-o. De acordo com a lenda, de origem chinesa, desde o instante de seu nascimento, o pássaro buscava encontrar sua outra metade para unir-se a ela, completando-se. Tanto empenho para conseguir a maior realização de um pássaro: voar. Pois, acreditava que enquanto não encontrasse a sua outra metade, não seria efetivamente um

PERIGOSAS NACIONAIS

pássaro, apenas meio.

Lambi os lábios, secos.

— O que quer dizer com isso?

Uma de suas mãos deslizou por minha bochecha, parando nos meus lábios entreabertos.

— A antiga lenda passa a poética mensagem de que um ser apenas se torna completo ao encontrar a outra metade que o realize.

Eu podia ouvir meus batimentos cardíacos retumbarem aos meus ouvidos.

— David, eu...

— Shii... — ele me calou com seus dedos em meus lábios — Você é minha outra metade, Luna. E continuarei sendo paciente, torcendo para que um dia você me diga que eu sou a sua.

Eu me sentia flutuar. Presa entre a segurança da minha zona de conforto, e o desejo de me arriscar.

Arriscar ser amada de todas as formas.

Arriscar entregar outra vez meu coração para àquele homem. Um homem que já me magoou, mas que agora estava me entregando o seu próprio

PERIGOSAS ACHERON

coração numa bandeja.

— Eu amo você, Luna.

Eu também te amo, pensei em dizer em voz alta.

Vinte e nove

Luna Ramires

A fachada da sede do grupo Yang conseguia ser ainda mais impressionante do que a do grupo González. O modernismo estava presente em cada detalhe da arquitetura.

David e eu chegamos cedo, já que precisávamos repassar algumas informações a respeito da apresentação. Eu tinha certeza do sucesso do nosso projeto, embora isso não fosse suficiente para amenizar o desconforto do nervosismo.

— Fica tranquila, porque vai dar tudo certo, baby — disse David, enquanto saíamos do elevador rumo a um corredor o qual abrangia uma sequência

de salas. — Estamos nisso há meses.

— Eu sei, David, mas você não disse que seria eu a apresentar — reclamei, sentindo o frio do nervosismo dar nós no meu estômago. — Estou extremamente gelada.

Ele segurou minha mão, e um riso de canto tomou conta dos seus lábios. Havia tanto carinho no seu olhar, que me senti reconfortada naquele momento.

— Você é a mulher mais inteligente e valente que conheço, Luna. Nunca nenhuma mulher foi capaz de me enfrentar como você, e ainda sem perder a doçura. — Piscou, apertando minha mão. — Eu acredito em você, hun?

Inspirando fundo, eu assenti, contagiada pelo seu sorriso.

Perto de entrar na sala, que ficaríamos para a preparação antes da reunião, eu avisei ao David que precisaria ir ao banheiro. Gentilmente, ele me indicou a porta, e eu apressei os passos.

Prestes a entrar, uma mulher saiu e não consegui deixar de notar a beleza dela. Vislumbrei meu

corpo brevemente e soltei um muxoxo, porque já havia mudanças consideráveis devido à gravidez. Entortando os lábios, ignorei aquele incômodo bobo e me preocupei no que precisava fazer.

Alisando o tecido do meu vestido, voltei a trilhar o mesmo corredor de minutos atrás. Visualizei a porta da sala o qual David tinha entrado, mas antes que eu pudesse entrar, algo me parou. Escutei uma pequena discussão no lado de dentro.

— Você nunca me dispensou, David, e me lembro muito bem de ter feito isso valer à pena — disse a voz feminina.

— Antes eu não era comprometido, Inês — David retrucou, parecia incomodado.

— Vai dizer que está apaixonadinho? — Ela, praticamente, gargalhou. — Quem é ela? A madre Teresa de Calcutá? Porque essa notícia é quase um milagre, David. Estou impressionada.

Eu sentia que meu coração sairia pela boca a qualquer momento.

— Luna é a mulher mais incrível que já conheci,
PERIGOSAS ACHERON

e a pessoa que me fez enxergar os meus erros — ele disse. — Eu não sou um homem apenas apaixonadinho, Inês, mas sou um homem que ama incondicionalmente.

Houve silêncio.

— Então nem uma maldita chance de você voltar a me foder como antigamente, David González? — ela quebrou o silêncio.

David deu risada.

— Não, Inês — afirmou com leveza na voz. — A única mulher que me vejo fodendo é a mulher que eu amo; a mãe do meu bebê.

Arquejei, desnorteada com aquela confissão.

Meu coração batia descompassado quando decidi que era hora de sair da porta, ou acabaria sendo flagrada por alguém ao estar espionando feito uma criminosa.

Dei duas batidinhas, antes de me fazer presente na sala.

David se levantou da cadeira em que estava quando me viu. Desviei os olhos dele para poder analisar a mulher que o estava tentando, minutos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

antes de eu entrar. Percebi que era a mesma mulher do banheiro.

— Luna, querida, essa é a Inês — ele nos apresentou. Fiquei frente a frente com a mulher, e ela me ofereceu um sorriso amarelo. — Inês, essa é a Luna.

— É um prazer conhecê-la — falei num murmúrio, embora simpático.

— Inês é correspondente de uma empresa parceira de Madrid — David explicou. — Trabalha aqui há alguns anos.

— Ah! — Foi a única coisa que consegui dizer.

Esfregando as mãos, ela sorriu. Em seguida, pediu licença afirmando que precisava nos deixar.

Assenti. E, enquanto observava ela dar passos para fora da sala, meu coração gritava aos meus ouvidos, com a certeza de que já tinha passado da hora de admitir o que não dava mais para ignorar.

Ignorar o que se passava no meu coração.

Na minha mente.

No meu corpo.

PERIGOSAS ACHERON

Na minha pele.

David estava marcado em cada pedaço de mim.
Em cada célula do meu corpo.

Com isso em mente, eu simplesmente dei a volta naquela mesa.

— E, então, está...

Ele se calou quando eu estendi a mão, segurando seu paletó e me forçando para mais perto. A firmeza de seus lábios pressionando os meus, e a suave varredura de sua língua me deixaram em êxtase. Senti-me estimulante e aceitei seus avanços sem hesitação. A ponta da minha língua encontrou a sua, e um profundo gemido escapou enquanto seus dedos teceram através do meu cabelo, me segurando perto.

Eu me senti tão viva. Meu corpo vibrou de excitação quando me inclinei para ele, seu peito agora pressionando firmemente contra o meu, enquanto eu estava praticamente debruçada sobre seu corpo.

De repente, David recuou, descansando sua testa na minha, enquanto nós dois tomávamos um

momento para respirar uniformemente.

— Não que eu esteja reclamando, longe de mim. Mas estou tentando entender o que acabou de acontecer aqui.

— Isso sou eu tomando posse do que é meu — falei com uma confiança deliciosa tomando conta das minhas veias.

Eu o senti sorrir contra os meus lábios, e foi impossível não imaginar seu alívio depois de meses de hesitação da minha parte.

Obviamente que tínhamos muito que comemorar depois do sucesso da nossa apresentação, uma vez que, Hui Yang amou a ideia do nosso projeto, embora ainda não estivesse finalizado, já que precisávamos de tempo. Mas tanto eu quanto David, estávamos desesperados de saudades um do outro. E tudo o que passou pela nossa cabeça depois da reunião foi voltar ao hotel.

— Eu quero você, David — choraminguei, no momento que atravessamos a porta do meu quarto.

Por um momento, ele apenas olhou para mim,
PERIGOSAS ACHERON

especificamente para minha barriga de quase cinco meses.

— Luna, eu te quero mais do que tudo, mas não sei se... — engoliu em seco — E se eu machucá-la? Eu posso machucar o bebê, e...

Eu cortei suas palavras. Em outro momento, eu acharia fofo aquele cuidado, mas não com todo aquele calor me consumindo como brasas.

— David, eu quero você. Agora — sibilei.

Ele engoliu em seco e, eu tracei o contorno de seus lábios com o dedo antes de beijá-lo novamente. David não demorou a tomar as rédeas da situação. Ele suavemente beijou cada uma das minhas bochechas e meu pescoço.

Meus lábios se abriram novamente e sua língua entrou em minha boca. Eu trouxe minha mão sob sua camisa e senti seu peito nu contra a minha mão.

Nossas línguas gananciosas se enroscaram de prazer, e minhas mãos seguraram suas costas enquanto ele caminhava comigo, às cegas, até encontrarmos a cama.

Delicadamente, ele me depositou sobre o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

colchão, com um cuidado que me fez questionar se eu poderia ser feita de cristal.

Foi tocante.

Avassalador.

Posicionando-se exatamente onde precisava estar, David lentamente me empurrou para trás e senti todo o calor do seu corpo.

Quando ele quebrou nosso beijo, foi apenas para me sentar e tirar meu vestido.

— Você é tão linda — ele disse com fascínio. Ele me deitou no colchão novamente e arrancou minha calcinha, deslizando seus dedos entre minhas dobras molhadas.

— David... — gemi enquanto ele deslizava um dedo em mim.

Meus mamilos endureceram pela excitação do que ele estava fazendo comigo.

— Seus gemidos são perfeitos, sabia? — ele disse quase num rosnado. — Não imagina o quanto senti falta de ouvi-los.

Tirando seu dedo de mim, ele desceu da cama e

PERIGOSAS ACHERON

abriu minhas pernas, beijando a parte interna das minhas coxas e lentamente lambendo minhas dobras, deslizando sua língua profundamente em meu clitóris.

— Eu não me canso de lhe dar prazer, porque vê-la se contorcendo em meus braços é bom *pra* caralho.

— Por favor, não pare.

Eu gemi mais alto quando ele chupou forte meu clitóris, descendo a língua pela minha abertura. Coloquei a mão na sua cabeça, pedindo que ele continuasse. E isso perdurou por longos minutos. Quando ele me sentiu gozar, rapidamente subiu no meu corpo, e silenciosamente me pediu permissão para me penetrar sem camisinha.

Segurei seu rosto.

— Por favor, me faça sua. Eu quero você.

Sem perder tempo, ele se empurrou dentro de mim. Eu sorri para ele e gritei seu nome quando fui totalmente preenchida.

— Você é tão gostosa. Tão doce. Tão perfeita.

Eu apenas gemi, de olhos fechados.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele se inclinou e me beijou novamente, deslizando para dentro e para fora antes de encontrarmos o nosso ritmo.

— Mais rápido — implorei. — David, por favor, vá mais rápido.

— Oh, foda!

Seus impulsos foram rápidos. A paixão, a luxúria e o calor que nossos corpos estavam criando me atingiram e, nesse momento, eu tive certeza que ele era a minha outra metade.

O amor da minha vida.

O homem que me mostrou o verdadeiro significado do amor.

Nós dois gememos quando nossos corpos sincronizaram juntos e chegamos ao ápice ao mesmo tempo.

Depois de alguns instantes, ele me ofereceu um beijo suave.

Enfiando os dedos pelo meu cabelo, ele nos rolou de lado. Em seguida, olhou para mim, piscando maravilhado enquanto esfregava o polegar sobre a curva da minha bochecha.

PERIGOSAS ACHERON

— Isso foi incrível.

— Foi realmente maravilhoso — murmurei, tão encantada quanto.

— Eu realmente sinto muito por todas as coisas que aconteceram antes, Luna. Prometo que nunca mais irei magoá-la. Eu prometo.

Ele se inclinou e deu um beijo suave no meu queixo, voltando para encontrar a intensidade do meu olhar.

— A única coisa que poderia me machucar é você não ser sincero comigo. Por favor, não me deixe mais no escuro, David.

Ele me puxou para si apertando-me com força, como se quisesse curar minhas feridas, me proteger do mundo.

— Como faço para voltar no tempo e mudar completamente minhas ações? — ele questionou com pesar. — Sei que fui um tremendo imbecil, Luna, mas me arrependo tanto...

Emoção brilhou através dos meus olhos.

— Está tudo bem — falei, forçando seu olhar no meu. — A última coisa que quero falar é do PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

passado, e, ou do início tempestuoso da nossa relação. O que importa é o agora, David. Vamos focar nas nossas próximas ações daqui por diante. Você quer estar comigo? Porque eu quero estar com você.

O sorriso que se abriu em seus lábios foi tão lindo que tive vontade de sorrir junto.

— Eu quero estar com você como nunca quis estar com outra mulher. Você e nosso bebê se tornaram o centro do meu mundo.

Contentamento me dominou como uma carícia lenta e, eu me aconcheguei mais perto, colocando minha cabeça no peito dele, meu ouvido contra a batida constante de seu coração.

A partir daquele momento, nosso coração se tornaria uma batida só; e juntos, batendo pelo pequeno ser que crescia no meu ventre.

PERIGOSAS ACHERON

Trinta

Luna

Ramires

Fazia pouco mais de doze horas que tínhamos desembarcado em Madrid, quando David bateu na minha porta, depois de ter me enviado uma mensagem rápida afirmando que tinha planos para nossa manhã.

— Bom dia.

Ele estava com as mãos sobre o arco da porta quando abri, e seu semblante estava perigoso. Assim que me dei conta, seus braços me puxaram contra ele, unindo nossos corpos como a um só. A porta foi fechada e, em seguida, ele me bateu contra ela, avançando em meus lábios como um homem

sedento. Eu estava assustada diante de toda aquela demonstração de testosterona, mas estaria mentindo se afirmasse que não estava gostando.

David desceu com beijos em meu pescoço, enquanto com uma das mãos, ele começou a massagear meu clitóris por cima da minha calcinha, já que eu estava usando uma camisola fina, considerando que tinha acabado de sair da cama. Lentamente, ele afastou o rosto e, eu pude ver seus olhos, havia um frenesi neles. Fogo. David rapidamente me levantou do chão. Antes que eu pudesse entender, fui equilibrada na madeira da porta, minha camisola subiu na minha cintura, seus dedos me espalharam e me encheram.

Seus olhos estavam desesperados enquanto ele me acariciava profundamente. Eu gemi quando ele me fodeu com os dedos, o polegar me trazendo sensações aterradoras.

Meus gemidos logo foram abafados por seus beijos famintos e urgentes. Era como se ele precisasse daquilo, de toda aquela intensidade. Ou talvez precisasse sentir que tinha controle sobre mim, sobre meu corpo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Seus dedos me penetraram, golpeando-me sem piedade, enquanto colocou o ouvido perto dos meus lábios.

— Geme *pra* mim, Luna — pediu com voz rouca. — Deixe-me saber o quanto sou capaz de enlouquecê-la, baby.

— Oh, céus! — deixei escapar, completamente amolecida.

Levei os braços ao pescoço dele de modo a obter apoio, já que estava quase desfalecendo devido ao enfraquecimento nas pernas. Os dedos do David investiam em mim de maneira avassaladora, arrancando-me gemidos e suspiros cada vez mais altos. Desesperada, deslizei as mãos em suas costas por baixo da camiseta, adorando sentir o calor de sua pele em meus dedos. No auge do meu clímax, eu cravei minhas unhas ali o sentindo enrijecer, embora um rosnado houvesse escapado de sua garganta.

Ele diminuiu, ofegante, seus olhos ainda selvagens. Ele deu um passo para trás, baixando lentamente meus pés no chão.

PERIGOSAS ACHERON

— Puta que pariu, David — Minhas palavras saíram rachadas.

Ele continuou me segurando em seus braços até que tivesse certeza que eu estava estabilizada. Eu ainda estava com os músculos trêmulos quando encarei seu belo rosto.

— Isso fazia parte do plano, hun? Me deixar de pernas bambas? — questionei, meio abobalhada enquanto acariciava seus traços perfeitos.

Ele riu, e suas mãos subiram até meu rosto, acariciando-o com carinho. Seus olhos seguiam o movimento dos seus dedos.

— Você está bem? — Confirmei com um aceno.

Seu olhar encontrou o meu, e de repente, ele chupou os dedos que, instantes antes, estavam dentro de mim, saboreando-os com sua língua. Meu rosto enrubesceu.

— Confesso que fazia parte do plano.

Ele disse escondendo o rosto em meu pescoço, em seguida, me puxou para longe da porta levando-me para a sala, onde nos sentamos no sofá.

— Acho que estou começando a entender —
PERIGOSAS ACHERON

falei, entre risos.

Pegando-me de surpresa, ele segurou minhas pernas e abraçou a própria cintura com elas, deixando-me completamente aberta para ele.

— Pretendo levá-la a um lugar, mas antes preciso me enterrar em você — disse sedutor. — Ainda não tive o suficiente, e creio que jamais terei.

Eu me ergui a fim de me aconchegar melhor em seu colo.

Ele reuniu meu cabelo em sua mão, colocando-o para um lado, expondo meu pescoço. Em seguida, encostou seus lábios lá em um beijo delicado.

Um tremor rolou pela minha espinha, quando ele pegou a barra da minha camisola puxando-a lentamente para cima e arrancando do meu corpo, deixando-me apenas com a minúscula calcinha.

O tremor mudou para uma avalanche de calafrios deliciosos enquanto meu olhar vagueava nele, que arrancava sua camiseta. Engoli a emoção que crescia espessa na base da minha garganta.

Aquele homem complicado e, incrível ao mesmo tempo, me deixava louca de desejo. Louca com a

PERIGOSAS NACIONAIS

necessidade.

Ele estendeu a mão e deixou as pontas dos seus dedos se arrastarem rapidamente através do meu ombro exposto e pelo meu braço. Formigamentos se espalharam lentamente em minha pele.

Meus seios expostos sob o olhar quente tornaram meus mamilos endurecidos, e seu peito arfou com um grunhido.

— Tão bonita. Tão malditamente linda — ele murmurou.

Suas mãos preencheram meus seios.

— Você quer isso, Luna? Você me quer? — Havia um tremor em suas palavras. O mesmo aviso que ardia em seus olhos.

— Quero muito você.

Ele soltou um suspiro antes de lentamente beijar meus ombros enquanto arrastava os dedos pelas laterais do meu corpo.

— Oh, Deus — eu choraminguei, atingida por um ataque de sensações.

Necessidade.

PERIGOSAS ACHERON

Vontade e desejo.

Lentamente ele se afastou com cuidado, me fitando com aqueles olhos hipnotizantes enquanto arrancava seus sapatos. Sem me libertar do seu olhar, ele desabotoou o cinto. Seu abdômen flexionou e curvou quando ele abaixou o zíper.

Chamas ardentes percorreram meu corpo.

Uma descarga elétrica.

Ele empurrou o jeans pelas pernas e tirou sua cueca com ele.

Ele deu um passo à frente, em seguida, voltou a se sentar no sofá. Suas mãos me ergueram com facilidade — depois de me libertar da calcinha — até que eu estivesse novamente em seu colo, com as pernas abertas.

Eu me contorci, meus quadris remexendo, não me importando em mostrar que estava desesperada.

Arrepios se espalharam em minha pele. Um caos de sensações.

— David, você me faz sentir como se finalmente tivesse descoberto exatamente onde eu deveria estar. — Um turbilhão de emoções trespassou pelo

PERIGOSAS ACHERON

seu rosto hipnotizante.

Eu segurei a respiração quando o homem subitamente me prendeu, mãos plantadas em cada lado da minha cabeça, seu pau oscilando contra a minha barriga.

— David — seu nome era um tremor.

Um apelo.

Então, ele se inclinou e me beijou.

Passei minhas mãos sobre seu peito e os ombros largos, descendo pelas suas costas musculosas até suas coxas.

Envolvi minha mão em torno dele, acariciando-o lentamente da base até a ponta.

— Agora que estamos juntos definitivamente, e eu já estou grávida, nós podemos dispensar o uso da camisinha — comentei com a voz cortante.

Ele afastou sua boca da minha, em seguida, me ergueu apenas o suficiente para se colocar em minha entrada.

— Você não sabe o quanto isso me deixa aliviado, baby. Odeio usar camisinha com você.

PERIGOSAS NACIONAIS

Gosto de sentir a textura da sua bocetinha no meu pau, porque não existe sensação mais prazerosa do que essa.

Suspiros irregulares foram arrancados de seus pulmões quando ele pegou seu pau e esfregou apenas a cabeça na minha entrada.

Eu choraminguei:

— Por favor, não pare! Por favor...

A sua mandíbula estava travada quando ele começou a empurrar dentro de mim, controlando a pressão do meu corpo.

Eu sabia que ele estava se controlando, obrigando-se a permanecer no controle.

Ele lentamente empurrou mais um pouco.

Profundo.

Até que ele estava totalmente dentro de mim.

Me possuindo.

Seu pau pulsou quando as paredes da minha boceta o apertaram.

As mãos que estavam nas minhas nádegas deslizaram sobre meu quadril subindo até meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

peito e apertando meus seios.

— Puta que pariu, Luna... você é tão gostosa. Tão perfeita para mim.

Ele gemeu novamente antes de puxar para fora e fazer uma pausa, aquele olhar hipnotizante se mantinha firme no meu rosto. Como se ele tivesse o poder de ver diretamente a minha alma.

De repente, suas mãos se afrouxaram, e ele me liberou o controle, encorajando-me a estipular meu próprio ritmo.

Ele me observou, enquanto eu cavalgava sobre ele.

Olhos varrendo minha pele. Meu rosto. Meus seios. Minha barriga. Onde estávamos conectados.

Nossos corpos brilhavam com o suor enquanto trabalhávamos um no outro.

David estremeceu enquanto engolia freneticamente, mal segurando.

— Porra... baby... Nenhuma mulher deveria ser tão gostosa. Porra...

Então aquela boca estava encontrando a minha, a

PERIGOSAS ACHERON

mão no meu pescoço. David me beijou e me agarrou pela cintura.

Ele levantou meus quadris no ar uma vez. Duas. Três. Quatro... Seu controle foi embora. Agora ele estava estabelecendo o próprio ritmo.

Suspiros escaparam da minha boca.

Seus impulsos tão desesperados estavam me levando à loucura.

Ele gemia entre o balanço selvagem dos seus quadris.

— Você é a minha rendição...

Ele impulsionou mais forte.

Mais rápido.

Mais fundo.

Seus suspiros desenfreados preencheram o ar.

Ele apertou minha cintura com uma mão, e a outra acariciou minha barriga, e seu polegar encontrou meu clitóris.

— David — eu gritei.

E pude sentir a minha própria realidade se esvaindo. A queimadura de prazer que ele incitava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a cada estocada de seu pau.

O homem fodia como um animal selvagem e incansável, me deixando louca.

Acabada.

Desesperada.

— David, eu... eu estou...

Tudo explodiu.

Era bom demais. Muito. Muito esmagador. O prazer fluía através do meu corpo.

Tão intenso que eu desejei que durasse para sempre.

David impulsionei mais profundo, mais forte e mais selvagem. Seus dedos afundaram em minhas nádegas, e ele puxou meu corpo para encontrar cada impulso dominante.

Cada respiração era um grunhido.

Sua cabeça inclinou para trás, e ele fechou os olhos, soltando um rosnado tão sexy quanto assustador.

Senti-me flutuando em seu êxtase. Minhas paredes apertando seu pau com força.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Por alguns momentos, ficamos lá, seus ombros e peito arfando enquanto ele buscava por ar.

Enfiando os dedos pelo meu cabelo, ele olhou para mim, piscando maravilhado enquanto esfregava o polegar sobre a curva da minha bochecha.

— Definitivamente você me tem pelas bolas, baby.

Mordi os lábios para segurar o riso.

— Era pra isso ter soado como algo romântico?
— indaguei divertida.

— Por quê? Funcionou? Tem muito mais de onde veio.

Dei risada quando ele nos ergueu, e começou a caminhar comigo em seu colo na direção do banheiro. Certamente nossa manhã estava apenas começando.

David e eu partimos de Madrid, de trem, com destino a Segóvia, contudo, ele manteve segredo sobre o quê faríamos até que chegamos num dos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lugares que sempre desejei ir, e que, inclusive estava na minha lista de desejos.

— David! Nós vamos passear de balão? — questionei, atônita, admirando a zona de decolagem e presenciando a montagem dos balões.

— Só se você quiser, baby — ele respondeu, sorrindo lindamente para mim.

Não me aguentei e o agarrei ali mesmo, beijando-o com todo o fervor que meu corpo e meu coração exigiam. Aquele homem vinha me presenteando dia e noite com atitudes e uma devoção incrível, fazendo questão de me mostrar o verdadeiro sentido de viver e de amar.

— Não faz assim, ou terei que cancelar nosso passeio e prender você num quarto pelo resto do dia — ele disse num tom selvagem, me fazendo arrepiar inteira.

— Não seria uma má ideia — falei num sopro, sentindo meu corpo igual gelatina. — Mas depois do nosso passeio — complementei, em seguida, me desvencilhei do seu agarre, me deliciando com o som da sua risada.

PERIGOSAS ACHERON

Nos próximos minutos, tanto eu quanto David, pudemos participar da preparação dos balões; eu me deslumbrei com a forma como os tecidos coloridos foram enchendo de ar, iluminados pelo sol nascente.

— Céus, que espetáculo! — falei para mim mesma.

David me abraçou de lado para sussurrar no meu ouvido:

— E isso é só o principio de uma experiência inesquecível, baby.

Depois que subimos no balão, o piloto nos explicou os detalhes do passeio e algumas medidas de segurança. Eu estava nervosa, mas extremamente expectante.

Suavemente, de forma quase mágica, o balão saiu do chão.

— Durante uma hora seremos passageiros do vento. Durante uma hora, estaremos nas nuvens — disse David, fazendo-me olhá-lo com surpresa.

— O que você está querendo, hein? Hoje você amanheceu muito romântico, *garotão*. — Ele me

PERIGOSAS NACIONAIS

puxou contra seu corpo musculoso, e eu aproveitei para sussurrar em seu ouvido: — Não adianta que eu não pretendo deixá-lo comer meu cuzinho, David.

Senti seu corpo estremecer e ele me apertou um pouco mais perto, e eu pude sentir sua excitação contra minha barriga.

— Porra! Você me mata quando fala dessa forma suja, baby — soprou, massageando minhas costas, em seguida, subindo as mãos até meus cabelos, onde os bagunçou. — Embora eu queira muito... — ele se inclinou para falar baixinho no meu ouvido — me enterrar nesse teu cuzinho apertadinho, eu não trouxe você aqui com esse intuito, baby. Eu realmente me sinto realizado cada vez que riscamos um item da sua lista.

O brilho em seus olhos ofuscou meu coração, e eu tive que me segurar para não chorar em contentamento.

— Obrigada — falei apenas.

O piloto levou o balão a diferentes alturas, buscando as correntes de ar mais favoráveis, para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que o passeio fosse entretido e variado. Assim que sobrevoamos o Alcácer da Segóvia, David me surpreendeu ainda mais quando colocou uma caixinha com um anel de brilhantes diante dos meus olhos.

— Oh, meu Deus, David! Isso é...

Ele sorria, mas vi que suas mãos tremiam.

— Luna Ramires, você aceita se casar comigo? Aceita me completar, durante o meu vôo nessa vida?

Não pude segurar as lágrimas, porque a emoção foi mais forte do que eu. Segurei seu rosto em minhas mãos e avancei em seus lábios com urgência. Nada tinha me preparado para vivenciar um romance tão intenso e tórrido quanto o nosso, e ainda assim, eu faria tudo novamente se fosse preciso.

David era a peça que faltava no tabuleiro do meu destino.

Era a metade das asas que faltava para que eu, finalmente, me sentisse completa e segura para alçar vôo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim! — Beijo. — Sim! — Outro beijo. — Sim! Sim! Sim!

Ambos demos risada.

— Eu quero você para mim, Luna.

— Você já me tem — soprei, emocionada. Ele enxugou minhas lágrimas com as pontas dos dedos.

— Eu, você e nosso bebê — murmurou com emoção contida enquanto colocava a aliança no meu dedo, em seguida, eu fiz o mesmo com o dedo dele. — Nós três, baby...

Sua boca tocou a minha com a mesma devoção de sempre.

Desmontando-me.

Despedaçando-me.

Me fazendo derreter.

Naquele momento, eu não me lembrava de ter me sentido tão em paz. As coisas do meu passado, aquelas que me mantiveram escondida por tanto tempo, rapidamente desapareceram. E, eu só vislumbrei o futuro ao lado daquele homem, que me olhava com pura devoção.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Epílogo

David González

Quatro meses depois

— Boa noite a todos. Obrigado por decidirem dar atenção a mim antes dos seus garfos — falei, ouvindo algumas risadas divertidas. — Para quem não me conhece, sou David, um dos irmãos e padrinho do noivo. Antes de dizer qualquer outra coisa, eu gostaria que todos nós erguêssemos nossas taças por um momento, em homenagem a essa celebração maravilhosa e tão especial — pausei, antes de voltar a falar. — Agora, a maioria de vocês não se importará com minha opinião sobre o casamento, e eu só vim aqui pelos canapés grátis mesmo. — Dei de ombros, ouvindo mais risadas. — Mas realmente preciso dizer algumas palavras. Prometo que serei breve. Esses dois passaram por momentos difíceis e complicados para chegarem

PERIGOSAS NACIONAIS

até aqui. — Apontei para Hugo e Lea, sentados um ao lado do outro. — Mas, mais importante, começamos a ver o Hugo brilhar de uma maneira que não sabíamos ser possível. Lea trouxe uma nova dimensão de felicidade para ele que eu nunca tinha visto. Na verdade, esta noite eu vejo duas pessoas muito felizes se unindo. E tudo se resume a mesma coisa: amor e respeito mútuo. Então vamos todos erguer nossas taças para o casal feliz. Hugo e Lea, perfeitamente compatíveis. Saúde!

Voltei para meu lugar, ouvindo os aplausos, e dando a palavra ao Alejandro, que também discursaria.

— Seu discurso foi fantástico, amor, e já fiquei imaginando seus votos quando o casamento for o nosso — disse Luna, assim que cheguei até nossa mesa. Uni nossos lábios num beijo casto.

— Não conte para ninguém, mas eu estava morrendo de vergonha — brinquei, fazendo-a dar risada.

— Você com vergonha? Uhum, sei... — ela murmurou, ainda rindo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Prestes a tomar meu assento, Luna soltou um gemido inesperado de dor.

— O que foi, querida? Alguma coisa com o bebê? — Encarei sua barriga.

Me desesperei quando vi ela assentir com a cabeça.

— Vai nascer, David. Está na hora.

Arquejei, sentindo meu peito sufocar com o desespero. Travei o maxilar a fim de não demonstrar fraqueza, e me ergui para pegá-la no colo. Como estávamos no fundo do salão, reservado para a festa de casamento, e todos estavam com a atenção voltada ao discurso do Alejandro, ninguém percebeu quando saí com Luna nos meus braços.

— Fica calma, amor, porque vai dar tudo certo — falei depois que ajeitei ela no banco do passageiro.

Dei a volta no carro, e entrei logo em seguida.

— Nosso bebê está saudável, e está tudo pronto para a chegada dele. — Apertei suas mãos, antes de arrancar com o carro para a clínica. — Fica calma.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu estou calma, David — ela disse e, eu a encarei, me deparando com seu sorriso lindo e tranquilizador.

— Eu sei, baby, mas só estou dizendo que vai dar tudo certo. — Apertei os dedos contra o volante, em seguida, coloquei a cabeça para fora da janela e xinguei o motorista da frente, porque ele estava, basicamente, obstruindo a passagem com toda aquela lentidão. — Sai da frente, caralho, minha mulher está em trabalho de parto aqui! — nervoso, voltei a olhar para Luna, apertando sua mão. — Fica calma.

Ela sorriu em meio à dor, afirmando que estava tudo bem, e que quem deveria se acalmar era eu.

Chegando à clínica, eu carreguei Luna nos braços até que ela fosse atendida. O banco do carro e minha camisa estavam molhados por causa da ruptura da bolsa. Entretanto, não dei a mínima importância para isso; tudo o que eu queria era ter certeza que tanto Luna quanto o bebê ficariam bem.

Eu tinha acabado de mandar algumas

PERIGOSAS NACIONAIS

mensagens, avisando aos familiares e amigos a respeito do nascimento do bebê, quando uma enfermeira se aproximou de mim.

— O senhor gostaria de assistir o parto? — ela perguntou.

Não respondi, embora me visse seguindo ela.

Entrei na sala, ofegante, apesar de me esforçar ao máximo para controlar minha respiração. Luna estava gemendo quando me aproximei. Tentei apertar sua mão, mas uma espiada para o meio de suas pernas fez com que eu amolecesse em meus próprios pés.

Sangue.

Havia muito sangue ali.

— David! — Luna exclamou.

Foi tudo o que consegui ouvir antes de desabar no chão.

Abri os olhos lentamente, piscando e voltando a fechá-los até me acostumar com a claridade intrusa de onde eu estava.

PERIGOSAS ACHERON

— Ele está acordando pessoal — alguém gritou.

O primeiro rosto que visualizei foi do Alejandro.

— É sério que você desmaiou feito um fracote?
— perguntou entre risos, enquanto eu esfregava o rosto.

— Cala a boca, Alê — Lea estapeou o ombro dele, para em seguida se inclinar na minha frente.
— David, você está bem?

Notei que tanto ela quanto Hugo, ainda estavam com as roupas da festa.

— Luna... — minha voz falhou.

— Ela está bem — garantiu. — Ocorreu tudo bem no parto.

Com o coração aos pulos, eu finalmente tomei ciência de onde estávamos. Era um quarto. Um som baixo de choro, mais parecido com um gemido inundou meus ouvidos naquele instante, e lágrimas nublaram meus olhos.

Me levantei da poltrona, da qual não fazia ideia de como tinha ido parar ali, depois do vergonhoso desmaio, que renderia piadas de Hugo e Alejandro até a nossa próxima encarnação, e mirei na única
PERIGOSAS ACHERON

cama daquele quarto. Blue, que estava perto da Luna, se afastou quando me aproximei.

— Bem vindo de volta, *garotão* — Luna sussurrou, assim que me inclinei para beijar sua testa. Seu semblante parecia exausto, mas ela não negava o quão orgulhosa estava por ter trazido nosso bebê ao mundo através da maneira tradicional.

— Eu... — me calei, perdendo a luta para os soluços.

Emocionada, ela afastou a manta que cobria nosso bebê.

— É um menino. É o nosso Romeo.

— Romeo — repeti, abobalhado, enquanto acariciava o rostinho dele com meus dedos. — Eu sou pai de um menino, caras. — Me virei para meus irmãos, eufórico demais para segurar aquela alegria somente para mim. — Eu sou pai de um menino, PORRA! Um meninão lindo.

Sorrindo, eles se aproximaram de mim e me puxaram para um abraço apertado.

— E nós temos o sobrinho mais lindo do mundo

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hugo comemorou.

— Eu não podia estar mais orgulhoso de você, irmão — Alejandro falou antes de socar meu peito, sorrindo com emoção.

Limpando meu rosto com as costas da mão, eu voltei a me inclinar para beijar e cheirar minha mulher, e meu filho.

— Parabéns — soprei. — Nosso filho é lindo. Lindo demais.

As lágrimas banharam seu rosto.

— Você me ofereceu o céu, Luna, quando eu apenas insisti em oferecer-lhe o inferno. — Enchi seu rosto de beijos. — Você me fez o homem mais feliz e realizado do mundo, e tudo que sou hoje é por sua causa. Você e Romeu são o meu mundo.

Toquei nossos lábios.

— E você o nosso.

FIM

PERIGOSAS ACHERON

Prólogo do livro Três A Rendição do CEO

Blue Evy

Passado

Eu não conseguia tirar o sorriso enorme do meu rosto enquanto sentia o zigue zague delicado das mãos do homem que eu amava; do homem que tinha acabado de me fazer mulher.

A mulher mais feliz do mundo.

Soltei um suspiro bobo, e me aconcheguei um pouco mais àquele corpo quente e acolhedor.

— Como está se sentindo? — veio a pergunta de repente, quebrando o silêncio que nos cercava.

— Eu estou em êxtase — respondi com sinceridade. Em seguida, afastei a cabeça para poder encarar os olhos dele. — Nunca imaginei que

seria tão bom.

O sorriso dele resplandeceu seu rosto completamente.

— Porque você, finalmente, confiou em mim. — Seus lábios tocaram os meus. — Confiou que eu fosse fazer valer à pena.

Seu corpo empurrou o meu, fazendo minhas costas baterem na cama improvisada. Gemi quando senti a dureza da sua intimidade contra meu ventre.

— E agora?

Sua boca desceu para meu pescoço, deixando beijos molhados por onde seus lábios passavam.

— Agora, você não é mais virgem. Então poderemos fazer sexo quando tivermos vontade — ele disse sem parar de acariciar meu corpo nu.

Eu ri.

— Não é disso que eu estou falando. — Belisquei sua cintura, fazendo-o dar risada.

Em seguida, ele amparou meu rosto; seus olhos firmaram meu olhar.

— Eu estou com você, entendeu? Ficaremos

PERIGOSAS NACIONAIS

juntos até o fim — garantiu.

Alivio brotou de meus poros, assim como um sorriso em meus lábios.

Aceitei seu beijo avassalador, pronta para mais uma rodada. Pronta para me doar àquele homem que me fez descobrir o amor e o prazer.

Mãos e bocas em vários lugares.

Sensações jamais sentidas.

Mas de repente tudo parou, e o frio tomou conta dos meus ossos ao som daquela voz:

— AMÁLIE ADAMEC!

Pulei, buscando desesperadamente me cobrir; tentando me esconder do olhar decepcionado do meu pai.

— Papai, eu disse que eles estariam aqui — soou a voz aguda da minha irmã.

— Você não cansa de me fazer passar vergonha? — ele questionou, puxando o cobertor em que eu estava cobrindo minha nudez. — Eu venho tentando remediar esse seu lado rebelde há muito tempo, mas como perdoar essa promiscuidade?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Com os lábios trêmulos, eu hesitei a falar quando visualizei o semblante dele.

Estava sombrio.

Minha mãe e minha irmã estavam logo atrás, como se assistissem a algum espetáculo.

Um espetáculo de horror.

— Pai... — tentei me cobrir com as mãos.

— Cala boca, sua vagabunda! Onde foram parar os princípios que eu te ensinei, hein?

Ele retirou o cinto, e eu gelei por dentro.

Olhei para o lado, em busca de apoio.

— Eu e Valentin nos amamos, meu pai — falei em meio às lágrimas. — Nós vamos nos casar como ensinam as escrituras.

Senti um estalido do cinto em minhas pernas, e gritei.

— As escrituras sagradas ensinam que o sexo só deve ser consumado depois do casamento — rosnou, erguendo o cinto outra vez.

Voltei a gritar.

— Mas o Valentin vai se casar comigo, meu pai.

PERIGOSAS ACHERON

Ele me prometeu. — Olhei para o lado, mas dessa vez não encontrei o mesmo olhar apaixonado de minutos atrás.

Aquele não era um olhar que me trazia segurança e calor.

Ele não disse nada.

Minha mãe não disse nada.

Todos ficaram assistindo a minha penitência.

Minha derrota.

Meu coração se quebrando em pedacinhos.

A morte da minha confiança no amor.

Dias atuais

“Era uma vez... Cecílie Adamec e Valentin Ambroz. E agora é a parte em que começa o nosso “felizes para sempre”. Venha comemorar conosco.”

Eu reli aquele convite de casamento tantas vezes que já tinha perdido as contas. Havia duas coisas que me deixavam desestabilizada, e uma delas era a

minha família.

A outra era o Alejandro.

Entretanto, naquele momento, eu me via presa em um labirinto de emoções, porque para cada atalho, era uma sensação nova. Esperança? Ali em minhas mãos, eu tinha a chance de tentar mudar a visão que meu pai tinha a meu respeito; eu poderia reconquistar o amor dele.

Afinal, eu nem sempre havia sido a filha que deu trabalho; eu me lembrava dos momentos bons entre nós.

Droga!

Aquilo era loucura.

Eu estava sendo ridícula ao cogitar comparecer aquele casamento; cogitando rever minha família depois de tantos anos.

— Com licença, senhorita. Eu apenas gostaria de avisar que o seu acompanhante acabou de chegar — disse o garçom.

Respirei fundo, e assenti.

Guardei o convite na minha bolsa, em seguida,

PERIGOSAS NACIONAIS

molhei minha garganta com um gole do vinho branco, que eu tinha pedido antes.

Ao erguer os olhos, quase engasguei ao me deparar com Alejandro, de pé e me oferecendo aquele sorriso que eu odiava amar.

Semicerrei os olhos.

— O que faz aqui?

Ele não respondeu, simplesmente tomou um lugar à mesa.

— Alejandro, não me faça ser mal educada com você.

— Ah, então você tem educação? — ele revidou, sarcástico. — Porque você só me mostrou seu lado rebelde até agora, *tigresa*.

Revirei os olhos, ignorando a forma como meu corpo reagia à proximidade com aquele homem irritantemente delicioso.

— Eu estou esperando alguém, então se puder me dar licença...

Ele me cortou, enquanto se servia com uma taça de vinho. Fiquei atônita com sua cara de pau.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você ainda não entendeu? A sua companhia sou eu. Você estava esperando por mim

Abri a boca para retrucar, mas hesitei.

Sacudi a cabeça, furiosa.

— Argh! A Luna te contou — Não foi uma pergunta.

Ele sorriu, se deixando cair contra o encosto.

— Sim. Agora estou aqui para me oferecer a você.

Joguei o guardanapo sobre a mesa.

— Eu agradeço, mas não quero.

Tentei me levantar, mas sua mão me segurou, impedindo meu movimento.

— Por que você tem tanto medo de mim? — Engoli em seco. — Por que só me afasta desde o dia que nos conhecemos?

— Você só quer me levar para cama — falei num murmúrio.

— Negativo. Estou aqui para te ajudar — disse com tanto fervor que me senti comovida. — Eu quero ser o seu acompanhante. Não é o que você

PERIGOSAS ACHERON

quer? Um acompanhante para fingir ser o seu namorado? Luna não me deu detalhes, mas felizmente me contou o essencial. — Piscou maroto.

Olhei ao nosso redor, envergonhada por estar chamando a atenção das outras pessoas no restaurante. Então, eu voltei a me sentar.

— Vou precisar ficar um mês na casa da minha família, na República Tcheca. Será o casamento da minha irmã caçula, então terão alguns eventos até a celebração especial — falei. — Você é um CEO, Alejandro. Um homem influente e um dos três irmãos que administram um império. Não poderá se ausentar por muito tempo.

— Quem disse isso?

Olhei para ele. Meu coração estava acelerado, e meu cérebro lutava para raciocinar.

— Bom... — cocei a garganta. — Eu só salientei o óbvio.

Ele inspirou, depois se inclinou com os cotovelos na mesa.

— Não tiro férias, há anos, então eu me

PERIGOSAS ACHERON

considero livre em todos os sentidos. — Não me passou despercebido a mensagem obscena por trás de suas palavras.

— Por que quer um namorado de mentira, Blue? — ele perguntou, quando teve certeza que eu não faria qualquer comentário. — Confesso que fui pego desprevenido quando soube disso, porque você não é o tipo de mulher que precisa contratar homens para ter companhia.

— Que tipo de mulher você acha que eu sou?

Visualizei a mordida sensual que ele deu, nos próprios lábios. Me contorci disfarçadamente na cadeira.

— Uma mulher capaz de me deixar de joelhos sem qualquer esforço — ele respondeu, num tom rouco. — Uma fera presa num corpo delicado e completamente delicioso.

Arquejei, desviando os olhos. Levei uma mão ao meu pescoço, sentindo a umidade do suor na minha pele. Eu estava nervosa.

Alejandro me deixava nervosa.

— Se eu, por acaso, considerasse aceitá-lo como

PERIGOSAS NACIONAIS

meu acompanhante, saiba que será tudo de mentira, entendeu? Eu não sou muito bem quista pelo meu pai, então quero mostrar um pouco de mudança. Talvez mostrando que estou num relacionamento sólido, soe como responsabilidade aos olhos dele.

— Então tudo tem a ver com seu pai?

— Sim — falei com a voz fraca. Ergui os olhos.
— Não terá qualquer contato íntimo. Não quero mãos bobas em mim além do necessário. — Voltei a esfregar o pescoço, sentindo-me quente por imaginá-lo protagonizando diversas cenas eróticas comigo. — Eu estava pensando em pagar uns...

— Não quero seu dinheiro, *tigresa* — ele me interrompeu. — Serei seu acompanhante por livre e espontânea vontade.

Abri a boca para falar, mas fechei. Aquele era o meu maior problema com Alejandro; ele sempre me deixava sem palavras.

Desde nosso primeiro encontro, ele vinha me infernizando, e nem era somente por suas ligações, onde ele me dizia coisas safadas, mas por sua imagem ter se enraizado no meu cérebro.

PERIGOSAS ACHERON

— Por quê? Por que está fazendo isso?

— Eu já disse. Você está precisando de ajuda, e eu quero ajudar — falou. — Além disso, eu e você estamos quase íntimos.

Fui obrigada a rir.

— Jesus! Você é muito cretino — comentei entre risos. Permanecemos nos olhando por alguns instantes.

— E, então?

Sacudi a cabeça, enquanto entortava os lábios.

— Você não é o rapaz que escolhi. Você vai me dar trabalho, porque é abusado e inconveniente.

— Eu não sou inconveniente — defendeu-se.

— Você me liga todos os dias para falar sobre suas sacanagens, Alejandro — revidei num sussurro.

— E você gosta, já que atende todas as ligações.

Droga.

Minhas bochechas esquentaram.

— O que eu vou ganhar ao escolher você? — perguntei, louca para mudar o rumo da conversa.

Ele me mostrou todos os dentes num sorriso charmoso e perigoso ao mesmo tempo. Em seguida, apontou para si mesmo.

— Eu. Você ganha a mim.

— Ah, pelo amor de Deus!

Me levantei, injuriada. Dei a volta na mesa, mas sua mão segurou meu braço.

— Ok, ok... Só me escute — ele pediu. — Não faço a menor ideia do que se passa no seu coração; não conheço a raiz da força que motivou você a querer cometer essa loucura, mas eu quero cometê-la com você. Talvez, porque eu nunca tenha feito nada de louco na vida. — Deu de ombros. — A verdade é que seu rosto não abandonou minha mente desde o momento que você me confrontou na empresa ao me confundir com meu irmão. Não estou dizendo isso para assustá-la, ou impressioná-la. Nada disso. Sou um homem sincero, Blue, e não tenho motivos para esconder meus sentimentos e vontades. Contudo, eu prometo que vou respeitar seu espaço e suas regras. Se me pedir para não tocá-la, então eu não tocarei — ele pausou. — Eu quero ir com você. Por favor, deixe-me ir com

PERIGOSAS ACHERON

você, Blue.

Trêmula, eu puxei meu braço do seu aperto. Pigarreei:

— Partiremos dentro de dois dias. — Ele sorriu aliviado. — A propósito, meu verdadeiro nome é Amálie.

Dizendo isso, eu lhe dei as costas, me perguntando se a decisão de levá-lo não tenha sido uma loucura maior do que reencontrar minha família levando um namorado de mentira.

Agradecimentos

Não há palavras para agradecer o suficiente pela maneira como todos abraçaram a família González; toda a forma de carinho preenche meu coração com força e intensidade.

Obrigada à você leitor, por tornar meus sonhos e expectativas realidade.

Agradeço ao meu marido, por cuidar de mim incondicionalmente.

Sou mais do que grata a autora e amiga, Silmara Izidoro, que foi peça fundamental para a conclusão da história de David e Luna. Sem palavras.

Enfim, espero vocês na aventura de Blue (Amálie) e Alejandro. Bora?

Um beijo!

CONHEÇA OUTROS TRABALHOS

Disponíveis no site: www.amazon.com.br

(SÉRIE EM BUSCA DO AMOR)

Eu sou a amante do meu marido — 1

Em busca do perdão da minha mulher — 2

Uma chance para recomeçar — 1,5

Eu sou dela — 3

Depois da Despedida — 4

Eu sou seu menino mau — 5

BOX com todos os cinco livros

(SÉRIE CAFAJESTE)

Um Cafajeste em Apuros — 1

Um Cafajeste no meu pé — 2

Trilogia Pecaminoso

(CONTOS)

Identidade G

Ela não pode saber — As aventuras de um noivo atrapalhado

(HISTÓRIAS ÚNICAS)

A Luz dos teus olhos

PERIGOSAS NACIONAIS

Outra vez em seus braços

11 homens e uma mulher

A Paixão do CEO

(PARCERIA COM A AUTORA BABI DAMETO)

Rendido pelo amor

Rendida pelo perdão

SIGA A AUTORA EM SUAS REDES SOCIAIS

Facebook - /saradojonas

Instagram: @saraejoonas

Wattpad @SaradoJonas

PERIGOSAS ACHERON